UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
CURSO DE DOUTORADO EM HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

ANDRÉ PROCÓPIO GOMES

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA:
IDENTIDADE E NARRATIVA NA BLUMENAU PÓS CAMPANHA DE NACIONALIZAÇÃO (1946-1980)

FLORIANÓPOLIS, 2021

ANDRÉ PROCÓPIO GOMES

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA:
IDENTIDADE E NARRATIVA NA BLUMENAU PÓS CAMPANHA DE NACIONALIZAÇÃO (1946-1980)

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina para o Exame de Qualificação do Doutorado em História.
Orientadores: Prof. Dr. Emerson César de Campos
Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão (*in memorian*)

FLORIANÓPOLIS, SC
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da

Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,

com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GOMES, André Procópio
A Construção da memória : identidade e narrativa na Blumenau pós Campanha de Nacionalização (1946-1980) / André Procópio GOMES. -- 2021.
232 p.

Orientador: Emerson César de Campos
Coorientador: Luiz Felipe Falcão (in memoriam)
Tese (doutorado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2021.

1. História do Tempo Presente. 2. Memória. 3. Blumenau. 4. Turismo. 5. Identidade. I. de Campos, Emerson César. II. Falcão (in memoriam), Luiz Felipe. III. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História. IV. Titulo.

AGRADECIMENTOS

O resultado aqui apresentado é fruto de um trajeto bastante extenso que se iniciou em 2008 quando ingressei no curso de graduação em História da Universidade Regional de Blumenau – FURB. De 2008 até 2021 tive contato e apoio de muitas pessoas que de alguma forma foram muito importantes para que eu tivesse o devido fôlego para essa "maratona". É por isso que agradeço meus professores de graduação, em especial Celso Kraemer, Carla Fernanda da Silva, Ricardo Machado e Cristina Ferreira. Graças a atenção e intensa dedicação de Cristina Ferreira durante a realização de meu trabalho de conclusão de curso, pude definitivamente aprender a operar o trabalho historiográfico. Considero tudo o que fiz posteriormente como uma espécie de aperfeiçoamento daquele intenso e curto período. Sem nunca ter tido a devida inserção num projeto de iniciação científica, o rigor e o método específicos de um historiador foram aprendidos devido a dedicação dessa incrível professora de História responsável pelo trajeto de tantos estudantes daquela instituição. Ainda durante este período inicial, ter estagiado no Arquivo Histórico de Blumenau me familiarizou com as fontes e o passado de Blumenau. Sou muito grato pela calorosa recepção que Kátia Curti, Mirela Nolasco e Sueli Petry sempre me recepcionam, tornando as horas de pesquisa bem mais agradáveis.

Também foi nesse período que formei amizades que carrego desde então, e que as conversas despreocupadas foram vitais ao longo do tempo. Beli Lessa, Arthur Weiduschath e Luiz Augsburguer, saibam que as conversas antes e depois das aulas foram parte integral dessa formação. Philipe Müller, apesar de não atuar na História, também fez parte desse processo, esteja avisado. Manter contato com vocês, em maior ou menor intensidade, é algo que sempre carreguei com muito carinho.

Quando decidi ingressar no mestrado em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), tive uma boa recepção e pude me sentir acolhido em local tão novo e diferente para mim. Pela primeira vez vivendo sem meus pais por perto e numa cidade bastante diferente de Blumenau, quero que os professores do Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente saibam que tive uma boa experiência. Não por acaso decidi por continuar meus estudos e ingressar no doutorado nessa mesma instituição. Dentre o contato com professores que tive no mestrado e doutorado, cabe uma atenção especial para Gláucia de Oliveira Assis, Mariana Joffily, Janice Gonçalves, Cristiani Bereta da Silva, Maria Teresa Santos Cunha, Reinaldo Lindolfo Lohn, Emerson César de Campos e Luiz Felipe Falcão. Em tempos de valorização do currículo Lattes e de "produtivismo acadêmico", considero sempre

válido recordar a importância de aulas empolgantes e prazerosas, algo tão essencial para nossa profissão e formação.

Aqui cabe um agradecimento especial para Luiz Felipe Falcão. Em grande medida a minha escolha pela UDESC se deu por essa figura importante e cativante. Tomei contato com Felipe durante as suas palestras quando eu era estudante na FURB. Quando minha irmã Alessandra Jansen Gomes (a responsável por me deixar sabendo aos 14 anos de idade que era possível ser formado em História) havia participado como aluna especial de disciplina ministrada por Felipe, pude observar a ementa e bibliografia da disciplina e achei interessante. Mais tarde fui aceito como aluno especial nessa mesma disciplina. Felipe, com sua serenidade e clareza de espírito, me incentivou muito a insistir nessa jornada, a ter certeza de que desejava realmente trilhar este tortuoso e extenso caminho. Cabe registrar que nunca ouvi, presenciei ou soube de nada que não fosse a mais clara sensatez vinda de Felipe, seja debatendo a mais profunda teoria historiográfica ou conversando sobre os assuntos mais banais. Sua rápida e inesperada partida foi um choque para todos nós. Foi durante uma de nossas orientações que percebi como minha ideia em abordar a memória não através do esquecimento mas sim da sobrescrita não seria algo completamente absurdo. Infelizmente Felipe não pôde presenciar essa tese concluída.

Por isso deixo um especial agradecimento para o Emerson César de Campos. Que não só me ajudou a concluir esta jornada em tempos tão adversos, mas sempre foi uma figura extremamente agradável. Emerson já havia sido meu orientador durante o mestrado, e por ser alguém próximo ao Felipe, não poderia haver escolha mais acertada. Sempre solícito e generoso, te agradeço bastante Emerson.

Por fim, as pessoas do meu círculo mais íntimo que foram vitais para que eu não desistisse da tese nos vários (vários mesmo) momentos em que cogitei a possibilidade. Elaine da Silva foi minha companheira entre 2008 e 2021, pessoa incrível que me ajudou e aturou (junto com o Fausto) por todo este processo. Em especial, seus estudos de performance devido a sua formação em Antropologia me ajudaram bastante a desenvolver a parte final deste trabalho. Marcelo Labes é das pessoas com quem converso intensamente sobre Blumenau, e se não fossem nossas conversas demoradas (bastante demoradas e que, imagino, poucos suportariam), essa tese não teria o mínimo de qualidade. Fostes um impulso importantíssimo nas várias vezes em que a desistência parecia a opção mais acertada (o que sempre me desincentivastes). Yves Marcel Seraphim também entra neste espaço. Talvez o melhor antropólogo estruturalista já produzido pelo estado de Santa Catarina, as discussões intensas que tivemos sobre a formação desse estado de imigrantes e colonos foram muito

engrandecedoras. Curiosamente, Yves foca nos aspectos rurais e eu sempre tive interesse pelos aspectos urbanos, é irresistível não debatermos despreocupadamente sobre essas questões. Também foi Yves que me auxiliou na importante tarefa de revisão da tese. E aqui fica um agradecimento mais do que especial para Dalmir Bernardino Seraphim, que muito gentilmente também reviu minha tese e corrigiu vários erros gramaticais e de sintaxe, tornando o texto muitíssimo melhor.

E por último, não posso deixar de agradecer meus pais, Alexandre Procópio Gomes e Dóris Marise Jansen Gomes, que mesmo sem entender direito o que faço e desejava, confiaram em minha seriedade e sempre me apoiaram nesse extenso e tortuoso trajeto que é iniciar uma graduação em História e seguir até o Doutorado.

Agradeço imensamente a todos vocês!

A memória é uma ilha de edição.

-Waly Salomão

RESUMO

Esta tese aborda a trajetória de Blumenau entre 1946 e o começo da década de 1980, em busca de compreender a relação da memória e da História. Analisando historicamente a prática da língua alemã (primeiro capítulo), a formalização de uma historiografia sobre a cidade (segundo capítulo) e a sua formalização enquanto destino turístico (terceiro capítulo), foi possível compreender que a relação da memória com a história se constrói através do ato de sobrescrita e não do esquecimento. O termo sobrescrita deixa mais pronunciado um caráter ativo nessa relação, e explica as evidências (maiores ou menores) do passado diante da inauguração de um novo tempo. Enquanto o termo esquecimento pode ser facilmente associado a uma característica mais passiva e amnésica. Tradicionalmente, a narrativa consolidada em torno de Blumenau é de que devido a Nacionalização a cidade esqueceu que era alemã, para novamente abraçar este traço identitário germânico junto com seus investimentos turísticos durante a década de 1970. Lugar marcado por uma intensa relação com o passado, analisar a cidade de Blumenau demonstra-se como algo importante para compreender as dinâmicas em torno do tempo.

Palavras-chave: História do Tempo Presente. Memória. Sobrescrita. Blumenau. Turismo. Identidade.

ABSTRACT

This thesis addresses the trajectory of Blumenau between 1946 and the beginning of the 1980s, in an attempt to understand the relationship between memory and history. Historically analyzing the practice of the German language (first chapter), the formalization of a historiography about the city (second chapter) and its formalization as a tourist destination (third chapter), it was possible to understand that the relationship between memory and history is built by the act of overwriting and not oblivion. The term overwriting leaves more pronounced an active character in this relationship, and explains the evidence (greater or minor) of the past before the inauguration of a new time regime. While the term oblivion can easily be associated with a more passive and amnesic feature. Traditionally, the consolidated narrative around Blumenau is that due to Nationalization, the city forgot that it was German to embrace again this German identity together with its tourist investments during the 1970s. A place marked by an intense relationship with the past, analyzing the city of Blumenau proves to be important to understand the dynamics around time.

Key-words: History of the Present Time. Memory. Overwriting. Blumenau. Tourism. Identity.

LISTA DE LUSTRAÇÕES

Figura 1 – *Deutsche Spalte*.……43
Figura 2 – *Der Deutsche Kammerspiele*.……52
Figura 3 - *Zauber der Wiener Operette*.……54
Figura 4 – *Mit Nivea in Lüft und Sonne*.……60
Figura 5 – Hotel Holetz.……102
Figura 6 – Antiga Igreja Matriz Católica……105
Figura 7 – Cerimônia inauguração Estátua Hermann Blumenau……113
Figura 8 – Nereu Ramos e demais autoridades……116
Figura 9 – Mapa localização estátua Hermann Blumenau……118
Figura 10 – Desfile Centenário de Blumenau……125
Figura 11 – Festividades Centenário de Blumenau……127
Figura 12 – José Ferreira da Silva na inauguração monumento aos voluntários da pátria….136
Figura 13 – Propaganda Tobatta……163
Figura 14 – Logotipo FAMOSC……164
Figura 15 – Mapa localização Vila Germânica, Prainha e Frohsinn……168
Figura 16 – 5ª Agropec e 5ª Exposição Feira Internacional de Pombos……172
Figura 17 – Pedido de doação da Revista Blumenau em Cadernos……176
Figura 18 – Cartão Postal de Blumenau circa 1975……188
Figura 19 – Grupo Alpino Germânico no interior do Frohsinn……194

SUMÁRIO

1 Introdução……..……..…….13

2 A Língua……...……..……...……...29
2.1 O encontro com a língua……...……...……...33
2.2 *Die Deutsche Spalte* – A Coluna Alemã……..36
2.3 Uma vida cultural intensa……...……49
2.4 Anúncios e classificados……...……..58
2.5 *Hochzeitszeitungen* – Jornais de casamento ou Gazetas nupciais……...….69
2.6 Da língua e da cultura……..……78
2.7 O desaparecimento da língua alemã…….…….84
2.8 Conclusão……..…….…….91

3 A História……..…….94
3.1 O Arquivo……..…….95
3.2 A cidade como narrativa……..……..100
3.3 *Aide-mémoire*.…….……...…..111
3.4 Acessando o passado……...……...…….128
3.5 Blumenau é hoje uma cidade moderna pois assim o é desde sempre…….…….137
3.6 A história de Blumenau se explica pelo tipo moral superior de seus colonizadores…..…142
3.7 Conclusão……..151

4 O Turismo……..……..154
4.1 Os primeiros passos para o turismo……..……..……..157
4.2 Construindo a relação com as pessoas……....…….174
4.3 A performance da festa……...……...185
4.4 Conclusão……...……...202

5 Conclusão.……...……204

Bibliografia……..……..210

Fontes……..……...219

Apêndice I (tabela *Hochzeitszeitungen)*……..……226
Apêndice II (tabela levantamento bibliográfico da BPSC)……..…….228
Apêndice III (cartaz defesa da tese)……230

01 Introdução

> Era uma história contada vezes sem conta até que, de tanto ser contada, as pessoas acreditaram que virou passado e não imaginação.
> (Valter Hugo Mãe, 2011, p.199)

Definindo a tese

A problemática desta tese de História do Tempo Presente parte de leituras realizadas desde o período da graduação, assim como do meu contato com a operação historiográfica realizada desde aquele momento embrionário. O fato de atualmente rondarem em Blumenau discursos apoiados na existência do passado germânico da cidade, seja para a promoção turística através de festas como o *Stammtisch*, Festival da Cerveja e a *Oktoberfest*, seja como justificativa para definições identitárias, me incomodam e me provocam. Trata-se de um passado em constante transformação e que busca seu espaço no presente com intensidade. Movimento que influencia a constituição de sujeitos e de entendimento de mundo. Defendo tratar-se de um processo mais extenso temporalmente, iniciado antes da década de 1970 e 1980 quando se investiu neste vínculo identitário prioritariamente por objetivos turísticos. Usualmente a relação de Blumenau com sua identidade germânica foi ilustrada pela historiografia como arrefecida pela Campanha de Nacionalização (1938-1946) e recolocada a partir da década de 1970 e 1980 quando a cidade buscou consolidar-se enquanto destino turístico, sendo a primeira edição da *Oktoberfest* (1984) seu momento de real consolidação. Ou seja, haveria um vínculo identitário germânico em Blumenau até a Nacionalização, o que proibindo as manifestações culturais que alicerçavam essa identidade (falar alemão, clubes de caça e tiro, clubes de dança, clubes de canto etc.) e com a derrota da Alemanha e o surgimento dos EUA como super potência, viu-se o vínculo germânico ser abandonado, deixado de lado em prol de um americanismo de pós-guerra (CARESIA, 2000). Para então, ser retomado de forma distinta (muito mais cenográfica do que marcada pela prática cultural) conforme a cidade se construía enquanto destino turístico (RISCHBIETER, 2007).

Foi a partir de discussões sobre historiografia no grupo de estudos que participei no LEC (Laboratório de Estudos Contemporâneos) da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina) e acompanhado de leituras complementares, que percebi não estar nos estudos sociais e culturais a principal inovação dos *Annales*, isso já era feito em alguma medida por Max Weber, Karl Marx e até mesmo Leopold Ranke. A grande inovação dos *Annales* em relação a produção historiográfica anterior está em superar uma visão linear e unidimensional

da História rompendo radicalmente "essa concepção ao enfatizar a relatividade e as múltiplas camadas do tempo"[1] (IGGERS, 2005, p.51), demonstrando que as temporalidades na História são múltiplas, o que depois foi refinado por Fernand Braudel em sua longa duração. Por isso, através do caso de Blumenau, é possível observar como rupturas e continuidades são possíveis em um mesmo espaço geográfico e temporal. É o que ocorreu com Blumenau. Enquanto se deixava de lado uma identidade germânica em seu debate público, algo desse traço identitário permaneceu, tornando possível sua retomada no último quartel do século XX encontrando eco até hoje. No sentido que a germanidade ancorada no *Deutschtum* (e por isso pautada nas práticas culturais já listadas, bem como na descendência), perde espaço para uma representação cenográfica quase caricata do que seria *ser alemão*, como as casas imitando o enxaimel, as roupas tirolesas, o consumo exagerado de chope e da fome saciada com salsichão, purê de batatas e chucrute. É então, que em torno do turismo se permitiu uma performance do ser alemão, e ainda que de forma acidental, permitiu uma nova maneira de afirmar uma identidade alemã.

É nessa relação entre o sufocamento de uma identidade (Campanha de Nacionalização) e seu brado orgulhoso (turismo), que uma tensão localizada entre o fim da Nacionalização (em 1946)[2] e a realização da primeira *Oktoberfest* (em 1984) produz uma negociação da identidade e da visão de passado associadas a Blumenau e sua população. Conforme já foi observado por Nestor Garcia Canclini em *Culturas Híbridas* (2003), essa tensão fronteiriça produz híbridizações, e conforme nos ensina Homi Bhabha, é dessa tensão e da formação desses híbridos que podemos compreender *Como o novo entra no mundo* (1998). Por isso, a tese apresentada aqui é: de que **a memória abordada na História não é conduzida pela ação do esquecimento, mas sim pela sobrescrita**, sendo o fio condutor deste trabalho organizado em três capítulos. A palavra sobrescrita traduz melhor o movimento

1 No original: "this conception by stressing the relativity and multilayering of time".

2 Deixando claro que a escolha por 1946 busca tratar da Nacionalização iniciada durante o Estado Novo, pois conforme me advertiu Méri Frotscher, o mais correto seria abordar esta questão no plural, em vez de Lei de Nacionalização, tivemos **Leis** de Nacionalização, pois apesar de perder sua intensidade repressora, medidas legais ligadas a supressão do uso de idiomas que não fossem o português continuam mesmo após 1946. De fato, segundo consegui encontrar a esse respeito, apenas em 2002 foi permitido o ensino em língua estrangeira (ou seja, aulas regulares que não fossem em português). Esta "liberação" sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva visava principalmente a população indígena mas também foi aproveitada por algumas regiões com línguas alóctones (como é o caso dos falantes nativos de alemão e italiano no Brasil) em terem suas escolas bílingues. Isto é interessante de se observar, pois conforme pode ser percebido na leitura do primeiro capítulo desta tese, temos tentativas de reavivar o uso do alemão após 1946, mas a abertura de escolas que proporcionassem o ensino em idiomas que não o português foram impedidas. As informações sobre esta questão foram em grande medida encontradas a partir da leitura de: OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Plurilinguismo no Brasil.** UNESCO/Instituto de investigação e desenvolvimento em política linguística: Brasília, 2008.

existente no vínculo com o passado através da relação entre memória e História. Enquanto esquecimento seria um termo que poderia remeter à passividade ou à amnésia. Sobrescrita, por sua vez, deixa mais evidente o papel ativo de indivíduos e da permanência de traços "indesejados", os quais nos permitem identificar e perceber o contraditório. Esse reconhecimento do contraditório, das arestas mal aparadas, dão a dimensão de múltiplas estruturas temporais tão importantes para a compreensão complexa a que se propõem os historiadores. Enquanto o ato de ignorar multiplicidades, sendo o ato de sobrescrita uma ação nesse sentido, como algo mais próprio da memória histórica. O termo é mais utilizado na dinâmica do uso da memória em computadores, onde os dados apagados de uma memória são na verdade sobrescritos por novos dados. E aplico o termo com um certo preciosismo, pois ele traduz melhor a dinâmica em torno do que convencionamos chamar de esquecimento, já que o passado propriamente dito nunca é esquecido, são suas visões e interpretações o que muda. Em certa medida já se utiliza a metáfora do palimpsesto para dar esta dimensão, mas insisto que o termo sobrescrita ao ser verbo (é possível sobrescrever algo) é mais preciso para retratar esta dimensão da memória e da História.

O Objetivo aqui não se trata de analisar alguma espécie de *patologia social*. Afinal, temos relatos de amnésia em indivíduos, e a memória de que tratam os historiadores é uma memória coletiva. E, segundo me consta, até o momento não temos nenhum caso de amnésia comunitária. Trata-se de um esquecimento que visa uma recordação de outros elementos, sobrescrevendo memórias e não as apagando. Como bem observou Paul Ricouer, quando vocalizamos um desesperado *esqueci!*, é porque acabamos de nos lembrar de algo, e conforme ele questiona: "não seria o esquecimento outra coisa que não aquilo de que nos lembramos de ter esquecido, porque dele nos recordamos e o reconhecemos?" (2007, p.111). Sendo assim, o termo sobrescrita delimita melhor a problemática da memória na História e das relações entre passado e presente, pois há de forma mais intensa um reforço de narrativas e visões do que de um vazio em relação ao passado. Essa relação com o passado deixa de ser passiva (esquecimento) e passa a ser ativa (sobrescrita), traduzindo melhor o fenômeno estudado por historiadores. Sendo a única desvantagem do termo sobrescrita em relação a esquecimento, o anulamento de metáforas encantadoras, porém um maior ganho de precisão na transposição didática deste fenômeno.

Explorando o problema

Foi através da leitura da tese do professor André Fabiano Voigt, intitulada *A invenção do Teuto-brasileiro* (2008), que pude perceber melhor como esta identidade germânica não seria algo espontâneo, mas sim construído e modificado ao longo do tempo. Também foi através do trabalho de Voigt, que percebi como a questão de uma identidade construída em torno da germanidade não ser algo restrito a Blumenau. O trabalho de Méri Frotscher, com o qual tomei contato primeiramente na forma de palestra[3], deixou claro o processo de transformação. Por ser a História uma ciência que estuda a mudança, Frotscher demonstrou como ocorreu uma construção não homogênea e conflituosa desta identidade blumenauense, vide a divisão entre teutos integralistas e teutos nazistas (para citar os dois principais grupos) existente na cidade de Blumenau até o início da Nacionalização de Getúlio Vargas – momento em que o debate é silenciado (no que também foi vital o trabalho de FALCÃO, 2000). Basicamente, Blumenau tinha um eixo em comum entre os teutos (o de justificar a sua identidade enquanto germânica devido a língua alemã apesar das divisões internas sobre o que seria esta germanidade, um reflexo das disputas políticas da época), e passa por uma grande transformação identitária entre as décadas de 1930 e 1950, período em que devido à Segunda Guerra e à Nacionalização, tornavam o "ser alemão" um fardo pesado, surrado e desbotado para se carregar, nomeando assim o seu livro como *Identidades móveis* (FROTSCHER, 2007) e dando a dimensão desse processo de transformação.

A provocação colocada me intrigou, afinal aquela identidade germânica constantemente apresentada como algo *natural* à cidade de Blumenau demonstrava-se incorreto, tanto pelo fato desta visão ter sido construída através da ação de intelectuais (VOIGT, 2008) quanto pelo fato de ser uma identidade que se transformou consideravelmente em seu processo de desenvolvimento (FROTSCHER, 2007). Conforme fui tomando contato com o trabalho de Giralda Seyferth (1981), que observei como essa identidade germânica construída até à Nacionalização (1938-1946) era completamente distinta da que foi publicamente retomada durante a década de 1970, quando pessoas influentes buscaram apresentar Blumenau enquanto algo atrativo ao turismo através de uma identidade germânica cenográfica (pois mais focada na aparência do que na prática), conforme apresentou Maria

3 De acordo com meus registros, em 24 de abril de 2009 Méri Frotscher realizou sua palestra intitulada "A colônia como contraponto à cidade grande: imagens e representações do mundo rural e urbano em almanaques de língua alemã no Brasil (1933-39)".

Bernadete Ramos Flores em *Oktoberfest* (1997).

Ou seja, é a partir destas obras que se delimita um trajeto que nos indica a identificação e promoção de uma ideia de Blumenau alemã interrompida pela Campanha de Nacionalização (1937), quando se forjou a identidade alemã como algo desagradável de se manifestar em público após um extenso mal-estar, o qual foi potencializado pelo início de uma guerra (1939), pela beligerância com o Brasil (1942) e pela derrota da Alemanha (1945). Passou-se então a preferir a representação de Blumenau enquanto uma cidade economicamente importante, principalmente devido ao seu parque industrial, algo marcado pelos festejos do centenário de Blumenau em 1950. Porém, a partir da década de 1970, a cidade voltou a se promover em torno de uma identidade alemã que aparentemente estaria esquecida, e que se manteria até os dias atuais. O que chama a atenção nesse extenso trajeto iniciado na década de 1930 e viria até os dias de hoje, é que a representação do que é ser um *alemão de Blumenau* mudou. O que se entende por *alemão* hoje na cidade de Blumenau passa por um imaginário ligado às festas e à propaganda turística da cidade, sendo muito mais cenográfico (“trajes típicos”, chope, enxaimelóides[4] etc.). Enquanto na definição do que seria ser alemão da década de 1930, o exercício da língua alemã e da descendência se apresentavam como os principais pilares compartilhados pelos diferentes grupos germanófilos. O que aparentemente pode ser visto enquanto um processo de esquecimento dado o pretenso *efeito amnésico* produzido pelos traumas da Campanha de Nacionalização e posteriormente sanadas pelo *resgate da memória* a partir da década de 1970, nos apresentam muito mais um processo de transformação do que de esquecer e de lembrar. Afinal, novos elementos são introduzidos ao longo dessa extensão temporal.

Esta identidade deixada de lado e posteriormente generalizada para toda uma cidade, seria uma construção identitária ancorada em uma visão do passado que possui seu processo de mudança ao longo do tempo. A problemática que se apresenta, e se mostra interessante para um público mais extenso que o interessado por Blumenau, é a análise da construção e transformação identitária e seu reflexo na constituição de sujeitos, bem como em sua identidade e visão de mundo. Afinal, é uma relação que temos de forma generalizada nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, bem definida através da tese de Luiz Felipe Falcão, intitulada

4 O técnica construtiva do enxaimel (*fachwerk*) foi introduzida pelos imigrantes europeus que foram para a região durante a Grande Imigração. É uma técnica que não está restrita aos povos alemães, e pode ser encontrada em várias regiões da Europa. O enxaimelóide seria a imitação desta técnica construtiva marcada pela estrutura de madeira aparente, o enxaimelóide é reconhecido por simular o desenho produzido por esta madeira aparente sem apresentar nenhuma função estrutural, apenas estética.

Entre o ontem e o amanhã (2000), no qual indivíduos buscam suporte no passado para justificar posições no presente, mesmo que muitas vezes esse passado seja muito mais fruto da imaginação do que da produção historiográfica, a exemplo da proliferação de Centros de Tradições Gaúchas nos estados da Região Sul nas décadas de 1980 e 1990.

Por isso, o marcador temporal para a cidade de Blumenau não é exato, afinal "os quadros coletivos da memória não conduzem a datas, a nomes e a fórmulas" (HALBWACHS, 2006, p.86). E assim, é possível definir que o marcador de passado para Blumenau não é o seu período colonial, ainda que se recorra a ele constantemente. O marcador de passado para Blumenau é sua ancestralidade alemã. De alguma forma, o passado alemão da cidade se justifica presente quando são enumeradas algumas pessoas que ainda dominam de forma orgânica a língua alemã. E, quanto a germanidade da cidade, o processo de Nacionalização realizado durante o Estado Novo seria o marcador de uma divisão entre antes e depois mais eficiente que o período colonial. Entende-se que os quase dez anos de proibição do uso da língua alemã levaram a um esvaziamento da germanidade na cidade até o seu revivalismo cenográfico com a criação e investimento de Blumenau enquanto um destino turístico na década de 1970, no que a primeira edição da *Oktoberfest* em 1984 consolidou o processo que se estenderia até os dias atuais. Este revivalismo germânico que aparece a partir da década de 1970 produziu seus efeitos ao ponto de que "atualmente, ao circular pelas ruas da cidade de Blumenau, nos vemos carregados pelas constantes referências e marcas deixadas e/ou reelaboradas por este passado que insiste em se afirmar" (MACHADO, 2011a, p.02).

A Nacionalização é o ponto de clivagem pelo fato de marcar o processo de entendimento desta germanidade. Se o marcador temporal é o passado alemão de Blumenau, a Nacionalização é o acontecimento que define esse processo. Que, por ser de relação tão íntima com a memória e a História, esse acontecimento "ingressa em um tempo que não é mais o da sucessão cronológica ordenada segundo o esquema clássico do passado, presente, futuro" (DOSSE, 2013, p.113). Constantemente se remete ao acontecimento da Nacionalização e sua interrupção forçada com o passado alemão da cidade para se justificar as consequências mais variadas, seja a perda de uma habilidade ao bilinguismo, ou para exemplificar como as comunidades formadas por imigrantes e descendentes foram abandonadas e traídas inúmeras vezes – e como supostamente ainda seriam. Apesar da constante referência ao passado, não é exato o apontamento histórico realizado. Por isso termos como *antigamente* ou *no tempo da guerra* são corriqueiros nas conversas e entrevistas.

A clareza está na conexão com o passado e no acontecimento da Nacionalização, quase que revivido feito um trauma. Por isso o recorte temporal inicia com o fim da Nacionalização em 1947 e se estende até próximo da primeira edição da *Oktoberfest* em 1984, nos permitindo compreender esse processo de transformação no qual a língua e a descendência deixam de ser os elementos centrais da definição identitária, para a cenografia dos trajes, da arquitetura de estética duvidosa e do consumo de quitutes estranhos ao paladar médio do brasileiro (porém regados de muito *chopp*[5]) passam a ser reconhecidos como os marcadores legítimos de um traço identitário.

O eixo da problemática está na sua relação com a produção do sujeito. Marcado por uma formação foucaultiana, sempre me intriguei em como Michel Foucault pouco me servia para produzir História e ocupar o devido espaço em minhas citações, mesmo sendo um autor fundamental para minha formação intelectual. Especialmente pelo fato de que eu desejava passar longe do esquema de comparar alguma instituição ou prática ao modelo da prisão ou do adestramento dos corpos, tão bem descrito e apresentado em seu clássico *Vigiar e Punir* (2009). O que percebi, então, é que a minha preocupação constante sempre foi muito foucaultiana: como sujeitos são formados, ou melhor, como ocorrem os processos de subjetivação? Compreendendo que, "os modos de subjetivação são, precisamente, as práticas de constituição do sujeito" (CASTRO, 2016, p.408), investigar como conjuntos de ações e dispositivos formam sujeitos sempre foi uma preocupação minha. Somado ao fato de que M. Foucault esteve sempre intensamente relacionado com a História, seu auxílio converge à criação de novas problemáticas da área.

Adicionado ao fato de que "o passado é parte integral do nosso senso de identidade"[6] (LOWENTHAL, 2011, p.41), se deseja perceber que tipo de sujeitos estão sendo produzidos através deste investimento e criação de uma visão sobre o passado em torno da cidade de Blumenau, a qual busca justificar sua identidade por meio do apelo ao passado. Afinal, toda cidade é acompanhada de seu gentílico. Não se pode pensar Blumenau sem olhar para o blumenauense. E na relação com o passado, que marcas acabam sendo impressas no sujeito?

---

5 É curioso o esforço comumente feito por pessoas na região em pronunciar a palavra chope o mais germanizada possível, com uma pronúncia mais fechada e sem a tradicional vogal ao final das palavras que distinguem o português falando no Brasil em relação ao praticado em Portugal, pois *chopp* não é a palavra utilizada no alemão para se referir a bebida. *Schoppen* se refere a uma unidade de medida com origem no francês antigo (*chopine*) para designar algo um pouco abaixo de meio litro, o que por sua vez é utilizado no consumo de cerveja, porém como unidade de medida e não de indicativo da bebida (o equivalente a caneca, copo ou garrafa). Sendo o termo correto para chope em alemão o *Bier vom Fass* ou *Fassbier* (cerveja do barril e cerveja de barril, respectivamente).

6 No original: "the past is integral to our sense of identity".

Há que se pensar como as mais variadas relações com o tempo a partir do passado influenciam nos processos de subjetivação. Não é de hoje que historiadores se debruçam em investigar este processo. Cabe aqui colocar, que talvez a grande contribuição de Foucault para as ciências humanas, esteja em nos auxiliar a pensar e perceber como se extrai mais do que a mais-valia de nossos corpos. É baseado nesse campo reflexivo que desejo perceber o processo de formação de sujeitos através da constante relação e referência ao passado.

Nessa discussão, a clareza de que História e memória são formas diferentes de se relacionar com o passado, e que apesar disso são elementos constantemente relacionados (LE GOFF, 2000), incrementou o debate sobre História e memória. A cada edição da *Oktoberfest* em Blumenau, alguma atividade publicitária para promover a festa recoloca a relação existente entre uma visão do passado e práticas no presente, entre a História e a memória. Talvez, por ser a principal forma pela qual a cidade é conhecida, a questão da memória me perseguiu ao longo de minha trajetória acadêmica. Afinal, entende-se que a relação com o passado criada em torno de narrativas que envolvam Blumenau passam muito mais pelo campo da memória do que pela História.

Foi a partir da década de 1980 que a historiografia foi tomada pela onda da memória. Discussão impulsionada pela coletânea sobre o *lieux de memóire* de Pierre Nora[7], os profissionais do estudo do passado se lançaram a dissecar essa intricada relação. De tão intricada, complexa e até mesmo confusa, a discussão de História e memória continua um assunto bastante presente entre os historiadores. Os acontecimentos recentes e as ondas políticas que marcaram a passagem do Século XX para o XXI, reatualizam constantemente essa discussão. Seja observando a desintegração da Iugoslávia, o fim do Bloco Soviético, a descolonização dos continentes africano e asiático, a abertura política na América Latina com o fim de suas ditaduras, as consequências de algumas décadas de neoliberalismo produzindo um verdadeiro *Planeta Favela* (DAVIS, 2006) e a uma crise financeira em 2008, o ressurgimento atualizado de movimentos nazifascistas, que adormecidos até recentemente passaram a assombrar as eleições de praticamente todos os países considerados ocidentais; marcariam esse ponto de ebulição no qual a História tem seu lugar de destaque para nos auxiliar a compreender esse processo. São acontecimentos impossíveis de explicar sem olhar pelo retrovisor conforme nos tomaram de assalto. Tudo isso nos obriga a revisitar

7 Até onde consegui confirmar, a totalidade da obra nunca foi traduzida para o português, sendo o acesso ao trabalho monumental chefiado por P. Nora na língua portuguesa através de uma miríade de capítulos da obra publicados em diversas revistas acadêmicas.

constantemente o passado para entender a pergunta mais básica e primitiva da história: como fomos parar aqui? A mesma problemática e pergunta serve para pensar o caso de Blumenau e região, no que tange a apresentar uma constante relação com o passado em busca de produções em seu presente.

Basicamente podemos afirmar que há um entendimento de germanidade até a Nacionalização e outro a partir do revivalismo turístico e cenográfico que aparece na década de 1970. Assim, cabe questionar: por que ocorre esta mudança e o que ela significa? Por isso é vital analisar o período entre 1947 e 1980, realizando, assim, uma análise temporal mais *esticada*, alongada, não se seduzindo pelo tempo curto por ser ele "a mais caprichosa, a mais enganadora das durações" (BRAUDEL, 2009, p.46). Ainda que a característica de um trabalho de longa duração não seja aplicável aqui, um maior recorte temporal ajuda a compreender melhor os movimentos dos diferentes estratos do tempo. Se a germanidade é uma constante para a cidade de Blumenau, tal elemento identitário nem sempre é tratado ou abordado da mesma maneira ao longo de sua História.

Dentro desse foco, o **primeiro capítulo** trata da questão do uso da língua alemã após a Nacionalização, e se alicerça no leitura de periódicos, entrevistas e os dossiês do Arquivo Histórico de Blumenau sobre o Teatro Carlos Gomes e a Sociedade 25 de julho. Por ter sido a língua alemã o eixo central da definição da identidade germânica até a Nacionalização, e até mesmo por continuar sendo utilizada na região (ainda que em menor grau), considerei necessário produzir uma história da língua alemã após à Nacionalização. Ainda que o trabalho seja modesto, devido à sua restrição à localidade de Blumenau e à minha reconhecível inabilidade como linguista, considero uma pesquisa necessária pelo fato de boa parte dos trabalhos que tratam do uso da língua alemã abordarem os períodos anteriores a Nacionalização, reservando o momento a partir de 1946 às notas de rodapé, exemplo dos trabalhos de Cynthia Campos (2006) e Giralda Seyferth (1981). E, quando abordam o período posterior à Nacionalização, seu recorte temporal é o imediato presente, algo justificável por sua atenção mais detida às questões da linguística praticada, como é o caso dos trabalhos de Valéria Mailer (2003) e de Maristela Fritzen (2008).

A ideia para a produção deste capítulo surgiu da minha inquietação diante do fato de que a afirmação de uma germanidade blumenauense atual ocorrer desamparada de um domínio da língua alemã, afinal hoje cada vez menos pessoas praticam o tal idioma, sobretudo nos espaço público. Algo que merece maior atenção pelo fato de que, até a Nacionalização a

língua era o elemento central na definição do *Deutschtum*. Foi a língua, associada à descendência, o que justificava o pertencimento étnico germânico. Porém, atualmente, mesmo não havendo um domínio real do idioma pela população da região de Blumenau, ainda não é incomum a afirmação e entendimento de continuidade com alguma etnicidade alemã originária no passado. Ou seja, pessoas que não possuem mais este importante definidor identitário que era o domínio do alemão, continuam se afirmando germânicas mesmo sem dominarem o idioma. Em suma, o entendimento em Blumenau de "ser alemão" até a década de 1940 era realizado de uma maneira, enquanto o que aparece a partir do revivalismo germânico na década de 1970 e se estende até os dias atuais, ocorre por outros caminhos desprovidos do alicerce da língua alemã (agora parcamente dominada em um sentido demográfico[8]). Cabe perceber o que ocorreu com o uso do alemão após 1946 para entendermos melhor como este processo foi possível e buscou se remodelar. Afinal, era a língua um elemento central desta definição identitária, precisamos saber o que aconteceu com ela.

O termo germanismo pode gerar dúvidas por sua indefinição, e por isso cabe justificá-lo. Por geralmente se tratar de um entendimento confuso, sem muita definição, o termo escolhido para tratar desta questão identitária, especialmente a partir da década de 1970, é germanismo, por conseguir traduzir melhor o caráter generalista e indefinido desta identificação. Apesar do radical em inglês (*german*), no português a palavra *germânico* não indica exclusivamente alemães, mas nos dá mais ou menos uma noção aproximada do que se trata e a que se refere. Os recursos utilizados para justificar esta identidade são os mais variados, e por isso germanismo traduz bem a miscelânea que não seria mais o *Deutschtum* (este, bem apresentado e definido através do elemento da língua). Ao mesmo tempo, a palavra germanismo dialoga com o termo clássico apresentado por G. Seyferth que é o *Deutschtum*. Ainda que o termo em alemão seja mais preciso devido ao seu ponto central em torno do idioma, da descendência e da *Kultur*, germanismo acaba sendo algo aproximado e indica este caráter generalista que existe atualmente em torno desta definição de *alemanidade* de Blumenau e região. No alemão o sufixo *tum* indica esta substantivação, judaísmo por exemplo, é *judentum*. Alemão em alemão é *deutsch*, por isso associado ao *tum* poderia ser traduzido como germanismo/alemanismo. Entretanto *Deutschtum* é um termo consolidado e

8 Lembrando que com exceção dos dois censos realizados durante a Era Vargas (1930 e 1940), não temos qualquer tipo de levantamento dos idiomas dominados pela população em todos os outros censos. Desta forma, afirmações deste gênero são aproximações e impressões pessoais.

que é utilizado em trabalhos sobre o tema para tratar desta identificação alemã pautada no domínio do idioma, da descendência e das manifestações culturais (dança, tiro, cerveja etc.). Apesar de dialogar com o termo clássico apresentado por Seyferth, a identificação enquanto sujeito que carregaria algo de alemão em sua identidade atualmente passa por elementos mais genéricos e pouco definidos, sendo a sua principal característica a flexibilidade. A conexão entre estes dois momentos, distinguidos por dois termos diferentes neste trabalho (*Deutschtum* e germanismo), é o entendimento de uma relação com a Alemanha de forma contínua, cujo final estaria no próprio indivíduo que afirma possuí-la (uma espécie de continuidade umbilical). Os caminhos utilizados para justificar esta conexão através do passado são transformados ao longo do tempo. Quando encontrei fontes produzidas em língua alemã após a Nacionalização, percebi que sua análise poderia ajudar a responder melhor este processo fundamental para o desenvolvimento da problemática da tese. Afinal, entendendo o que ocorreu com a língua e sua perda de espaço público, podemos entender melhor esta transformação de uma afirmação identitária.

Há jornais de casamento (ou gazetas nupciais) produzidas desde o começo do Século XX e que se estendem até depois de sua metade. E, mais surpreendentemente, temos a publicação de uma coluna alemã (*Deutsche Spalte*) no jornal diário *A Nação*, veículo parceiro da rede dos Diários Associados que era publicado na cidade de Blumenau naquele momento. Com a noção de "que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público" (LUCA, 2006 p.139), é possível produzir uma análise do discurso e perceber quais questões estavam sendo pauta em dado momento histórico. E nisto, é sintomático perceber a publicação de uma coluna em alemão em um jornal de circulação diária.

Também é importante observar o que aconteceu com a prática do idioma alemão em Blumenau para entender como foi possível a continuidade de uma afirmação identitária, no caso a de se afirmar algo de germânico, mesmo com o declínio do uso da língua alemã. Ou seja, uma continuidade dentro de um processo de ruptura.

Devido ao uso de fontes em alemão e da busca de integrar fragmentos das fontes trabalhadas no texto da forma mais fluída possível sem perder a fidelidade ao texto original, sempre que possível o texto em alemão está seguido ou antecipado de sua livre tradução para o português. Quando isto não ocorreu, por não fazer sentido com o andamento do texto devido à coerência ou tamanho da citação, a tradução do que está em alemão ficou reservada às notas

de rodapé. Não faria sentido escrever várias linhas em alemão e traduzir em sequência, o que já não se aplica as sentenças curtas. Outras palavras por sua vez dispensam tradução devido a sua clara raiz latina, no que talvez *fest* seja o melhor exemplo.

Os entrevistados para a confecção deste primeiro capítulo foram três. Roberto[9] foi um pastor da Igreja de Confissão Evangélica Luterana do Brasil (IECLB) nascido em família falante do idioma alemão e que a teve como sua primeira língua. Além de ter realizado boa parte de sua formação acadêmica como pastor em língua alemã no Brasil, atuou em várias cidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina nas quais o uso da língua alemã foi fundamental em seu ofício. Sissi é uma costureira aposentada e residente em Blumenau, que viveu boa parte de sua vida na região das Itoupavas em Blumenau, onde sua família desenvolveu diversas atividades comerciais. A região das Itoupavas tem esse nome por conter vários bairros e localidades com o nome itoupava[10] (Itoupava Central, Itoupava Norte, Itoupava Rega, Itoupavazinha, Itoupava Seca e Vila Itoupava), que é uma região conhecida por seu aspecto mais rural e por preservar em maior número falantes da língua alemã, como é o caso de Sissi e alguns de seus familiares e amigos. Foi conversando com Sissi sobre minha saúde que ela me recomendou a benzedura com sua amiga de infância. Helga estudou com Sissi na mesma escola (Anita Garibaldi, onde trabalhei em 2013), e apesar de seu estado de saúde debilitado, continua lúcida e uma ótima benzedeira. Após receber meu benzimento em alemão, incluso para *Großen Augen*[11], e conversarmos um pouco em alemão, entrevistei esta senhora em sua casa adornada com calendários e outros adereços da Igreja Luterana (IECLB), localizada ao lado de um pequeno pasto na Itoupava Central. Estas entrevistas foram fundamentais por permitirem captar questões inexistentes em qualquer fonte guardada nos arquivos, a exemplo da dinâmica e uso da língua alemã por estes falantes orgânicos do idioma após a Nacionalização.

O **segundo capítulo** trata desta relação da História na construção de um entendimento da cidade de Blumenau. Talvez, Blumenau seja um caso mais exemplar do que outras cidades nesta questão que é comum a todos: a construção de um presente a partir dos escombros do passado. É observando recortes temporais mais longos que podemos concluir que a população da cidade de Blumenau mantinha relações com o seu passado (memória, análise e monumentalidade), desde antes do período estudado. Não por acaso, seu Arquivo

9 A todos os entrevistados foi dada a opção do uso de pseudônimos que foram escolhidos pelos próprios.
10 É uma palavra de origem tupi-guarani para corredeiras, pois justamente na região o rio Itajaí-Açú e seus afluentes apresentam uma grande quantidade de pedras, consequentemente formando várias itoupavas.
11 Ao pé da letra, “olhos grandes”, que pelo meu entendimento seria algo próximo a “mal olhado”.

Histórico é um dos mais antigos do estado, e conta com menos interrupção de seus serviços de atendimento e consulta que outros arquivos de cidades do estado de Santa Catarina. Isto é algo interessante de ser observado não só quando comparamos com a situação do arquivo histórico municipal da capital, Florianópolis, mas principalmente com a situação desastrosa que normalmente assola a preservação de arquivos e patrimônio no Brasil. Ou seja, temos uma característica peculiar no trato do passado envolvendo Blumenau.

É aqui que se analisará como ocorre esta construção de visões sobre o passado e quais resultados e produtos são frutos desta relação. O passado não é um espaço neutro, e da mesma forma não o são os resultados de sua relação constante com o presente. Por isso são analisados os retratos que se fizeram da cidade ao longo do tempo, permitindo-nos perceber o processo desta transformação identitária marcada pela memória. As fontes aqui utilizadas são de um leque considerável. E, com isto, são utilizados como fontes a arquitetura, fotografias da cobertura do Centenário de Blumenau em 1950, a produção de algumas construções ainda presentes na cidade, dos monumentos erigidos neste período e da Revista Blumenau em Cadernos, fundada em 1957 e ainda em circulação.

Deste aglutinado de produções históricas, é que podemos extrair uma síntese deste processo de construção da memória e sua relação entre o presente e o passado. Notamos pela paisagem urbana que a cidade passou por rápidas e consideráveis transformações neste período, em muito explicado pelo crescimento de sua indústria e pela empolgação modernista típica do pós-guerra, com seu auge marcado no Brasil através da construção de Brasília. A ideia é analisar a cidade como um palimpsesto (PESAVENTO, 2004), para poder perceber seu processo de construção entre as mais diversas temporalidades marcadas pelas continuidades e rupturas. O que se nota é como ao mesmo tempo que o passado alemão e colonial da cidade é derrubado para dar lugar a construções modernas, marcando uma ruptura; ocorre a produção de uma narrativa histórica que dá a Blumenau uma linha de continuidade com seu passado alemão, que sem depender da língua encontraria no desenvolvimento e na economia sua justificativa. Haveria um tipo de pessoa distinta dos demais brasileiros por sua origem étnica específica, que permitiria à cidade de Blumenau produzir tais feitos notáveis. Apesar de buscar justificar-se por caminhos diversos dos que foram traçados na primeira metade do século XX, o sentimento de superioridade é algo que não foi apagado com a Campanha de Nacionalização – e que muito provável também não era uma preocupação. Demonstra-se, assim, uma visão nova para o retrato formalizado sobre o período, demonstrando uma

dinâmica temporal mais múltipla e menos linear.

A formalização de visões sobre o passado ganha uma centralidade na cidade de Blumenau a partir da criação da Revista Blumenau em Cadernos (1957) e do Incêndio do Arquivo Municipal em 1958, pois a partir daquele momento seria a revista e seu fundador, José Ferreira da Silva, que carregariam o tom de oficialidade sobre o passado. A distinção entre o que seria Memória ou História, se apresenta borrada entre textos que não precisam seu tempo histórico (reservados aos "tempos de outrora", de uma Blumenau "pitoresca", expressões constantemente utilizadas na Revista). Apresentando-se muitas vezes no formato de crônica, na transcrição de documentos e artigos pautados no uso de fontes realizados por intelectuais reconhecidos. O objetivo do segundo capítulo é demonstrar como a Memória histórica não é marcada pela amnésia quando apresenta o fenômeno de o esquecimento, mais sim de uma sobrescrita. Apesar do esquecimento fazer parte fundamental da operação do recurso que é a memória, em História, este esquecimento não se trata de uma amnésia, mas sim de um processo de sobrescrita, em que aspectos do passado e de sua narrativa são privilegiados em relação a outros, demonstrando que "lembramos bem o que organizamos bem" (FRIDLUND et al, 2003, p.358). Por isso é fundamental observar quais lembranças estavam sendo organizadas e apresentadas por meio de desfiles (RYAN, 1989), da paisagem urbana e do material publicado na Revista Blumenau em Cadernos.

No **terceiro capítulo**, será abordado a relação da cidade com o turismo, considerando que esta atividade foi fundamental para solidificar este microcosmo germânico inventado para a cidade. Sem os eventos pautados no "típico" e na "história da cidade", este debate em torno de Blumenau já estaria esgotado em vez de ainda se sustentar. A cada nova campanha publicitária, o esforço em demonstrar uma conexão de Blumenau com seus primeiros habitantes da Europa central, é reforçado. Apesar de a *Oktoberfest* ser o principal evento nesta construção, é importante perceber como Blumenau já buscava ganhar dinheiro com o turismo desde antes da década de 1980. E assim se justifica estudar a trajetória do turismo em uma cidade que construiu uma identidade em torno desta atividade, e que tem um órgão municipal específico para este ramo da economia desde a década de 1960. Pretende-se, assim, analisar o material produzido no intuito de promover Blumenau turisticamente, tanto pelo histórico desta secretaria, quanto do material produzido e publicado em revistas de escopo nacional.

Por ser o turismo uma atividade econômica, este será o ponto de partida para analisar

a relação de Blumenau com o turismo. Por isso é importante perceber como, antes de abraçar um caráter étnico em sua divulgação turística, Blumenau investiu em um circuito de turismo de compras. Seja pela visita de representantes interessados nos produtos produzidos pela cidade, quanto pelas pessoas que visitavam o litoral catarinense e aproveitavam para conhecer Blumenau e seus produtos. É interessante observar que o consumo durante as décadas de 1960 e 1970 ainda não era tão facilitado como após as décadas de 1980 e 1990, e que viajar até Blumenau compensava o esforço na busca por produtos com bom custo-benefício. Também, era no verão a época de maior fluxo turístico, algo que mudou bastante a partir da consolidação da *Oktoberfest*. Por isso, o turismo em Blumenau se concentrou primeiro na produção de feiras temáticas, e conforme foi consolidando seu lugar e buscava incrementar este turismo de compras (afinal, os visitantes apenas pernoitavam), começa a ocorrer investimentos em criar um microcosmo de cidade alemã encravada no Sul do Brasil.

Não é de se ignorar que Blumenau e região foram berço ou abrigo de considerável número de intelectuais catarinenses, e muitos produziram obras que tiveram a cidade como objeto. O que se pode perceber desta construção sobre o que foi o passado, seja através de obras históricas, no sentido de que seguem algum rigor metodológico ainda que não sejam produzidas por especialistas, ou de ficção, como romances e poesias, está em compreender qual retrato do passado está sendo emoldurado nessa cacofonia? Foi levantado um número considerável de obras publicadas em Blumenau durante o período estudado, bem como algumas que tinham a cidade como objeto, e se encontrou um volume considerável. De maneira geral, boa parte das obras não podem ser catalogadas como científicas, pois não se apoiam no uso de fontes e sua análise para a produção de seu conteúdo, sendo a maior parte delas crônicas históricas. Estas obras ganham um volume considerável a partir da década de 1970, quando a Fundação Casa Dr. Blumenau passa a financiar tais publicações. Dos livros levantados na Biblioteca do Estado de Santa Catarina, muitos deles fazem parte do espólio de Odilon Lunardelli, e contam com dedicatórias. Outras obras tiveram sua publicação fora de cidades como Blumenau ou Florianópolis, nos permitindo tecer melhor as redes e a capilaridade destes intelectuais. Com isso, podemos perceber que durante a década de 1970 todo um grupo de intelectuais começa a se preocupar em tratar mais a fundo desta Blumenau do passado. É neste contexto que obras como *Verde Vale* de Urda Alice Klueger (de Blumenau) e *O Guarda Roupa Alemão* de Lausimar Laus (de Itajaí) são publicadas. Pensando em tratar de *Verde Vale*, a autora da obra, Urda Alice Klueger foi entrevistada. Urda Klueger

faz parte do rol de intelectuais blumenauenses ainda em atuação. Colabora regularmente com a Revista Blumenau em Cadernos e tem um profundo interesse pela História, área pela qual se graduou. Atualmente mora na Enseada do Brito, na Grande Florianópolis. Lausimar Laus era natural de Itajaí, porém foi para o Rio de Janeiro ainda jovem. Apesar de se consolidar como professora, jornalista e intelectual no Rio de Janeiro, suas obras literárias sempre abordaram a região Sul, mais especificamente Santa Catarina e seus imigrantes e descendentes.

Também temos figuras da região se consolidando no meio acadêmico e profissional da História. Nisto cabe destacar o trabalho de Giralda Seyferth, que galgou seu posto como professora do Museu Nacional, uma das instituições mais tradicionais do Brasil, especialmente em sua área de atuação que é a Antropologia. E o trabalho de Sueli Petry, que também foi entrevistada. Sueli Maria Vanzuita Petry ocupa o cargo de diretora do patrimônio histórico, artístico e arquitetônico de Blumenau e faz parte da primeira turma de mestres em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É a partir destas duas figuras principais, que vamos notar que todo este debate memorialístico apresentado nas crônicas da Blumenau em Cadernos e nas obras de Urde Klueger e Lausimar Laus, está sendo acompanhado por pesquisas acadêmicas. Criando, assim, um caldo interessante de visões sobre o passado. É justamente nesse mesmo momento que Blumenau passa a adotar este seu turismo cenográfico, o ambiente perfeito para permitir uma performance do que é ser alemão. Ainda que de forma acidental, o turismo permitiu uma performance do que é ser alemão, e com isto este traço identitário pôde ser reforçado, recolocado e conseguiu sobreviver a tantas transformações. O que é potencializado através destas festas é a performance de ser alemão, pois mesmo que ainda sejam práticas até então não praticadas (a exemplo dos *trajes típicos* de clara referência tirolesa ou bávara que se generalizam a partir da invenção turística de Blumenau), é a performance que permite reafirmar ainda um traço identitário distinto e específico.

Sendo assim, pretende-se demonstrar os impactos de uma memória que coloca parte da população brasileira dentro de parênteses na história nacional. Afinal, estas sínteses históricas sempre fundam análises e entendimentos que conseguem transcender o debate realizado por especialistas. E assim, se pode compreender melhor a relação entre a História e a memória, bem como seus impactos na construção de ações, comportamentos e entendimentos de mundo.

2 A Língua

> *É evidente que ainda nunca falou com fantasmas. Deles não se pode jamais obter uma informação precisa. É um vaivém constante. Esses fantasmas parecem estar mais em dúvida acerca da sua existência que nós, o que aliás, dada a sua fragilidade, não é de causar espanto.* (Franz Kafka, 1999, p.41)

Ainda gera interesse entre o público, especializado ou não, o processo de imigração e o silenciamento essas identidades hifenizadas – teuto-brasileiros, ítalo-brasileiros, nipo-brasileiros etc. – durante o Estado Novo. Processo simultâneo à Segunda Guerra, durante conversas despreocupadas sobre o período é comum associar e relacionar os eventos da Lei de Nacionalização como se fossem parte de um mesmo acontecimento e plano com a guerra, numa conexão linear entre os fatos. A Nacionalização é um acontecimento humano complexo que ainda produz as mais variadas reverberações no campo da memória. Também é lugar comum apontar a Nacionalização como o momento chave para o abandono do uso público de línguas alóctones, em especial o alemão. Seria o acontecimento da Nacionalização, também, um episódio indicado como definidor de um abandono que a população de origem alemã sofreria de forma constante. O sofrimento e a perseguição produzidos pela Nacionalização é uma narrativa que aparece entre os descendentes destes imigrantes, e que teriam em torno do declínio do uso público da língua alemã sua consequência mais clara, produzindo até mesmo uma certa espécie de ressentimento.

O evento da Nacionalização é usualmente descrito de forma paralela a Segunda Guerra. A compreensão de que a Campanha de Nacionalização foi consequência da participação brasileira na Segunda Guerra normalmente se dá pelo fato de que, ao mesmo tempo que havia uma ditadura desde 1937 conduzida pela figura de Getúlio Vargas, a Europa se debatia em suas feridas não cicatrizadas as quais conduziram aos eventos de 1939. Havia entre as décadas de 1920 e 1940 uma admiração pela Alemanha em parcela das elites no Brasil, o que já ocorria antes do nazismo, mas que não deixou de ocorrer após a ascensão do Partido Nacional-Socialista em 1933. É verdade também, que os nazistas se utilizavam de uma narrativa pautada pelo lema *ein Reich, ein Führer, ein Volk* (um império, um líder, um povo), que dava espaço para o entendimento de todos os alemães como um único povo sem distinções, ou seja o pangermanismo. Todavia, o tal pangermanismo foi algo utilizado pelo escopo ideológico nazista, mas não inventado por estes. Isto nos explica como Adolf Hitler, um austríaco, foi aceito pela população alemã. Os elementos racistas desta narrativa são

amplamente conhecidos, e nos ajudam a entender como pessoas de origem étnica germânica, os chamados *volksdeutsche*, puderam chegar ao ponto de se alistar na *Wehrmacht* ou integrar batalhões exclusivos da *Waffen SS*. A associação entre alemães e nazistas foi algo marcante da Segunda Guerra. Mas, como tudo em história, foi algo construído ao longo do tempo.

Em grande medida, já temos os princípios desta imagem de homogeneidade entre os alemães construída durante a Primeira Guerra, como os episódios de violência contra estabelecimentos comerciais de teutos ocorridos em Porto Alegre antes mesmo de o Brasil declarar guerra contra a Tríplice Aliança (DA SILVA JR, 1994). Grosso modo, as elites brasileiras tinham preferencialmente a Inglaterra ou a França como sua principal influência. O que era um caso de exceção no estado de Santa Catarina, pois no geral, as relações mais intensas eram com a Alemanha, ao ponto de em 1908 51,3% do comércio exterior catarinense ser realizado com a Alemanha (FALCÃO, 2000, p.75). Basicamente esta particularidade ocorre pela força política e econômica das elites industriais de origem germânica, no que as cidades de Blumenau, Brusque e Joinville se destacam como exemplos.

Muitas vezes o conjunto de Leis de Nacionalização são explicados como fruto de uma admiração de Getúlio Vargas em relação aos nazifascistas, e que por isso o presidente brasileiro adotaria uma política de homogeneizar a identidade brasileira, ainda que isso envolvesse o uso de violência. E outras vezes, a Nacionalização é explicada como uma certa inveja existente contra os teutos e seus descendentes instalados no Brasil. São narrativas que aparecem em discussões e conversas, seja entre acadêmicos ou não, que de uma forma ou de outra simplificam a figura de Getúlio Vargas a um fascista dos trópicos.

É bem verdade que Getúlio Vargas era autoritário e não se posicionava totalmente contra os nazifascistas europeus, mas também cabe lembrar que cedeu seu apoio aos aliados após uma série de vantagens negociadas através de uma política externa da barganha (BUENO; CERVO, 2015, p.251-287). Antes de sua sedução pelo autoritarismo europeu da época, Vargas se demonstrou um pragmático. Indivíduo tão particular e influente na política do Brasil, que ainda nos causa estranhamento sua definição para além da personalidade camaleônica. Sua figura se apresenta como algo complexo e flexível, superando simplificações explicativas que simplesmente o colem ao fascismo. Como é pontuado por Thomas Skidmore, “Vargas não organizou nenhum movimento político para nele basear seu regime autocrático” (1982, p.53), criando alguma espécie de partido de Vargas, como era o caso alemão, italiano ou espanhol. Como pontua o brasilianista, “em suma, o Estado Novo era

um estado híbrido, não dependente de apoio popular organizado na sociedade brasileira e sem qualquer base ideológica consistente", sendo o Estado Novo "uma criação altamente pessoal" (SKIDMORE, 1982, p.54). Observações que não negam a postura personalista e autoritária de Vargas durante o Estado Novo, e ao mesmo tempo não o simplificam como um *fascista tropical*.

O Estado Novo silenciou o falar de outras línguas que não o português, o que sem dúvida foi um processo cruel e que deve ser condenado. Apesar desta ação governamental ser apresentada como tomada por Vargas devido ao seu fascismo, ele tinha outras preocupações. Sendo a principal delas a de formar o Brasil enquanto um Estado-Nação. Para se criar uma unidade artificial, que é o efeito de um processo de criação de um Estado-Nação, diferenças são deixadas de lado em prol das semelhanças. Temos "no projeto nacionalizador, tentativas de unificar e integrar descendentes de estrangeiros a referenciais de brasilidade com o intuito de forjar uma identidade homogênea para a população do país" (CAMPOS, 2006, p.19), no que a língua seria um dos elementos importantes. No caso brasileiro, esse processo ocorreu de forma violenta. Apagando, muitas vezes, diferenças e particularidades enriquecedoras. Getúlio Vargas e seu círculo próximo tinham um pensamento originado em ideais positivistas (BOSI, 1992), ainda que classificá-lo desta forma seja um pouco precipitado, é seguro compreender que esta corrente de pensamento moldou sua figura e postura de estadista. A questão não é negar o autoritarismo que foi personificado por Getúlio Vargas durante o Estado Novo, mas sim compreender melhor o processo histórico, fugindo de reduções maniqueístas.

Também não foi Getúlio Vargas o primeiro político a perseguir imigrantes e descendentes, muito menos o primeiro a perceber estas comunidades como incômodas à nação brasileira. Os chamados *quistos étnicos* já eram preocupação e objeto de debate entre intelectuais e políticos desde antes da ascensão de Getúlio Vargas em 1930. Já havia algum tempo que os imigrantes eram vistos como uma ameaça à cultura brasileira (DA SILVA JÚNIOR, 1994). Os chamados nativistas, aqueles que defendiam um Brasil apenas para brasileiros natos (e de origem lusitana), não foram um fenômeno exclusivo do nosso país, assim como a imigração em massa do final do século XIX e começo do século XX também não o foi. E neste sentido cabe também observar o evento da Nacionalização durante o Estado Novo sob uma lente mais fisiológica. Conforme foi apontado por Clayton Hackenhaar, a maior ênfase no projeto Nacionalizador em Santa Catariana durante o Estado Novo se explicaria por questões políticas. Pois, como ele observa, o grupo político mais proeminente

até a Revolução de 1930 era muito ligado as elites das zonas de imigração alemã. E que por isso “o governo catarinense no pós 1930 buscou dar um fim à rede de relações sociais, políticas, econômicas e culturais que os sustentavam desde a Primeira República” (HACKENHAAR, 2015, p.04), afinal nem sempre as denúncias eram consideradas graves pelas autoridades, colocando a “hipótese de que as intervenções não foram realizadas sistematicamente contra qualquer alemão ou teuto-brasileiro, mas contra aqueles que estivessem ligados a alguma estrutura de poder, fosse político, econômico ou social, ou que fossem considerados como obstáculos a permanência e expansão do grupo instalado no poder depois de 1930 em Santa Catarina” (HACKENHAAR, 2015, p.05).

Da mesma forma, é justo colocar que o pensamento sobre o que seria a identidade alemã não teve sua origem com o movimento nazista. A discussão já ocorria desde os primeiros românticos alemães. Ocorre que os povos de língua alemã estavam espalhados por toda Europa, ocupando as mais diversas regiões e reinos. Além disso, os costumes e hábitos variavam bastante em cada região. No esforço por definir estas *Comunidades Imaginadas* que são as nações (ANDERSON, 1991), é importante colocar marcos definidores à imaginação para lhe garantir uma solidez no real. A geografia, um dos elementos utilizados para moldar uma identidade nacional, era insuficiente para pautar o debate alemão. Ao leste do continente europeu, entre o Reno e os Urais, as fronteiras naturais nunca foram muito bem definidas. Com isto, Norbert Elias nos ensina que “a palavra pela qual os alemães se interpretam, que mais do que qualquer outra expressa-lhes o orgulho em suas próprias realizações e no próprio ser, é *Kultur*” (2011, p.23), conceito que “alude basicamente a fatos intelectuais, artísticos e religiosos” (2011, p.24). Sendo um conceito que dialoga muito mais com o comportamento (e o exercício da língua estaria assim abarcado), valorizando o particular; do que o de civilização, que se pretende universal e está ligado a fatos políticos, econômicos e sociais. Por isso, para a identidade alemã o elemento central para formação da identidade estava na língua, afinal era o que unificava estes povos tão distintos. Não seria a geografia o elemento real que solidificaria esta comunidade imaginada, mas sim seus traços comportamentais. A língua, que é tão presente e frequente, é um elemento importante da definição de nossa identidade. Conforme já era afirmado por Ferdinand Saussure, “é em grande parte a língua que constitui a Nação” (1975, p.29).

Compreendido este quadro histórico, observa-se que é em torno da língua que a definição identitária de teuto-brasileiros orbitou durante boa parte do século XX, e que

posteriormente passou para uma posição secundária. A língua alemã foi um elemento central para definir a identidade e para compreender as Leis de Nacionalização. Havendo valiosos trabalhos abordando esta questão durante o período do Estado Novo, notadamente *Memórias de uma (outra) guerra* (FAVERI, 2004) e *A política da língua na Era Vargas* (CAMPOS, 2006), e mais especificamente no campo da linguística e tratando do uso do alemão num espaço de tempo mais contemporâneo *O alemão em Blumenau* (MAILER, 2003) e *Ich Spreche anders aber das ist auch deutsch* (FRITZEN, 2008); o que chama a atenção é a ausência de trabalhos que olhem para o uso da língua alemã após Nacionalização, e é a isto que me proponho neste primeiro capítulo. O que foi possível perceber nos arquivos é que a língua alemã continuava buscando seu espaço tão logo a Nacionalização relaxa e ocorreram as primeiras brechas. É necessário debater este assunto, pois era a língua alemã o pilar central da definição identitária destes imigrantes e descendentes. E é justamente após estes acontecimentos produzidos durante o Estado Novo, que estas identidades passam por uma metamorfose significativa. Com esta transformação da identidade, o que aconteceu com a língua, seu principal pilar de sustentação?

2.1 O encontro com a língua

Quando fui para o Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública do estado de Santa Catarina, eu desejava checar mais de perto algumas informações iniciais colhidas no livro ACIB 90 anos (1989). Alguns eventos, especialmente os que tratavam das visitas de estrangeiros alemães a Blumenau, poderiam ser compreendidos mais de perto através da leitura dos periódicos da época. Naquele período Blumenau contava com dois jornais diários, um se chamava *A Cidade* e o outro, por sua vez presente no arquivo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, era o *A Nação*. De pronto, ele foi solicitado ao servidor Cristiano, vesti as luvas descartáveis e pude manuseá-lo. Foi lendo atentamente o jornal que encontrei algo inesperado, uma coluna com notícias em alemão. O nome desta coluna era *Deutsche Spalte*, algo como Coluna Alemã em tradução livre. O período pesquisado era a década de 1950, ou seja, após a Nacionalização.

Foi então que, instigado pela existência desta coluna alemã, verifiquei o acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca do estado de Santa Catarina, numa simples tarefa de rotina da pesquisa historiográfica. Novamente, contradizendo minhas suspeitas prévias, uma série de

Hochzeitszeitungen, ou Jornais de Casamento, escritos em língua alemã são encontrados. Tanto os Jornais de Casamento, quanto a Coluna Alemã, se estendem até a década de 1960, rareando conforme se avançava para a segunda metade dessa década. Sua presença foi inusitada, pois o usual é retratar o uso da língua alemã nas comunidades onde isto era comum como restritas a oralidade a partir de sua proibição com a Campanha de Nacionalização (1938-1946). Como é posto por Valéria Mailer, o "alemão transformou-se em língua da oralidade", dado que "esta foi a forma de resistência encontrada pelos falantes do idioma para que ele não desaparecesse, também porque a oralidade é fluída e muito mais difícil de reprimir" (2003, p.29). E desta forma, a manutenção da língua alemã ocorreu através da fala por ser o recurso possível. Indicando assim que o uso da língua alemã persistiu apenas na oralidade, pois perdeu qualquer formalidade educativa desde o fechamento das Escolas Alemãs (*Deutsche Schule*), o que não significa que deixou de ser uma língua ensinada e apreendida. Entre as pessoas que têm algum domínio *orgânico/espontâneo* do alemão na região de Blumenau, ou seja, que não aprenderam a língua em algum curso de idiomas, é comum este domínio se restringir à fala, sendo a leitura e escrita processos não dominados. Havendo as mais variadas gradações, desde os que falam como principal língua, até os que compreendem *alguma coisa* mas não conseguem necessariamente falar, valendo o mesmo para a escrita e leitura, no qual pessoas conseguem ler, mas não necessariamente escrever em alemão. E no caso, a explicação tradicional é de que a Nacionalização cortou esta formalidade da língua, ao não permitir mais a alfabetização em alemão, situação que ocorreria desde o Estado Novo[1].

Percebemos isto nas entrevistas. Sissi[2], uma senhora nascida em Blumenau e que viveu boa parte de sua vida na região das Itoupavas, conta que "nunca falei o português de criança", pois meus "pais não falavam, só falavam o alemão", e o aprendizado do português ocorreu mais tarde, na escola, "eu não tenho certeza, mas eu acho que eu já ia fazer os 8 anos quando eu entrei na escola" (Entrevista 26/07/2018). Versão semelhante é contada por Helga, antiga colega de escola de Sissi e uma benzedeira de mão cheia, que me explicou que seu aprendizado do alemão ocorreu "com meus pais e avós" pois "ninguém [...] falava português" (Entrevista 26/07/2018). Roberto, um pastor aposentado pela Igreja Evangélica Luterana do

1 Vale adicionar que, quando lecionei na rede municipal de Blumenau em 2013, alguns poucos alunos compreendiam perguntas básicas feitas em alemão, apesar de na maioria das vezes responderem por gestos ou em português, seja por falta de domínio do idioma ou por vergonha. O mesmo não ocorria quando eu indagava sobre a leitura e escrita em alemão, neste caso o desconhecimento de leitura e escrita da língua alemã eram o padrão.

2 Todos os entrevistados estão representados sob pseudônimos escolhidos pelos próprios.

Brasil (IECLB) conta que nasceu numa família que falava só em língua alemã, “haja visto que a minha própria mãe aprendeu a falar português depois com os filhos”, no que ele complementa dizendo que seus “pais ainda foram alfabetizados na língua alemã” (Entrevista 16/05/2018). Todos os três entrevistados aprenderam o português apenas na escola, sendo o alemão sua primeira língua pois era o idioma praticado por seus familiares. Sissi conta que quando foi para a escola, não sabia nem “como era o *Bleistift* em português, que é o lápis” (Entrevista 26/07/2018). Quando perguntei para Helga como aprendeu o português, ela respondeu que foi “na escola”, e em seguida pontuou que “foi difícil”, e posteriormente “até [para] meus filhos foi difícil” (Entrevista 26/07/2018). Roberto contou que “nessa época, por exemplo, na própria escola era proibido falar em alemão”, e “se alguém falasse uma palavra em alemão, levava castigo” (Entrevista 16/05/2018). Isto nos demonstra como havia ainda depois da Nacionalização e da guerra um esforço pela adoção do português. Sendo o efeito produzido, não o abandono do alemão, mas sua continuidade na oralidade, tornando a alfabetização algo restrito à língua portuguesa, impedindo a língua alemã de recuperar seu espaço formal – da leitura, da escrita, do aprendizado da gramática – e da fala em público.

Porém, verificando arquivos, a continuidade da leitura e escrita em alemão foi mantida mesmo após a Nacionalização. Proibir a alfabetização em alemão, não produziu um esquecimento imediato da língua. Talvez, o mais significativo, houve um esforço pela manutenção da formalidade da língua mesmo após a Nacionalização e a Segunda Guerra. A suspeita é de que algo além da Nacionalização serviu para suprimir seu uso público, e por isso a explicação para o declínio do uso do alemão em Blumenau iniciaria com a Campanha de Nacionalização e se concluiria num momento posterior durante a década de 1960, momento em que estas fontes indicadoras de um espaço público mais formal do idioma começam a escassear. Cabe-nos observar este movimento, esta trajetória da língua alemã enquanto língua materna no período pós-Nacionalização. Apesar de esforços pela alfabetização existirem mesmo depois da Campanha Nacionalizadora do Estado Novo, sua persistência atual está restrita à oralidade e muito restrita ao espaço privado em detrimento do público. É necessário compreender melhor este movimento de transformação de um elemento tão importante para a construção e compreensão de uma identidade. Por isso é necessário realizar uma pequena história da língua alemã após a Campanha de Nacionalização.

2.2 *Die Deutsche Spalte* – A Coluna Alemã

A primeira *Deutsche Spalte* foi publicada em 8 de maio de 1953. Porém, a discussão em torno de sua publicação iniciou alguns anos antes. Foi verificando o jornal *A Nação* no ano de 1947, que encontrei um debate nas páginas do periódico. Sob o título de "Página Alemã" o jornal coloca que dentro de alguns dias e "objetivando uma ação cultural mais ampla e indo de encontro aos anseios da coletividade blumenauense e do Vale do Itajaí", o jornal "iniciará a publicação de uma página no idioma alemão". Seus assuntos seriam variados e voltados para "às laboriosas zonas agrícola, pastoril e industrial deste Município e do Vale", apesar de um foco maior nos colonos[3], que estariam afastados do debate público por não existirem jornais que atendessem aos seus interesses. "O colono", coloca o jornal, "necessita de ler e a nossa obrigação é trazê-lo, pelo jornal, ao nosso convívio, à nossa campanha de brasilidade", o que é finalizado no parágrafo seguinte com o apelo de que "esperamos que a iniciativa deste jornal seja bem compreendida pelos patriotas sinceros" (A NAÇÃO, 06 de fevereiro de 1947, p.08).

No dia seguinte, o jornal volta a publicar uma nota de esclarecimento sobre o assunto tratado anteriormente. Novamente sob o título de "Página Alemã" é esclarecido que haviam sido mal interpretados e que, os membros do jornal não se dirigiram às "autoridades constituídas, ao exmo. sr. dr. Oscar Leitão, integro juiz de direito da comarca", muito menos "ao exmo. sr. Irapuan Xavier Leal", então comandante do quartel de Blumenau, "nem à sua oficialidade, os quais sabemos contrários a nossa iniciativa", apesar de todos serem "dignos da nossa admiração pelo que têm feito em prol da nacionalização deste Vale", também não se referiam ao "exmo. sr. dr. José Ribeiro de Carvalho, […] promotor público, a quem, em breve teremos de recorrer", nem ao Delegado Regional de Polícia ou ao prefeito Germano Beduschi[4] e "nem aos patriotas inteligentes e cultos e sinceros, que, felizmente, estão nos entendendo". Ao final a nota explica que se direcionava "apenas a alguns indivíduos que, há dias passados, vinham provocando pessoalmente os membros da atual diretoria" (A NAÇÃO, 07 de fevereiro de 1947, p.01). A discussão se prolonga, e pela terceira vez o título "Página Alemã" esclarece que, "a nossa Página Alemã sairá", pois sua existência está de acordo com a

3 O termo "colono" na região Sul é normalmente utilizado como referência aos habitantes das zonas rurais, que geralmente mantém características étnicas ligadas a sua origem imigrante. É comum falar "colono alemão/italiano/ucraniano/polonês" e etc, para se referir aos descendentes destas levas migratórias que habitam o interior e tiram seu sustento do meio rural.

4 Germano Beduschi era o prefeito da cidade de Blumenau em 1947, porém não foi eleito pelo voto popular, sendo um rescaldo do Estado Novo.

Constituição, “caso contrário, não a faríamos nunca”. Reafirmam seu objetivo, que é antes de mais nada, “trazer o colono, desconhecedor do português, ao nosso convívio, a nossa nacionalidade”, e com isto “faremos, em alemão, uma verdadeira campanha nacionalizadora, pregando ao colono o estudo do vernáculo, o amor a terra e a história brasileiras”. No que o jornal se pergunta, “quem se oporá a isso?”. E, de pronto responde: “somente os energúmenos e os incapazes, os tolos e os imbecis, os arbitrários e os arrelientos, enfim, todos os patrioteiros de cafés que não enxergam um milímetro adiante dos narizes” (A NAÇÃO, 08 de fevereiro de 1947, p.01).

Segundo tudo indica, a publicização de uma Página alemã foi mal recebida pelas autoridades instaladas na cidade, em especial as do campo jurídico e militar. Sabemos que o 32ª Batalhão de Caçadores foi instalado em Blumenau no ano de 1939, para garantir a aplicação da Campanha de Nacionalização. Para garantir sua eficácia, os soldados instalados nestes novos quarteis eram originários de regiões distantes, sendo “a estratégia utilizada” a de “deslocar homens estranhos ou elementos heterogêneos ao meio, vindos do Norte e do Nordeste do país, já que os homens do sul eram considerados pouco confiáveis politicamente para a visão militar da época” (FÁVERI, 2004, p.69). Além da exemplaridade do que seriam brasileiros natos e *verdadeiros*, se evitava qualquer vínculo afetivo prévio, questão que favoreceria um menor rigor no cumprimento das violentas tarefas de perseguir pessoas cujo único crime seria não falar o português.

Quanto ao promotor público José Ribeiro de Carvalho, sua postura pessoal é ilustrada em outra nota do jornal sobre o assunto. Sob o título “Nada de ondas”, o periódico coloca que o referido promotor foi até a sede do *A Nação* para esclarecer a referência a sua pessoa na coluna anterior, o que segundo é posto, foi entendido pelo promotor como um ataque a sua pessoa. Conforme coloca o jornal, “sabemô-lo contra nós”, e continuam, “disse-nos S. S. que, ontem, hoje e sempre; esteve, está e estará contra a publicação de uma página alemã neste jornal” (A NAÇÃO, 11 de fevereiro de 1947, p.01). A situação se mostrou sensível. E, como podemos compreender por uma publicação do jornal em sua última página, o *A Nação* destaca em letras garrafais: “estamos com a lei que, neste instante garante a nossa integridade física e o patrimônio deste jornal”, afinal em 1946 tivemos a promulgação de uma nova constituição, a mais liberal até aquele momento. Em seguida esclarecem que “não requeremos, por enquanto, o mandato de segurança, mas, preventivamente comunicamos ao Exmo. Sr. Ten. Cel. Comt. do 32ª B.C., Irapuan Xavier Leal, o teor do telegrama que

dirigimos a Secretaria de Segurança do Estado", no qual pediam a garantia de segurança e integridade do jornal e seus funcionários (A NAÇÃO, 12 de fevereiro de 1947, p.08).

Podemos nos perguntar aqui, como o anúncio de uma página alemã causou tantos atritos? E conforme tudo indica, acabou tornando a publicação de uma Página Alemã anunciada em 1947, possível apenas aproximadamente 6 anos depois, em 1953? O que levou a insistência da redação do jornal nesta empreitada, e dos oficiais do exército e do promotor público em impedirem sua publicação?

Conforme é apontado por Giralda Seyferth (1981) e Meri Frotscher (2003), é em torno da língua que a identidade alemã teve seu desenvolvimento no período anterior à Nacionalização, trata-se do *Deutschtum*. A situação encontrada no Brasil estava em diálogo com os movimentos políticos europeus. O quadro é complexo. O Grande marco da imigração alemã para o Brasil está na fundação da colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 25 de julho de 1824. Apesar de tentativas anteriores, é a partir de 1824 que se construiu uma narrativa acerca da colonização alemã. A imigração de alemães para o Brasil toma maior vulto a partir de 1850, ano da fundação de Blumenau. Os períodos de maior intensidade na vinda de alemães são, até o final do Século XIX e após a Primeira Guerra. Ocorre que a Alemanha foi um dos últimos países europeus a se unificar, e esse é um dado importante para compreender a questão identitária que atravessa a germanidade – ou *Deutschtum*. O termo *Deutschtum* tão importante para compreender as discussões em torno da germanidade, era muito utilizado até a primeira metade do século XX, e busca definir a identidade alemã muito mais através de práticas culturais (com especial destaque para o uso da língua alemã), do que pelo território político habitado. Conforme é observado por Seyferth, *Heimat* (pátria) tem seu radical em *Heim* (lar), "supondo que a pátria é aquele lugar onde alguém vive" (2007, p.79). Permitindo alguém fora da Alemanha se entender como alemão, a partir das definições possibilitadas pelo entendimento do *Deutschtum*. Uma frase comum para indicar este vinculo identitário está na frase *a Alemanha é onde se fala o alemão*, que circulava em material germanófilo do começo do século XX. Cabe colocar ainda, que "dentro dessa concepção, uma pátria alemã pode ser territorializada através do pertencimento nacional "etnizado", coisa que supõe um Estado pluralista" (SEYFERTH, 2007, p.79), tornando perfeitamente aceitável a hifenização desta identidade, que não seria nem somente teuta e nem somente brasileira, mas teuto-brasileira[5].

5 Como o termo *Deutschtum* tem sua definição central em torno do ato de falar alemão, ele me parece mais apropriado para analisar esta questão identitária até a Nacionalização, enquanto germanidade me parece melhor para o momento posterior.

Com uma composição fraturada em principados e reinos, a Alemanha só se unificou em 1871 após sangrento processo encabeçado pela figura de Otto von Bismarck (PALMER, 1982). Anterior a este período é complicado falar em Alemanha, o que temos são uma série de territórios e populações onde o alemão era uma língua de cada vez maior prestígio, mais ou menos inteligível entre suas múltiplas variações. O processo de padronização da língua alemã veio da necessidade prática da comunicação. O que historicamente colaborou muito neste processo é o desenvolvimento do próprio Romantismo Alemão. A comunicação entre os mais diferentes românticos, que muitas vezes ocorria por cartas, mais a sua valorização do particular e de resistência à hegemonia francesa, deram prestígio para a língua alemã, até então uma língua considerada de segundo escalão (CASEMIR; FISCHER, 2013). Ela foi adotada por estes românticos das camadas médias como um elemento constituidor de sua identidade, marcando uma oposição aos aristocratas alemães e sua predileção pelo francês em detrimento do alemão. Esta distinção produziu os termos *Civilité* e *Kultur*, conforme já explicou Norbert Elias (2011).

Também foi importante, a mobilização dos estados alemães durante as Guerras Napoleônicas (1808-1815), acontecimento utilizado para reforçar algum despertar do nacionalismo alemão. Desta forma, povos tão díspares, com tradições e costumes tão particulares, encontraram na língua um elo comum para justificar sua constituição enquanto nação (HERRMANN, 2015). Ainda que a padronização do alemão só ocorra no final do Século XIX, e mais reservada ao uso literário do que a pronúncia (CHAMBER; WILKIE, 2014, p.56), é a língua alemã que será o grande elemento unificador daqueles povos localizados em diversos reinos e principados da Europa Central. Com os alpes ao sul e do Reno a oeste, no leste não havia fronteira clara, e por isso recorrer às chamadas fronteiras naturais seria um elemento frágil para a sustentação do nacionalismo. Além disso, Áustria e Prússia as duas potências germânicas no período da unificação, contavam com fatias expressivas de sua população enquanto não alemãs. Por sua vez, a língua servia melhor como elemento definidor de fronteiras (imaginadas) do que o relevo, e permitiria uma certa tolerância para a concepção de Estados multiétnicos, interessante para os alemães europeus ou emigrados para fora do velho continente, como seria o caso de teutos em Santa Catarina.

Os respingos dessa questão se deram no Brasil do início do Século XX. Como é colocado por Giralda Seyferth (1999), o principal elo de constituição identitária destes imigrantes e descendentes estava na língua. Por isso, era possível a eles se identificarem

enquanto teuto-brasileiros, dado sua manutenção do *Deutschtum* através da *Kultur* em conjunto com a cidadania brasileira e sua fidelidade ao Estado do Brasil. O *Deutschtum* foi objeto de intenso debate na imprensa brasileira de língua alemã. Debate que aponta com destaque para a cidade de Blumenau e sua *intelligentsia* germanófila. Vale ressaltar que seus periódicos circulavam para outras localidades, garantindo certa importância para a cidade. Um destes periódicos era o *Der Urwaldsbote* (O Mensageiro das selvas/da floresta), um ferrenho defensor do *Deutschbrasilianertum* (teuto-brasilidade), e que na década de 1930 "era o jornal de maior tiragem publicado em Santa Catarina [...], daí a sua importância no cenário da imprensa estadual" (FROTSCHER, 2007, p.81). Também, havia um intercâmbio muito intenso de material literário entre os núcleos de imigração alemães, que produziam seu próprio material na forma de jornais, almanaques, apostilas para as escolas e alguns livros que circulavam junto com material semelhante produzido na Europa. É através destes jornais, não raro em tipografia gótica, que boa parte deste debate sobre o *Deutschtum* ocorreu no Sul do Brasil.

Desta forma, a língua alemã teve um papel importante na manutenção do *Deutschtum*, e seria um certo ponto pacífico entre as várias vertentes políticas existentes em torno desta questão. Por isso, podemos perceber a insistência do jornal em defender sua Página Alemã, e do exército e promotoria em impedir que isto aconteça. Estamos falando de 1947, e a Campanha de Nacionalização se estendeu até 1946 (a Segunda Guerra acabou em 1945). Apesar de a Nacionalização não estar relacionada à participação do Brasil na Guerra, como é comum muitas pessoas acreditarem, não se nega sua associação. Por exemplo, com a declaração de guerra ao eixo em 1942, a perseguição e proibição das línguas estrangeiras ganham mais intensidade. Mas o processo de proibição vinha ocorrendo desde 1938, após a inauguração do Estado Novo em 1937. Porém, indícios de perseguição ao exercício da língua alemã estavam sendo ensaiados desde 1930, e houve um período de repressão ao uso do alemão durante a Primeira Guerra, que foi suspenso após o armistício.

Após a Segunda Guerra e a lei de Nacionalização, mais especificadamente entre as décadas de 1950 e 1960, Blumenau passará por dois movimentos identitários: 1) na dissociação da cidade com a germanidade através de odes à sua indústria e progresso, de forma que "não mais se expressava em público (nem seria conveniente) orgulho de ser alemão ou descendente, mas orgulho em relação ao progresso do município" (FROTSCHER, 2007, p.221), e 2) no entendimento dos EUA e não da Europa, e muito menos da Alemanha

derrotada e destruída, como fonte da modernidade, buscando uma associação maior com os EUA e, principalmente, seus produtos (CARESIA, 2000). Podemos entender nestes dois itens que, um abandono da germanidade à qual a cidade estava associada era uma medida estratégica por parte das elites políticas e econômicas. O que percebemos nestes entraves postos em pequenos espaços do jornal diário *A Nação*, é que este movimento não ocorreu de forma tão rápida e homogênea assim. Sendo de partida, muito claro que não se trata de um processo de esquecimento da germanidade para seu posterior *resgate* a partir da década de 1970, movimento em muito impulsionado pelo turismo, pela consolidação da Alemanha Ocidental enquanto país desenvolvido e de Ernesto Geisel na presidência. Se pensarmos que a língua alemã estava proibida desde 1938, com indícios de perseguição até mesmo antes desta data, a defesa pública de seu uso quase dez anos depois em 1947 é uma persistência notável. E causou dissabores.

Este trauma em torno da Nacionalização e sua proibição da língua alemã nas regiões em que era praticado organicamente, gerou fraturas que colocaram esta população de identificação germânica em desconfortável posição. Conforme apontou René Gertz, apesar de estudos sólidos sobre o período da Nacionalização, “estudos sobre o período posterior estão aparecendo apenas num passado mais recente” (2013, p.01). Este desconforto diante de uma situação que se sente mal resolvida aparece na pesquisa de Anne Peixer Neves, que analisando a história da atual Escola João Widemann em Blumenau, percebe como a escolha de seu nome atual foi uma clara referência ao professor alemão que ali lecionava até o período da Nacionalização, professor que resistia ao abandono completo do alemão e que se manteve inserido naquela comunidade mesmo após seu desligamento da atividade docente. No sentido de que “a lembrança do professor Widemann foi evocada e associada a justiça que está sendo feita em seu nome”, quando assim foi nomeada a escola após sua reforma como grupo escolar em 1957. Conforme coloca A. Peixer Neves, “o que a análise dos documentos permitiu compreender é que essa justiça tem muitos indícios de estar direcionada ao sentido de reparação, em relação aos momentos de tensão que ele vivenciou como um alemão nato inserido em uma escola pública no período da campanha de nacionalização” (NEVES, 2019, p.154), demonstrando ainda a latência desta tensão em torno do exercício da língua alemã, mesmo findada a guerra ou o Estado Novo.

Não foram encontradas nas edições seguintes maiores considerações a respeito desta Página Alemã, até ela aparecer como *Deutsche Spalte* em 1953. Apesar de a coluna ter

seu anúncio em 1947 como voltada especialmente para os colonos e no intuito de divulgar questões patrióticas em língua alemã, prevaleceram as notícias da diplomacia internacional, economia (notadamente *commodities*, com forte destaque para o trigo que parece ser a grande promessa agrícola do período, mas discutindo manufaturados e finanças também) e política partidária, especialmente a alemã ocidental. Boa parte das notícias era originária das agências *United Press* (UP) e Meridional. Como em agosto de 1944 o jornal *A Nação* "passa a integrar a rede dos Diários Associados, comandada por Assis Chateubrian" (FERREIRA, 1977, p.114), podemos afirmar que as notícias da *United Press* e da Meridional eram recebidas regularmente na sede do jornal, dado que os Diários Associados compravam notícias da UP e criaram a Meridional como uma alternativa nacional para a empresa estrangeira. Por sua vez, o jornal *A Nação* traduzia e adaptava as notícias para o alemão. Algumas vezes, a mesma notícia aparecia em português, para mais tarde ser publicada em alemão na *Deutsche Spalte*.

Um exemplo disto é a reportagem sobre um motorista que "capotou violentamente o carro depois de atropelar o ciclista", evento no qual um veículo "dirigido pelo motorista Paulo Rosa, capotou violentamente na rua Amazonas [..] depois de atropelar um ciclista que, também transitava pela referida rua" (A NAÇÃO, 06 de julho de 1953, p.06). A notícia apareceu na *Deutsche Spalte* como "schweres autounglueck in der Garcia"[6], destacando o bairro do Garcia em vez da rua Amazonas – a principal via deste bairro. Também ressaltou o alto grau de álcool encontrado no sangue do motorista, "starke Alkoholisierung herausstellte"[7] (A NAÇÃO, 07 de julho de 1953, p.03).

O jornal *A Nação* também publicou inúmeros anúncios de classificados em alemão. Segundo José Ferreira da Silva (1977, p.114), o setor de classificados era responsabilidade de Otto Wille. De acordo com a Revista Blumenau em Cadernos, Otto Wille era originário da Alemanha e veio para o Brasil em 1904. Já estabelecido em Blumenau alguns anos e exercendo várias atividades comerciais e industriais na cidade, foi a partir de 1934 que iniciou a edição do seu *Wille's Kalender*[8] até 1940, adotando também o jornalismo entre as suas atividades. (BLUMENAU EM CADERNOS, Tomo III, nº5, maio 1960, p.93). Assim sendo, podemos supor que suas habilidades com a língua alemã também eram utilizadas na adaptação e tradução da *Deutsche Spalte*. Até porque, entre 26 de julho e 26 de

6 "Forte acidente automobilístico no Garcia".
7 "Alto grau de álcool encontrado".
8 Os *Kalender* eram almanaques (muitos deles anuais) que traziam informações variadas. Eram uma das principais formas de consumo de material de leitura em língua alemã na região Sul. Sua abordagem era a de temas variados, haviam informações sobre plantios, ensaios, opiniões e até a publicação de contos.

agosto de 1958 não teremos nenhum anúncio em alemão ou presença da *Deutsche Spalte*, e com isto podemos deduzir que a pessoa responsável por esta dupla função estava em seus 30 dias de férias, confirmando circunstancialmente a suspeita.



DEUTSCHE SPALTE

KURZE BERICHTE

GEWALTIGER BRAND IM ZENTRUM DER STADT

Gestern am spaeten Nachmittag um ungefaehr 6 Uhr brach in der Oficina und Vulcanização Max Preisig, in der Travessa Porto Alegre ein gewaltiges Feuer aus, welches den groessten Teil saemtlicher Gebaeulichkeiten dieser Firma vernichtete.

Figura 1: Cabeçalho da coluna alemã e suas notícias curtas (Kurze Berichte), neste caso é anunciado um incêndio em um estabelecimento comercial no centro de Blumenau. Há uso de palavras portuguesas junto das palavras em alemão. A Nação, 07 de julho de 1953, p.03.

Também, Otto Wille foi o editor do *Willes Kalender*, que "vai deixar de ser publicado no início dos anos 40, quando ocorrem os anos em que mais forte foi a perseguição a estrangeiros e descendentes em Santa Catarina, por conta da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial", mas que teve sua publicação "retomada na primeira metade dos anos 50, num momento em que se começavam a reabrir instituições culturais, depois do período traumático da nacionalização" (FROTSCHER, 2004, p.100). Morando primeiro em Hansa-Hamônia (atual Ibirama), Otto Wille envolveu-se também com "atividades de colonização, abertura de estradas e construção de serrarias" no Vale do Itajaí, para durante a década de 1920 residir em Curitiba como funcionário da Estrada de Ferro Rio Grande do Sul-São Paulo, e regressar para Blumenau em 1928 "como representante comercial de uma grande firma" (FROTSCHER, 2004, p.110). Ou seja, Otto Wille além de trabalhar para o *A Nação* como responsável pelo setor de anúncios, área que dominava devido a sua extensa carreira como representante, também teria as habilidades para produzir a *Deutsche Spalte* já que produzia no

mesmo período seu *Kalender*. Além disso, era figura tarimbada no circuito cultural teuto-brasileiro graças ao seu *Kalender*, que não só conseguiu ser publicado até 1940, cessando devido à Nacionalização, para retomar sua publicação em 1950 como comemoração do Centenário de Blumenau, e retomando sua publicação periódica em 1952. Além de um bom alemão, Otto Wille teria bons contatos, conhecia bem as regiões mais germânicas do Santa Catarina e Paraná, tinha laços com empreendedores dessas regiões devido a sua atividade profissional, seja vendendo terras, abrindo estradas, procurando locais lucrativos para a extração de madeira ou como representante comercial de alguma firma proeminente destes lugares pelos quais circulava.

Algumas reportagens publicadas na coluna, não traziam a agência de origem da notícia, ou traziam uma referência distinta das tradicionais UP e Meridional, até pelo fato de, neste caso, geralmente se tratarem de notícias locais. Um exemplo está na nota sobre a nova diretoria do Centro Cultural 25 de julho, "neuer vorstand des centro cultural 25 de julho de Blumenau"[9] (A NAÇÃO, 07 de junho de 1958, p.03), ou quando um sujeito de nome Rudolf Ernst escreveu uma extensa coluna sobre os 200 anos do nascimento de Friedrich Schiller (A NAÇÃO, 07 de novembro de 1959, p.06), que foi um evento com direito as devidas comemorações nas dependências do Teatro Carlos Gomes.

Também havia piadas publicadas na *Lustige Ecke*[10] ao final da coluna. Em geral as piadas brincavam com a inocência das crianças e das mulheres (num tom machista) e com o duplo sentido das coisas e os acasos imprevistos da vida. Uma piada que sintetiza boa parte das que eram publicadas é a seguinte:

Der Lehrer: Wann wurde Rom gebaut?	O Professor: Quando Roma foi Construída?
Willy: Des Nachts.	Willy: De noite.
Lehrer: Wie kommst du darauf?	Professor: Como tu chegastes a esta conclusão?
Willy: Sie haben uns doch gesagt,	Willy: Pois o senhor havia dito que Roma
Rom wurde nicht an einem Tage erbaut.	não foi construída em um dia.
(A NAÇÃO, 04 de abril de 1958, p.03)	

Não era incomum também que piadas e receitas culinárias repetissem, e ao final da existência da *Deutsche Spalte*, estas duas sessões da coluna (as receitas e as piadas) estavam ausentes. Dentre as piadas, imaginei que poderia encontrar grande quantidade de conteúdo

9 Nova diretoria do Centro Cultural 25 de julho".
10 "Esquina divertida" ou "esquina da diversão".

racista, porém encontrei apenas uma única piada da *Lustige Ecke* neste sentido:

“Mutti.” Die von Fragen geplagte Mutter fragt seufzend:	“Mãe”. E a mãe aos suspiros pergunta
“Was wildst du denn schon wieder?”	“O que você quer desta vez?”
“Mutti, wenn ein Neger einen Brief an seine Braut schreibt und er weint dabei, gibt es dann Tintenkleckse?”	“Mãe, quando um negro escreve uma carta para a sua noiva e ele chora em cima, ficam manchas de tinta?”

(A NAÇÃO, 13 de janeiro de 1954, p.03)

No geral a coluna alemã é uma espécie de *mini* jornal dentro de *A Nação*, um suplemento em alemão no espaço de uma coluna. Apesar de apresentar piadas, receitas e notícias locais, a grande maioria das notícias eram internacionais, em especial as que envolviam a Guerra Fria e a divisão de Berlim e da Alemanha. Em geral, são notícias quase que restritas ao factual, pois parecem ser os resumos recebidos das agências de jornalismo traduzidos para o alemão. Entretanto, vale observar que o tom anticomunista, do qual Assis Chateaubriand era porta-voz, respingam nas notícias em alemão e em português.

Também havia na *Deutsche Spalte* informações sobre questões legais que exigiam regulamentação frente às autoridades legais, como por exemplo sobre o emplacamento de veículos. Em um alemão muito bem escrito, vale a pena notar sua particularidade nas décadas de 1950 e 1960, quando as palavras de origem portuguesa aparecem na formulação da frase: “Die Inspetoria de Transito Público teilt mit, dass sie am 1. Februar mit der Verteilung von Zulassungsschildern (Emplacamento) fuer kraftfahrzeuge sowie Fahr- und Motorraedern begonnen hat”[11] (A NAÇÃO, 05 de fevereiro de 1954, p.04). Situação semelhante ocorreu quando foi avisado através da *Deutsche Spalte* que o imposto predial teria um aumento de 10% em sua nova fatura (A NAÇÃO, 09 de maio de 1953, p.03).

A coluna em si é bastante monótona, pois basicamente traduz para o alemão pequenos *releases* das agências jornalísticas, quase sempre se restringindo aos fatos do ocorrido. Algo pouco empolgante de se ler quando o assunto é o preço do trigo ou a produção de cimento no Brasil. Podemos compreender que este tipo de publicação se dava pelo mesmo motivo Blumenau tinha grande quantidade de assinaturas do jornal *O Estado de São Paulo*, “sobretudo pelo forte noticiário econômico, de interesse direto da classe empresarial” (PEREIRA, 1992, p.69). O que nos demonstra que a coluna não buscava atingir os colonos da região, como foi justificado antes da existência da *Deutsche Spalte*, mas acaba dialogando

11 “A Inspetoria de Transito Público avisa que, desde 1º de fevereiro está distribuindo chapas de matrícula (emplacamento) para veículos motorizados, como motos e motocicletas.”

com as pessoas de negócios da região (como era o caso de Otto Wille). Que não seriam poucas e seriam as com capacidade financeira para comprar o periódico regularmente. E aqui é importante notar que, se por um lado a imagem do colono, este descendente de imigrantes que reside no interior e tira boa parte de seu sustento do campo, pode ser tanto uma família em dificuldades materiais consideráveis, quanto a do médio proprietário que conseguiu em alguns momentos da *Formação Econômica de Santa Catarina* (GOULARTI FILHO, 2002) acumular algum capital suficiente para uma vida de razoável conforto. Não podemos descartar a experiência de Otto Wille como representante comercial de várias empresas e de sua inserção cultural durante décadas, o que fazia com que soubesse muito bem penetrar por estes rincões teutos existentes nos três estados do Sul do Brasil. Se o termo *colono* nos indica atualmente alguém nas franjas do processo de acumulação capitalista, neste período ele pode indicar também proprietários de casas comerciais, salões de baile, serrarias e outras fontes semelhantes de renda que neste período possibilitavam uma acumulação interessante de capital, mas que se esgotam devido as transformações ocorridas, seja o trigo que nunca alcançou condições favoráveis para o plantio no Brasil, ou as matas que destruídas, não provinham mais a mesma quantidade e qualidade de madeira.

Ao contrário do que se poderia imaginar, devido à discussão inicial em torno desta coluna, discussões e textos mais acalorados com defesas da germanidade como as que o *Der Urwaldsbote* fazia em suas páginas até o começo da Campanha de Nacionalização, estão ausentes. Neste caso, vale lembrar que, o jornal *A Nação* adotou entre maio de 1953 e agosto de 1967 como subtítulo *o mensageiro da floresta*, o que segundo José Ferreira da Silva, seria uma homenagem ao antigo jornal proprietário da rotoplana utilizada por *A Nação*. A decisão seria originária dos Diários Associados, que desejavam com isso “manter a tradição do velho paladino da imprensa blumenauense, de que aqueles haviam adquirido a impressora, e cujo título “Der Urwaldsbote” tinha aquela significação” (FERREIRA, 1977, p.114). E, a partir de 1967, o subtítulo foi alterado para *O mensageiro do vale* (FERREIRA, 1977, p.115). A publicação de uma coluna em alemão e sua homenagem ao antigo e importante jornal podem nos fazer acreditar que este periódico publicaria bastante conteúdo ovacionando o *Deutschtum* e defendendo sua continuidade, afinal, de alguma forma o periódico se importou em manter uma pequena coluna em língua alemã, ponto chave para compreender o *Deutschtum*.

Ocorre que estamos tratando de um período delicado para se pensar o *Deutschtum*.

Não faltavam motivos para seus defensores ficarem calados e buscarem outros subterfúgios. Não só a Alemanha foi derrotada pela segunda vez em uma guerra de proporções até então nunca vistas, como também, o esforço em silenciar os falantes de língua alemã obrigando-os a uma adoção integral do português foi em ritmo mais intenso e violento do que já havia sido até então, bem como não havia sido descontinuado (apesar de *abrandado*) como ocorreu durante a Primeira Guerra. Os contornos na composição da identidade mudaram. A partir da década de 1950, Blumenau (conforme veremos melhor no segundo capítulo) desejava se mostrar uma cidade moderna e integrada ao Brasil, e sendo assim, um exemplo para o país. A germanidade perde espaço para a indústria, a Alemanha perde espaço para a os EUA. O que a existência desta coluna e outros traços da língua alemã no jornal *A Nação* nos auxilia a compreender é: como a memória nos obriga a transformações táticas. Em muito devido a sua ausência de método, como é o caso da História, a memória se mostra mais plástica e por isso pode se transformar mais rapidamente e ignorar certos elementos.

Se a memória nos agrada por sua capacidade de lembrar, e isto nos auxilia em continuar a viver de forma satisfatória, sua capacidade de produzir esquecimento também é bem utilizada e útil, pois esquecimento não seria “uma passividade nem uma perda, mas uma ação contra o passado” (CERTEAU, 2011, p.72). É uma dinâmica que resumidamente é apresentada pelo lembrar-e-esquecer. Porém, talvez o que se ilustra neste caso de passado em processo de reescrita, é mais do que o mero esquecimento. Não esquecemos algo sem criar novas lembranças. O entrelaçamento entre a memória, a história e o esquecimento pode ser melhor traduzido quando entendemos que se trata de memória, história e sobrescrita. Pois, não apagamos lembranças e ficamos com um espaço em branco ou vazio na memória, isto seria uma amnésia. O que de fato ocorre é, criamos uma nova interpretação para o que aconteceu, uma nova visão sobre o passado.

Um exemplo claro disto está no artigo de Alessandro Portelli, *O massacre de Civitella Val di Chiana* (1996), que analisa o massacre nazista realizado no vilarejo de Civitella Val di Chiana, na Itália, no qual ninguém deixou de acreditar no referido massacre, mas se adotou uma nova postura frente ele devido às questões de cada presente. Se no período da guerra, quando as tropas expedicionárias inglesas realizaram o inquérito e os interrogados indicavam uma culpa clara aos alemães, ao longo das décadas, conforme se solidificou a imagem do *partigiano* comunista[12] e a Itália passou por uma avanço de grupos de direita

12 A quantidade de grupos guerrilheiros antifascistas era variada na Itália ao final da guerra, com o fato de comunistas e socialistas comporem a maior parcela dos integrantes destas guerrilhas (daí o termo *partigiano*

reacionária, os alemães têm sua culpa minimizada no massacre, enquanto os *partigianos* são retratados como provocadores inconsequentes, responsabilizando-os pelo massacre que não cometeram. Ou seja, não se esqueceu, mas se sobrescreveu ao dar um novo sentido ao evento com a mudança dos culpados. No caso analisado aqui, a língua alemã e a germanidade não deixaram de povoar mentes na região de Blumenau, o que ocorreu é sua transformação interpretativa. O passado deixa de ser encarrado da mesma forma. Mais do que os esquecimentos, é importante observar o que se colocou no lugar. É esta nova ocupação da memória que permitiu esquecer algo. Este esquecimento na memória histórica, é muito mais fruto de uma sobrescrita do que de uma amnésia. Afinal, trata-se de um processo ativo aos sujeitos envolvidos, e não passivo e fruto de uma externalidade como são os casos de amnésia.

Uma única notícia publicada na *Deutsche Spalte* pode ser considerada como alguma evocação direta a qualquer forma de *Deutschtum*. É uma notícia originária do jornal semanal de caráter nacional publicado em língua alemã no Brasil, o *Brasil Post*. Sob a chamada de "den tag des kolonisten", o dia dos colonizadores, a cidade de Timbó organizaria entre 25 e 27 de julho daquele ano, uma exposição agrícola (*landwirtscharflicher Ausstellung*). Organizada através da "Associação Rural de Timbó und das Escritório Técnico de Agricultura [...] sektor Timbó", industriais e comerciantes "aus Timbó, Rodeio, Indaial, Blumenau, Joinville, Curitiba und ausser" expuseram produtos agrícolas variados, como: ração, fertilizantes, tratores e maquinário. Tudo isto por ocasião oportuna do Dia da Imigração Alemã (*Tage der deutschen Einwanderung*), no que a Sociedade Cultural Timbó e a Sociedade Esportiva União, sediariam uma grande festa popular, "ein grosses volksfest" (A NAÇÃO, 17 de julho de 1958, p.05). Como a publicação original do *Brasil Post* era de 12 de julho de 1958, podemos imaginar que replicar esta notícia foi uma escolha independente da redação do *A Nação*, que deveria ter alguém entre seus membros que lesse regularmente o *Brasil Post*.

Porém, a língua alemã não estava restrita à *Deutsche Spalte*, pois temos outros espaços sendo ocupados pelo idioma alemão nas páginas do *A Nação*.

---

ou *partisan*, de partidários), os movimentos de esquerda italianos se construíram sob a memória de que estes guerrilheiros antifascistas estavam todos ligados a esquerda, diluindo a pluralidade do movimento.

2.3 Uma vida cultural intensa

Blumenau é historicamente uma importante cidade no estado de Santa Catarina. Além de seu considerável parque industrial, chama a atenção a vida cultural da cidade. A terceira maior cidade do estado de Santa Catarina apresenta um importante desenvolvimento cultural, que não necessariamente respeita as proporções de seu porte médio. O Teatro Carlos Gomes talvez seja um exemplo deste aspecto. Com sua origem na *Frohsinnverein* de 1860, vai ser construído em 1939 e, devido a Nacionalização, mudar para o nome atual. É uma fundação privada e que ainda atua na cidade de Blumenau. Confesso que, custei a entender os elogios realizados por não blumenauenses ao Teatro Carlos Gomes. Dei-me conta de sua estrutura quando entrei em contato com outras cidades e observei seus respectivos teatros. Atualmente, o Teatro Carlos Gomes é uma respeitável construção em *art déco*, com um grande auditório com palco giratório e mezanino, um pequeno auditório, dois grandes salões e outros menores, além de escolas de música, teatro e dança. Seu tamanho, por exemplo, é consideravelmente maior que o do Teatro Álvaro de Carvalho, na capital Florianópolis. Não por acaso, o Teatro Carlos Gomes foi utilizado por Getúlio Vargas em sua visita a Blumenau em 1940.

Temos no período pós-guerra uma Blumenau de vida cultural intensa. Algo perceptível através das páginas do *A Nação*[13]. De forma geral, o Teatro Carlos Gomes seria uma espécie de pivô, enquanto outros acontecimentos importantes também aconteciam na cidade, como é o caso dos cinemas existentes nessa época (sendo o Cine Busch e o Cine Blumenau os maiores, pois ainda existiam outros mais modestos). Para termos uma dimensão, em 1959 Blumenau recebeu a Orquestra Sinfônica de Praga, sendo a "primeira cidade do Brasil a receber este grande conjunto orquestral" (A NAÇÃO, 02 de agosto de 1959, p.02).

Conforme uma atenção maior era dada para estes eventos culturais, pude perceber que algumas vezes os anúncios eram em alemão, como foi o caso da apresentação do "zauber der wiener opperette", as Jóias da Ópera de Viena, cujos ingressos se encontravam para venda diariamente a partir das 10 horas no caixa do Teatro Carlos Gomes, "eintrittskarten täglich ab

13 Admito que não tive a mesma impressão quando analisei o Jornal de Santa Catarina durante a década de 1990 para a confecção da minha dissertação. Em resumo, a vida cultural na década de 1990 se via minguada nas páginas do jornal e foi sendo paulatinamente centralizada em torno do *shopping* e também em torno do fenômeno das discotecas. Algo que chama a atenção em uma pessoa nascida na década de 1990, são os constantes anúncios sobre teatros, apresentações musicais e a existência de mais de um cinema na cidade durante as décadas de 1950 e 1960. Na programação dos cinemas, chamou a atenção filmes que não são de Hollywood.

10 Uhr an der Kasse des Teatro Carlos Gomes" (A NAÇÃO, 08 de 1958, p.02). Além da propaganda, havia também uma pequena nota na *Deutsche Spalte* (A NAÇÃO, 08 de 1958, p.03). Blumenau se demonstra uma cidade bem integrada às turnês do Cone Sul. Podemos perceber isto quando a *Deutsche Spalte* avisa que o espetáculo de marionetes de Hohnsteiner vinha de Porto Alegre para Blumenau, a peça seria em língua alemã, "dieses Marionettentheater wird in deutscher Sprache", e apresentaria uma das primeiras versões de Fausto (*Urfaust*), e que o espetáculo tinha alto valor cultural (A NAÇÃO, 20 de setembro de 1958, p.03). Mais tarde, em 1961 as marionetes de Hohnsteiner, fizeram nova apresentação "a pedido" (A NAÇÃO, 09 de abril de 1961, p.04). Ou, quando vemos o anúncio da apresentação do Círculo de Canto do Chile, o "Singkreis-Chile" (A NAÇÃO, 14 de julho de 1959, p.02). Tratava-se de um coral misto, "de 50 figuras", e seus ingressos poderiam ser adquiridos nas Casa Flesch e Willy Sievert S.A., além da bilheteria do teatro (A NAÇÃO, 28 de junho de 1959, p.02), uma parceria da época que se mostrava o padrão para as apresentações no Carlos Gomes (falecido em 1997, o comerciante Willy Sievert era sócio do Centro Cultural 25 de julho e do Teatro Carlos Gomes).

Estas apresentações internacionais, como foi também o caso dos meninos cantores de Viena, os "Wiener Sängerknaben" (A NAÇÃO, 09 de abril de 1961, p.04), ou do Teatro Suíço de Variedades apresentado por Voli Geiler e Walter Morath que prometia "duas horas de gostosas gargalhadas em alemão, português e inglês" (A NAÇÃO, 29 de maio de 1958, p.02), nos demonstram que havia um interesse por parte significativa da população em tomar contato com a língua alemã. Podemos perceber isto também nos anúncios do cinema, no qual títulos como "Sissi, a Imperatriz" aparecem com seu nome original, "Die Junge Kaiserin"[14] (A NAÇÃO, 29 de março de 1961), honra aparentemente reservada exclusivamente aos filmes alemães. Apesar de não conter sua sinopse, prática incomum na apresentação dos filmes em cartaz anunciados no periódico, os filmes alemães geralmente eram apresentados da seguinte forma: "A Ponte da Esperança (Die letzte Brücke) filme alemão" (A NAÇÃO, 22 de julho de 1958, p.02).

A aparição do título original do filme era algo exclusivo aos títulos de língua alemã. Temos nisto, uma certa forma de incentivo na manutenção da língua, pois algumas pessoas tomaram esta iniciativa provavelmente por estarem inseridas neste meio, por serem falantes do idioma. Também, acaba sendo uma prática interessante de se observar, afinal, se os

14 Na tradução: "A jovem imperatriz".

cinemas e teatros insistiram tanto tempo neste quesito é porque havia algum retorno financeiro e de público. Como é observado por Cynthia Machado Campos, Blumenau e Joinville tinham um considerável fluxo de importação de produtos culturais variados como "livros, calendários, filmes, companhias teatrais, grupos musicais, orquestras, material didático para as escolas e professores", e com isto se preenchia "a vida cultural dos habitantes das cidades de Blumenau e Joinville" (2006, p.231). Ainda sobre isto, as projeções de filme nos cinemas também faziam parte deste fluxo (CAMPOS, 2006, p.259). Através destes dados, podemos perceber que houve um esforço em continuar com este mercado cultural de língua alemã após a Nacionalização. É isto que as propagandas e programas arquivados nos permitem perceber, que houve um esforço pela retomada da língua alemã como elemento público do cotidiano. E podemos perceber o impacto que estas ações produziram, quando o pseudônimo escolhido por uma das pessoas entrevistadas foi o de Sissi, devido à série de filmes sobre a Imperatriz Isabel, conhecida coloquialmente como Sissi, dirigidos pelo austríaco Ernst Marischka.

Dentre os espetáculos apresentados no Teatro Carlos Gomes, chama a atenção a quantidade de folhetos envolvendo as mais diversas apresentações do *Die Deutschen Kammerspiele*. O grupo foi formado em Santiago do Chile em 1949 por Reinhold Olszewski e Sylva Denzler. Ambos já possuíam experiência com teatro na Europa, e vieram para a América Latina em busca de oportunidades ante uma Alemanha destroçada pela guerra. Apesar de não estar nos planos do casal quando se mudaram, fundaram a *Deutschen Kammerspiele*, grupo que atuou até 1972 (LANGE, 2006). De acordo com os folhetos encontrados no Arquivo Histórico de Blumenau, a *Deutschen Kammerspiele* fez apresentações na cidade de Blumenau periodicamente. Apesar de nem todos os documentos possuírem o ano, é possível afirmar que houve apresentações nos anos de 1962, 1963, 1965, 1967, 1969 e 1971. Era lugar comum nos programas um pequeno texto de boas-vindas intitulado *Zum Willkommen* (sejam Bem-vindos) escrito por alguém identificado apenas como HWT. No programa de 1971 o texto demonstra a satisfação que era receber o grupo na cidade de Blumenau, colocando que a vinda do *Deutschen Kammerspiele* é o acontecimento cultural do ano entre os falantes de alemão do Vale do Itajaí, "für den deutschsprachenden Teil der Bevölkerung des Itajaí-Tales das jährliche kulturelle Ereignis darstellen" (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, 9.11.2.4.1).



Figura 2: Propaganda Der Deutsche Kammerspiele a propósito de sua turnê internacional de 1969. Nota-se que apesar do idioma alemão predominar, há uma breve tradução para o português. AHJFS 9.11.2.4

O interessante no *Deutschen Kammerspiele* é que o grupo cobria uma ampla gama de países americanos, e ao que tudo indica era bem organizado e com apoio financeiro o suficiente para pagar as viagens em ônibus e até mesmo de avião. No programa de 1965

temos as cidades da turnê daquele ano, e podemos ter uma ideia desta abrangência e fama do grupo. A ordem em que as cidades são listadas é a seguinte: Buenos Aires, Montevidéu, Porto Alegre, Blumenau, Rio de Janeiro, São Paulo, Asuncíon, Santiago de Chile, Viña Del Mar, Temuco, Osorno, Puerto Montt, Valdivia, Concepcíon, La Paz, Lima, Guayaquil, Quito, Bogotá, Cali, Caracas, San José de Costa Rica, San Salvador, Guatemala City, México-City, San Francisco e Los Angeles (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, 9.11.2.4.1). Salvo algumas exceções, todo o texto escrito nos programas da *Deutschen Kammerspiele* está em alemão, inclusive as muitas propagandas que em sua maioria são de estabelecimentos e indústrias da região de Blumenau, demonstrando um forte engajamento local. Hemmer, Foto Dietz, Relojoaria Schwabe, Rodolpho Kander Camisas, Chocolates Sander, Turismo Holzmann, Hering, Grande Hotel, Sul Fabril, Companhia Comercial Schrader, Confeitaria Socher, Casa Flesh e Casa Meyer, pelo comércio local, mas empresas como a Varig e Renner, de escopo nacional, também aparecem.

As apresentações de grupos locais também eram anunciadas. Em 05 de março de 1961, o *A Nação* anunciou que o "Grupo de Amadores Teatrais de Ibirama apresentará a comédia em 3 atos, em língua alemã, Sturm im Masskrug (Tempestade no caneco)" (p.04). Dentre estas peças de grupos brasileiros em língua alemã, temos uma quantidade expressiva de grupos amadores locais, e destes, certamente se destaca o Grupo Teatral Independente de Curitiba, que fez uma série de apresentações e alcançou significativo destaque.

O Grupo era chefiado pelo imigrante alemão Willi Polewka, e tinha bastante prestígio e exposição nas páginas do periódico. Tanto que na *Deutsche Spalte* houve uma coluna inteira dedicada ao Grupo e Polewka, que logo apresentariam sua peça de grande sucesso *Jedermann* (A NAÇÃO, 11 de setembro de 1959, p.06). Wilhelm Herrmann Polewka, o Willi Polewka, era nascido em Breslau no ano de 1902. Ele imigrou para o Brasil entre 1923-1924 e já possuía uma carreira como ator na Alemanha (SILVEIRA, 2012, p.49-50). O Grupo Teatral Independente atuou entre 1948 e 1967, e seus espetáculos foram anunciados repetidas vezes nas páginas do *A Nação*, bem como foi encontrado considerável material sobre o Grupo no Arquivo Histórico de Blumenau quando foi verificado o acervo sobre o Teatro Carlos Gomes entre as décadas de 1950 e 1960. É notável como a sua peça *Jedermann* teve propagandas no jornal, bem como um programa completo, contendo fotos de integrantes do grupo. Em alguns programas do *Deutschen Kammerspiele* temos algum aviso de que logo haveria apresentações do Grupo Teatral Independente (AHJFS, Fundo Memória da Cidade,

9.11.2.4.1).



Figura 3: Propaganda das jóias da ópera de Viena, completamente em alemão. Publicado no jornal A Nação em 08 de junho de 1958, p.02.

É num programa da peça *Jedermann* que temos em destaque que a peça era encenada internacionalmente apenas em alemão, pois não havia como traduzir seu sentido para outra língua, “Jedermann wird auf den internationalen Bühnen nur in deutscher Sprace aufgefuerht, da das Werk noch nicht in eine fremde Sprache übersezt worden int” (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, 9.11.2.4.1). O que nos demonstra uma veiculação da importância da

língua alemã, que deveria ser mantida. Apesar de ser uma observação discreta, temos uma valoração da língua alemã e seu uso, afinal, algumas coisas só podem ser entendidas na sua língua de origem. De certa forma, há o reconhecimento da manutenção de um entendimento de mundo em torno da língua alemã. Percebemos a permanência deste elemento nestas miudezas, ainda que evidentemente com o passar dos anos e a manutenção da impossibilidade de reabertura de escolas alemãs, foram dificultando e rareando cada vez mais o uso público da língua alemã em Blumenau.

Este teatro de língua alemã no pós-guerra foi algo como um fenômeno do Cone Sul, e apesar do mais duradouro e com mais recursos *Die Deutsche Kammerspiele* no Chile, temos uma série de grupos locais brasileiros que têm em comum o seu caráter amador com a presença de recém imigrados. É importante notar que este amadorismo não está necessariamente em sua forma de fazer pouco engajada ou sem esmero, mas sim pela questão financeira, já que estes grupos eram compostos por pessoas com outras ocupações como principal meio de sustento. Apesar disto, “vários dos atores do Grupo Teatral Independente tinham formação profissional em teatro ou em música na Alemanha” (SILVEIRA, 2012, p.53). Como era o caso de Willi Polewka e Reinhold Olszewski, dois nomes destacados dentro deste circuito, que apesar de sua carreira teatral anterior à imigração, adotam outros ofícios após imigrarem, sendo o teatro uma atividade secundária – no sentido de não lhes garantir o sustento.

Fernanda Baukaut Silveira (2012), que teve um acesso privilegiado ao espólio de Willi Polewka, pontua as dificuldades financeiras do Grupo Teatral Independente. Isto nos indica que o principal motivador estava no ato de realizar a peça. É interessante perceber, conforme é apontado por Nicola Lange, como este teatro é realizado por alemães imigrados devido à Segunda Guerra, e a língua alemã era um elemento importante para estes sujeitos inseridos em uma cultura estranha (LANGE, 2006, p.23). Suas peças encontravam recepção tanto entre a comunidade emigrada recentemente (que em grande parte regressou conforme houve o avanço das ditaduras na América) e as populações de origem alemã, que podiam ter acesso às peças de teatro realizadas em sua língua mãe. E, observando as propagandas do período, apesar da existência de grupos menores, os liderados por imigrantes (como é caso do Grupo Teatral Independente e *Der Deutsche Kammerspiele*) obtiveram maior destaque.

Ciente dos anúncios teatrais em alemão, perguntei a Sissi se ela chegou a assistir teatro em alemão, o que me foi dito que “sim”, e continuou afirmando que “no nosso tempo

eles faziam assim", o que animadamente é recordado como "tinha peças de teatro, pra nós rir", e de fato a maior parte absoluta das peças eram anunciadas como comédia (*schwank*). Em seguida Sissi explica como eram realizadas estas peças, principalmente por "senhoras e também os maridos participavam", e como "era interessante assim, pela igreja eles faziam" (Entrevista 26/07/2018), demonstrando a predominância amadora deste teatro em língua alemã após a Campanha de Nacionalização.

O que fica perceptível em toda esta análise do uso da língua alemã após a Nacionalização, é seu desaparecimento, ainda que insistências em sua manutenção ocorram. Paulatinamente a *Deutsche Spalte* diminuiu sua frequência, perdeu sua organização em coluna para ocupar os espaços que sobraram, e após fevereiro de 1962 a *Deutsche Spalte* abandona as páginas de *A Nação* sem dar nenhuma espécie de aviso prévio ou satisfação (sabemos pelo Índice Onomástico do Arquivo de Blumenau, que em 1967 Otto Wille faleceu vítima de câncer, indicando que talvez a publicação da *Deutsche Spalte* é abandonada devido à idade avançada e à doença). Não há mais a *Deutsche Spalte*, classificados ou propagandas em alemão depois de 1962, apesar de sabermos que o exercício da língua não deixou de ocorrer. O que minguou foi sua formalidade, de ter um espaço em um jornal diário, de ter direito à execução de peças e de garantir alguns filmes alemães no circuito de cinema local. Estes elementos mais públicos da língua alemã foram perdendo espaço, apesar dos esforços por sua manutenção.

Percebendo isto na análise das fontes, fiquei em dúvida de como afirmar esta diminuição do alemão no espaço público. Principalmente pela impossibilidade de traçar dados concretos sobre a frequência das salas de cinema e teatro, ou de quantas pessoas que liam o jornal *A Nação* acompanhavam a coluna alemã. Não havia dados sobre isto no Arquivo de Blumenau, e provavelmente não exista em nenhum arquivo público. É aqui que podemos perceber o esforço coletivo do trabalho acadêmico, mesmo que a escrita seja individual. Devido ao acesso privilegiado de Fernanda B. Silveira ao espólio de Willi Polewka, a pesquisadora teve contato com os relatórios produzidos pelo grupo que documentou a frequência de espectadores às suas peças. Nestes relatórios, é possível perceber que conforme a década de 1960 avançava, a plateia do Grupo Teatral Independente diminuía (SILVEIRA, 2012, p.59). Neste período o Teatro Carlos Gomes não possuía o seu pequeno auditório (construído em 1968[15]), e a dificuldade para encher um grande auditório com capacidade para

15 Conforme informado no sítio eletrônico do Teatro Carlos Gomes: http://www.teatrocarlosgomes.com.br/o-teatro/ampliacoes-e-reformas

784 espectadores fez parte dos desafios enfrentados pelo Grupo. O que podemos imaginar que não se restringia ao Grupo Teatral Independente, dado que o uso da língua alemã em geral diminui sua frequência nas páginas de *A Nação*. Também se percebe uma diminuição considerável de peças de teatro ou filmes em alemão sendo anunciados nas páginas do periódico ao longo da década de 1960. Cada vez mais, este tipo de atividade se restringia ao esporádico ou a círculos muito específicos, como os produzidos pelos Centros Culturais 25 de julho até hoje.

Além da diminuição de público, outra dificuldade é que a partir da instauração da Ditadura Militar no Brasil em 1964 temos a censura, que foi endurecida em 1967, sendo este um fato "marcante para o Grupo Teatral Independente, influenciando negativamente seu trabalho, já que, além de todos os procedimentos comuns aos outros grupos brasileiros de teatro, suas peças deveriam ser traduzidas para o idioma português, para serem submetidas à liberação" (SILVEIRA, 2012, p.23). Também é relatado no trabalho de Fernanda B. Silveira (2012) e Nicola Lange (2006), que os integrantes destes grupos reclamavam da dificuldade em montar peças mais complexas, que não fossem comédias e mais alinhadas ao teatro contemporâneo, pois não geravam interesse do público. Em muito, isto parecia se dar com o domínio mais coloquial do alemão que estas populações de descendentes de imigrantes tinham, já que não tinham uma educação básica em suas escolas alemãs, como também estas estavam fechadas desde a Nacionalização e o domínio do alemão passa a ser delimitado pela oralidade das conversas mais íntimas. Conforme Roberto relatou sobre seu contato com a Alemanha, a leitura em alemão ou até mesmo ao assistir a *Deutsche Welle*, do vocabulário "também não entende tudo por causa que é um linguajar que a gente não está no dia-a-dia, que o palavreado, o *wortschatz* [vocabulário]" para termos mais específicos e menos cotidianos escapam um pouco, porém ele complementa deixando claro que "tão logo a gente vai pra Alemanha, passa uns dias lá, muita coisa a gente sintoniza melhor" (Entrevista 16/05/2018).

Mesmo que a língua alemã tenha desaparecido de um espaço mais formal, que era a sua versão escrita em um jornal diário da cidade ou aprendida sua escrita e gramática nas escolas, sabemos que seu uso continuou, dado que ainda hoje (apesar de cada vez mais difícil de encontrar) pessoas dominam o idioma alemão como primeira língua. Ou seja, o uso do alemão se mantém na esfera mais íntima e privada. Uma das formas de olharmos para isto será através dos classificados, anúncios, e jornais de casamento.

2.4 Anúncios e classificados

Analisando superficialmente a existência da *Deutsche Spalte*, ela pode parecer muito mais fruto de uma iniciativa pessoal da edição do *A Nação*, do que de fato algo que produzisse ressonância na população do Vale do Itajaí. Porém, em entrevistas realizadas com pessoas cuja primeira língua é o alemão, foi comum citar a assinatura do jornal *Brasil Post* no momento de perguntar sobre as práticas de leitura existentes em sua família. Mesmo que estas pessoas nascidas durante a Campanha de Nacionalização não tivessem tido uma alfabetização do alemão, sua língua materna, a existência do *Brasil Post* nos indica que continuava a circular material literário em língua alemã. Ou seja, seu uso não ficou restrito à oralidade e a *Deutsche Spalte* não seria mera insistência birrenta do jornal *A Nação*.

Em entrevistas, podemos perceber como o *Brasil Post* tinha certa capilaridade, já que pessoas realizavam sua assinatura e acabavam passando para outros lerem. Como é posto pelo entrevistado Roberto[16], "o jornal que era o Brasil Post, vinha de São Paulo e que meu avô tinha a assinatura, ele lia e passava para a minha mãe" (Entrevista, 16/05/2018), e então o jornal era lido pela família. Além disto, todos os entrevistados demonstraram conhecimento e contato com o *Brasil Post* em algum momento de sua vida. Sissi teve contato com o *Brasil Post* de forma indireta, explicou que "aquela época lia pouco" e "quem mais lia era a *Oma*"[17], a leitura do jornal acontecia da seguinte forma: "a *Oma* sentava na sala, o *Opa* deitava no sofá e ela lia pra ele as novidades que tinha", e continua explicando que "muitas vezes eu ouvi, que eles falavam, comentavam sobre o que tinha no jornal", e por fim nos demonstra uma vívida lembrança ao afirmar que o *Brasil Post* "era uma vez por semana que vinha" (Entrevista, 26/07/2018). Prática de leitura semelhante é ilustrada por Helga, que quando questionada sobre o *Brasil Post* explicou que "tinha que ler para o sogro", pois "ele não enxergava mais, então tinha que ler pra ele" (Entrevista 26/07/2018). Demonstrando-nos de forma clara como as práticas de leitura não se restringiam à leitura individual e silenciosa. Bem como de uma participação feminina mais ativa nesta prática. Não por acaso, durante o período aqui analisado e especialmente durante as décadas de 1950 e 1960, Gertrud Gross-Hering (1879-1968) continuou publicando seus famosos romances em língua alemã. Contanto que na seção

16 Foi adotada a política de todos os entrevistados ligados ao primeiro capítulo utilizarem pseudônimos.

17 *Oma* e *Opa* são formas carinhosas e íntimas de chamar os avós na língua alemã, algo semelhante ao *Nona* e *Nono* do italiano.

Estante dos "Cadernos" da Revista Blumenau em Cadernos (ver capitulo 2), é citado o livro de Getrud Gross-Hering de 1956 *Und dann kam die Lösung*[18] (BLUMENAU EM CADERNOS, T.IV, nº03, março de 1961, p.46). Segundo levantamento organizado pelo Instituto Martius Staden, a primeira publicação literária de Gross-Hering ocorreu em 1913 e a última (um ensaio) em 1968, sempre em língua alemã[19].

Certamente o *Brasil Post* provocou a memória de forma mais intensa do que os fragmentos em língua alemã encontrados num periódico em que predominava o português. Não só tinha uma abrangência nacional e internacional em sua proposta, como também era editado exclusivamente em língua alemã e com uma durabilidade considerável. Com seu primeiro exemplar editado em 1950, encerrou suas atividades apenas em 2012[20]. Todavia, o que percebemos com isto, é que o hábito de leitura e o consumo de material em alemão ocorreu e é recordado, algo significativo para esta pesquisa. A partir disto, podemos entender que os textos em alemão de *A Nação* não passavam despercebidos.

Foi então que observei mais atentamente os anúncios do jornal, e pude notar uma série de anúncios classificados em alemão publicados em *A Nação*, e mais do que isso, temos propagandas em alemão. Uma destas propagandas em alemão, na página onde ficava a *Deutsche Spalte*, foi a do "Nivea-Creme" (A NAÇÃO, 12 de maio de 1953, p.03). Esta propaganda do Creme da marca Nivea apareceu em língua alemã em algumas ocasiões. Como era comum, a mesma propaganda também ocorria em língua portuguesa. Nada indica que a propaganda em alemão da Nivea tinha algo específico para sua publicação em *A Nação*, como o uso de palavras aportuguesadas ou próprias do alemão praticado em Blumenau, algo que encontramos nas propagandas dos programas teatrais.

Foi então que observei mais atentamente os anúncios do jornal, e pude notar uma série de anúncios classificados em alemão publicados em *A Nação*, e mais do que isso, temos propagandas em alemão. Uma destas propagandas em alemão, na página onde ficava a *Deutsche Spalte*, foi a do "Nivea-Creme" (A NAÇÃO, 12 de maio de 1953, p.03). Esta propaganda do Creme da marca Nivea apareceu em língua alemã em algumas ocasiões. Como era comum, a mesma propaganda também ocorria em língua portuguesa. Nada indica que a propaganda em alemão da Nivea tinha algo específico para sua publicação em *A Nação*, como

18 Na tradução: "E então veio a solução".

19 Levantamento disponível em: http://www.martiusstaden.org.br/conteudo/detalhe/203/gertrud-gross-hering-1879-1968

20 As informações sobre o *Brasil Post* são mais precisas na página em alemão na wikipédia: https://de.wikipedia.org/wiki/Brasil-Post

o uso de palavras aportuguesadas ou próprias do alemão praticado em Blumenau, algo que encontramos nas propagandas dos programas teatrais.



Figura 4: A propaganda anuncia, "com Nivea no ar livre e no sol". Fazendo uso da língua alemã, o produto prometia a devida proteção e cuidado com a pele. (A NAÇÃO, 30 de março de 1954, p.03)

Os classificados em alemão apresentam anúncios variados. Temos uma quantidade expressiva, que chama bastante a atenção, da procura por empregadas domésticas que falassem o alemão. Muitas vezes estes anúncios explicitavam que não se era para trabalhar em Blumenau. Quando em alemão, estes anúncios procuravam uma *Mädchen* (moça), e era comum que se desejasse uma idade jovem e a capacidade de cozinhar, “dass auch etwas kochen kann”. Não era raro os patrões definirem seu perfil de família, como por exemplo, “zur kleine deutscher Familie”, uma pequena família alemã (A NAÇÃO, 05 de março de 1954, p.02). Um anúncio em busca de uma babá (Kindermädchen) para dois garotos comportados de 2 e 4 anos, indicavam que moravam em Santos, na praia, “Wir wohnen in Santos am Strand”, e que maiores informações deveriam ser endereçadas a uma caixa postal

em São Paulo (A NAÇÃO, 4 de maio de 1958, p.02).

Estes anúncios em língua alemã indicam muito bem a que público se dirigiam. Há certa intensidade e variedade nos classificados. Além de pessoas vendendo ou comprando produtos, há anúncios para a colocação nas empresas e indústrias de Blumenau. Podemos perceber algumas coisas através destes anúncios.

Entre a Primeira e a Segunda Guerra, muitos alemães foram para a região do Vale do Itajaí em busca de emprego, estes eram chamados de N*euedeutscher* (alemães novos), e além de apresentarem linhas de pensamento político diferente do comum entre a população germânica nascida no Brasil, acabavam tendo acesso aos melhores empregos nas fábricas sob a justificativa de que estavam mais atualizados. Havendo até casos destes *Neuedeutscher* serem buscados pelos empresários. A prática aparentemente era bem comum desde o início da industrialização nas regiões de imigração germânica em Santa Catarina. Conforme é relatado em detalhes por Maria Luiza Renaux Hering, era prática corriqueira a busca por técnicos em terras de língua alemã, sendo este tipo de intercâmbio citado várias vezes ao longo de sua obra a respeito do processo de industrialização em Brusque e Blumenau (1987, p.146, p.148 e p.243), e que como veremos na análise da arquitetura de Blumenau do capítulo 2, era uma prática que também ocorria em outras áreas e ainda depois da Nacionalização.

Em 1959 temos um "Webereitechniker" (técnico de tecelagem) oferecendo seus serviços, frisando sua especialização em "baumwolle, Rayon und Naylon", ou seja, algodão, raiom e náilon (A NAÇÃO, 13 de fevereiro de 1958, p.02). Esta situação não parecia ser incomum, e a contratação de estrangeiros devia ocorrer em Blumenau de forma mais intensa que atualmente. Um sinal disto é *A Nação* publicar um artigo jurídico de esclarecimento sobre a equiparação de salário entre nacionais e estrangeiros quando do exercício em funções análogas (A NAÇÃO, 15 de abril de 1961, p.02). Neste sentido, Helga conta por exemplo que "o meu sogro ele veio ainda, ele é da Alemanha" (Entrevista, 26/07/2018). Em algum momento, todos entrevistados narraram contatos e trocas com imigrantes alemães. Roberto, por exemplo, contou que "em São Miguel do Oeste também tinha uma senhora vizinha que ainda tinha nascido na Alemanha" (Entrevista, 16/05/2018). Compreendendo isto, podemos entender melhor os anúncios e sua circulação. Talvez em busca de um profissional, independente da língua que falasse, temos um anúncio que pede por "Mecânico", colocando abaixo "maschinenschlosser"[21] e as instruções do endereço para se apresentar em português

21 A tradução menos dúbia seria a de maquinista, no sentido de ser um operário especializado na operação de máquinas, não necessariamente um trem ou automóvel.

(A NAÇÃO, 15 de julho de 1958, p.02).

Este intercâmbio profissional, entre os descendentes de imigrantes e a Alemanha, aparece de forma mais transparente quando observamos os classificados de profissionais liberais que contavam com uma coluna fixa na qual ofereciam os seus serviços. Temos especialmente médicos, mas também advogados, engenheiros, decoradores, contadores e outros. Alguns médicos repetiram durante todo o período analisado. Observando seus anúncios, podemos perceber que alguns apresentavam a sua formação, como era o caso do "Dr. Gebhardt Hrema, das faculdades de Viena, Áustria e Rio de Janeiro" (A NAÇÃO, 03 de novembro de 1946, p.04). Caso semelhante era o "Dr. Lother Franz, diretor do Hospital Santa Catarina, especialista em alta cirurgia, formado em Berlim" com "8 anos de prática nos grandes hospitais de Berlim" (A NAÇÃO, 21 de setembro de 1959, p.05). Ou do "Dr. Thilo Hühne", que era "especialista em cirurgias e doenças de senhoras", com diploma obtido "na Alemanha e no Rio de Janeiro" (A NAÇÃO, 04 de julho de 1953, p.05). O que também era o caso de Otto Freusberg, "médico diplomado na Alemanha e no Brasil" (A NAÇÃO, 10 de maio de 1959, p.03), e Albert Künstler, um "arquiteto decorador diplomado na Alemanha" (A NAÇÃO, 27 de março de 1953, p.02). O mesmo se passou com "Hilmar Zoehrer" que oferecia "massagens medicinais" e que possuía um "diploma alemão" (A NAÇÃO, 09 de janeiro de 1954, p.05).

Quando Helga foi entrevistada, perguntei se ela passeava muito no centro antigamente, o que foi confirmado, mas para "passear não, só pra ir pro médico essas coisas, porque pra passear não tinha tempo, só trabalhar", nos indicando um muito provável exagero da memória. Como a entrevista foi realizada acompanhada de Sissi, as duas conversavam várias vezes, o que deu uma dinâmica interessante. Helga disse que ia ao centro para ir ao médico, especialmente devido a um problema de coluna. Perguntei então se ela conversava em alemão com o médico, o que é afirmado que falava com ele em português, pois ele não falava alemão[22]. Insisto se não havia esta prática com outros médicos, vindos da Alemanha ou que lá estudaram, pois já estava ciente destes anúncios do *A Nação*. Então, Sissi intervém, "naquela época tinha muito alemão, não é?", e Helga confirma com um sonoro e esticado "sim", e em seguida afirma que o médico que ela frequentava na época só falava português. E em seguida as duas senhoras se recordam de nomes de médicos com quem falavam em

22 Aqui cabe observar algo interessante, neste momento transpareceu um claro orgulho de Helga por dominar seu diálogo com o médico em português após tantos minutos falando sobre o seu domínio do alemão. Esta visível satisfação ao afirmar seu domínio do português e do alemão foi algo que ocorreu em algum momento com todos os três entrevistados.

alemão. Helga traz o nome do “velho doutor Carlos Gofferjé”, o que é confirmado por Sissi, “ele falava o alemão” (HELGA; SISSI, 26/07/2018). Após citarem Carlos Gofferjé as duas senhoras se recordam de mais alguns nomes que não foram encontrados nos classificados de *A Nação*. Carlos Gofferjé aparecia por meio de seu anúncio constantemente nas páginas de *A Nação*. Carlos era filho do médico Fritz Gofferjé, médico alemão que imigrou para o Brasil após a Primeira Guerra e alcançou relativo sucesso em Florianópolis (KLUG, 1994, p.216). Percebemos aqui, que alguns destes médicos e pacientes trocavam algumas palavras em alemão durante seus encontros[23].

Apesar de anúncios como o do sujeito não identificado de “54 anos, casado sem filhos, alemão nato”, sabendo falar e escrever “perfeitamente português e alemão” (A NAÇÃO, 20 de outubro de 1959, p.02), não serem tão corriqueiros, vários destes anúncios indicam uma ainda existente conexão com a Alemanha e com a língua alemã nas décadas seguintes à Nacionalização.

Além de receber alguns trabalhadores especializados para trabalhar na pujante economia do Vale do Itajaí, os filhos das famílias mais abastadas iam realizar parte de seus estudos na terra de Goethe[24]. Conforme nos indicam Gerd Kohlhepp e Maria Luiza Renaux no artigo *Desenvolvimento regional nos tempos da globalização*, não era incomum quando a família possuía meios materiais para isso, enviar seus filhos para estudar fora. De modo que, “nos estabelecimentos fundados na primeira metade do séc. XX, a geração de herdeiros, na maioria dos casos, estudou na Alemanha”, porém, “depois da Segunda Guerra Mundial, devido à quebra de contato com a Europa e por falta de conhecimentos do idioma, os jovens

23 Também, certa vez conversando com um médico que atuou durante toda a sua carreira na região da Vila Itoupava em Blumenau (ainda hoje reconhecida como uma região onde a prática do alemão é mais corriqueira), que devido a sua convivência na região acabou exercitando o idioma em sua atividade profissional. Algo semelhante foi relatado por meu avô a respeito de meu bisavô, que apesar da origem lusitana, foi necessário aprender o básico em alemão (como partes do corpo) para conseguir realizar suas consultas durante sua atividade profissional no começo do século XX. Estas anedotas imprecisas, acabam indicando aspectos que nos auxiliam a compreender a dinâmica em torno das práticas linguísticas nas zonas de imigração. Apesar de se constituírem em evidências frágeis para qualquer historiador mais sério (e por isso as coloco em notas de rodapé), elas são ao mesmo tempo a possibilidade de compreender algo tão difícil de registrar e capturar, seja por sua “característica líquida”, quanto por sua banalidade ao ser parte constante do cotidiano.

24 Nisto, é interessante observar que quando fui estagiário na Fundação Cultural de Blumenau entre 2008 e 2009, não era incomum pessoas ligadas às famílias tradicionais da cidade ainda dominarem o uso do idioma. Até mesmo aproveitavam a oportunidade para trocar uma ou outra palavra com algum servidor de longa data que também dominava a língua. A principal diferença que me lembro da época, já que eu ainda não sabia alemão e por isso não podia discernir pronúncia e vocabulário, estava na capacidade de leitura dos abastados, algo que não acontecia com as pessoas que não eram destas famílias de elite. Vale frisar que o mesmo não se passava com as gerações mais novas destas famílias tradicionais, que preferiam o inglês como língua estrangeira de domínio.

passaram a estudar nos EUA", e "em muitos casos, a nova geração tem estudado e se aperfeiçoado no Brasil, principalmente em São Paulo" (KHOLHEPP; RENAUX, 2007, p.168).

É neste sentido que temos a notícia pitoresca de Bernardo Wolfgang Werner, que "viajou 50 quilômetros a pé para fugir ao abismo da miséria". Bernardo era filho de Paul Werner, fundador da Eletro Aço Altona, e posteriormente foi o presidente mais longevo da FIESC, a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina entre 1971-1986, faleceu em 2008[25]. *A Nação* nos conta que, "aos 11 anos de idade [Bernardo Wolfgang Werner] deixou Blumenau com destino à Alemanha, onde foi estudar engenharia metalúrgica, tendo ingressado numa escola técnica das mais modelares e eficientes de Dresden, na Saxônia". A reportagem explica que seus estudos começaram no princípio do ano de 1939, e por isso Bernardo não estava preocupado com os rumores de uma guerra. Em seguida, a reportagem pula para a derrota nazista e a invasão soviética, na qual "os soldados soviéticos demonstraram perversidade na sua conduta, procedendo como verdadeiros carrascos, não respeitando a moral e a dignidade das mulheres alemãs, que viam-se perseguidas pelos verdugos", no que também "violavam as casas e despojavam as suas famílias de todos os seus haveres". Bernardo ficou 5 meses em um campo de deslocados "juntamente com patrícios e outros estrangeiros", aguardando o repatriamento. Ele também passou por uma dificuldade de ter sua nacionalidade brasileira reconhecida, e segundo a reportagem, os ingleses dificultavam ao máximo este processo, ao ponto de os ingleses o retirarem, "juntamente com outros 40 brasileiros", do navio Santarém, invalidando os despachos e repatriamentos do consulado brasileiro justamente quando ele acreditava que voltaria para o Brasil.

Nisto, Bernardo ficou inconformado com a situação e fugiu do campo de deslocados pela noite, caminhando 50 quilômetros até a cidade mais próxima onde pegou um trem para a Bélgica. Na Bélgica, entrou em contato com o consulado brasileiro e conseguiu regressar para o Brasil, onde pôde regularizar toda a sua situação junto de seu pai, que lhe aguardava no Rio de Janeiro. Do Rio, tomou um voo até Curitiba, de onde regressou de carro para Blumenau. Ao final, a reportagem, que pula a parte do conflito em que a Alemanha era a agressora, para a parte em que ela é agredida, finaliza com o regresso de Bernardo para Blumenau da seguinte forma:

25 Informações recolhidas em: https://www.nsctotal.com.br/noticias/morre-bernardo-wolfgang-werner-ex-presidente-da-fiesc

> Ao chegar a sua terra natal qual não foi a sua surpresa ao assistir a uma empolgante recepção em sua homenagem e nesse momento foi arrebatado por um verdadeiro sentimento de brasilidade, por saber que pisava o solo onde desde a infância encontrara a verdadeira felicidade, bafejada pelo aconchego do seu lar, da sua família e dos seus amigos e longe do espectro da miséria que ronda os lares do povo alemão.
> (A NAÇÃO, 16 de março de 1947, p.01).

Percebemos nesta reportagem dois aspectos importantes, que acabam tendo relação com o que é observado neste capítulo. Há uma valorização da brasilidade, a terra de Bernardo Werner é o Brasil, mas o sentimento de lar só toma conta do sujeito ao chegar a Blumenau, que é contrastada com a Alemanha destruída. Esta valorização ao final da reportagem acaba tendo um teor duplo. O primeiro, é que o autor da reportagem não seria indelicado e descuidado ao ponto de não valorizar a brasilidade logo após a Campanha de Nacionalização. Especialmente quando a história narrada é a de um brasileiro que foi estudar na Alemanha e lá permaneceu durante todo o período da guerra. Por segundo, vemos uma certa continuidade em relação a noção de *Deutschtum* entre os teuto-brasileiros, pois esta noção identitária de *Deutschbrasiliener* (teuto-brasileiro) defendia uma conexão com a Alemanha através da língua e da *Kultur*, apesar da fidelidade ao Estado do Brasil. Com isto os teuto-brasileiros defendiam que a sua cultura era alemã, mas sua cidadania brasileira. Nisto, é Blumenau e não Dresden ou o Rio de Janeiro, o local que sintetiza este sentimento pátrio.

Percebemos um ritmo próprio de condução entre o esforço por silenciamento e a transformação que se opera entre as leis de nacionalização e a consolidação da identidade cenográfica das festas de outubro no final da década de 1970 e começo da década de 1980 (FLORES, 1997). Não se trata de um caminho sem curvas, como a organização acadêmica pode, sem querer, indicar. Houve meandros, consensos não unânimes, resistências e memórias subterrâneas. O que merece atenção, não é o fato de se ovacionar uma germanidade que é interrompida pela Nacionalização e a guerra, para perceber seu ressurgimento na década de 1970. Merece atenção perceber que são duas formas diferentes e dois germanismos distintos que temos nos dois momentos. Por ser a História o estudo da mudança, é importante perceber como esta mudança ocorreu após constatar seu ocorrido, e por isso analisar este período pós-Nacionalização e estender até a consolidação de uma Blumenau germânica e cenográfica na década de 1980, é o que nos permite compreender como foi possível, o que levou e como se operou este processo. Vemos até aqui que houve esforço em retomar o espaço público da

língua alemã e de sentimentos ligados ao *Deutschtum*, porém percebemos cautela e negociações (explícitas ou não), que involuntariamente foram produzindo a mudança.

Percebemos nos anúncios de classificados e propagandas, elementos que indicam uma continuidade da língua e de valorização de produtos alemães, como a oficina "Radio-Funke" *(Funk* significa rádio em alemão) que além de reparar aparelhos, também vendia discos "com gravações a seu gosto, especialmente alemães" (A NAÇÃO, 28 de dezembro de 1952, p.05). De forma semelhante, a Casa Willy Sievert S.A. anuncia que possuía para venda "rádios RCA Vitor e Siemens (alemão)" (A NAÇÃO, 12 de março de 1954, p.03). Temos um anúncio oferecendo para venda uma "motorrad – BMW", uma moto da BMW (A NAÇÃO, 02 de dezembro de 1959, p.02). Pela descrição, que além de especificar questões técnicas indica ser um "nachkriegsmodell" (modelo do pós-guerra), provavelmente seria o modelo R 51/3. Isto indica que produtos alemães estavam sendo comprados, mesmo coisas mais caras e complicadas como veículos automotores. O mesmo vale para o trator da marca austríaca Warchalowski (A NAÇÃO, 10 de janeiro de 1959, p.02), o carro da Opel, modelo Kapitan de 1939 (A NAÇÃO, 15 de abril de 1961, p.02) ou os "vinhos alemães" vendidos por Kurt Koch (A NAÇÃO, 20 de dezembro de 1959, p.02).

Além dos produtos, a língua continuou a exercer algum prestígio ao analisarmos anúncios de emprego. Pode ser compreensível que alguma loja busque funcionários que falassem alemão, afinal se deseja agradar o cliente, fidelizá-lo, e para isso se recorre aos recursos mais variados do que os preços baixos. Quando a Casa Husadel buscava uma balconista, deixou claro que buscava "uma moça de boa família preferivelmente com prática de vendas e que fale corretamente o português e alemão" (A NAÇÃO, 07 de fevereiro de 1954, p.02). A busca por funcionários que dominassem *as duas línguas* (como muitas vezes aparece) não se restringia aos atendentes. Felix Willerding procurava um auxiliar de escritório "para serviços gerais", no que dava "preferência a pessoa que fale alemão" (A NAÇÃO, 15 de maio de 1958, p.02). Quando a construtora de poços artesianos e bombas HOH Ltda, buscava por "um competente escriturário", seu primeiro requisito era "saber falar português-alemão" (A NAÇÃO, 19 de janeiro de 1958, p.02). Quando a Buschle & Lepper Ltda buscava um "auxiliar de escritório até 25 anos", seus requisitos eram por alguém "com curso ginasial e quites com o serviço militar", dando-se "preferência para quem tenha prática de expedição, saiba escrever a máquina e falar alemão" (A NAÇÃO, 05 de janeiro de 1959, p.02).

Podemos imaginar uma certa praticidade nesta busca por pessoas que falem o

alemão, seja pela questão do atendimento aos clientes, como também por se tratar de um conhecimento útil no momento que se deseja contratar alguém para uma "Companhia Americana de âmbito internacional" que oferece em Blumenau uma oportunidade para "homem ambicioso, trabalhador, que fale alemão" (A NAÇÃO, 23 de outubro de 1959, p.02). Ou quando, a Companhia Samarco S.A. da cidade de Itajaí, cidade portuária importante em que desemboca o Rio Itajaí Açu, o rio que corta Blumenau, precisa de "um correspondente Inglês-Português, respectivamente Alemão-Português, realmente capacitado" (A NAÇÃO, 27 de julho de 1958, p.02). Uma utilidade nos negócios internacionais em que a firma se envolve.

Podemos imaginar a facilidade que é ter em seu escritório de negócios, especialmente quando se é do ramo de importações-exportações, pessoas que dominam línguas estrangeiras. Especialmente quando se compram muitos produtos daquele país. O mesmo vale para os atendentes de loja, que desejam atender seus clientes independentemente do idioma que falem. O curioso é que percebemos certa conexão entre os anúncios. Afinal, o que justificaria o domínio do idioma em escritórios que não estão relacionados ao comércio estrangeiro? Seria o convívio diário da profissão? Algo que podemos imaginar, ocorria frequentemente sob o uso do alemão, daí a sua necessidade de domínio. Sanando dúvidas, Sissi afirma que nos negócios que sua família desenvolveu, era regra que os funcionários da fábrica de portas e janelas conversarem "só alemão". Indaguei sobre o posto de gasolina de seu pai, que faleceu no ano de 2007 apenas falando em alemão, como realizava o atendimento dos clientes, o que foi dito que era sem problemas, pois "a maioria só falava o alemão" (Entrevista, 26/07/2018).

Também neste sentido é interessante observar como a escolha por produtos poucas vezes leva em consideração uma análise racional de custo e benefício. Em seus hábitos de consumo, as pessoas têm suas preferências, que muitas vezes passam por quesitos pessoais e principalmente afetivos. Foi Henry Jenkins quem apresentou a noção de economia afetiva, um conceito "que procura entender os fundamentos emocionais da tomada de decisão do consumidor como uma força motriz por trás das decisões [...] de compra" (2009, p.96). De certa forma, esta afetividade já pode ser percebida anteriormente aos anos 2000 e a popularização da *internet*, momento em que os consumidores podem se expressar e se envolver individualmente com as marcas, produtos e programas de preferência – caso mais específico que H. Jenkins analisa. Historicamente já temos exemplos anteriores ao advento da *internet* de como esta afetividade é importante para os negócios.

Provavelmente o caso mais notório seja em torno da política de boa vizinhança realizada pelos EUA na década de 1940 e subsequentes. O processo de americanização iniciado durante a Segunda Guerra foi pautado fortemente em divulgar a cultura americana para tornar confiável e desejável consumir os produtos dos Estado Unidos. Nisto, os EUA compreenderam que para vender seus produtos era necessário vender sua cultura, sendo "a americanização do Brasil" a "obra de um Estados Unidos mais interessado em manter o continente como parte de seu mercado" (TOTA, 2000, p.35), ante uma Alemanha expansionista. E nisso os estadunidenses foram muito eficientes em perceber que para vender seus produtos também era importante vender a sua cultura. Assim, cria-se um vínculo pessoal, e estes são mais difíceis de romper depois de estabelecidos.

Não podemos descartar o mesmo tipo de observação a partir dos anúncios apresentados até aqui. Percebemos neles uma preferência por produtos alemães em fatias expressivas da população blumenauense do pós-guerra. Isto é perceptível tanto no consumo de produtos industrializados, como veículos automotores, discos e toca-discos, como até mesmo no caso de produtos culturais como a música, o teatro e o cinema. O mesmo aparece no campo da intimidade, onde não só escritórios de contabilidade preferem pessoas que falem o alemão, como também no caso das domésticas. Ou, os estabelecimentos que contratam funcionários com esta habilidade no intuito de agradar seus clientes, que darão preferência aos locais mais agradáveis para sua prática de consumo. Percebemos que, ainda com um razoável esvaziamento público do idioma conforme a década de 1960 avança, sua prática nas esferas mais íntimas continua em exercício ainda hoje.

Um exemplo desta intimidade da língua é que as pessoas que aprendem o alemão como primeiro idioma no sul do Brasil, acabam sempre utilizando a pessoa informal (*Du*), e mesmo com desconhecidos, não utilizam a pessoa formal (*Sie*)[26]. Isto nos indica atualmente, justamente esta esfera íntima em que a língua alemã sobreviveu no Brasil. Para que aprender a flexão formal, se ela não será utilizada?

26 Curiosamente, no Brasil esta distinção entre formal e informal também não é corriqueira. Este caso do alemão seria um equivalente ao uso do tu, mais íntimo, em detrimento do você, mais impessoal e formal. Uma questão que aparece de forma mais rígida em Portugal, chamar um desconhecido pelo tu (e no alemão pelo *du*), pode ser considerado algo ofensivo ou desrespeitoso, especialmente em situações como pedir algo em um restaurante, no trabalho ou mesmo alguma informação na rua.

2.5 *Hochzeitszeitungen* – Jornais de casamento ou Gazetas Nupciais

Foi cumprindo a tarefa ordinária de checar possibilidades de fontes no *site* da Hemeroteca Digital Catarinense que uma série de jornais publicados em alemão foram encontrados. Chamou atenção sua tiragem completamente irregular. Muitos deles tinham em seu nome a palavra *Hochzeit,* casamento. Verificando individualmente, foi possível perceber que estes *Hochzeitszeitungen* eram individuais, apesar de o nome repetir várias vezes e nas datas mais variadas. Os *Hochzeitszeitungen* (Jornais de casamento) são um costume comum a várias regiões da Alemanha, no qual no dia do casamento temos um jornal contando causos envolvendo os noivos. Geralmente são confeccionados por amigos e parentes, havendo presença de piadas, poesias, letras musicais e anúncios falsos, tudo em tom de deboche e sarcasmo. Tudo indica que o costume ainda se sustenta na Alemanha[27]. A surpresa veio não só com a descoberta desta curiosa prática, mas com a observação de dois itens: alguns são publicados durante a Campanha de Nacionalização e, apesar do acervo diminuir conforme a segunda metade do Século XX avança, a prática não cessa imediatamente após a Nacionalização. Pelo contrário, ela indica uma continuidade significativa, para então sofrer alguma espécie de ruptura.

Em 7 de abril de 1956, Gert Hoffmann e Christa Scheidemantel se casaram e festejaram as bodas nas dependências do Tabajara Tênis Club. Era a antiga *Frohsinnverein*[28], que mudou seu nome e função, deixando de ser um clube de tiro e adotando o tênis como principal prática esportiva, evitando que fosse fechado durante a Campanha de Nacionalização. O tiro só retorna para o clube no ano de 1953, no que é observado pelo *A Nação* que, "com a instalação da cancha de tiro foi finalmente concretizada uma justa aspiração daqueles sócios da antiga Sociedade de Atiradores que, ao se extinguir aquela agremiação passaram para o Tabajara Tênis Clube" (A NAÇÃO, 20 de março de 1953, p.05).

O interessante do casamento de Gert e Christa é que o cardápio de sua festa foi preservado. Nele, encontramos para entrada "*Schinkenrollen mit Spargel*" e "*Spargelsuppe*" (aspargos enrolados em presunto e sopa de aspargos). "*Ente, Kartoffel-klöse, Reis, Rohkohl*

27 Foram encontradas informações em vários *sites*, muitos dos quais sugeriam dicas. Algumas informações foram retiradas de: http://www.verlobung-hochzeit.de/hochzeits-brauch-tradition/brauch40-hochzeitszeitung.php acessado em 23/04/2018.

28 É a mesma associação que dá origem ao Teatro Carlos Gomes, apresentado anteriormente. Há um desmembramento da sociedade em braço esportivo e outro cultural. Tradicionalmente o clube Tabajara e a Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes aglutinam as elites da cidade, sejam elas financeiras ou culturais.

und Spargel" (pato, um tipo de bolas de batata recheadas típico da noruega, arroz, repolho roxo refogado e aspargos), leitão, batata frita e farofa de raiz forte eram os pratos principais. Para sobremesa: pudim de pêssego. As bebidas oferecidas eram vinho tinto, com opção entre "*cabernet*" ou "borgonha", e vinho branco "*Rissling*" e "*liebfraumilch*". A grafia para a uva *Riesling* é interessante, e a opção de "cafesinho" (sic) parece dialogar bem com a presença da farofa, dando um tom mais brasileiro e menos germânico a refeição (HOCHZEITSFEIR, 7. april 1956). A grafia para *Rotkohl* (Repolho roxo) também é diferente, provavelmente para fazer graça com Otto Rohkohl, cônsul alemão em Blumenau entre 1914 e 1939. Não acredito que tais diferenças na grafia se expliquem por erros de tipográficos, mas sim pela particularidade do alemão praticado em Blumenau, em toda a sua seriedade e graça. Pelo cardápio fica claro a classe dessas pessoas, longe de qualquer penúria. Algo reforçado pelo local do evento, o Tabajara Tênis Clube, ainda hoje um dos espaços de sociabilidade da elite local. Assim, podemos entender estas famílias que puderam pagar por seus *Hochzeitszeitungen* enquanto as mais abastadas, apesar de alguns destes Jornais de Casamento terem apresentação mais modesta, como o casamento de Edmund Hosch e Helma Axtheim, que mescla manuscrito com datilografia amadora, numa edição peculiarmente rústica em que erros foram corrigidos à caneta (HOCHZEITSZEITUNG, 26. juni 1954). Mas esta foi a exceção.

Uma prática comum é a das paródias, as *Tafellied* (canção de mesa). No jornal do casamento de Gert e Christa, intitulado *Die Fröhliche Stunde* (A Hora Feliz), temos *Dem Jungen Paaren!* (o jovem casal), poesia sobre o casamento dos noivos, sublinhada com "*melodie: Heil Dir im Siegerkranz*", música que era o hino da Alemanha até 1918. Logo abaixo, temos uma nova poesia sem título cuja "*melodie*" é "*Freut Euch des Lebens*", e a melodia seguinte fica por conta da *studentenlied* "*Der Papst lebt Herrlich in der Welt*" (DIE FRÖHLICHE STUNDE, 7. april 1956, p.01 e p.02). Podemos perceber o senso de humor nestas músicas, profanando (AGAMBEN, 2005) o hino nacional da Alemanha Imperial e, sendo as duas últimas canções populares. No que, *Der Papst lebt Herrlich in der Welt* é de tom cômico em sua versão original. Temos assim, quais canções em língua alemã eram bem conhecidas, já que certas canções repetem como melodia em outros casamentos, indicando sua popularidade maior.

No *Hochzeitszeitung* de Asta Schindler e Carlos Curt Zadrosny (futuro prefeito de Blumenau entre 1966 e 1970), a melodia das paródias fica por conta de "*Horch was kommt*

von draussen rein" e "*Es klappert die Mühle am rauschenden Bach*" (HOCHZEITSZEITUNG, 16. oktober 1948, p.01 e p.02). O casamento de Karl Rischbieter e Freya Nebelung tem sua paródia ao ritmo de "*Studio auf einer Reis*" (DIE WAHRHEIT, 26. januar 1956, p.01), e no casamento de Igor Hertwig e Inge Schelling a paródia é "*nach der Melodie: strömt herbei ihr völkerscharen*" (FEST-ZEITUNG, 25. februar 1956).

As músicas que servem de melodia para as paródias são canções tradicionais de língua alemã, podendo ser divididas em três grupos: *Studentenlied* (canções dos estudantes universitários alemães), *Volkslied* (canções populares) e *Kinderlied* (canções para crianças). Muitas vezes as melodias se repetem em outros casamentos, demonstrando a popularidade de algumas músicas. Após 1945, *Studio auf einer Reis* foi evocada em seis casamentos dos *Hochzeitszeitungen* levantados no acervo da Hemeroteca Digital Catarinense. Apesar de a melodia se repetir em diferentes casamentos, e letras seguirem rimas semelhantes, o conteúdo da letra muda, sempre tratando de questões pessoais e muito específicas ao casal de noivos.

Também constam no acervo da Hemeroteca Digital Catarinense jornais de casamento anteriores à Campanha. Em 1935 temos o *Hochzeitszeitung* de Karl Schäfer e Hertha Gettendorf em letra gótica, o que é comum nos jornais antes da Nacionalização, mas incomum nos que observamos depois. O último jornal de casamento que usou tipografia gótica, é o do casamento de Max Tavares d'Amaral com Isolde Hering em 17 de maio de 1941, em plena proibição da língua alemã. Sua gazeta nupcial é intitulada *Der Urwaldsbote*. Além do jornal de casamento de Max Tavares d'Amaral com Isolde Hering, o *Hochzeitszeitung* de Wolfgang Weege (fundador do grupo têxtil Malwee) e Elli Peckny-Cavalcanti (11.mai 1940) realizado em Jaraguá do Sul também usa a letra gótica. O famoso comerciante de Blumenau Willy Sievert, se casou com Victoria Ackerman, e seu jornal de casamento não utiliza a tipografia gótica (HOCHZEITSZEITUNG, 9. august 1941), o que nos demonstra que a partir da década de 1940 o gótico começa a perder espaço para outras tipografias de menor identificação germanista.

Observamos que muitos dos personagens que produziram e guardaram estes jornais de casamento estão ligados às famílias de expressão pública na cidade de Blumenau e região. Não por acaso, alguns destes jornais foram produzidos durante a Campanha de Nacionalização sem aparentes maiores problemas, num momento em que era terminantemente proibido o exercício da língua alemã e os jornais convencionais neste idioma eram fechados. É bom observar aqui como as pessoas buscam suas resistências conforme suas possibilidades.

Como é ilustrado por G. Seyferth (1981), alguns colonos da região de Brusque começaram a se comunicar em pomerano durante a Campanha de Nacionalização e, quando interrogados por guardas, explicavam que falavam em inglês, o que os guardas em seu desconhecimento do alemão, do inglês e do pomerano acreditavam por falta de opção. Aos que tinham possibilidade, o conforto de seus clubes garantia liberdade o suficiente para festas animadas com canções na proibida língua materna.

Percebemos nestes jornais de casamento a questão posta por Robert Darnton que, “quando se percebe que não se está entendendo alguma coisa”, como piadas e cerimônias, “particularmente significativa para os nativos, existe a possibilidade de se descobrir onde captar um sistema estranho de significação, a fim de decifrá-lo” (1986. p.106). Temos aqui, margem para dialogar com Mikhail Bakhtin (2008), e olhar para o carnaval e tantas festas quanto possível, no intuito de perceber algo além da desforra dos participantes e observar sua construção e composição social. Aquilo que, num vocabulário mais íntimo da historiografia, se entende por representação ou representância (RICOUER, 2007). Esse microcosmo gerado pelas festas, permite-nos perceber como a sociedade é imaginada, e desta forma compreender melhor seus códigos. E nisto, apesar da Nacionalização e de uma guinada identitária de Blumenau em direção à modernidade do pós-guerra, em algumas esferas a manutenção de um *status* teuto continuou sendo alimentada por meio de canções, festas, piadas, comidas e textos escritos em alemão. Especialmente quando observamos o cotidiano íntimo das elites, notamos que estes quesitos continuam a circular. E é justamente este tom jocoso, que nos permite perceber que eram questões compartilhadas, constantes e vivenciadas de forma intensa.

Trata-se de piadas, do riso que se espera de casamentos acompanhados de farto banquete, boa bebida e muita música. Mesmo sem termos acesso às festas registradas através dos *Hochzeitszeitungen*, situação possível apenas para os que viveram aquele tempo e foram convidados, temos evidências suficientes para perceber que seu rito ocorria de forma distinta da atual. Afinal, “não saborearíamos a comicidade se nos sentíssemos isolados”, e por isso, “parece que o riso precisa de eco”, dado que o “riso é sempre o riso de um grupo” (BERGSON, 2001, p.04-05). Com isto, podemos perceber a composição social e identitária de parte da população blumenauense falante do alemão, entre o momento da Campanha de Nacionalização e o período subsequente do pós-guerra. Ou seja, mesmo que a princípio um olhar menos atento despreze este tipo de fonte por ser um material de consumo ligeiro e produzido para provocar as risadas mais fáceis, podemos perceber através dela, elementos que

nos ajudam a compreender esta sociedade e este tempo. Agamben, Bakhtin, Bergson e Darnton nos indicam que o riso também é produto e produtor social.

A Nacionalização e a posterior entrada do Brasil na Segunda Guerra com os Aliados faz com que as elites de Blumenau, até então grandes apoiadoras da manutenção do *Deutschtum*, se voltassem para uma orientação que contemplasse os EUA (FROTSCHER, 2007, p.159), numa questão de praticidade. Em algum sentido, estes jornais de casamento possibilitam entender questões íntimas destas pessoas públicas, e percebemos que o caminhar teve seus percalços e improvisos. A transformação da identidade é algo que leva tempo, e, para fazer uso de uma metáfora, mesmo que propaguemos uma nova fé em público, é difícil despir-se dos velhos hábitos em privado. O que notamos nestes jornais da esfera mais íntima, e também é frisado pelas fontes analisadas até agora, é que não tivemos um abandono do idioma após a Nacionalização. Pelo contrário, o exercício da língua alemã continua a ocorrer e, dentro do possível, continua sendo incentivado. Tudo respeitando os espaços possíveis.

Em 1958 o industrial e político Max Hering comemorou suas bodas de *diamanten* com Clara Hering. Seu jornal de casamento era apresentado como uma *sonderausgabe* (edição especial) do antigo *Der Urwaldsbote*. No texto de abertura, temos uma pequena retrospectiva histórica do que ocorreu desde os tempos de nascimento do casal até o ano de 1958. Afinal, se cobre um período entre 70 e 80 anos, devido à diferença de idade do casal. É destacado como a situação dos anos 1880 apresentava uma crise econômica generalizada, a firme mão de Otto von Bismarck (o que dá a entender ser mais um elogio do que uma crítica) e partidos socialistas sendo fundados por toda Europa (estes são postos como uma insanidade e agitação desnecessária), como os elementos em contraposição ao amado "*Kaiser* Dom Pedro II.", que aboliu a escravidão em 1888 (DER URWALDSBOTE, 3. august 1958, p.01), colocando estes elementos como justificativa da imigração dos Hering para o Brasil, localizado em um plano político e econômico mais agradável devido a sua estabilidade. O tempo passado vivido por Max e Clara Hering é apontado como um tempo em que as habitações eram iluminadas por "*Petroleum-Lampe*", e que viu personalidades como Hofmannstahl, Tolstoi e Brahms (DER URWALDSBOTE, 3. august 1958, p.02). Ao verificar as importantes datas de nascimento, são citados Max Hering, Winston Churchill, Mathias Erzberger, Albert Schweitzer, Thomas Mann, Conrad Adenauer, Arthur Möller van dem Brück, Clemens Brentano, Rainer (sic) Maria Rilke, Hermann Hesse e Maurice Ravel. Notamos nisto com quem Max Hering não só se identifica, ao colocar-se lado a lado com

estas personalidades, como também podemos perceber uma construção de narrativa de pessoas notáveis, certamente admirados pelo industrial.

Apesar do tom mais sério das bodas de diamante de Max e Clara Hering, temos algo cômico entre as vinte páginas dos 400 exemplares – o que nos ajuda a ter uma dimensão da quantidade de convidados e do poder aquisitivo dos Hering, já que o normal é estes jornais de casamento terem por volta de cinco páginas e não apresentarem a tiragem. Em uma carta da Europa, um sujeito apresentado como Kenneth James Powell declara: "eu sou inglês. E como inglês eu não sei muito sobre o mundo (porque para nós a Inglaterra significa o mundo inteiro) e muito menos sobre o Brasil"[29] (DER URWALDSBOTE, 3. august 1958, p.05). Nesta carta são feitos elogios ao casal que lhe permitiu aprender um pouco sobre o Brasil, como o reconhecimento de que os Hering são para Blumenau o mesmo que o *Kipper* é para o café da manhã inglês. *Kipper* é uma espécie de prato com o arenque inteiro, e *Hering* é a palavra alemã para arenque. Por ser o arenque uma opção popular de alimento no continente europeu, seu consumo seria amplo e essencial. Ao final, ele deseja uma boa festa para todos nas dependências do Tabajara Tênis Club. Esta forma com que o inglês foi retratado é interessante, pois frisa a ignorância dos ingleses tão centrados em seu país (algo que hoje em dia atribuímos aos estadunidenses) e a importância autoatribuída dos Hering para o desenvolvimento do município[30]. Esta representação caricata do inglês, bem como a quantidade expressiva de personalidades notáveis de língua alemã, indicam como traços deste *Deutschtum* persistem mesmo depois da Campanha de Nacionalização. E aqui vale recordar da retratação dos ingleses que impediam o regresso para Blumenau de Bernardo Wolfgang Werner, citado anteriormente.

Max e Clara Hering certamente não eram das figuras menos impactantes e importantes deste momento. No *Hochzeitszeitung* de suas bodas de diamante, o tom cômico é afiado na seriedade. Apesar de trechos cômicos em relação ao cotidiano destes industriais do Vale do Itajaí, como no trecho "Wichtig für Aktienbesitzer" (importante para os acionistas), afirmando que os acionistas são "Dumm und frech" (burros e espertos), *Dumm* pois deixam seu dinheiro no controle dos outros e, *frech* na medida em que recebem seus "Dividenden" (dividendos) (DER URWALDSBOTE, 3. august 1958, p.11). Há, sobremaneira, um apego à memória do passado. Tanto pela natureza deste Jornal de Casamento ser de bodas de um casal

29 No original: "Ich bin ein Engländer. Und als solcher weiss ich über die übrige Welt nicht allzu gut Beschied (weil England eben für uns die ganze Welt bedeutet), und schon gar nicht über Brasilien."

30 Elogio que ouvi repetidas vezes ao longo de minha vida em Blumenau.

com 70 (Clara) e 80 (Max) anos, mas também pela figura que um Hering teria em Blumenau, sobretudo neste período de forte consolidação do parque industrial catarinense de origem imigrante, sendo Hering um de seus maiores expoentes. Esse tom memorialista se repete várias vezes. Por exemplo, quando relembram “und wir fahren doch mit der Eisenbahn nach Itajahy” (e nós fomos para Itajaí de trem), se referindo a uma publicação do antigo jornal de língua alemã *Blumenauer Zeitung* de “März 1913”, que colocava a expectativa de que em seis anos seria possível ir de trem de Itajaí para Montevidéu (DER URWALDSBOTE, 3. august 1958, p.11), algo que nunca se concretizou. Este recurso de provocar a memória histórica em seu avivamento fica mais claro na seção “Lokales aus früheren Zeiten” (notícias locais de tempos de outrora), onde são memorados eventos particulares da história de Blumenau, como quando em 1934 temos um “Zeppelin über Blumenau”[31] (DER URWALDSBOTE, 3. august 1958, p.12). Evento que aparece até hoje na memória de alguns blumenauenses, em grande medida devido a formalização deste episódio enquanto evento em muito devido ao amplo registro fotográfico com que ele foi tratado[32]. Ali é explicado como o “Herr Konsul Rohkohl” recebeu uma carta de agradecimento ao povo de Blumenau enviado pela tripulação do dirigível (DER URWALDSBOTE, 3. august 1958, p.12).

Para termos uma dimensão da importância de Max Victor Hering, sua nota de falecimento foi publicada em primeira página no *A Nação*, em 10 de fevereiro de 1961 (p.01), no dia seguinte o Tabajara Tênis Club anunciou que a festa de carnaval do dia 11 estava cancelada (A NAÇÃO, 11 de fevereiro de 1961, p.01), sob a justificativa de que Max Hering fazia parte da diretoria do clube. Também houve a notícia de que o deputado estadual Pedro Zimmermann “homenageou o saudoso industrial catarinense Sr. Victor Hering” (A NAÇÃO, 11 de fevereiro de 1961, p.01), em discurso na câmara estadual, o que nos auxilia a perceber a dimensão do capital político e simbólico cifrado pelo industrial.

Estas observações são interessantes, pois é esta mesma elite industrial que se movimenta para descolar a cidade de seu passado germânico, mas simultaneamente continua imprimindo seus jornais de casamento em língua alemã e comemorando o passado, seja contando anedotas sobre ele ou cantando antigas canções e suas melodias. Além disso, contratavam seus garçons para as festas sob a exigência de falar o alemão, como foi visto em anúncios no jornal *A Nação*, “Kellner gesucht für ein Hochzeits-Bankett”, procura-se um garçom para banquete de casamento que ocorreria no “Tabajara Tennis Club”. Na mesma

31 “Zeppelin sobre Blumenau”.

32 Por exemplo, há na posse de Sissi uma fotografia deste evento

página, vemos outro anúncio semelhante também em busca de um garçom, prometendo um "gutem Lohn", e exigindo "welcher Praxis hat unter feiner Gesellschaft zu dienen und Deutsch sprechen kann", bom ordenado para alguém com prática em servir a fina sociedade e que saiba falar o alemão (A NAÇÃO, 05 de março de 1954, p.02).

Dentre todos os *Hochzeitszeitungen* encontrados no sítio eletrônico da Hemeroteca Digital Catarinense, podemos perceber certas transformações no exercício da língua alemã que são mais difíceis de notar nas outras fontes. Organizando em uma tabela (anexo I), separando por data, nome dado à Gazeta Nupcial, localidade indicada, casal, número de páginas, tipografia, idioma e a década, percebemos estes elementos. Alguns poucos não têm sua localidade indicada, mas a grande maioria dos que indicam sua localidade são de Blumenau ou regiões de influência alemã (como Pomerode, Indaial e Jaraguá do Sul). Percebemos tanto por elementos representados no jornal, como viagens ou o cardápio da festa, que se tratam de famílias ricas, o que confirmamos pelos sobrenomes, muitos deles ainda hoje considerados de destaque. Dos jornais preservados, a década com maior quantidade de exemplares é a de 1950. Notamos também que até a década de 1940 (quando já temos a Nacionalização) apenas dois jornais apresentam texto em português, mantendo um caráter bilíngue. Sete dos vinte e um jornais existentes entre 1908 e 1936 não usam exclusivamente a tipografia gótica, demonstrando que este era o padrão até a década de 1940, quando percebemos que dos oito jornais, apenas os três primeiros fazem uso do gótico. É aqui, também, que percebemos que metade dos jornais já traz um caráter bilíngue, com textos em português, algumas vezes algo diferente do que está em alemão, outras apenas uma tradução – o que indica que seria exclusivamente para pessoas que não dominam as duas línguas, enquanto no primeiro caso podemos ir percebendo um domínio cada vez maior do português em detrimento do alemão.

É a partir da década de 1950, que não se utiliza mais a grafia gótica, provavelmente por sua associação ao Terceiro Reich. É nessa década que percebemos a maior quantidade de exemplares, sendo 16 no total. Dos quais, onze têm algum texto em português. Quando observamos os poucos jornais existentes na década de 1960, apenas quatro, e um de bodas de ouro de Julio e Hilda Germer do ano de 1985, percebemos que apenas o *Der Urwaldsbote* de Lieselotte Prayon mit Bertold Bahner estão exclusivamente em alemão (4. august 1962).

Ao mesmo tempo que existem esforços em continuar o uso do idioma, perceptível em todas as fontes analisadas e apresentadas, a língua alemã perde espaço público.

Constatamos isto claramente tanto nas páginas do periódico *A Nação*, nos programas teatrais do Teatro Carlos Gomes e nos *Hochzeitszeitungen*, que paulatinamente passam a adotar a língua portuguesa. A língua é um produto social, e deve ser analisada por este viés. É importante olhar para este aspecto da língua por dois motivos, o primeiro é que foi o exercício da língua alemã um dos principais pilares de sustentação para o *Deutschtum*, e percebemos que sua prática decai de forma contínua após a década de 1950, mais até do que na década de 1940, imediatamente após a Nacionalização. O segundo motivo está no fato de que, mesmo com o silenciamento da germanidade, e até mesmo a diminuição do uso do alemão na esfera pública blumenauense não terem sido elementos suficientes para o abandono para qualquer noção de germanidade. Noção que volta com força a partir da década de 1970 e se mantém até hoje como uma marca de Blumenau. Marca tão forte que, não raras vezes, pessoas associaram meu conhecimento do alemão ao fato de ser nativo de Blumenau, e não ao estudo e realização de um curso de idiomas. Demonstrando que, em algumas mentes imaginativas, a continuidade da língua se manteria até hoje pois a cidade de Blumenau se apresenta desta maneira. Os menos desavisados reconhecem que é cada vez mais raro encontrar alguém com um domínio suficiente do idioma para sustentar uma conversa, mesmo assim a associação da cidade de Blumenau a qualquer espécie de germanismo persiste. Enquanto o uso público e corriqueiro da língua alemã não.

Basicamente o que observamos nesta esfera privada é um desaparecimento, ou uma diminuição acompanhada de transformação no uso do idioma alemão[33]. Pelo que constatamos nas fontes escritas, percebemos esta presença cada vez mais minguada do alemão, desaparecendo não só a sua escrita, como também suas peças de teatro e seus filmes, apesar de haver falantes natos do idioma ainda hoje.

O que se percebe ao se historicizar a língua alemã após a Nacionalização é como “a cultura e a língua alteram a realidade tanto quanto a realidade altera a cultura e a língua” no que “a circularidade reflete o curioso fato de que a história é feita por objetos que são também sujeitos” (STEINBERG, 1997, p.245). Ou seja, da mesma forma que percebemos uma série de ações objetivando a língua alemã, seja seu sufocamento ou sua promoção, o resultado de seu esvaziamento é concomitante a uma reinvenção e reescrita da germanidade existente na cidade. Não por acaso esta transformação na língua, em que o alemão perde seu espaço e

33 Todos os entrevistados lamentavam que seus filhos ou não dominavam ou falavam mal o alemão, e seus netos no máximo desejavam aprender inglês enquanto segunda língua, dominando única e exclusivamente o português.

popularidade, indica a criação de uma nova noção de germanidade. Descreve-se, assim, um processo de sobrescrita.

Os motivos para isso podem ser listados em torno de dois pontos: o primeiro é o domínio cada vez mais restrito do alemão, obrigando a ancorar o *Deutschtum* em outros elementos reconhecíveis, ao ponto de transformar tanto este conceito que ele chega a ser abandonado e não mais utilizado coloquialmente; e em segundo temos o esforço em apresentar Blumenau de uma forma que deslocasse a identidade da cidade deste germanismo alóctone. Os dois movimentos, seja o de manter viva a memória germânica desses descendentes de imigrantes ou o de justamente desvincular Blumenau desta identidade, ocorreram de forma simultânea.

2.6 Da língua e da cultura

Além da língua, outro elemento importante era a cultura (*Kultur*). Um dos locais privilegiados quanto a este aspecto é o Centro Cultural 25 de julho de Blumenau. Local famoso atualmente por seu serviço de buffet e a manutenção de grupos de dança e canto em língua alemã. Sua fundação ocorreu “em 1º de maio de 1954 por um grupo de interessados na manutenção e preservação dos valores culturais dos nossos antepassados”, conforme é posto em seu breve histórico redigido em 1979 e presente no acervo do Arquivo Histórico de Blumenau. Seu objetivo principal é resumido de acordo com o 2º artigo de seu estatuto, que é “manter contato com a cultura daqueles países, donde descendem nossos associados, conservando os idiomas, costumes e tradições que contribuíram para a formação de um patrimônio cultural, que, profundamente cultivado entre nós, deve ser posto a serviço do Brasil, no fomento de seu progresso” (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, Dossiê “Sociedade 25 de julho”, 9.12.1 doc-01).

Apesar de sua fundação posterior à Nacionalização, podemos perceber certas continuidades com o entendimento de *Deutschtum* existente até aquele momento. Não deixa de passar despercebida a sua data de fundação em 1º de maio, uma data que era significativa nas manifestações políticas da cidade até o início da Nacionalização. Cabe observar, que era uma celebração do 1º de maio politicamente mais alinhada à direita, no que se valorizava o esforço e o caráter trabalhador de forma individual e moral, e não uma data de luta para a transformação do mundo do trabalho ante as injustiças sofridas por aqueles que não detêm os

meios de produção. Ou seja, valoriza-se o trabalho e não o trabalhador. Esta harmonia é construída historicamente, pois casos de não cumprimento da legislação trabalhista ocorreram em considerável quantidade nas décadas de 1950 e 1960 em Blumenau (ver, FABRICIO, 2011). Além da data muito bem escolhida, temos no estatuto e no histórico apresentados pelo próprio Centro Cultural 25 de julho, uma certa conexão entre a imigração e a continuidade de uma cultura específica como forma de engrandecer a nova pátria. Se o Brasil era esta nova pátria, e de fato é o local que se deveria engrandecer, a nação continuaria sendo alemã, e nisto o termo *Deutschbrasiliener* se apoiava.

Em uma revistinha do programa de uma apresentação do Centro Cultural 25 de julho de 20. juli 1957, temos impresso em sua capa, primeiro em português e depois em alemão, os seguintes dizeres: “à memória dos nossos antepassados, para a nossa edificação e para a glória da nossa pátria”, o que é traduzido logo abaixo: “Unsern Vätern zum gedächtnis, uns zur lehre, unsern Vaterland zum heil!” (AHJFS, acervo 25 de julho, sem catalogação, 20. juli 1957, p.01). Temos elementos significativos no material produzido pelo Centro Cultural 25 de julho. Um exemplo é a poesia de Juanita Schmalenberg Betzner, intitulada *Zum 25. juli*, algo como: por ocasião do dia 25 de julho. Os versos trazem elementos interessantes para pensar o entendimento de *Deutschtum* no pós Nacionalização. Para compreender seu conteúdo vejamos alguns versos: “Heute ist der Tag der Vaeter, es sei auch unser Tag!”, e “mit Tränen, Blut und Schweiss, das war die deutsche Kraft, das war die deutsche Fleiss” (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, Dossiê “Sociedade 25 de julho”, sem catalogação, 20. juli 1957, p.05). O que mais o menos significa: hoje é o dia de nossos antepassados, e este também é o nosso dia, e com sangue, suor e lágrimas, esta é a força alemã, esta é a competência alemã. O que nos permite perceber que apesar dos quase 10 anos de esforço em sufocar este *alemanismo* dos descendentes de imigrantes, ainda podemos perceber traços de permanência bem intensos de uma identidade teuto-brasileira.

Nisto é significativo o poema “Vergesst die deutsche sprache nicht”, não esqueça a língua alemã. Este poema está sem autor e faz uma ode ao uso da língua alemã, no que sua última estrofe bem coloca:

Die deutsche sprache soll erklingen	A língua alemã deve soar
Wo unsere Hand den Herd erbaut	Onde a mão construiu o aconchego
Frei aus dem Herzen soll sich ringen	Livre no coração deve soar
Das Lied im angestammten laut	Alto a canção dos antepassados
Das Schöne, Edle, Ernste, Grosse	O belo, o nobre, o sério, o grande
Und Treue, Wahrheit, Tugend, Licht	e a lealdade, a verdade, a virtude e a luz
Bleib' eigen unseres Herzens Sprache	ficamos fiéis a nossa língua do coração
Vergesst die deutsche Sprache nicht.	não esqueça a língua alemã.

(AHJFS, Fundo Memória da Cidade, Dossiê "Sociedade 25 de julho", sem catalogação, 20. juli 1957, p.16)

Em outro programa de um evento do Centro Cultural 25 de julho no Teatro Carlos Gomes de 29 de julho de 1956, temos estes dois poemas de novo apresentados, sendo desta vez o *Vergesst die deutsche sprache nicht* apontado como de autoria desconhecida, "verfasser unbekannt" (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, Dossiê "Sociedade 25 de julho", 9.12.4 doc-02). Este conteúdo de ode ao *Deutschbrasilienertum*, ou à teuto-brasilidade, também aparece na revista da federação dos Centros culturais 25 de julho. Circunstancialmente, os anúncios, peças e a própria *Deutsche Spalte* nos indicam que havia alguma ressonância para esta discussão.

Com três edições (números 20, 21 e 24) preservadas no Arquivo Histórico de Blumenau, todas em idioma alemão, podemos perceber que ainda ocorria uma circulação destas ideias entre as pessoas, mesmo que se trate de um escopo limitado a um círculo relativamente estreito de pessoas diretamente ligadas às atividades do Centro Cultural. Não podemos deixar de notar que estes membros tinham atuações para além de suas atividades culturais e seus clubes. Conforme é pontuado por Peter Gay, "o homem vive em vários mundos ao mesmo tempo, mais notadamente em sua esfera privada, no âmbito relativamente íntimo de seu ofício e no amplo domínio público de sua cultura" (1990, p.24), demonstrando a amplitude e a variedade existentes nas pessoas e seus vínculos, sendo perfeitamente aceitável que alguém que elogiava o progresso e a modernidade de Blumenau, também frequentava peças teatrais em alemão. São elementos que não se excluem.

Em junho de 1960, a edição número 20 trazia artigos escritos por membros de algum dos Centro Culturais 25 de julho espalhados pelo Brasil. No geral estes artigos trazem a importância de se comemorar o dia do colono no dia 25 de julho, ou por qual motivo este era o *nosso dia*, o dia dos descendentes de imigrantes, bem como de questões da organização da

federação e do planejamento de projetos futuros.

Porém, chama a atenção o texto de Helmut Andrä, “Gedanken und Vorschläge zu einer geschichte der brasilianer deutschen stammes”, Pensamentos e sugestões para uma história dos brasileiros de origem alemã (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, Dossiê “Sociedade 25 de julho”, 9.12.10, Verband der kulturverein 25. juli, nº 20, juni 1960). Da pouca informação encontrada sobre Helmut Andrä, parece que ele emigrou para o Brasil em 1909 e produziu material histórico considerável, especialmente no que toca a temas em que a germanidade possa estar envolvida (STICKEL, 2004, p.37). Neste artigo em 2 partes de H. Andrä, é posto o objetivo de debater a consciência étnica dos brasileiros de origem teuta, “der Brasilianer deutscher Abstammung und sein Volkstumbewusstsein” (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, Dossiê “Sociedade 25 de julho”, 9.12.10, Verband der kulturverein 25. juli, nº 20, juni 1960). No que é observado justamente que as novas gerações não aprendem mais o alemão, e até enxergam o domínio do idioma como *coisa de colono*[34], de pessoas pouco urbanas e do interior, e nisto o autor afirma que um cidadão que fala duas línguas não pode ser considerado pior do que aquele que domina apenas uma, “Ein Bürger, der zwei sprachen spricht, kann doch wohl nicht deshalb als ein schlechterer gelten als der, der nur eine beherrscht” (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, Dossiê “Sociedade 25 de julho”, 9.12.10, Verband der kulturverein 25. juli, nº 20, juni 1960). Entre as sugestões postas por Andrä, temos alguns pontos, sendo o primeiro o da necessidade de esclarecer que a história dos teuto-brasileiros é a história de um povo e não de um país, “die deutschbrasilianische Geschichte ist gebunden an die Geschichte des deutschen Volkes (nicht eines deutschen Staates!)” (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, Dossiê “Sociedade 25 de julho”, 9.12.10, Verband der kulturverein 25. juli, nº 21, September 1960, p.07). Nesta sua última parte do artigo, é destacada a contribuição teuto-brasileira para a economia (*Wirtschaft*) e se busca colocar os teutos em pé de igualdade com os luso-brasileiros, afirmando que a história destes últimos também não começou com Cabral ou Martim Affonso, valendo então o mesmo para os imigrantes de origem germânica. Demonstrando uma certa continuidade no estabelecimento de uma conexão entre os teutos no Brasil e na Europa. Preservando o sentido de que a nacionalidade seria brasileira, mas a etnicidade alemã. Já não é uma defesa tão apaixonada como a que ocorria na primeira metade do Século XX, especialmente devido ao então recente

34 “Coisa de colono” é uma expressão depreciativa, normalmente indicando uma pessoa de trato desqualificado, sem sofisticação e sem cultura. Por regra, seria uma pessoa que habita o interior e a zona rural, e por ser colono, é descendente de imigrantes europeus vindos durante a Grande Migração.

processo de unificação, bem como de movimentos nacionalistas germânicos, do qual o nazismo se destaca e percebemos isso especialmente na ausência da preocupação com o elemento da *raça*.

Temos aqui uma percepção de algo já ilustrado por André Fabiano Voigt em sua tese *A invenção do teuto-brasileiro*, na qual demonstra como no período pós-guerra uma intelectualidade se esforça em legitimar um lugar destacado na historiografia para os teuto-brasileiros. Neste movimento se definiria um certo perfil étnico que introduziria mudanças sociais significativas para o país. É um movimento de descolar os descendentes de alemães da ameaça nazista à nação, para lhes imprimir uma qualidade que engrandeceria esta nova pátria. Estes teuto-brasileiros, devido a suas características étnicas, deveriam ser valorizados, pois teriam uma certa exemplaridade para os outros brasileiros (VOIGT, 2008). Havendo uma movimentação intelectual em torno desta questão concomitante à publicação de uma coluna em alemão, de peças de teatro e filmes falados no idioma e até mesmo da publicação de revistas comunitárias para discussões mais gerais e menos aprofundadas. Ou seja, há uma certa sincronização entre o que é discutido por intelectuais em seus espaços próprios e o público não especializado.

Como bem podemos imaginar, as pessoas de forma geral acabam não acompanhando os acalorados debates acadêmicos e intelectuais que ocorrem, mas isso não significa que elas não sejam influenciadas por estes debates. E vice-versa. Percebemos essa figura de Helmut Andrä como um intelectual que acompanharia o debate, e ao publicar seu texto na revista da Federação dos Centros Culturais 25 de julho, ele estaria levando e traduzindo esse debate para uma camada mais ampla. Ou seja, de alguma forma tal debate respinga entre as pessoas comuns. Toda essa idealização e pensamento acadêmico e intelectual, produziu respingos na sociedade como um todo. No trabalho de exercer uma postura pública frente ao conhecimento, os acadêmicos devem exercer uma função de tradutores. E como bem sabemos, traduções estão sempre sujeitas a erros, pois cada língua possui sua dinâmica própria, e a tradução pode acabar acompanhada de distorção. Isso não significa que os argumentos principais ou alguns pontos mais notáveis não se destaquem, o que se pretende afirmar com isso é que no momento que uma pessoa refaz uma teoria para explicá-la a outrem, esta teoria é refeita. Traduzir é também um esforço criativo. E não são só línguas o que traduzimos.

Percebemos que empresários e políticos fazem parte do 25 de julho e seu círculo de

influência (apresentações, jantares, festas etc.), junto com a presença de alguns intelectuais. Nisso é significativo que um dos artigos publicados, com o título de “Die Zukunft der deutschbrasilianischen Jugend”, o futuro da juventude teuto-brasileira (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, Dossiê “Sociedade 25 de julho”, 9.12.10, Verband der kulturverein 25. juli, nº 21, September 1960, p.11), seja escrito por Hellmut Fallgatter, empresário do ramo farmacêutico e prefeito de Joinville entre 1961 e 1966. E como foi observado por Sueli Petry em sua pesquisa sobre os Clubes de Caça e Tiro na região de Blumenau, ainda durante a década de 1970 muitas figuras políticas frequentavam estes espaços culturais identificados como germânicos (1979). Isto serve para percebermos de forma explícita que há troca de informações e conhecimento entre estes diferentes grupos. Afinal, é raro uma pessoa pertencer e frequentar a uma única esfera social. De forma que a rigidez muitas vezes imaginada entre os grupos mostra-se algo mais maleável e elástico na prática. Em seu artigo de opinião, Fallgatter lamenta o cada vez menor domínio do alemão entre as gerações mais novas, que têm seu aprendizado do idioma restrito às aulas de língua estrangeira. E, verificando os classificados do *A Nação*, não faltavam ofertas de cursos de idiomas. Por exemplo, o tradicional Colégio Santo Antônio em Blumenau (hoje parte da rede Bom Jesus), anunciou que oferecia “curso de línguas (Português, Alemão, Francês e Inglês)” (A NAÇÃO, 11 de fevereiro de 1954, p.03). Ou, para os menos abonados que não podiam arcar com os custos de um curso presencial num dos colégios mais tradicionais da cidade, havia a opção de “curso de alemão em discos” (A NAÇÃO, 28 de outubro de 1959, p.02). Anúncios que nos ajudam a perceber a demanda e a oferta de aprendizado do alemão via outros meios que não através das escolas alemãs. Estas estavam proibidas desde 1938.

Desta forma, percebemos como o entendimento da manutenção da identidade teuto-brasileira nas décadas de 1950 e 1960 ainda gira em torno do domínio da língua, e que esta manutenção identitária seria algo fundamental, apesar de uma diminuição perceptível do uso da língua alemã em situações cotidianas, assunto já debatido no período. Assim podemos perceber melhor como esta decadência da língua direcionou a definição da identidade germânica para outros elementos. É interessante observar que mesmo após a nacionalização o alemão continua um idioma dominado e exercitado por parcelas consideráveis da população, atestado pelos anúncios de classificados, atrações culturais e a existência de colunas em alemão. Sem esquecer do jornal semanal *Brasil Post*, editado em São Paulo, porém amplamente distribuído na região sul do país. Demonstrando que não seria este o elemento

exclusivo para compreendermos a decadência do uso do alemão.

Sabemos que o que se observa é uma discussão em torno da decadência da língua alemã, conforme todas as fontes atestam até agora, e desta forma estão preocupados em como manter seu *Deutschtum* e sua *Kultur*. Este elemento está presente, seja escrito em alemão ou em português. Percebemos que ocorre uma defesa da *Kultur* germânica, enquanto algo a ser preservado "na medida em que ela mantém a ordem social historicamente constituída e propicia a continuidade do desenvolvimento" (VOIGT, 2008, p.189). Basicamente, substitui-se a noção de raça pela noção de cultura, e nisto se apresenta a cultura como portadora de valores morais – o que justificaria a sua manutenção ou, dependo da cultura assim como anteriormente dependia da raça, não seria digno realizar esta manutenção. Desta forma, conforme a língua perde seu espaço, os outros aspectos que justificariam uma identidade distinta acabam sendo reforçados. É assim que, mais do que compreender a invenção de uma Blumenau germânica na década de 1970, podemos compreender a transformação de seu entendimento e definição. Por este caminho, podemos entender melhor a aceitação por parte considerável da população participante deste processo. Exemplo disto, atualmente pode ser observado na quantidade de blumenauenses que compram suas caras roupas tirolesas para frequentar a *Oktoberfest*, ainda que dificilmente alguma destas pessoas saiba falar o alemão, e caso o saiba, que de fato o idioma faça parte de seu dia a dia. Compram e vestem a roupa voluntariamente. Apesar de haver uma isenção no ingresso para entrada na festa ao vestir a referida indumentária, o valor investido na vestimenta não compensa a economia em ingressos, dado o valor consideravelmente alto de um traje de qualidade e fiel as características originais. Sendo assim, em geral o uso da roupa *típica* não está associado a vantagens financeiras, mas muito mais a uma afetividade.

2.7 O desaparecimento da língua alemã dos espaços públicos

Compreendido este movimento pela retomada da língua alemã nas décadas de 1950 e 1960, percebemos que houve esforço por colocar a língua na formalidade. Tivemos textos em alemão divulgados, peças de teatro, anúncios comprovando que o alemão ainda era corrente nas bocas blumenauenses deste período. A fundação de vários Centros Culturais 25 de julho pelo Brasil também reforça esta visão de que esforços para a manutenção da língua alemã não foram poupados. Há no jornal *A Nação* farta oferta de cursos de línguas estrangeiras, sendo o

alemão uma das línguas mais presente. Também temos relatos das pessoas realizando a sua confirmação na Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB) em alemão, e a aprendizagem da leitura com os pais em casa. Quando Helga realizou a sua confirmação ela teve “que aprender em dois meses, tudo em alemão porque o pastor não sabia falar o português”, pois o pastor “veio da Alemanha para nos confirmar”, o que somado às dificuldades do estudo para a confirmação, “nós tínhamos que aprender tudo em alemão ainda”, o que é pontuado por Helga que “isso foi difícil” (Entrevista 26/07/2018). Itens que sublinham o esforço individual pela manutenção do idioma. E que nos demonstram que este domínio e esta manutenção não foram fáceis ou espontâneos.

Roberto conta que quando se decidiu pela teologia e sua carreira como pastor, se dirigiu até a universidade e “a primeira aula que eu assisti foi história da Igreja Evangélica e Luterana no Brasil, a IECLB, tudo em alemão”, e na sua formação a “única aula que eu não tinha na faculdade em língua alemã era filosofia, basicamente isso” (Entrevista 16/05/2018).

De qualquer forma, o domínio e uso espontâneo do alemão se viu reduzido com o passar dos tempos, ao ponto de hoje ser raro escutar alguma pessoa exercitar o alemão pelas principais ruas de Blumenau. Percebemos nos relatos que as novas gerações não desejavam mais aprender o alemão a partir das décadas de 1950 e, especialmente, de 1960. É comum as pessoas comentarem da resistência dos mais novos em aprender e exercitar o idioma. Em uma conversa com Helga antes de iniciar a entrevista, ela lamentou para Sissi e eu que sua neta só queria aprender o inglês e que o jovem hoje só quer saber do inglês (*Englisch, englisch, englisch, aber kein deutsch*, lamentava). Conforme Roberto nos confidencia, seu filho aprendeu o alemão como primeira língua, dado que sua esposa também fala o alemão como língua mãe. Porém, quando se mudaram para São Miguel do Oeste poucas pessoas falavam o alemão, e seu filho começou a brincar na rua e começou a demonstrar resistência em relação ao idioma. Conta-nos Roberto que seu filho dizia: “não quero mais saber de alemão, não falo mais!” (Entrevista 16/05/2018). Caso semelhante foi comentado por Helga, que disse que “os netos não querem nem saber mais”, e apesar de seu filho mais velho falar o alemão até hoje, seu filho “mais novo botava os braços assim [cruzados] e virava a cabeça se falava em alemão” (Entrevista 26/07/2018). Ou seja, a língua alemã perdeu seu espaço, *desaparecendo* vagarosamente num processo gradual. Por quê?

É interessante observar como Blumenau passou por um crescimento considerável neste período. Em 1950 a cidade contava com 48.108 habitantes, para em 1970 apresentar

100.275 (SEPLAN PMB, 2010), mais do que dobrando a sua população num espaço de duas décadas. Este crescimento de Blumenau ocorreu dentro do padrão catarinense. Percebe-se pelos censos que ocorreu ao longo da segunda metade do século XX, uma concentração maior de pessoas nas cidades catarinenses com maior oferta de emprego, especialmente nas cidades com um caráter industrial e comercial mais destacado, como é o caso de Joinville, Criciúma e Blumenau.

Este crescimento populacional nos auxilia a desmontar uma certa argumentação comum que ocorre em cidades que passam por tal processo de crescimento rápido devido à migração, a de que a comuna se transformou devido *os de fora*. A partir deste crescimento da cidade, sendo de fato um fruto da migração, argumentar-se-ia uma transformação cultural da cidade, já que os novos habitantes nascidos em outros locais modificariam os aspectos culturais próprios daquele lugar. Porém, o que observamos na demografia catarinense da segunda metade do século XX é que estas "famílias que deixam as pequenas cidades" e "vão às cidades maiores em busca de emprego e melhores condições de vida", inchando as cidades polo, "são as duas faces de uma mesma moeda" (SIEBERT, 1997, p.32), pois ao mesmo tempo as cidades catarinenses menores e de caráter rural diminuíram sua população. Ou seja, o crescimento destas cidades polo em Santa Catarina não pode ser dissociado do êxodo rural existente no próprio estado.

Desta forma, *os de fora* são pessoas do próprio estado, ou da própria região Sul, quando não de cidades vizinhas ou próximas. Conforme Juliano Giassi Goularti, "dentro do movimento migratório interestadual, de todos os migrantes brasileiros com destino a Santa Catarina, a maioria veio da Região Sul (67,81%)" (2015, p.65). Este dado, associado ao fato de que "a partir de 1945, a base produtiva catarinense se ampliou e se diversificou" (CRAICE; PEZZO, 2015, p.41), apresentando novas atividades econômicas em diversas regiões do estado, elemento que nos explica os movimentos migratórios que ocorreram a partir deste momento. O crescimento, a diminuição e a estabilização das cidades está ligada a esta dinâmica inaugurada pelo pós-guerra. Blumenau entra no rol das cidades polo, que devido à sua indústria atraiu pessoas de todo estado de Santa Catarina.

Por se tratar de uma migração que provinha em grande parte de regiões próximas, seja do próprio estado ou dos estados vizinhos, podemos compreender que existem certos elementos comuns que foram mantidos e que as transformações culturais não seriam tão significativas. Por serem os três estados da região Sul marcados pela imigração europeia

podemos entender que alguns elementos comuns se mantêm. Apesar das diferenças, o que prevalece são as semelhanças. Não podemos ignorar também de que esta imigração europeia apresentou uma ampla gama étnica muito menos homogênea do que é imaginada. Não temos apenas alemães e italianos. E mesmo alemães e italianos são mais variados do que isso...

Como foi observado por Helga, "aqui ninguém [...] sabia falar o português, só o alemão e aquele alemão, como é que se diz, *Hunsrücker",* indicando a variedade de dialetos existentes dentro do próprio alemão. E não acaba por aí, "têm muitos também, que os descendentes nossos, [...] não era direto da Alemanha, era da Polônia, dos poloneses, porque o meu sogro falava aquele outro também, o *Platt*[35]" (Entrevista 26/07/2018). Ou quando Roberto conta de seu uso do alemão em suas atribuições como pastor luterano, observa que quando foi designado para "Jaraguá do Sul, numa comunidade do bairro que atendia também o interior", havia muitas "pessoas que em casa só falam o alemão, [...] o pomerano[36], é um dialeto" (Entrevista 16/05/2018). O que nos ajuda a perceber que temos as diferenças dialetais que são maiores do que as do sotaque, exigindo basicamente um aprendizado de uma nova língua. Ou seja, apesar de considerável parcela falar o alemão, eles não necessariamente são tão inteligíveis entre si.

Além disso, o alemão *Hochdeutsch* teve um papel histórico de língua franca na Europa até a Segunda Guerra, e isso certamente foi transportado junto com os imigrantes. É ilustrado nas entrevistas, como pessoas que não eram necessariamente da Alemanha falavam o alemão por sua etnicidade germânica, ou por se tratar de uma língua franca em seu antigo país e na colônia no Brasil, vide os poloneses[37]. Na entrevista com Sissi sobre os tempos de escola, ela recorda de sua colega Bronislava, que veio com sua família da Polônia depois da guerra. O pai desta família trabalhou um tempo na fábrica de portas e janelas da família de Sissi, no que eu perguntei como eles conversavam, e me foi dito que depois de um tempo conseguiam se comunicar, mas em "português, porque o alemão era pior ainda", no que ela recordou um caso

35 *Plattdeutsch*, ou baixo alemão é um dialeto da região norte, especialmente nos territórios mais a oeste, mantendo certa relação com o holandês.

36 O pomerano é um dialeto próprio do Brasil, originário dos imigrantes da Pomerânia (região entre a Alemanha e a Polônia atualmente) que falavam *Ostpommersch* e se mistura com outras línguas, especialmente o português.

37 O território que compreende a Polônia atual não só fazia parte da Alemanha até o fim da Segunda Guerra, apresentando uma população alemã e polonesa, como ainda hoje se mantém como o país com o maior número de falantes de alemão fora de um país de língua alemã (Alemanha, Áustria e Suíça). Estas populações alemãs do leste foram evacuadas após a guerra e por isso atualmente são em menor número do que foram outrora. Uma reminiscência atual que ilustra esta questão pode ser observada no presidente da Romênia, Klaus Johannis, que faz parte da minoria de língua alemã existente no país latino. Caso semelhante é o da escritora laureada com o Nobel Herta Müller, também de origem romena. Ou Günther Grass que nasceu na cidade livre de Danzig, atual Gdansk na Polônia.

em que ele desejava o cavalo emprestado, e para isso “ele mostrava, *Schwarzpferd, Schwarzpferd*[38], única coisa que ele sabia dizer, o cavalo era preto”, demonstrando que “isso em alemão ele já sabia falar” (Entrevista 26/07/2018). Ou seja, algum conhecimento do alemão ele e sua família já possuíam antes de imigrarem, porém era insuficiente para uma comunicação mais complexa e constante.

O que percebemos com isto é que quando uma pessoa declara falar o alemão, não se trata necessariamente do alemão padrão, do *Hochdeutsch.* Não é que as pessoas mintam, mas para elas o alemão correto é o seu dialeto praticado. E isto faz todo o sentido. É perceptível que geralmente os que falam o *Hochdeutsch* provêm de famílias que puderam em algum momento se alfabetizar em alemão, e por isso acabavam passando por este processo moderno de pasteurização do idioma, vital para a praticidade da comunicação – questão já ilustrada anteriormente pelos românticos em suas comunicações epistolares – mas destrutivo no campo das variedades e inventividades da língua. E neste sentido, não é por acaso o contato dos entrevistados com o *Brasil Post*.

No caso brasileiro, podemos entender que as pessoas que dominavam estas línguas alóctones, geralmente dominavam o português como segunda língua. E, assim, o português seria a sua língua franca. No caso, falantes de alemão, que incluiriam dialetos de difícil inteligibilidade, somados a outros idiomas e seus dialetos (italiano, ucraniano, polonês etc.), encontrariam no português o espaço de igualdade. Pois, temos somado a este quadro de imigrantes falantes de línguas alóctones, mais ou menos inteligíveis entre si, pessoas que dominam apenas o português.

Apesar de haver um caráter de língua franca no alemão até a Segunda Guerra, este uso não seria tão prático no Brasil, pois temos uma série de dialetos juntos disso. Com o fim das escolas alemãs, temos a dificuldade na manutenção de uma formalidade da língua, inclusive em sua inteligibilidade. Afinal, como ler uma coluna alemã sem a devida alfabetização no idioma? Além disso, dominar o alemão se mostra uma tarefa pouco prática, muito custosa, especialmente quando pensamos que a maior parcela da população não possui meios materiais para realizar viagens periódicas para países alemães, e muito menos bancar a educação de seus filhos em instituições nestes países. Dominar mais de um idioma é algo custoso em um meio que não favorece a sua prática. Trata-se de elementos que ultrapassam o esforço e a vontade individual para sua manutenção e nos explicam em muito a sua

38 No original: “Cavalo Preto”.

decadência, que não está exclusivamente explicada pela Nacionalização do Estado Novo e a manutenção de suas políticas públicas – por exemplo, escolas bilíngues só foram permitidas a partir de 2002, e com exceção dos censos produzidos durante o Estado Novo, a questão linguística nunca mais foi abordada nos censos nacionais (OLIVEIRA, 2008).

Todos estes elementos são somados ao fato de a cidade de Blumenau estar em uma integração nacional cada vez maior. É justamente devido a sua indústria que pessoas das cidades próximas se mudam para Blumenau. O que nos indica o pressuposto básico de que elas conseguiam chegar! Mesmo que de forma deficitária e menos intensa que atualmente e respeitando suas particularidades, entre as décadas de 1950 e 1960 Blumenau não deixa de ser uma cidade integrada com o restante do estado de Santa Catarina e do Brasil. Novamente, contradizendo um certo senso comum de que a cidade estaria *isolada do resto do mundo*. Para termos uma dimensão, em 1957 Blumenau possuía 16 hotéis (BLUMENAU EM CADERNOS, T.1, nº01, novembro de 1957, p.21). Era lugar comum o *A Nação* apresentar quais pessoas estavam hospedadas, e em quais hotéis. Estes negociantes de passagem por Blumenau indicavam qual hotel e quarto estavam para receber os interessados, como foi o caso do anúncio no meio da *Deutsche Spalte* de compra de antiguidades, "Antiquitaeten, moebel zu kaufen"[39], pedindo para os interessados encontrarem Jorge no quarto 5 do Hotel Elite ou por telefone, "Vermitteln im Hotel Elite, Zimmer 5, oder per telefon: 1666 mit JORGE" (A NAÇÃO, 09 de janeiro de 1959, p.03).

Temos também a publicação de horários de ônibus intermunicipais, conectando Blumenau às cidades vizinhas, e até as mais distantes Joinville e Curitiba (A NAÇÃO, 12 de janeiro de 1954, p.02). A saída de navios do porto de Itajaí pela Hamburg-Suedameririkanische Dampfschiffahrts Gesellschaft, coloquialmente conhecida como Hamburg-Süd, foram anunciados pela Samarco SA desde 8 de maio de 1953 (A NAÇÃO, p.02). Pelo ar, temos horários de voos nacionais com saídas de Itajaí pela Real (A NAÇÃO, 08 de janeiro de 1958, p.08). Na esfera de voos internacionais, temos o anúncio dos primeiros aviões a jato da PanAir realizando duas viagens semanais do Brasil para Hamburgo, com escalas (A NAÇÃO, 26 de agosto de 1953, p.03). O que evoluiu para voos internacionais da Lufthansa com escala em Porto Alegre. As passagens da Lufthansa poderiam ser compradas na agência instalada na rua XV de Novembro em Blumenau (A NAÇÃO, 01 de janeiro de 1958, p.03)[40]. Junto a isso, temos algumas propagandas com intenção de incentivar o turismo

39 Antiguidades, móveis para compra.
40 Escritório que se mantém ainda hoje em operação.

para a Alemanha (A NAÇÃO, 29 de setembro de 1959, p.05). Todos elementos que nos indicam que Blumenau estava bem conectada com outros lugares para além de sua região. Nisso, cabe observar o casamento de Wolfgang Weege e Elly Pekny-Cavalcanti. Na Gazeta Nupcial do casal, Elly é destacada como oriunda de São Paulo (Hochzeitszeitung, 11. mai 1940). O que nos indica relacionamentos para além de Blumenau ou Alemanha, pois temos relações pessoais se estabelecendo em outras cidades, dentro do Brasil. E ainda que seja algo restrito às colônias alemãs, o importante aqui é que não se pode argumentar que essas pessoas viviam em completo isolamento como alguns intelectuais do século XX retrataram Blumenau (conforme será melhor abordado no segundo capítulo).

Por fim, temos um classificado sob o título de "Achtung! Achtung!" (Atenção! Atenção!) que se oferecia para representar firmas industriais e comerciais de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul no Rio de Janeiro: "moechten Sie mit Ihren Produkten in Rio de Janeiro vertreten Sein? Wenden sie sich an die Firma Fulai & Cia. Rua Barbosa da Silva, n. 95, Grupo 410 – Rio. Wir haben auch Interesse mit Industrie und Handel aus Sta. Catarina, Paraná und Rio Grande do Sul in verbidung zu treten"[41] (A NAÇÃO, 25 de janeiro de 1959, p.02). Este é um anúncio interessante, pois oferece o serviço de representação no Rio de Janeiro em um anúncio de língua alemã. Podemos perceber com isso duas coisas, sendo a demonstração prática de que Blumenau mantinha já uma relação considerável com o resto do país devido a sua economia; e que o português era muito mais necessário do que o alemão. O português é falado em todo o território nacional, e serve para estabelecer relações e comunicações por todo o país, enquanto o alemão se vê restrito a algumas regiões. Mesmo que o alemão não estivesse em desuso, com funcionários sendo preferidos por falarem alemão, o português possui um sentido prático que não existe no idioma germânico. Ainda que fosse interessante funcionários no setor comercial dominarem o alemão, o fundamental é falar o português. Não é difícil encontrar alguém que fale o alemão também falar o português, o difícil é alguém que fale o português falar o alemão. As preferências existem, mas o sentido prático prevalece.

E por fim, não podemos ignorar o efeito que se produz com o surgimento da televisão, sendo em Blumenau o primeiro canal catarinense, através da TV Coligadas em 2 de setembro de 1969. Somados, televisão, rádio, jornais, revistas, integração nacional conforme

41 "Deseja você e seus produtos serem representados no Rio de Janeiro? Entre em contato com a firma Fulai & e Cia. Rua Barbosa da Silva, nº 95, Grupo 410 – Rio. Nós temos interesse pela indústria e comércio de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul."

ocorre o desenvolvimento econômico de Blumenau, temos os elementos importantes nesse processo. Os meios de comunicação, no intuito de abranger ao máximo, não arriscariam utilizar um idioma compreendido por uma parcela restrita da população (o que se aplica para qualquer das línguas alóctones). O português prevalece devido a sua praticidade e abrangência, divulgado em novos meios de comunicação. Enquanto o alemão se encontra restrito à iniciativa individual (e esta é custosa), seu domínio perde espaço conforme se torna oneroso continuar fazendo uso do idioma. Assim, podemos compreender porque as esferas que sustentam o domínio do alemão geralmente são ou famílias em comunidades que favorecem a manutenção da língua alemã e localidades muito específicas ou famílias ricas que podem visitar países que falam o alemão. A ausência de escolas para realizar a alfabetização, ainda que um elemento importantíssimo para compreender esta decadência, não seria o único fator para justificar todo este processo. E certamente a manutenção da proibição das escolas alemãs durante a Ditadura Militar, possibilitaram que a Nacionalização existisse num regime de branda manutenção. Ainda que indivíduos não fossem perseguidos, políticas públicas mais eficientes, como a proibição de escolas alemãs ou bilíngues, mantiveram a política linguística do Estado Novo atualizada e atuante.

2.8 Conclusão

Conforme é observado por Maristela Fritzen, atualmente “o alemão não é língua de instrução em nenhuma disciplina e é tratado, com freqüência, nas aulas de alemão, como língua estrangeira e não como primeira língua da maioria das crianças da escola” (2008:1, p.28). Como é observado por Mailer e Fritzen, o uso do idioma alemão no Brasil continua, mas temos uma questão importante que é usualmente ignorada no debate leigo sobre o assunto, ou quando é abordada o é tomada por preconceito linguístico: o alemão praticado na região do Vale do Itajaí é um alemão próprio. Como foi observado por Maristela Fritzen em sua observação de campo, uma professora de alemão (enquanto língua estrangeira) explicava para seus alunos que falavam o idioma como primeira língua, que havia diferenças entre o alemão “da Alemanha”[42] e o “alemão daqui”. A professora colocava como as pessoas tinham certos vícios de linguagem e *maneirismos* no exercício da língua. Porém, um dos jovens estudantes, de uma turma em idade de alfabetização, “parece ter resolvido o conflito,

42 “alemão da Alemanha” é uma expressão coloquial corrente para diferenciar dos “alemães daqui”, seja para tratar das pessoas, entre nascidas no Brasil ou na Europa, quanto para diferenciar o domínio da língua.

admitindo que a língua que ele fala é diferente do alemão da professora, mas que não deixa de ser alemão" (FRITZEN, 2008:2, p.351). Como é bem colocado por Fritzen nos títulos de sua tese e artigo, respectivamente, *Ich kann meine name mit letra junta und letra solta schreiben* (eu consigo escrever meu nome com letra junta e letra solta) e *Ich spreche anders, aber das ist auch deutsch* (eu falo diferente, mas isto também é alemão), sendo a última frase a proferida pela criança. Temos particularidades no exercício deste idioma pois trata-se de um percurso de seu uso e desenvolvimento próprios.

Por isso, houve um esforço conforme trechos das fontes escritas eram transcritos para o trabalho em manter sua grafia original. O que possibilita algumas observações interessantes. Não temos o uso do *unlaut*, os famosos dois pontinhos em cima das vogais (ä, ö e ü), que podem ser também escritos seguidos de um "e" (ae, oe, ue) para indicar a acentuação. Temos empréstimos da língua portuguesa, já retratado em trechos anteriores e que se repetem em anúncios de brincadeira de um dos jornais de casamento ao colocar "Gasolin" em vez de *Benzin*, ou especificar uma medida como "1 Meter und tanto" (DIE WAHRHEIT, 26. januar 1956, p.08, p.04). E sobre os sotaques e formas de falar o português, na sessão de "Telegramme", Egon Felsen e Heinzen-Carl enviaram "ao gasal muidas felizitates, nas podas de brada venhamos" (HOCHZEITSZEITUNG, 16. oktober 1948, p.08). Certamente temos questões íntimas nestas piadas. Jamais saberemos quem deveria ser Kenneth James Powell ou se Egon Felsen e Heinzen-Curt de fato existiram. Pode ser que, o telegrama de Egon Felsen, avisando que viria para as bodas de prata fosse uma forma de ridicularizar o português gramaticalmente incorreto de alguém. O mesmo vale para o anúncio de *gasolin*, que poderia estar ridicularizando o alemão praticado pelos colonos, famoso por seus empréstimos e aproximações com a língua portuguesa. Estes usos do português são também perceptíveis nos substantivos que nos indicam esta ausência de alfabetização e de formalidade no alemão praticado. Nas conversas em alemão que tive com pessoas que o praticam no Brasil como língua materna, é comum aparecer no vocabulário palavras como *computadôra*, *televizôra* ou *sacolen plastika*, para se referir a computador (*Computer*), televisão (*Fernsehen Apparat*) e sacola plástica (*Plastiktüte*). Algo que se explica por esta ausência da alfabetização, de formalidade, e não da língua. Além disso, é um período em que a mídia de massas começa a construir seu espaço no Brasil, com as revistas, a rádio e sobretudo, a televisão, e neste material que objetivava a maior abrangência possível, a língua portuguesa foi priorizada. E certamente, a implementação de uma Ditadura Militar dificultou drasticamente o exercício do

alemão devido a sua censura (como vimos no caso do teatro), e na manutenção da proibição das escolas bilíngues. Além disso, o Brasil não só deixou de ser atrativo para estrangeiros, como também os que aqui permaneceram, como foi o caso de OttoWille, falecem durante as décadas de 1950 e 1960. Com eles se vai não só a língua alemã, mas também uma memória sobre a necessidade de sua manutenção.

Por todas as razões práticas citadas acima, a língua alemã em Blumenau perdeu seu caráter oficial e formal de outrora. Todos elementos que continuam após a queda de Vargas e logram continuidade com a Ditadura Militar de 1964 e sua censura e repressão. A língua, anteriormente o elemento fundamental para pensar a identidade germânica, o *Deutschtum* de descendentes, passa então a ser um elemento secundário e cultivado em esferas mais restritas como os cursos de idiomas, em centro culturais ou círculos familiares. A língua alemã passa a ser algo como um fantasma, pouco visto, sem existência comprovada, ligado ao passado e povoando a imaginação nos momentos propícios. Temos um abandono da língua como elemento da germanidade pelo simples fato de o alemão ser cada vez menos falado. Seria necessário, então, investir em outros elementos identificadores e aglutinadores. É assim que a cenografia turística aparece. Não sem construir um trajeto próprio através da formalização de uma história da cidade.

3 A História

> *Mesmo depois de alçada a município, a colônia nunca deixou de existir – hoje é uma grande cidade, mas é ainda uma vila: cresce sem deixar de ser. Onde anos atrás se dizia que era cidade, agora se diz* centro.
> (Marcelo Labes, 2019, p.09)

Pessoas contavam a história de Blumenau antes da presença dos primeiros historiadores profissionais tornarem mais visíveis seus trabalhos no estado de Santa Catarina, ainda no final da década de 1970. Antes mesmo da Nacionalização ocorrer, a cidade produziu seus trabalhos que visavam contar o seu passado. Com certa regularidade temos uma narrativa sobre a imigração e a colonização sendo realizada antes mesmo das festas típicas tomarem conta do estado de Santa Catarina pelo final da década de 1970 e começo da década de 1980. A construção de uma narrativa envolvendo o passado já ocorria antes da necessidade de superar os traumas da Nacionalização ou do intento de vender turisticamente a cidade. É o caso da figura de José Deeke, que produziu uma série de trabalhos (especialmente crônicas) sobre o passado de Blumenau ainda durante o começo do Século XX, conforme é ilustrado por Ricardo Machado em seu livro *Entre o público e o privado* (2008. p.95-105).

Quando a imigração alemã para o Brasil completou 100 anos (1824-1924), a comunidade germânica de Santa Catarina, sob o auxílio da *Haus des Deutschtum* (Casa da Germanidade) de Stuttgart, publicou em 1929 um *Gedenkbuch zur jahrhundert-feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina* (Memorial em comemoração do centenário da imigração alemã em Santa Catarina) pela Livraria Central de Florianópolis. No livro foram retratadas as principais localidades com forte imigração alemã em Santa Catarina, sem deixar de citar seus colegas no estado vizinho do Rio Grande do Sul. Tudo no idioma de Ernst Thälmann. Ali, a afirmativa de uma identidade teuto-brasileira[1] prevalece. A capa do livro comemorativo possui na parte superior duas faixas em verde e amarelo (Brasil) e no seu rodapé faixas em vermelho, branco e preto (Alemanha Imperial), ilustrado com bandeiras da Suíça, Alemanha de Weimar e Áustria, em alusão à união justificada pela língua compartilhada.

É importante aqui que se perceba a consciência de sua relação com o passado no *Gedenkbuch zur jahrhundert-feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina*. José Deeke (cartógrafo e memorialista de Blumenau) e o Dr. Fritz Gofferjé (médico emigrado da Alemanha pós 1ª Guerra) ilustravam a obra comemorativa, acompanhados de tantas outras

1 No sentido de que seriam etnicamente alemães, porém cidadãos brasileiros.

personalidades e intelectuais ligados à comunidade germânica de Santa Catarina. Figuras como Adolpho Konder, então presidente da província, ou Victor Konder, então ministro de viação e obras públicas, são honrosamente citados como exemplos do sucesso de sua gente. O mais interessante é o texto remetido por Paul von Hindenburg, presidente da Alemanha de Weimar de 1925 até sua morte em 1934. Sua foto oficial impressa em papel de boa qualidade era seguida de um texto seu que afirmava: “Die Deutschen und Deutschstämmigen Brasiliens sehen am heutigen Tage mit berechtigten Stolz auf eine hundertjährige, von reichen Erfolgen gesegnete Pionierarbeit zurück”[2] (HINDENBURG, in: ENTRES, 1929).

Citado esse caso ilustrativo, podemos nos envolver na história de Blumenau contar sua História. Demonstrando que a relação da cidade com uma narrativa sobre seu passado não é inaugurada por José Ferreira da Silva ou pela criação de seu Arquivo Público Municipal em 1972, ou da Revista Blumenau em Cadernos em 1957. Muito menos, ao criar uma aura cenográfica da cidade no intuito de atrair turistas. A intenção deste capítulo está em analisar a construção de uma narrativa sobre o passado não restrita a episódios determinados, como a Nacionalização ou a *Oktoberfest*. Não só o recorte temporal se dá justamente entre estes dois eventos significativos ao longo desta tese, mas trata-se também de esticar o tempo para perceber melhor a sua ação transformadora, seus movimentos, sua dinâmica e seu espaço de ação. Por fim, a produção historiográfica já consolidada e produzida até aqui por outros estudiosos do tema permitiu praticar uma elasticidade que merece ser explorada.

3.1 O arquivo

Quando Janice Gonçalves analisa a historiografia catarinense em sua tese, ela nos adverte de que “a produção de caráter histórico existia em Santa Catarina para além das fronteiras de Florianópolis” (2006, p.106). Neste sentido, a autora cita em várias oportunidades exemplos que ilustram esta participação historiográfica importante envolvendo a cidade de Blumenau, seja por meio da *Revista Blumenau em Cadernos*, publicada desde 1957, ou pela constante presença de representantes do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (o Arquivo Histórico de Blumenau) nos encontros catarinenses de arquivos (GONÇALVES, 2006, p.152). Apesar de o atual Arquivo de Blumenau ser criado apenas em 1972, mesmo ano do de Joinville, e do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina exercer

2 “ Os Alemães e as pessoas de origem alemã no Brasil têm no dia de hoje motivo para orgulhar-se de sua centenária história laureada pelo seu sucesso e trabalho pioneiro”, em tradução livre.

sua função desde 1960 com a Lei estadual nº 2.378, o Arquivo de Blumenau estava “aberto à consulta pública” desde o “início dos anos 1950”, contando com “intensa visitação” (GONÇALVES, 2006, p.213).

O Arquivo Público de Blumenau que temos hoje tem sua origem na Lei Municipal 1.835 de 1972, sendo tal data apresentada pelo próprio município[3]. Essa importante instituição surgiu junto com a formalização da Fundação “Casa Dr. Blumenau”, responsável por uma série de atividades culturais envolvendo a cidade de Blumenau, bem como da edição e publicação de obras que atendessem ao interesse local. Apesar de se concretizar em 1972, os ensaios e movimentações para a construção e consolidação da “Casa Dr. Blumenau” ocorriam desde muito antes. Não só havia um arquivo com acesso público antes de 1972, como também notamos a ambição por criar uma fundação cultural desde os idos de 1950, ano em que se completaria o centenário de Blumenau. É em 8 de novembro de 1950, que o então prefeito Frederico Guilherme Busch Jr. assina a Lei Municipal nº173, que autorizava a aquisição “por doação condicional, de Edith Gaertner, um lote urbano e respectivas benfeitorias, sito à [sic] Alameda Duque de Caxias, nº 12, numeração antiga e destinado à fundação da ‘CASA DR. BLUMENAU’” (BLUMENAU, Lei nº173 1950). Conforme consta em documento do Arquivo Público de Blumenau existente no dossiê Sociedade Amigos de Blumenau, de 09 de agosto de 1950, a casa de Edith Gaertner, seus pertences e o parque existente no terreno seriam preservados e administrados “pela Sociedade Civil a ser fundada com a denominação ‘Amigos de Blumenau’” (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, Dossiê Sociedade Amigos de Blumenau, atas).

Ainda que possamos observar um desejo pessoal de Edith Gaertner que doou parte do terreno, as coisas não ocorreram de imediato. Organizar um centro cultural que organizasse e divulgasse a cultural local não foi algo tão simples de concretizar. Tudo indica que o valor e as condições acertadas foram marcadas por complicações. A primeira delas a ser observada é o valor. Sendo realizada uma correção monetária através da Lei Municipal nº223 de 1951, e novamente na Lei nº226 do mesmo ano, já prevendo possíveis reajustes futuros. O valor sempre estava atrelado à moeda corrente[4]. Observando o quadro da inflação da década de 1950, percebemos que o ano de 1957 apresentou o índice mais baixo com 7%, e o mais alto

3 https://www.blumenau.sc.gov.br/secretarias/fundacao-cultural/fcblu/memoria-digital-fundacao-cultural29 em 04/09/2019.

4 A título de esclarecimento, para evitar estes reajustes resultado da inflação, é comum muitos acordos serem firmados em valores que acompanhariam a inflação, evitando desvalorização conforme as parcelas do pagamento são depositadas.

em 1959 com 39,4%. Em 1950, 1951 e 1952 temos sempre números sensivelmente acima dos 12% (MUNHOZ, 1997, p.61), Fato que nos ajuda a ilustrar o problema de inflação que o país enfrentava, e que seguramente desvalorizava o valor pago. Outra questão que consta é a de que "fora ainda perfeitamente esclarecido que durante a vida da doadora tanto o quintal como o parque continuarão em seu poder", não servindo de espaço público e admitindo visitantes apenas sob a autorização prévia de Edith Gaertner (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, Dossiê Sociedade Amigos de Blumenau, atas). Ou seja, *de facto* o terreno se tornou público apenas com o falecimento da sobrinha-neta do fundador do município, Herrmann Otto Blumenau, em 1967.

Outro porém é a repartição do terreno, já que não era exclusivamente propriedade de Edith Gaertner, havia também a casa da família Wendeburg incorporada ao complexo histórico apenas em 1997. Além dos respectivos herdeiros, seja no caso da família Gaertner ou Wendeburg, algumas leis aprovadas mais tarde buscavam dar a devida solução e acordo entre as partes. Notamos por meio dessas leis municipais citadas anteriormente o intuito de fundar um espaço de memória desde o centenário da cidade de Blumenau em 02 de setembro de 1950, os quais, entretanto, somente se concretizaram satisfatoriamente em 1972. Percebemos com isso a ação pública e coletiva voltada para a construção de uma visão sobre o passado da cidade e seus cidadãos sendo formalizada.

As visitas por motivo de pesquisa ocorriam no Arquivo de Blumenau desde antes de sua fundação oficial em 1972. De acordo com o histórico apresentado pelo próprio arquivo, seu acervo já vinha sendo organizado desde 1948[5]. Durante o centenário em 1950, o espaço percebeu um incremento no volume de visitas, demonstrando a importância para a cidade. Conforme é posto no livro *Centenário de Blumenau*, havia no arquivo "documentos, livros e impressos entregues à Câmara Municipal pelo Dr. Blumenau em 1883, bem como o material e novas aquisições reunidos pelo arquivista Teodoro Lüders até sua morte que ocorreu em 1938". Com a morte do arquivista Lüders, "perdeu-se considerável parte do acervo nos anos de 1938 e 1949, desde quando a Prefeitura vem revelando **particular interesse pelo arquivo**" (CENTENÁRIO DE BLUMENAU, 1950, p.477, grifo meu). É válido notar como, além do Arquivo Histórico de Blumenau, foram listados e descritos o acervo de arquivos no Brasil e na Alemanha os quais auxiliam no estudo do passado de Blumenau. São quatro páginas indicando arquivos. Isso nos aponta para uma organização particularmente interessante da

5 https://www.blumenau.sc.gov.br/secretarias/fundacao-cultural/fcblu/memaoria-digital-arquivo-histaorico-josae-ferreira-da-silva24 em 09/09/2019

relação de Blumenau com o seu passado, especialmente se considerarmos que o Arquivo do Estado de Santa Catarina apresentou dificuldades ao seu acesso por parte do público até sua institucionalização em 1960 ao revés do caso blumenauense. Ou seja, Blumenau apresentava uma relação mais intensa na produção de visões sobre o seu passado mesmo antes da década de 1970, e num patamar relativamente avançado quando consideramos o quadro estadual. Porém a história do Arquivo de Blumenau ficou permanentemente marcada pelo incêndio de 08 de novembro de 1958.

O incêndio foi noticiado no *A Nação* como responsável por carbonizar parte da sede da prefeitura. De acordo com a reportagem, "cerca de 22 horas, ao passar em frente a [*sic*] Praça Hercílio Luz, um garoto observou sinais de fumaça na parte superior do prédio da Prefeitura municipal, na parte em que se localizava o Fórum", e aos gritos chamou os guardas que ali faziam vigilância, e estes de pronto chamaram os bombeiros e informaram a imprensa local. A Rádio Nereu Ramos noticiou o ocorrido e, "em poucos minutos os populares, inclusive funcionários da Prefeitura e do Fórum compareciam ao local, iniciando o salvamento dos móveis e documentos" (A NAÇÃO, 11 de setembro de 1958, p.08). Episódios curiosos ilustram a reportagem em relação ao incêndio, como a tentativa frustrada de assalto ao cofre com o pagamento dos impostos, ou do sujeito preso por perturbação da ordem, que somente a muito custo aceitou abandonar a prisão, passando-nos uma dimensão da quantidade de órgãos funcionando no prédio da Prefeitura (fórum, cadeia, câmara de vereadores, administrativo, arquivo, biblioteca).

O incêndio consumiu "setenta por cento (70%) do prédio" (INQUÉRITO POLICIAL INCÊNDIO EDIFÍCIO DA PREFEITURA, 1958, sem paginação), cujo restauro foi prometido "dentro de três meses" pelo então prefeito Frederico Guilherme Busch Jr. Convém registrar que a reconstrução e restauro completo somente ocorreram no ano de 2001. Por fim, a reportagem sonda o que produziu o incêndio, colocando que, "a causa do incêndio não foi provocado por curto circuito da instalação elétrica, e sim por motivos estranhos, que as autoridades competentes estão apurando" (A NAÇÃO, 11 de setembro de 1958, p.02). Até hoje, a razão do incêndio é fértil terreno de debate e imaginação, se demonstrando um acontecimento propício para teorias de caráter conspiratório. Especialmente quando se observa o caráter inconclusivo do laudo pericial, que apesar de não precisar a causa ou o causador, deixa claro que o acontecimento não fora fruto de um acidente. E por apresentar mais de um foco de princípio de fogo, revelou um "indício seguro de incêndio criminoso"

(INQUÉRITO POLICIAL INCÊNDIO EDIFÍCIO DA PREFEITURA, 1958, sem paginação). No que, apesar do laudo pericial anexado aos autos do inquérito não poder "afirmar categoricamente que o fogo foi posto propositalmente" devido à ausência de provas, é afirmado "que o incêndio não foi motivado por curto circuito da corrente elétrica, e nem por elementos de combustão espontânea" (INQUÉRITO POLICIAL INCÊNDIO EDIFÍCIO DA PREFEITURA, 1958, sem paginação). Alguém colocou fogo na prefeitura e em seu arquivo.

Outro registro foi feito pela Revista Blumenau em Cadernos que publicou um texto intitulado *Tristíssima ocorrência* na sua edição de novembro de 1958. Em 06 de novembro de 1958, por volta das 22:15, "violento incêndio irrompeu no arquivo municipal, instalado nos altos do edifício do fórum". O resultado foi que o "arquivo histórico ficou em cinzas". É destacado o esforço "dos corpos de bombeiros da Empresa Garcia, da Companhia Hering, da municipalidade e a cooperação decisiva e desinteressada de particulares", pontuando ainda que "os prejuízos materiais se elevam a alguns milhões", no que segue, "mas eles nada são em face do prejuízo da parte histórica". Ao fim conclui: "foi uma perda irreparável para o grande município que tão cioso sempre foi das suas tradições, do seu passado glorioso e que guardava, com todo carinho e cuidado, uma das mais fartas e preciosas documentações históricas de Santa Catarina" (BLUMENAU EM CADERNOS, T. I, nº11, novembro de 1958, p.213). Todo esse episódio nos auxilia a perceber a importância dada por Blumenau para a sua relação com o passado. Graças ao trabalho de transcrição e tradução de documentos antigos, uma pequena parte do acervo foi preservada devido a este serviço de terceiros, que junto com a população, repassou para o arquivo seus documentos de interesse histórico, quase numa espécie de mutirão[6].

O arquivo e suas fontes possuem uma importância, afinal "tanto memória quanto história derivam e ganham ênfase a partir de traços físicos"[7] (LOWENTHAL, 2011, p.XXIII). Parece que se tomou uma lição com o incêndio, pois foi justamente a partir do incêndio do arquivo em 1958, que podemos observar o começo de um investimento mais sólido na construção de uma visão e narrativa sobre a cidade. Ainda que teorias conspiratórias associem o incêndio a um apagamento do *obscuro passado* da cidade[8], o interessante é observar sua

6 Ainda hoje é comum pessoas não necessariamente ligadas às famílias ou grupos de maior expressão pública a doação de algum documento ou objeto para o patrimônio histórico de Blumenau. Algo que presenciei durante meu estágio na instituição ou durante as várias visitas realizadas para pesquisa.

7 No original: " memory and history both derive and gain emphasis from physical remains".

8 A teoria mais coerente sobre o referido incêndio é a de que alguém ou um grupo intencionalmente desejava se beneficiar do ocorrido para apagar os registros de imóveis e suas correntes dívidas e/ou irregularidades. Entretanto, a teoria conspiratória mais comum é a de que, devido aos acontecimentos, vários documentos originais somente foram preservados devido às transcrições pessoais, parte da história seria omitida ou

simbologia em como o ato de esquecer faz parte do ato de lembrar. Afinal, é justamente o incêndio e a destruição do acervo que levaram boa parte da população a estabelecer uma relação através de suas doações ao acervo, numa curiosa metáfora da reconstrução. Esse fato faz-nos perceber em maiores detalhes como a história e a memória não são separadas pelo esquecimento *amnésico*, mas sim pelo processo de sobrescrita já citado no capítulo anterior e melhor dissecado neste segundo capítulo. Ainda, é curioso observar que o final da década de 1950 foi o período de um evento tão significativo como o incêndio do Arquivo Histórico de Blumenau, e mesmo assim não tivemos um freio no olhar sobre o passado e a escrita de uma narrativa sobre ele. Provavelmente, tenha acontecido o contrário. Foi justamente o apagamento de *traços físicos* como a língua ou o próprio arquivo, que deu a devida flexibilidade para um processo de sobrescrita.

3.2 A cidade como narrativa

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento adverte que “a cidade se apresenta como um palimpsesto, como um enigma a ser decifrado” (2004, p.26). Como se sabe, o palimpsesto seria o pergaminho ou papiro reutilizado após apagar o texto já existente e, ainda sobre os resquícios do texto anterior, produzir um texto novo realizando o processo de sobrescrita. Dessa forma a cidade em suas múltiplas camadas, no que Pesavento busca um exemplo na escavação de Troia, apresentaria múltiplos níveis de temporalidades apresentados em sua paisagem urbana nas formas mais variadas possíveis. A partir da reflexão de Pesavento, vamos analisar a paisagem urbana de Blumenau e suas transformações ao longo das décadas de 1950, 1960 e 1970.

O interessante é observar como a cidade se transformou. Entre 1950 e 1970 temos um crescimento significativo, no qual a cidade de Blumenau mais do que dobra seu número de habitantes, mesmo diminuindo sua extensão territorial nesse mesmo período. O que houve é que a cidade começa a se verticalizar, fato comentado pelos periódicos locais que alardeavam “arranha-céus de imponentes e vistosas linhas arquitetônicas, dão a Blumenau aspecto de majestosa metrópole” (COMBATE, 21 de janeiro de 1962, p.01). A verticalização do centro da cidade empolgava a imprensa local. Não é incomum encontrar referências a Blumenau e

---

distorcida no momento da transcrição, possibilitando uma reescrita total da história da cidade a partir de seu ponto zero. Reduzindo as fontes às cinzas, a confiança nos portadores oficiais do passado seria redobrada dada sua autoridade perante a ausência das fontes originais.

seu crescimento. Muitas vezes nomeada por parte da imprensa blumenauense da época como “a capital econômica de Santa Catarina” (RONDA, 18 de fevereiro de 1961, p.05). Em um livro de divulgação da cidade, um curioso misto de guia turístico e homenagem aos dois anos da construção de Brasília, Emílio de Alcântara Vianna elogiava o prefeito Hercílio Deeke e a cidade, afirmando que “Blumenau é uma cidade moderna, limpa, bem calçada, com lindos jardins, belíssimas construções residenciais, um grande comércio firme e bem servido e um importante parque industrial, que assinalam sua trajetória progressista e grande pujança” (1962, sem paginação). Quais transformações legitimavam o ufanismo encontrado nessas fontes?

Não são poucas as transformações que a cidade passa nesse período, além do alargamento e prolongamento de ruas, seja através da construção da avenida Beira Rio (de nome oficial Av. Presidente Castelo Branco), construída através do aterramento da margem direita do rio Itajaí Açu entre as décadas de 1960 e 1980. Da canalização do ribeirão Bom Retiro, uma importante obra que ganhou considerável destaque nos periódicos da época, e prometia aumentar o uso de terreno na região central. Abertura, prolongamento, alargamento e pavimentação de vias são uma constante. Todo esse movimento urbanístico é acompanhado de novas construções que não vão ocupar terrenos baldios, mas sim o lugar de antigas construções já existentes no centro da cidade (que tem seu crescimento determinado por uma limitação geográfica). O edifício Brasília com dezessete andares e concluído em 1968, nos ajuda a perceber os reflexos do modernismo na cidade. O Visconde de Mauá e seus nove andares sob imponentes pilotis (uma marca da arquitetura moderna brasileira associada a Oscar Niemeyer) foi inaugurado em 1963. O Brasil estava bem representado e cotado no movimento moderno da arquitetura mundial, aspecto este em que Brasília acabou sendo o exemplo mais significativo na questão (BENEVOLO, 2001, p.711-719). A leitura do que estava acontecendo na cidade fica mais fácil quando analisamos a construção do Grande Hotel Blumenau e da nova Igreja Matriz Católica da cidade, construções bem documentadas e que traduzem esse afã modernista da cidade.

Comecemos pelo Grande Hotel. Em 25 de maio de 1958 o *A Nação* trazia uma imagem do projeto do Grande Hotel em sua capa. Na reportagem o periódico informava que “o projeto de construção, já elaborado, de autoria do renomado arquiteto Hans Broos, apresenta detalhes que fazem antever a importância da construção e o conforto de suas dependências” (A NAÇÃO, 25 de maio de 1958, p.03). Com a promessa de dez pavimentos,

garagem para 40 automóveis e piscina, a imagem do projeto é distinta do que foi executado. O croqui seria uma caixa retangular que faria a base, e duas torres retangulares comporiam as dependências do hotel. Na execução, atrasada devido à ocupação de repartições públicas no Hotel Holetz em razão do incêndio da Prefeitura Municipal, temos uma base retangular com uma única torre com menos quartos (88 dos 120 prometidos) e mais alto (14 andares em vez dos 10 prometidos).



Figura 5: Hotel Holetz circa 1900. Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Blumenau. As janelas não seguem um padrão, seguindo cada andar um modelo específico. Acervo Fotográfico AHJFS.

Antes de existir o Grande Hotel, havia o Hotel Holetz. De arquitetura rebuscada, seus tijolos a vista, janelas decoradas com adornos, as cortinas, a platibanda e seu porão alto denunciavam seu pertencimento ao tempo de outrora. Inaugurado em 1902, ele oferecia hospedagem no centro da cidade e próximo ao porto, principal meio de acesso até o advento rodoviário dos anos 1950. Era um local marcante e privilegiado da cidade, uma importante peça da vitrine do que se desejava representar Blumenau. Nos momentos em que a construção do Grande Hotel ganha seu espaço nos jornais, não temos o menor suspiro lamurioso de caráter nostálgico diante da demolição de tão simbólico prédio. Mesmo quando observamos a revista Blumenau em Cadernos, não encontramos sinais de oposição a esta demolição. Em

março de 1962 foi publicada na revista uma fotografia *antiga* da localidade onde se localizava o Hotel Holetz, colocando que naquela localidade "as exigências do progresso estão tratando de demolir" o hotel e outras construções próximas, "para dar lugar a edifícios modernos e monumentais como será, incontestavelmente, o Grande Hotel Blumenau que substitui o velho Holetz, de tão gratas e interessantes tradições" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.V, nº3, março de 1962, p.44), que apesar de suas *gratas e interessantes tradições*, é apresentado como *velho* diante do *monumental* Grande Hotel.

Por meio de um provável infomercial[9], *A Nação* entrevistou Ralph Gross, um dos incorporadores do Grande Hotel. O periódico colocava a Companhia de Melhoramentos de Blumenau e o Consórcio de Desenvolvimento Econômico de Florianópolis, como os responsáveis pela "magnífica obra". Seria através do Grande Hotel que Blumenau teria "o maior hotel do estado de Santa Catarina e quiçá o maior do sul do país". Após explicar a boa rentabilidade do projeto, é colocado como "a iniciativa é digna de apoio de todos os blumenauenses e catarinenses em geral, porque visa dotar nossa terra […] com um estabelecimento à altura dos reconhecidos padrões de hospitalidade e progresso do povo barriga-verde" (A NAÇÃO, 15 de julho de 1958, p.08). A euforia era tanta, que até na *Deutsche Spalte* tivemos o assunto sendo abordado sob a chamada de "Blumenau Wird Grosstadt" (Blumenau torna-se cidade grande), onde os novos prédios que surgem na cidade são elogiados, e que no lugar do cinquentenário Hotel Holetz construirão "des groessten und schoensten Hotels des Santa Catarina", o maior e mais belo hotel de Santa Catarina (A NAÇÃO, 10 de maio de 1959, p.03).

Além do Hotel Holetz e do Grande Hotel, a Igreja Matriz Católica de Blumenau também foi demolida para dar lugar a uma nova construção. Maior e em arquitetura moderna, é a construção que temos hoje no centro da cidade. Foi durante os primeiros anos da década de 1960, que a igreja católica do começo do Século XX foi demolida, para dar lugar a uma construção muito maior e em francos traços modernistas.

A obra foi uma realização notável. Ainda hoje, a construção domina uma parte considerável da paisagem urbana de Blumenau. É um projeto grandioso. O arquiteto responsável foi o alemão Gottfried Böhm, laureado com o prêmio Pritzker[10] em 1986. Famoso por seus projetos de igrejas, Gottfried seguiu os passos de seu pai, Dominikus Böhm.

9 Termo utilizado para se referir as propagandas "disfarçadas" de reportagem.

10 O prêmio Pritzker foi instituído em 1979 e é considerado o "prêmio Nobel" da arquitetura dada a sua importância e prestígio dentro da área.

Dominikus ficou famoso por seus projetos de igrejas, especialmente por ser ele um dos primeiros arquitetos a romper com a tradição revivalista e histórica na concepção de templos. Isto lhe alçou a uma fama considerável, no que a revista *Der Spiegel* publicou uma reportagem ilustrada sobre seu trabalho inovador em 1953 (DER SPIEGEL, 23.12.1953, p.30-37).

Conforme relatou Gottfried Böhm em entrevista, o Frei Brás Reuter, por intermédio de um colega, conseguiu contactar Dominikus Böhm para o projeto da nova igreja, até porque o arquiteto teve seu trabalho reconhecido pelo próprio papa Pio XII através da Ordem de São Silvestre. Porém devido às complicações da idade, Dominikus enviou seu filho Gottfried para Blumenau. Segundo o arquiteto relatou, no começo os padres não gostaram de um rapaz tão novo projetando sua igreja, até que Gottfried apresentou as primeiras perspectivas, e então tudo mudou no tratamento, agora bem menos desconfiado. Sua presença na região lhe rendeu ainda os projetos da Igreja São Luís Gonzaga, construída em Brusque no mesmo período. Foi a família Renaux, importantes industriais do ramo têxtil de Brusque que o contactaram. Além dessas duas construções, uma série de outros projetos nunca executados também foram realizados e se encontram depositados no Arquivo Histórico do Museu Alemão de Arquitetura. Segundo conta o arquiteto, a obra de Blumenau foi melhor acompanhada do que a de Brusque, e por isso seu resultado ficou mais próximo ao projeto idealizado no papel (NOLL; ODEBRECHT, 2014). A construção foi um marco considerável na época, ao ponto de a paróquia de Blumenau ter produzido um livro sobre o evento.

Bem diagramado e contando com a participação de vários autores, o livro relata a história da cidade e de sua comunidade católica (em texto assinado por José Ferreira da Silva), presta as devidas homenagens, tanto pelo apoio de figuras do poder público (prefeito e governador estavam presentes na inauguração da igreja), quanto aos fiéis, que através de mutirão empreenderam a obra (“Deus lhes pague”, agradeceu o pároco). O mais interessante, porém, é que se explica a nova igreja e sua arquitetura para os leitores. Aparentemente, o processo de demolição da antiga igreja para dar lugar a nova foi acompanhado de divergências. Botar abaixo uma construção particular é uma coisa, botar abaixo uma construção que faz parte do coletivo, como é o caso de uma igreja, já é bem outra. Devido a este aspecto coletivo, o pertencimento permitiu à cidadania opinar. E nisso, o caso do Hotel Holetz não chegou a respingar nos periódicos do período, mas o caso da igreja matriz católica sim.



Figura 6: Fotografia da antiga Matriz Católica da cidade de Blumenau em traços góticos. Instituto Moreira Salles, coleção Pedro Corrêa do Lago, circa 1900.

Percebemos os respingos da polêmica nas páginas do periódico *A Nação*. Quando Arnaldo Brandão trata do assunto, ele coloca as observações de desgosto para com a nova construção. Alguns comparam a nova igreja “com um hangar ou com um armazém comercial”, havendo aqueles “que a taxam de monstrengo”. Mas, para sanar dúvidas e colocar um ponto final às características estéticas da construção, Arnaldo Brandão se posiciona: “classifico-me entre aqueles que a acham maravilhosa”. E ele continua, afirmando que concebe “suas linhas” serem “um tanto frias ou monótonas, mas não posso concordar com os que dizem que o moderno templo blumenauense seja totalmente destituído de majestade e de imponência” (A NAÇÃO, 23 de outubro de 1959, p.03). Tarefa semelhante foi realizada por

Sebastião Cruz no livro comemorativo da inauguração da nova igreja, justificando que a construção de arquitetura modernista, em contraste com a antiga igreja de traços góticos, carrega uma concepção arquitetônica que “não vinculou o belo à riqueza” (MATRIZ SÃO PAULO APÓSTOLO, 1963, p.41), didaticamente explicando como a beleza no modernismo está na austeridade e no fato de a forma seguir a função, “form should follow function” já havia definido Walter Gropius (1997, p.105).

Tradicionalmente, a historiografia analisa este processo como um exemplo inconteste do esforço em apagar e descolar Blumenau de qualquer coisa que remetesse ao seu passado alemão. Os eventos recentes da Nacionalização e da derrota alemã na última guerra mundial justificariam a necessidade dessa mudança de foco. A análise faz sentido, e eu mesmo reproduzi esse argumento quando analisei as transformações urbanas de Blumenau na década de 1960 (GOMES, 2012). O processo de americanização ganhava corpo no Brasil, produtos europeus (inclusive os alemães) escasseiam com a guerra, e os EUA ganham seu espaço nas prateleiras. Em Blumenau é aberto o estabelecimento *Casa do Americano* e os traumas da guerra justificam esta interpretação que nos aponta o esforço de apagamento da germanidade através de um processo de americanização (CARESIA, 2000).

Não há como negar, de fato, o impacto desses elementos no imaginário da cidade e de seus descendentes de imigrantes que se entendiam algo conectados ao país de origem de seus antepassados, e algo pertencente ao seu quinhão de terra na América. Esse processo de americanização que ganha corpo e força a partir da Segunda Guerra tem, entretanto, uma consolidação em velocidade e abrangência não instantâneo ou uniforme. Ou seja, a americanização do Brasil não era a mesma na década de 1950 do que foi na de 1980. O mesmo valendo para Blumenau. As décadas de 1950 e 1960 indicam um processo inicial desta americanização em um país tradicionalmente voltado para a Europa.

Para termos melhor dimensão desse processo de americanização, apenas na década de 1960 que esses *valores americanos* ganham projeção e divulgação significativa, até a crise da imprensa e a CPI da IBAD, quando o conglomerado *Time-Life*-Globo consegue iniciar seu processo de hegemonia dentro do mercado editorial (SODRÉ, 1966, p.449-500), no que ainda durante a década de 1960, mesmo que já muito bem encaminhado, não havia se concluído. Ou seja, apesar desse processo de americanização se iniciar com a guerra, devido a questões estratégicas, não é no seu imediato final que os EUA passam a dominar o imaginário cultural, exemplo disso é o catálogo dos filmes analisado no primeiro capítulo. Ainda que a presença

de filmes produzidos em *Hollywood* seja expressiva, temos ainda uma quantidade significativa de filmes produzidos em outros países que não os EUA.

Também vale observar que, devido ao material produzido, quando da demolição da antiga igreja matriz católica de Blumenau para dar lugar a uma nova, ocorreram discussões, porém não abordando a demolição em si de uma construção tão significativa para a história da cidade. Não temos manifestações contrárias à ideia de demolir a igreja existente para se construir uma nova e maior, essa é uma questão que parece ser consensual. O debate é quanto a qualidade estética da nova igreja. Nesse aspecto o vigário Frei Brás Reuter proferiu um discurso explicativo para seus fiéis em 12 de abril de 1953, devido à decisão da obra ocorrer naquele ano. Tal discurso foi reproduzido no livro comemorativo da conclusão da igreja em 1963. Há questionamentos quanto ao arquiteto (chamado de engenheiro) ser estrangeiro, enquanto o projeto do "nacional" Simão Gramlich[11], que passou por uma votação entre os membros da paróquia, foi descartado.

Segundo o vigário, o projeto de Gramlich teria uma execução de "muitos e muitos anos, e nós precisamos de uma igreja para breve, porque desde um tempo para cá, como todos sabem, a igreja existente já não comporta a grande multidão de fiéis que, domingo por domingo, vem afluindo às funções religiosas". Quanto a contratação de estrangeiro, o vigário explica que "existem de fato muitos e competentes engenheiros no Brasil", inclusive alguns com fama mundial, "mas a maioria deles somente se destaca em construções profanas", e a "construção de igrejas requer formação especializada". Além do arquiteto da nova matriz "ser filho de um dos maiores construtores de igrejas na atualidade, reconhecido e recomendado pelo próprio Papa em Roma", é especialista em igrejas e receberá o mesmo valor que qualquer outro arquiteto nacional receberia, cobrindo ele próprio seus custos de viagem e ficando de favor num espaço na escola dos padres franciscanos (MATRIZ SÃO PAULO APÓSTOLO, 1963, p.16-20).

O que observamos nessas evidências quanto às discordâncias sobre uma nova igreja é a dúvida quanto ao seu caráter estético. Não se nega a necessidade de mais espaço, nem se questiona a construção de uma nova igreja. Os elementos questionados eram o valor ou a beleza do projeto. De fato, o conceito de beleza está ligado às visões de mundo construídas através do cultural e do social "em um dado momento da sua história" (JIMENEZ, 1999,

11 Simão Gramlich foi um importante arquiteto que atuou na região durante a primeira metade do século XX. Várias obras suas foram erguidas na região do Vale do Itajaí, porém as Igrejas Matriz Santíssimo Sacramento em Itajaí, e São Pedro Apóstolo em Gaspar são suas duas obras mais famosas.

p.23), no sentido de que o momento histórico explicaria em larga medida o entendimento da beleza. Ou seja, o belo não tem sua definição alicerçada em valores transcendentais, mas sim em valores históricos e sociais. Pode-se, então, conduzir este debate acerca da beleza da nova igreja, como alguma espécie de resistência as transformações que os *novos tempos* traziam para a cidade, reforçando a tese da ruptura com o passado colonial e alemão da cidade. Entretanto, percebemos que as discordâncias quanto à arquitetura moderna não se dão devido ao seu apagamento da memória e do passado. Observamos justamente o contrário disso. Como colocou Sebastião Cruz durante uma descrição da nova paisagem urbana que se construía em Blumenau, com cada vez mais prédios modernistas e altos, "outros arranha-céus se erguem em arquitetura moderna, como que guarnecendo os esplendores da arquitetura colonial da Casa Husadel", e então, "dominando a urbe, desponta altaneira a torre da Igreja Matriz […] para melhor presidir a evolução da arquitetura citadina" (MATRIZ SÃO PAULO APÓSTOLO, 1963, p.44). O que se observa é que tal arquitetura moderna não estava sendo retratada como uma ruptura com o passado colonial, ela é enxergada justamente como a sua continuidade. Dentro dessa ótica a nova Igreja e sua torre são apropriados como elementos da simbologia da cidade, junto com suas casas coloniais. Não por acaso, os tomos III, XVII, XXII, XXIV e XXVII da Revista Blumenau em Cadernos utilizam a torre da Igreja Matriz Católica como ilustração de capa.

Tampouco se poderia cair em reducionismos, olhando para os católicos como a população não germânica da cidade, e por isso algum esforço mais notável em se diferenciar e *apagar* algo do passado. Muitas vezes, por certos vícios acadêmicos, olhamos para a população de origem germânica como protestante. Porém, o censo de 1940 apontava para 18.950 blumenauenses católicos romanos e 21.932 blumenauenses protestantes luteranos, num total de 41.178 habitantes (IBGE, 1952, p.51 e 56), isso num universo em que 97% dos habitantes declaravam o uso cotidiano do alemão. Registre-se que o próprio Frei Brás Reuter, o responsável por encampar o projeto de uma nova matriz, era nascido na Alemanha. E, o arquiteto do projeto não só é o único alemão até agora laureado com um Pritzker, como também filho de um importante arquiteto alemão famoso à época. Simão Gramlich, o arquiteto cotado pela comunidade e descartado pelos párocos, apesar de já naturalizado e atuante no Brasil desde o fim da Primeira Guerra, era também natural de terras alemãs. Ou seja, não podemos ignorar de que muitos fiéis católicos poderiam tranquilamente se identificar com a germanidade e sua manutenção, sendo o passado e a memória algo a ser

preservado. Não foi o caso. A rigor pode-se afirmar que as qualidades estéticas são debatidas sem referenciar o passado. Demonstrando como havia uma concepção nova do que seria essa característica alemã da cidade, uma questão sempre renovada e nunca abandonada.

Na verdade o modernismo está muito mais ligado a uma forma de Blumenau marcar seu lugar e importância, e o que aconteceu só foi possível pelas especificidades da cidade. É importante que se alerte, também, que não se pode compreender esta questão como um apagamento, pois observando detalhes, a amnésia não era o principal efeito. O que se tem, a rigor, é uma nova forma de se relacionar com o passado. Assim a evocação desta nova etapa da cidade, bem integrada à modernidade através de sua indústria e construções, seriam os louros possíveis graças ao seu passado. Assim como a relação entre o modernismo que aparece na cidade de Blumenau ao longo das décadas de 1950 e 1960 e o passado é um entendimento de continuidade e não de ruptura.

Dito isso, não podemos ignorar também que o projeto do Grande Hotel e do Edifício Visconde de Mauá eram de responsabilidade de Hans Broos, arquiteto nascido em 1921 na Áustria. Esse arquiteto, uma peça importante para entender o desenvolvimento da arquitetura no Brasil, decidiu morar em Blumenau em 1953, deixando pela região uma série de obras modernistas e brutalistas. Sua decisão em migrar para Blumenau ocorreu “através de um contato em comum com a família Hering de Blumenau”, e foi justamente a família Hering e sua empresa Têxtil que seriam seus maiores clientes desde o começo até o fim de sua carreira no Brasil (DAUFENBACH, 2011, p.16). Além dos contratos para a Companhia Hering, Broos desenhou os já citados Grande Hotel e Visconde de Mauá (DAUFENBACH, 2011, p.191), o Colégio Barão do Rio Branco da comunidade luterana (DAUFENBACH, 2011, p.27) e a igreja luterana da Itoupava Seca (DAUFENBACH, 2011, p.24). A igreja luterana da Itoupava Seca é a primeira obra de Hans Broos no Brasil. Nela pode-se perceber características típicas do modernismo, especialmente a referência a Notre Dame du Raincy de Auguste Perret (algo também perceptível na obra de Gottfried Böhm e a sua igreja católica em Blumenau). Seu campanário é inspirado na igreja da Pampulha de Oscar Niemeyer. Ou seja, ainda que a comunidade luterana de Blumenau não *imite* a comunidade católica demolindo sua igreja matriz (ambas originalmente construídas no começo do século XX e projetadas por Henrique Krohberger, arquiteto natural de terras alemãs) para construir uma nova, temos durante o mesmo período a construção de um templo em arquitetura modernista, ainda que em proporções mais modestas no caso luterano.

Conforme é observado por Karine Daufenbach e José Ripper Kós (2016), essa construção não se resume a uma ruptura, apesar de nitidamente H. Broos desejar introduzir algo novo como o modernismo. Devido a uma limitação de materiais, especialmente o concreto armado, item escasso na época e que estava sendo empregado em peso na construção católica do centro, a então rural região da Itoupava Seca lidava com limitações de materiais que eram somados ao seu orçamento apertado. No que, Hans Broos não deixou de observar os usos locais, e empregou madeira e técnicas regionais em sua construção, algo que mais tarde não se repetiria em suas obras. Com isso, podemos perceber melhor como essa introdução do modernismo, até mesmo por questões de técnicas construtivas, não se produziu no esforço de uma ruptura.

Segundo argumentam Daufenbach e Kós, Hans Broos possuía uma formação em arquitetura típica de sua época, sendo mais marcada pelo domínio da artesania e de suas técnicas do que constituída em uma base teórica densa (como é o padrão atual das escolas de arquitetura). Isso ajudaria a explicar seu olhar prático e conciliador no momento da execução da igreja luterana da Itoupava Seca, em Blumenau. E consequentemente estar menos preocupado em estabelecer uma ruptura conceitual. Apesar de claramente desenhar uma construção modernista, com referência clara ao adotar o modelo pirretiano para a construção de templos, ou dos pilotis que adornam a marquise na entrada e seu campanário, sua execução fez uso de materiais e técnicas construtivas locais (DAUFENBACH; KÓS, 2016).

Apesar de Hans Broos apresentar um olhar atento para a história, tanto por declaração sua, quanto por observarmos sua revalidação de diploma através de uma pesquisa sobre as casas açorianas em Santa Catarina, o arquiteto utiliza o passado como uma inspiração na busca criativa por soluções. De forma que “ao tomar esta postura mais concreta e realista Broos afasta-se dos discursos político-ideológicos da esquerda e dos meios acadêmicos que os alimentaram” (DAUFENBACH, 2011). Ou seja, podemos ler nessa trajetória a busca pelo novo, mas não necessariamente a da ruptura. Ainda que verosimilhantes, o *novo* e a *ruptura* são entendidos enquanto coisas distintas. E partindo dessa visão de mundo, Blumenau poderia ser apresentada de forma renovada sem abrir mão de suas preciosas referências ao seu passado alemão. Hans Broos teria uma postura muito menos progressista que seus colegas modernistas do período, o que segundo Daufenbach lhe rendeu uma posição secundária dentro da história da arquitetura brasileira, numa certa espécie de ostracismo.

Apesar de construções modernistas aparecerem em Blumenau durante as décadas de 1950 e 1960, diferenciando-se de qualquer traço de arquitetura revivalista e sinalizando essa empolgação modernista típica do período, não significa que essa novidade estética era compreendida de forma a introduzir uma ruptura. Vale observar que os grandes nomes do modernismo em Blumenau são Hans Broos (arquiteto alemão) e Egon Belz, pupilo de Broos e nascido em Blumenau. Antes deles temos Simão (ou Simon) Gramlich, que apesar de apresentar vários projetos em neogótico (em especial suas igrejas, no que a matriz católica de Gaspar é o melhor exemplo), várias de suas construções também eram em *Art Déco*, já nos indicam uma preocupação das elites locais em representar sua cidade como algo moderno e alinhado com as novidades de seu tempo. Por fim, Henrique Krohberger foi outro importante arquiteto atuante na cidade. Vemos com isso que profissionais gabaritados e originários do mundo da língua alemã não eram uma novidade restrita a Hans Broos ou Gottfried Böhm. Eram a regra. A modernidade não é uma só, e por isso "o fato de que você não pode pisar duas vezes na mesma modernidade tornará a vida moderna especialmente indefinível, difícil de apreender" (BERMAN, 1986, p.138). E dessa forma, se há uma novidade arquitetônica sendo introduzida na cidade de Blumenau através do modernismo, estilo que ganhou um certo *status* de compositor da identidade do Brasil, percebemos que essa novidade e sofisticação continuam sendo introduzidas por especialistas originários de algum país europeu que faz uso do alemão.

Nessa intrincada relação de colocar o *novo* sem necessariamente produzir uma *ruptura* com o passado, que visão com qual passado não se deseja cortar relações? Após observarmos como essas construções modernistas não foram compreendidas como uma ruptura temporal para a cidade, que visão sobre o tempo estava circulando?

3.3 Aide-mémoire

Investimento em memória é algo constante na história da cidade de Blumenau, e não uma invenção da segunda metade do século XX. O que provoca a atenção nesse período entre as décadas de 1950 e 1960 é o *silêncio* a respeito da germanidade, especialmente quando se observa a paisagem urbana. Mas, esse processo de construção entre história, memória e identidade não ocorreu de forma linear. A história que era tradicionalmente vista como uma linha de sucessão, seja em Ranke, Weber ou Marx, passa por um entendimento múltiplo de

suas temporalidades a partir da *École des Annales* (IGGERS, 2005, p.51). Sendo assim, é sempre válido recordar que a História ocorre dentro de seus múltiplos estratos, e por isso deve ser assim analisada.

Como já coloquei, o esquecimento na História é muito mais fruto da busca por uma sobrescrita do que por alguma amnésia. Quando Micheal Pollak tratou de apresentar a problemática das memórias subterrâneas, observou como os judeus sobreviventes dos campos de concentração que decidiram permanecer na Alemanha ou na Áustria não investiram numa rememoração ou denúncia do que viveram durante o *III. Reich* na mesma intensidade que os judeus instalados em outros países. Isso basicamente se explicou pelo fato de que rememorar o episódio de conivência de seus vizinhos e colegas atrapalharia o convívio em sociedade (POLLAK, 1989). Ou seja, esse aparente silêncio não se tratava de uma amnésia sobre o que aconteceu, mas sim uma sobrescrita dos eventos, priorizando outros elementos considerados mais urgentes do que a reparação histórica. Tal movimento de sobrescrita nos explica melhor a dinâmica entre memória e História do que a amnésia, como a relação pode facilmente ser abordada através do termo esquecimento. Sendo a memória na história também algo de múltiplos estratos, tal qual o tempo.

José Ferreira da Silva é uma figura controversa. Inicialmente ligado à Ação Integralista Brasileira (AIB), foi o vereador mais votado nas eleições municipais de 1936 por esse mesmo partido. Com o golpe que instituiu o Estado Novo em 1937 e proibiu todos os partidos políticos, o então prefeito Albert Stein da AIB foi deposto e substituído por José Ferreira da Silva. Os motivos para esse fato ainda são fruto de debate e não se possui um esclarecimento desta *virada de casaca* operada por Ferreira da Silva. Sua atividade política como prefeito não foi das mais harmônicas e, “com o passar dos anos, sua atuação política é abafada pela produção intelectual” (SCHMITT, 2011, p.83), sendo a intelectualidade o seu caminho de reabilitação na sociedade blumenauense. Afinal, à primeira vista é difícil de se explicar a deposição de um prefeito para substituí-lo por outra pessoa de destaque dentro do mesmo partido. Ferreira da Silva era até aquele momento uma das personalidades da AIB no Vale do Itajaí, mas abandonou o partido que ajudou a construir na região para ser nomeado prefeito-interventor pelo Estado Novo, justamente quando o seu partido entrava na ilegalidade.



Figura 7: Cerimônia de inauguração da estátua de Hermann Otto Blumenau durante a administração de José Ferreira da Silva. Sua instalação em frente ao Cine Busch e a sede dos Correios e Telégrafos buscavam sublinhar o desenvolvimento da cidade como fruto de sua história. Nas fotos retiradas neste dia há poucas delas em que o Cine Busch fosse visível, nesta em que ele aparece, é possível observar os andaimes utilizados para a construção do cinema, que ainda incompleto, foi secundário na eternização do momento. Acervo Fotográfico AHJFS, 5-8-1-D-2-2-2b - 21-04-1940.

O primeiro tomo da revista Blumenau em Cadernos nos apresenta a mesma imagem na capa: a estátua de Herrmann Bruno Otto Blumenau, conhecido como Dr. Blumenau e, de acordo com o mito fundador, o responsável pela origem da cidade que retribuiu o gesto criador eternizando seu nome. A estátua do fundador foi inaugurada durante a gestão municipal de José Ferreira da Silva, prefeito-interventor de Blumenau entre 1938 e 1941. O monumento já esteve estacionado em vários locais da região central da cidade. Inicialmente sua primeira localização era em frente ao Cine Busch, então um importante cinema da cidade. De arquitetura *Art Déco*, o Cine Busch se localiza no começo da Alameda Rio Branco. Do lado oposto se localizava a sede dos correios e telégrafos da cidade de Blumenau, também em traços *Art Déco*. Não podemos ignorar o urbanismo da Alameda Rio Branco, rua que continua sendo um importante endereço do município, aglutinando residências e comércio de valor elevado desde o segundo quartel do século XX. O que, somados ao novo cinema e sede dos

correios e telégrafos, ambos numa arquitetura que representava o que havia de mais *moderno* para a época, temos a alameda como o local ideal para refletir o desenvolvimento da cidade, sintetizando sua história de *progresso*. Nas fotografias da inauguração do monumento ao antigo administrador da colônia, podemos perceber os andaimes de madeira finalizando as obras no Cine Busch e a presença de autoridades locais e estaduais, notadamente Nereu Ramos: o interventor nomeado por Getúlio Vargas em 1937 e peça chave na realização da Nacionalização em Santa Catarina.

A saída de José Ferreira da Silva da prefeitura foi marcada por dramaticidade, provavelmente por ter sido entendido como um traidor da AIB, partido que durante a fase do governo constitucional de G. Vargas teve forte base na região do Vale do Itajaí. Para termos uma ideia, Santa Catarina era o terceiro estado brasileiro em número de filiados, e nisto "os primeiros núcleos integralistas de Santa Catarina foram organizados em Joinville, Blumenau e Itajaí" (PIAZZA, 1994, p.19). José Ferreira da Silva abandona a AIB e aceita o papel de prefeito-interventor no lugar do correligionário deposto. Os motivos que levaram José Ferreira da Silva a aceitar este cargo, bem como os que o levaram a ser convidado e aceito pelo aparato do Estado Novo, ainda escapam aos historiadores e estudiosos do período. O que sabemos é que as primeiras atividades de seu sucessor indicam que a sua deposição ocorreu principalmente por um grande descuido com a administração. Afinal, "o prefeito Afonso Rabe", sucessor de Ferreira da Silva, "procura demonstrar, em seu Relatório de Governo, que sanou os problemas da Prefeitura herdados de José Ferreira da Silva", nos indicando a "prática de irregularidades administrativas" durante a sua gestão (DA SILVA, 2008, p.32).

O que parece dialogar melhor com o desenvolvimento histórico da questão é a busca por mudanças sem provocar rupturas, uma característica presente na análise histórica, sociológica e política do Brasil. José Ferreira da Silva teria uma oportunidade única em sua carreira política sendo catapultado ao posto de prefeito, cargo com muito mais notoriedade e possibilidade de ação do que seu posto como líder da câmara de vereadores de Blumenau[12]. Ao mesmo tempo, sua figura já era reconhecida como um dos importantes intelectuais da região, e apesar de intensificar sua produção a partir da criação da Revista Blumenau em Cadernos em 1957, algumas importantes obras suas sobre a História de Blumenau e região já haviam sido publicadas nesse período anterior a sua carreira política. Também atuava como jornalista, e suas colaborações para impressos eram comuns. Filho de pai brasileiro e mãe de

12 José Ferreira da Silva fora o vereador mais votado, e por isso ocupou o cargo de líder na câmara de vereadores.

origem alemã, Ferreira da Silva seria a figura ideal para traduzir uma cultura para a outra. Um exemplo prático que nos permite compreender essa questão está na sua habilidade com línguas, que lhe permitiu realizar “diversos estudos históricos, biografias e traduções do alemão e italiano” (INDÍCE ONOMÁSTICO AHJFS). Dessa forma, José Ferreira da Silva acabaria sendo uma espécie de meio termo, que agradaria os blumenauenses mais germanófilos ou os mais *nativistas*. Ele reuniria as duas *qualidades* no momento de ocupar o posto de prefeito. Agradando parcialmente a nova linha política do Estado Novo e a Nereu Ramos (este, avesso aos descendentes de imigrantes não lusos, especialmente pelos motivos políticos já apresentados no primeiro capítulo) e os grupos germanófilos já constituídos na região.

É dessa maneira que vale ler a inauguração da estátua de Hermann Blumenau, que ocorreu em pleno período da Nacionalização e com a presença de Nereu Ramos, interventor nomeado por Getúlio Vargas e influente figura na política catarinense, como um arranjo político no autoritarismo do Estado Novo. E nisso, o relato da inauguração dessa estátua pelo militar Rui Alencar Nogueira, um dos oficiais envolvidos na Nacionalização de Blumenau, é esclarecedor. Segundo o oficial, por toda Blumenau “apenas dois monumentos aparecem”, no que “não pensemos em encontrar estátuas que relembrem heróis nacionais”, pois “para aquela gente não existiam concidadãos que as merecessem”, sendo “uma confirmação disto, […] os monumentos a Fritz Müller e Hermann Blumenau” (NOGUEIRA, 1947, p.72). O ato solene de inauguração do monumento foi presenciado pelo oficial do exército, o qual observou a presença do “Interventor Federal do Estado, altas autoridades, o comandante do 32º Batalhão de Caçadores […] e representações dos colégios e associações esportivas”, no que foram proferidos “discursos protocolares” com a “colocação de flores naturais”, para ao fim ocorrer uma execução do “hino nacional brasileiro”, “tocado pela banda de música daquela Unidade do Exército”. No final o oficial conclui sua descrição desejando que “em breve possam os munícipes de Blumenau ficar integrados nos verdadeiros sentimentos de nosso povo”, reconhecendo “o valor dos nossos heróis do passado”, para que “saibam erguer ali outros monumentos rendendo homenagens àqueles que a elas fazem jus” (NOGUEIRA, 1947, p.73).



Figura 8: Nereu Ramos e outras autoridades durante a cerimônia de inauguração da estátua de Hermann Otto Blumenau. Nota-se a presença de autoridades militares e religiosa, um padrão que irá se manter após a Nacionalização. Acervo fotogrático AHJFS, 5-8-1-D-2-4 - 21-04-1940.

Na verdade não seria possível realizar um projeto político como o do Estado Novo sem negociar em algum quesito dos elementos que eram importantes para cada grupo. Em resumo, o que percebemos na instalação da estátua e da presença do interventor Nereu Ramos, que nunca foi o maior entusiasta da imigração alemã, foi uma negociação dentro do processo de Nacionalização. Haverá a instalação dessa estátua, que segundo relata Rui de Alencar Nogueira, tratava-se de um "monumento pronto, havia vários anos", que estava "guardado no Edifício da Prefeitura Municipal" (NOGUEIRA, 1947, p.73). Entretanto, isso ocorrerá de forma a louvar o Brasil, sendo a execução do hino nacional o encerramento devido na homenagem ao *estrangeiro que soube amar o Brasil e bem servi-lo* (conforme foi e ainda está escrito na placa de bronze incrustada no pedestal da estátua). É assim que podemos perceber Ferreira da Silva como um personagem que, "ao mesmo tempo em que empreendeu a nacionalização do ensino no período em que esteve como prefeito, também criou o Museu Fritz Müller" (DA SILVA, 2008, p.30), investindo na memória particular da cidade, mesmo combatendo um elemento fundamental dessa memória como a língua alemã.

No período de governo de José Ferreira da Silva, proibiu-se falar ou escrever o alemão. Mas, ao mesmo tempo, percebemos que esse prefeito era um propagador da imagem germânica positiva da cidade através da *contação* de sua história, e também não tivemos uma mudança do nome da cidade (como foi o caso com tantas outras nas zonas de imigração). Tudo laureado por uma estátua do seu *fundador*, erigida com honras de Estado. Esses elementos demonstram que o processo de Nacionalização foi algo mais complexo do que uma divisão binária de etnias opostas ou um autoritarismo nos indicariam. O que se nota é que apesar de haver um processo de apagamento da memória, há elementos que nos indicam que houve alguma negociação neste processo.

Mais tarde a referida estátua seria instalada na Praça Dr. Blumenau por ocasião do centenário em 1950, para ser transferida em 1967 para a rua das Palmeiras (oficialmente, alameda Duque de Caxias), para em 1999 finalmente repousar defronte ao mausoléu construído em 1974 para os restos mortais do antigo administrador da colônia e sua família[13].

Em agosto de 1941, temos uma publicação da Revista de Propaganda do Estado e dos Municípios dedicada a Blumenau. De iniciativa estadual e impresso em papel de excelente qualidade, a despeito do racionamento produzido pela guerra – observação realizada pelo próprio editorial da revista. Blumenau é retratada e apresentada. Ali, são elogiadas a indústria

13 De acordo com: https://www.blumenau.sc.gov.br/secretarias/fundacao-cultural/fcblu/memoria-digital-estatua-do-dr-blumenau43

e a produção da cidade, colocando que se podem ufanar “os industrialistas, obedientes a um critério qualitativo rigoroso, na fabricação de produtos que se imponham pela sua superioridade” (OLIVEIRA, 1941, sem paginação). A Nacionalização também é apresentada nas páginas da revista, sendo definida como imperativa “no resguardo da unidade pátria contra eventuais imprevistos desagregadores” (OLIVEIRA, 1941, sem paginação). Além de sua definição, são enumerados os feitos do governo e são distribuídos os elogios ao presidente Getúlio Vargas, ao governador Nereu Ramos e à importante cooperação do Exército em todo esse processo.

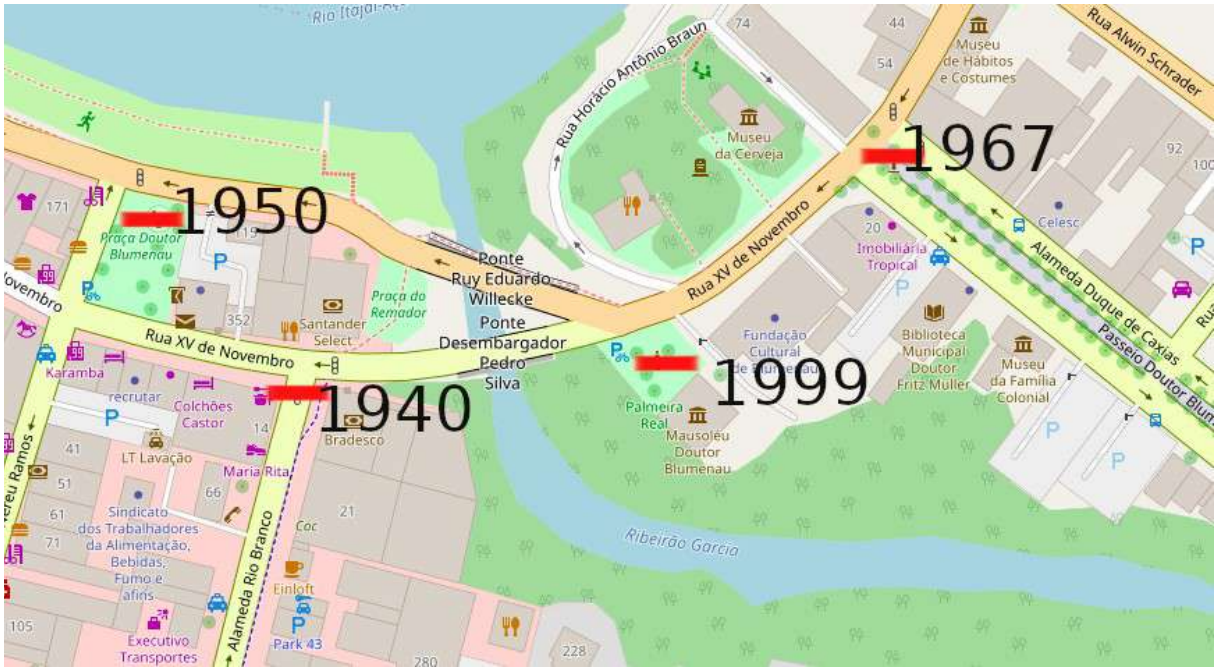


Figura 9: Mapa atual adaptado com a localização dos locais em que a estátua de Dr. Blumenau esteve instalada. fonte: openstreetmaps com adaptações.

Mas, o que chama a atenção na revista está nas duas páginas dedicadas a contar a história de Blumenau, preservando a figura de Herrman Blumenau e dos “primeiros colonos”, que “passaram grandes trabalhos e privações”, sendo “por várias vezes, atacados, em seu estabelecimento, pelos índios; as feras, os répteis venenosos que infestavam as florestas”, somados ainda “as cheias do rio”, que “por mais de uma vez, danificaram-lhes as plantações” (OLIVEIRA, 1941, sem paginação). Apesar de um foco nítido em retratar as qualidades industriais e comerciais de Blumenau, continuam presentes retratos da cidade referentes à colonização através dos monumentos a Fritz Müller ou a Herrman Blumenau. Ou seja, ainda

que de forma menos prioritária que a indústria, o retrato de uma Blumenau germânica e colonial não é apagado em sua totalidade. Seria colocado em um segundo plano, sendo mais significativo nessa representação as qualidades técnicas e industriais da cidade em detrimento de seus elementos culturais (como seria mais importante para um entendimento do *Deutschtum*).

Mais tarde, durante o centenário da cidade foram erigidos os bustos de Curt Hering, industrial da empresa de seu sobrenome, de Pedro Christiano Feddersen (que mais tarde foi roubado[14]) e de D. Pedro II[15]. O que observamos com isso é a construção de lugares de memória, que aqui focam no caráter industrial e comercial da cidade especialmente por ocasião de seu centenário. E que apesar de não focar o caráter germânico propriamente dito, elegeu cuidadosamente seus cidadãos ilustres para representar uma coesão discursiva em torno da cidade. O movimento observado é o silêncio quanto ao orgulho em ser alemão substituído pelo "orgulho em relação ao progresso do município", sendo "esse o significado dado à inauguração dos bustos do comerciante alemão naturalizado brasileiro, Cristiano Feddersen e do industrial Curt Hering" (FROTSCHER, 2007, p.221).

Isso nos demonstra como se criou uma certa narrativa a partir do Estado Novo: Blumenau seria, antes de qualquer outra coisa, um espaço de progresso e de desenvolvimento industrial. E apesar do objetivo da Nacionalização em combater o *Deutschtum* em imigrantes e descendentes, notadamente através da proibição do uso do alemão em qualquer tipo de ambiente (privado ou público), os investimentos em uma identidade trabalhadora, produtora de desenvolvimento econômico e desbravadora, nunca deixaram de ter seu espaço no ideal do *Deutschbrasilienertum* veiculado de forma ampla até 1938. Afinal, como coloca Seyferth, o teuto-brasileiro se via como uma espécie de brasileiro com *status* especial, no que se entendia que "a capacidade de trabalho dos que tem origem alemã vem da sua germanidade" (SEYFERTH, 1981, p.200), enquanto os demais brasileiros eram pintados como afeitos à cachaça e a não aguentarem o mesmo ritmo de trabalho do teuto. Ou seja, esse elogio ao trabalho e progresso, priorizado em relação a um elogio à germanidade e à cultura como ocorria no *Deutscchtum*, não necessariamente se anulariam. O trabalho e seu progresso desenvolvimentista faziam parte da concepção de *Kultur*, ao menos enquanto resultado benéfico de sua preservação.

14 De acordo com: https://www.blumenau.sc.gov.br/secretarias/fundacao-cultural/fcblu/memoria-digital-monumento-a-pedro-christiano-feddersen75

15 De acordo com: https://www.blumenau.sc.gov.br/secretarias/fundacao-cultural/fcblu/memaoria-digital-centenaario-de-blumenau37

Quando observamos a publicação a respeito do centenário de Blumenau na revista *O Cruzeiro* em 22 de julho de 1950, intitulada *Uma cidade faz cem anos*, assinada por Medeiros Lima (texto) e Ed Keffel (fotografia), percebemos um retrato de Blumenau pouco após a Nacionalização, veiculado em escala nacional. Aparentemente os repórteres vinham visitando Santa Catarina a convite do governador Aderbal Ramos da Silva, e antes de Blumenau haviam visitado a região do Vale do Rio do Peixe, Lages e Chapecó. Segundo o repórter, foi sobrevoando o estado que pôde perceber como "a ação do homem vai desbravando as terras incultas e as florestas virgens", o que permite "compreender e sentir melhor o que representa como esforço e realização a obra do emigrante europeu no vale do Itajaí" (O CRUZEIRO, 1950, p.113 e 114). As imagens em preto e branco e de boa qualidade ilustram a cidade representada. Além da vista panorâmica da região central, temos fotos de moças ensaiando nas dependências do Teatro Carlos Gomes para as festividades do centenário que se aproximava. A indústria ganha seu espaço, apesar de a têxtil fazer a fama da cidade, sua ausência é sentida e o destaque fica por conta da porcelana, dos lacticínios, da fundição e da linguiça. Quando publicou sua obra no final dos anos 1960, Paul Singer afirmou que, "cem anos depois de fundada, portanto, converte-se Blumenau num centro essencialmente industrial e urbano" (SINGER, 1968, p.132). E é esta a imagem principal veiculada.

Apesar de a reportagem anunciar Blumenau e seu centenário no título, inicialmente o texto descreve a viagem do repórter pelo estado de Santa Catarina, narrando seu crescimento e desenvolvimento, no que Blumenau é citada poucas vezes. Porém as citações são sempre elogiosas, declarando que esta triangulação Florianópolis-Chapecó-Blumenau permite verificar esse *desenvolvimento em progresso*, e como Blumenau "é o seu centro de irradiação", sendo a "digressão pelo Oeste" uma forma de "melhor compreender e explicar a importância de Blumenau, e mais do que isto, a importância da emigração que fez a grandeza dessa terra" (O CRUZEIRO, 1950, p.122). Apesar de o texto tratar do desenvolvimento industrial e econômico da região e do estado, boa parte das fotografias retiradas por Ed Keffel apresentam aspectos culturais e de costume da cidade, como o jogo de bolão, o skat, o cachimbo, o tiro ao alvo ou os bordados que traziam na língua alemã frases motivacionais ou dizeres populares. Tratam do baixo índice de mortalidade infantil no município, justificada como "uma prova do alto padrão de higiene do povo" (O CRUZEIRO, 1950, p.114). Ao final da reportagem, então muito mais focada em Blumenau, temos a observação de que "a História

de Blumenau é a história da colonização alemã no sul do Brasil" (O CRUZEIRO, 1950, p.04), marcando o seu caráter exemplar definido através da etnicidade.

Checando o histórico dos repórteres, temos a figura de Ed Keffel[16]. Nascido na Alemanha, o fotógrafo fugiu para o Brasil com a ascensão do nazismo em 1933. Mesmo não sendo judeu, sua condição de filho de apátrida gerava desconfiança no *III. Reich*, e sabendo desta ameaça imigrou para Porto Alegre. Sua habilidade fotográfica foi sempre elogiada, e por isso poderia ter facilmente falsificado as fotos que o notabilizaram ao retratar um suposto disco voador sobrevoando as praias do Rio de Janeiro (SANTOS, 2009, p.126-130). Ed Keffel poderia muito tranquilamente ter auxiliado em conversas, explicações e quiçá traduções, tanto no sentido figurado quanto literal, para Medeiros Lima. Realizando um serviço quase de transposição didática da cidade centenária, e por isso o tom até mesmo elogioso ao povo ganhar espaço junto dos devidos elogios a indústria. Não é uma possibilidade a se descartar, apesar de difícil de confirmar. De qualquer forma, o que temos de resquício é uma reportagem que aborda a cidade de Blumenau pela associação do desenvolvimento à etnicidade, mesmo que nas primeiras páginas fosse de forma sutil, nas últimas páginas da reportagem foi se tornando uma associação clara.

Porém, o mais importante na reportagem é perceber como algum discurso sobre a etnicidade e a germanidade da cidade não estavam ausentes nesses momentos mais tensos e menos favoráveis para tal (como a Nacionalização ou, poucos anos após a derrota alemã na guerra). De forma secundária, até mesmo subterrânea (para ficar no vocabulário de Michael Pollak), esse tipo de memória permaneceu. Especialmente devido aos seus *aide-mémoire* existentes, perceptíveis através de seus monumentos. E percebemos assim que o que muitas vezes é visto como um silêncio, pode ser na realidade um cochicho que não nos chega ao ouvido. Os *aide-mémoire* (em inglês, *memory aid*) tem esta função informal de auxiliar diplomatas tanto a não esquecerem de suas pautas ao longo de reuniões e encontros, quanto para informar esses profissionais de temas secundários ou secretos que deverão ser discutidos. As pessoas precisam de ajuda para lembrar das coisas, senão outras informações mais urgentes e recentes ocupam o espaço efêmero da memória.

O curioso no debate sobre memória é que se trata de um conceito também utilizado em outras áreas, especialmente pela psicanálise e pela psicologia. Apesar de tratarem a questão da memória por um outro interesse e viés, suas conclusões sobre a dimensão *operacional* desse

16 Medeiros Lima não apontou resultados conclusivos em minha busca.

recurso mental apresentam conclusões interessantes. De maneira geral, podemos partir do princípio de que “o termo memória é simplesmente um amplo rótulo para um grande número de processos que formam as pontes entre o passado e o presente” (FRIDLUND; GLEITMAN; REISBERG, 2003, p.344). Nesse sentido, a memória cotidiana operacional já nos indica a importância de lembrar e esquecer coisas, capacidades fundamentais para organizar o nosso dia a dia, demonstrando que o esquecimento também é um fator importante na operação da memória, pois senão ficaríamos “atravancados por uma massa de informação sem utilidade” (FRIDLUND; GLEITMAN; REISBERG, 2003, p.349). O que é revelador e possibilita construir conexões a partir da discussão distinta realizada na História e na Psicologia sobre a memória, é em como temos, entre variados indivíduos, uma capacidade biológica muito similar para lembrar e esquecer. Nos experimentos realizados por psicólogos, se concluiu que a capacidade de memorizar é basicamente a mesma para todos indivíduos, e não há como melhorar significativamente essa habilidade *física* do cérebro em memorizar mais[17]. Em termos brutos, temos todos a mesma capacidade elástica de operar nossa memória. De forma que é impossível algum grupo de indivíduos *lembrar* mais do que outro. O que nos leva a perguntar, como certos aspectos do passado são lembrados ou esquecidos?

Entretanto, algumas pessoas parecem lembrar mais coisas do que outras. Como isso seria possível? O que se observou, é que essas pessoas que aparentemente conseguem lembram mais, na realidade não memorizam mais, apenas desenvolvem caminhos que lhes auxiliam a isso. No caso, o exemplo seria o de que, no momento de decorar uma sequência numérica, é mais fácil decorar 1822 como um único número do que quatro números em sequência como: 1, 8, 2 e 2. Assim a pessoa está memorizando um único número em vez de quatro. Quando há sequências maiores e mais números, esses conjuntos se tornam datas, por exemplo 1822 é a Independência do Brasil, 1937 é o início do Estado Novo, e assim por diante. Processo que, de certa forma, fazemos para guardar números de telefone organizando-os por dezenas em vez de unidades. Ou seja, lembramos de coisas quando temos auxiliares para lembrar, quando temos algum tipo de *ajuda* que é traduzida por meio de alguma organização e sistematização da memória. No sentido de que “lembramos bem o que organizamos bem” (FRIDLUND; GLEITMAN; REISBERG, 2003, p.358). O que é uma constatação que dialoga com o fato de que “se habitássemos ainda nossa memória, não

17 Apesar de algumas pessoas lembrarem um pouco mais do que outras nos experimentos realizados, ou até mesmo alguma melhora ser apresentada depois de alguns dias de exercícios e testes, a diferença é sempre muito baixa e praticamente insignificante, mantendo uma média muito parecida entre todos.

teríamos necessidade de lhe consagrar lugares" (NORA, 1993, p.08). A memória não é um recurso tão previsível e padronizado quanto muitas vezes se possa pensar. Ela funciona a partir de seus auxiliares, afinal mais esquecemos do que lembramos[18]. A memória em si não é um arquivo, em realidade, ela depende dos arquivos para funcionar corretamente. O exemplo trivial é, por mais que lembremos de nossos compromissos e tarefas ao longo da semana, o uso de uma agenda não deixa de ser recomendado. Ainda que não a consultemos, o simples fato de operacionalizá-la, marcando os compromissos são suficientes em auxiliar nossa memória que *sozinha* tem grandes chances de nos *trair*.

Por isso o termo *aide-mémoire* nos traduz melhor a função destes textos sobre Blumenau e sua História, ou seus monumentos que remetem ao passado e nos auxiliam a lembrar o que ele foi de maneira mais satisfatória que o termo lugares de memória. Apesar de toda sofisticação de Pierre Nora, seu termo lugares de memória é produtor de muita confusão, pois parece remeter e dialogar exclusivamente com o topográfico. De forma que, ao problematizar e analisar o termo cunhado a partir da produção da coletânea de textos, "Nora destaca a tendência a reduzir os lugares à materialidade e ao monumental" (GONÇALVES, 2012, p.33). Mesmo que seu *lieu* seja uma metáfora para esses espaços ocupados por memórias em nosso imaginário, é através desses "lugares" localizados entre um monumento e uma receita culinária, que temos uma série de auxílios para nos indicar uma representação do passado e uma visão a ser veiculada, defendida e recordada. São os mais variados instrumentos que auxiliam a lembrar, e por isso são mais bem definidos como *aide-mémoire*, ou pró-memória, pois auxiliam na tarefa de não esquecer[19]. Acima de tudo, eles estão acompanhados de uma narrativa.

É justamente esse tipo de função que podemos perceber nesses discursos sobre o passado da cidade. Se não elogiam a etnicidade através da raça ou da língua, elementos que então eram mal vistos ou proibidos, o valor do trabalho continua a ganhar seu espaço e sua relação com o passado, não havendo uma interrupção dessa lembrança. Manter o elogio a esses outros aspectos importantes para a definição da germanidade e da etnicidade teuto-brasileira conseguiu estabelecer um grau de continuidade: o de que alguma coisa justificaria para esses descendentes de imigrantes o seu grau de superioridade em relação aos demais.

18 Dentro dos experimentos realizados não se chegou a explicações conclusivas sobre como algumas vezes lembramos de algo insignificante de nossa memória de trabalho (a que se ocupa em logo esquecer) anos mais tarde.

19 De acordo com o Dicionário Houaiss, *aide-mémoire* é "tudo o que serve para ajudar a memória", e a palavra *aide* vem de ajudante e *mémoire* de memória, ambas de origem francesa (HOUAISS, 2001).

Possuindo uma espécie de *status* especial de cidadão. Essa é a continuidade permitida pelos *aide-mémoire* existentes, em relação a interrupção da memória baseada no uso da língua e no elogio da raça. É, por esse viés, que podemos entender por quais motivos o entendimento dessa germanidade existente antes da Nacionalização apresentava elementos completamente distintos dos que observamos a partir da década de 1970. O mais importante é que o sentimento de um *status* especial de cidadania (justificando uma pretensa superioridade), se manteve de uma forma ou de outra. Sendo essa a continuidade dentro de uma sucessão de inevitáveis rupturas. Não seria mais a raça, manifestada através da descendência e da língua, o que definiria a superioridade, mas sim a capacidade de superação dos desafios através de uma postura inquebrantável para o trabalho. Uma habilidade inata ao grupo étnico em particular e atestada pela sua pujante indústria.

Para ajudar a ilustrar a presença desses *aide-mémoire*, podemos observar as festividades do Centenário de Blumenau em 1950. Sendo um grande evento daquele momento, o centenário da cidade está bem documentado em relação a outros eventos municipais do período, contendo uma generosa quantidade de fotografias no acervo do Arquivo Histórico de Blumenau. Podemos observar pelas fotografias existentes que a cidade contou com eventos variados, sendo os principais: uma feira de exposição da cidade e seus produtos, um parque de diversões construído temporariamente para aquela ocasião, e a realização de um desfile em 02 de setembro de 1950. O desfile de 02 de setembro é realizado desde antes de 1950, porém devido às condições da pequena cidade, os registros anteriores são escassos. Temos nesses desfiles uma oportunidade para captar a narrativa construída e propagada sobre a cidade, pois de acordo com os ensinamentos de Mary Ryan, “a parada oferece uma boa documentação da cultura do passado; congregando um poder emocional e de expressividade estética que falta na formulação literária dos valores e ideias”[20] (RYAN, 1989, p.133). Narrativa que geralmente nos é apresentada em fragmentos se apresenta em conjunto durante o desfile, indicando os desejos e vontades de uma parcela significativa de uma sociedade.

As festividades e os desfiles durante o centenário de Blumenau foram algo grandioso para a época. Tivemos um desfile exclusivo do exército e seu destacamento de blindados, especialmente deslocados de Florianópolis e Curitiba, acompanhados de soldados em longas fileiras. Mas, o destaque fica por conta da indústria, de forma que “os festejos do centenário

20 No original: “the parade offers a well-rounded documentation of past culture; it conjured up an emotional power and aesthetic expresiveness that the simple literary formulation of ideas or values lacked”.

foram apropriados como um campo simbólico para a idealização e fortificação de uma imagem da cidade de Blumenau, compatível com o novo momento político vivido no país, após o período da nacionalização" (ANNUSECK, 2005, p.06).



Figura 10: Crianças e dois adultos encenam uma escola do interior durante o desfile do centenário (1950). Seus chapéus, pés descalços e calças até o meio da canela indicam sua origem colona. A crianças de diferentes tamanhos nos indicam suas diferentes idades, nos levando a interpretar como uma sala multisseriada (Acervo Fotográfico AHJFS, 5-2-1-20b).

Porém, alguns elementos são interessantes de se observar, como o carro alegórico que carregava uma grande fotografia de Hermann Blumenau, ou o carro alegórico que representava uma família de colonos em sua cabana feita com troncos e folhas de palmito, ou o carro alegórico com os atiradores de clubes de caça e tiro, que carregados de suas medalhas ostentam seus fuzis, ou das crianças fazendo a dança do pau de fitas em trajes tiroleses, ou ainda do carro alegórico representando a chegada da energia elétrica e do cinema com um anúncio de espetáculo em alemão. E, dentre os carros alegóricos, ganha destaque o da escola, no qual as crianças em pés descalços e largos chapéus de palha ou feltro, carregam pequenas lousas enquanto tomam lições de seu professor em vestes pesadas diante de uma construção

rústica, assemelhando a situação das escolas alemãs comunitárias, existentes em grande número na região até a sua proibição. Ignorando, assim, os grupos escolares construídos pelo governo durante o Estado Novo.

O que essas fotografias nos permitem concluir é que, apesar de haver um esforço para colocar a germanidade em segundo plano, fato explicado pela Campanha de Nacionalização e pela derrota alemã na Segunda Guerra, elementos que remetiam a Blumenau a sua germanidade não são apagados dos espaços de memória. As referências a esta germanidade de Blumenau apenas ganham um grau menor de atenção, já que este discurso era visto como suspeito neste período entre o final da década de 1930 e 1960, seja devido ao nazismo ou a uma ascensão dos Estados Unidos da América enquanto potência. É necessário colocar a observação de que, nas fotografias do desfile do centenário temos grande presença de público, o exército em expressiva quantidade, a exposição da indústria da cidade e os carros alegóricos que relembram o passado germânico representado através de elementos do cotidiano (tiro, escola, cinema etc.) envoltos em propagandas de marcas estadunidenses na fachada das lojas da rua XV de novembro (como *Dunlop*, *Goodyear*, *Frigidaire*, *Ford*, etc), que nos auxiliam a compreender os diferentes estratos que estavam se consolidando naquele momento.

São estes elementos esparsos presentes muitas vezes de forma discreta no dia a dia que se apresentam na expectativa de conjunto em eventos como o desfile de aniversário da cidade. E conforme os dizeres de M. Ryan, “a desordem e cacofonia que reinou na maior parte do ano é ordenada em agradáveis padrões visuais e audíveis”[21] (RYAN, 1989, p.152). Esses elementos cotidianos, quando representados, têm não só o efeito de se revelarem como auxiliares da memória (*aide mémoire*), mas também de produtores de pertencimento por serem conhecidos da vida pessoal da maior parte dos indivíduos. É assim que o sujeito se entende como participante do passado, seja como ator (quando mais velho), seja como consequência (quando mais novo). Como observa Mudrovcic, em grupos e comunidades menores a estratificação de gerações “adquire características de uma relação orientada para o nós (*We relation*) na medida em que seus membros se sentem participantes de experiências presentes comuns e, por meio de histórias e textos, herdeiros de experiências passadas comuns”[22] (2005, p.108).

21 No original: “the disorder and cacophony that reigned most of the year was ordered into reassuring, visually and audibly pleasing patterns”.

22 No original: “adquiere características de una relación-orientada-al-nosotros (*we relation*) en tanto que sus miembros se sienten partícipes de experiencias comunes presentes y, a través de los relatos y textos, herederos de experiencias comunes pasadas”.



Figura 11: Palco montado no parque de diversões do Centenário (1950). Localizado nos fundos do Teatro Carlos Gomes, o espaço era reservado para apresentações e jogos. Dentre os registros temos estes jovens realizando a dança do pau de fitas (Acervo Fotográfico AHJFS, 5-2-1-56b).

É através dos auxílios à memória que conseguimos lembrar de algo. E, quando abordam esses elementos tão rotineiros e banais do cotidiano, como o lazer (representado no cinema, no tiro e na dança), ou o trabalho (presente na indústria e na lavoura), é que temos um pertencimento individual a esse passado, entendendo-se então como parte dele.

Também é importante observar como entre o final da Segunda Guerra e a metade da década de 1970, o executivo de Blumenau foi dominado por sujeitos ligados aos proprietários da indústria local (SIMÃO, 2007). E é justamente nesse período entre o Estado Novo e a década de 1970 que a indústria catarinense logra crescimento significativo e sua consolidação na participação econômica nacional, num processo de verticalização (GOULARTI FILHO, 2002). Esse processo de consolidação da indústria nacional, democratização e inflação, geram um caldo de reivindicações sociais bastante intenso entre as décadas de 1950 e 1960

(FERREIRA; DELGADO, 2003). E apesar de ter sido pouco abordado na imprensa da época, a pesquisa de Ellen Annuseck (2005) gira em torno da greve que ocorreu justamente no ano do centenário de Blumenau, que também seria ano de eleição. Esse investimento no louvor às supostas qualidades étnicas germânicas *exclusivas* de Blumenau, ainda que um pouco tímido, seria uma forma eficiente de diluir as diferenças de classe. Algo buscado pela classe empresarial, dada a efervescência social reinante no país durante este momento. Se o operário é claramente distinguível de seu patrão, a igualdade possível está no fato de ambos terem uma origem étnica em comum. Apesar das disputas em torno do *Deutschtum* muito intensas e múltiplas que existiam na Blumenau do começo do século XX, o consenso entre distintos grupos parecia residir no fato de que todos se entendiam como mais ou menos alemães. Algo que em certa medida fora reforçado pela perseguição sofrida durante a Nacionalização. Ao menos momentaneamente as diferenças de classe poderiam ser borradas pela etnicidade compartilhada. Conforme coloca David Lowenthal, é o passado que nos auxilia a tornar o presente algo familiar, "seus traços deixados fisicamente e em nossas mentes nos permitem dar sentido ao nosso presente"[23], de forma que "sem o hábito e a memória da experiência passada, nenhuma visão ou som significariam alguma coisa; nós só conseguimos perceber aquilo a que estamos acostumados"[24] (2011, p.39).

3.4 Acessando o passado

Desde a formalização da História como uma ciência, temos a preocupação de sua relação com os não especialistas. Os primeiros historiadores profissionais, vulgarmente chamados *positivistas*, já entendiam que a História não poderia se encastelar entre seus peritos. Seria necessário expandir a discussão para o público educado e interessado, no sentido de que "a história deveria ser tanto uma área da ciência quanto uma fonte de cultura"[25] (IGGERS, 2005, p.25). Por isso, a discussão sobre seus limites em estabelecer a realidade dos eventos, sua narrativa e veracidade já ocorriam (ainda que de forma menos intensa) no Século XIX. O que nos indica que, apesar do serviço profissional dos historiadores em destrincharem essa relação que estabelecemos com o passado, há um transborde dessas discussões que não respeita fronteiras, dado que a História não propõe ser uma ciência exclusiva de seus

23 No original: "its traces on the ground and in our minds let us make sense of the present".
24 No original: "without habit and the memory of past experience, no sight or sound would mean anything; we can perceive only what we are accustomed to".
25 No original: "History was to be both a scientific discipline and a source of culture".

produtores. A História tem seu caráter público mais pronunciado do que as outras ciências, por isso lida constantemente com a memória. No que podemos observar como as pessoas, por se entenderem parte da passagem do tempo e sua construção, aplicam-se um grau de autoridade sobre o passado, do qual talvez, a expressão mais comum que indique isto seja: *você não sabe, você não estava lá*. Sob os auspícios de Tucídides, as testemunhas invocam sua autoridade diante do passado.

Adentramos assim o pantanoso terreno da História e da Memória. Sendo dois termos distintos, sua relação é intensa pelo fato de tratar de um mesmo lugar: o passado. Ocorre que a memória é entendida como um recurso necessário apenas quando não há mais outro. Ou seja, tradicionalmente somos desconfiados com a memória por sua inexatidão e sua relação pouco esclarecida com a imaginação. Esquecemos constantemente, por isso necessitamos de recursos que auxiliam a nossa memória, conforme já vimos. Colocando assim uma questão já muito sabida pelos historiadores: não é porque lembramos de algo que aquilo é necessariamente real, exato ou confiável. A memória pode se confundir com a imaginação, "na medida em que essa composição em imagens, que se aproxima da função alucinatória da imaginação, constitui uma espécie de fraqueza, de descrédito, de perda de confiabilidade para a memória" (RICOEUR, 2007, p.70). Memória e imaginação são dois recursos acessados e utilizados de forma muito semelhante, por isso confusos em sua distinção. E com isto, o testemunho e a lembrança não se mostram confiáveis para um entendimento sério e metódico do passado como a História se propõem. Chegamos então ao outro jargão da área: História e Memória são diferentes, porém se relacionam.

A história teria, por meio de um método e compromisso, confiabilidade e verificabilidade que a memória não nos permite ter, especialmente pelo fato desta última se confundir com a imaginação. Tanto a História quanto a Memória são áreas que fazem parte da relação que estabelecemos com o passado. A História em sua cientificidade, pretensão de totalidade e postura crítica, diferencia-se da Memória, no sentido de que "recordar o passado não é o mesmo que compreender-lo historicamente"[26], e por isso "a história começa onde termina a memória coletiva, na medida em que esta se constitui em objeto de estudo da primeira"[27] (MUDROVCIC, 2005, p.92).

26 No original: "recordar el pasado no es lo mismo que comprenderlo históricamente".
27 No original: "la historia comienza allí donde la memoria colectiva termina, en tanto ésta se constituye en objeto de estudio de la primera".

Grosso modo, a visão de passado particular a um indivíduo ou grupo é chamado genericamente de memória. Seja quando falamos de grupos políticos específicos como partidos, ou se tratando de grupos maiores como uma nação e sua memória retratada através de símbolos nacionais[28]. Sem o mesmo rigor construtivo que a História, a memória está associada aos jogos políticos da *vida real*, dos interesses imediatos do presente, e assim se explica sua maior flexibilidade e velocidade em formular visões do passado em relação a História. É graças à memória e seus desenrolares, que constantemente historiadores são puxados para o centro dessas discussões de caráter público, e essas são mais intensas na História do Tempo Presente. Ocorre que, a discussão entre História e Memória não tem seu problema "resolvido pela simples oposição da memória séria à memória trivial, do modo como os historiadores algumas vezes opõem história e memória *tout court*, memória como uma coisa subjetiva e trivial, fora da qual o historiador constrói a realidade" (HUYSSEN, 2000, p.21). Constituindo-se enquanto coisas distintas e relacionadas, História e Memória não se resolvem através de sua oposição metodológica, estando a metodologia presente na primeira e ausente na segunda. Ainda que isso seja verdadeiro, justificando a existência e importância dessa ciência humana, a História alimenta a Memória e vice-versa. Por isso para tratar dessa discussão é necessário observar como isso se deu em Blumenau, afinal se hoje temos uma representação da cidade enquanto germânica devido ao seu passado, essa visão do passado não se construiu de forma aleatória, foi necessário a ação coletiva de indivíduos.

Percebemos que se desejava solidificar uma visão sobre o passado da cidade quando temos a inauguração de monumentos históricos, como seria o caso do monumento aos primeiros imigrantes erigido em 1900 defronte a sede do município (onde depois seria a prefeitura, que pegou fogo em 1958). Havia um interesse semelhante quando em 1929 se construiu uma estátua de Fritz Müller, em vestes pesadas, sentado curvado e pensativo em rocha sólida, ao revés de qualquer registro fotográfico existente do cientista, que preferia roupas confortáveis e os pés descalços para seu convívio na natureza subtropical (seja devido aos afazeres da roça ou por suas observações mata adentro). Movimento que não deixa de ocorrer durante o período da Nacionalização quando Hermann Blumenau também é eternizado em uma estátua, ou quando sua sobrinha-neta (Edith Gaertner) decide transformar

28 Um caso comum para ilustrar este ponto é a análise de bandeiras nacionais que tradicionalmente dependem de alguma explicação que remete ao passado para se justificar, ainda que esta narrativa seja irreal, a exemplo da comum atribuição as cores da bandeira do Brasil como representação de seus dotes naturais e não de casas reais europeias; ou fruto de episódios difíceis ou impossíveis de comprovar, como é o caso das bandeiras da Turquia cuja narrativa mais comum se apoia nos acontecimentos da Batalha de Kosovo em 1448, ou a da Dinamarca que durante a Batalha de Reval em 1219 teria caído dos céus.

a antiga propriedade de sua família em um literal lugar de memória do município. O que se transforma é a atenção mais detida sobre algum aspecto desse passado, sendo num primeiro momento a germanidade de seu povo e, num segundo momento, sua indústria e trabalho. O passado nunca se ausentou de seu espaço no presente, ele mudou seu foco.

Se traços físicos nos auxiliam à recordação e entendimento do passado, conforme é apresentado por Peter Stallybrass (2004), é importante recordar que eles por si só não se explicam para o público. Da mesma maneira que, as fontes por si só não dão conta de explicar o passado. Ocorre que os intelectuais acabam sendo um personagem importante na função de organizar, sistematizar e processar essas informações dispersas. Conforme é definido por Carlo Marletti, os intelectuais normalmente são entendidos como aqueles que realizam trabalhos não manuais, sendo "os responsáveis pela produção e aplicação dos conhecimentos e valores" (2008, p.637). E, apesar de termos profissionais com formação acadêmica em história atuando muito tardiamente no estado de Santa Catarina (apenas na segunda metade do Século XX), temos uma série de personagens que dominam recursos intelectuais de forma suficiente para produzir estudos sobre o passado. Apesar de uma produção historiográfica minimamente preocupada com alguma metodologia (notadamente o uso de fontes), a produção profissional de História em Santa Catarina até finais da década de 1980 estava ainda muito ligada a uma *História Tradicional* (WOLFF, 1994), focada sobretudo no encadeamento de fatos. Porém, conforme demonstrou Janice Gonçalves em sua tese (2006), a formação de historiadores profissionais (aqueles cuja formação acadêmica é em História) se consolida a partir da criação do Programa de Pós-graduação em História da UFSC em 1975, sendo até então a pesquisa produzida sobre o passado em Santa Catarina fruto do trabalho de entusiastas de outras áreas que, mesmo muitas vezes possuindo sua atividade profissional ligada à História, esta não era sua área de formação. É a partir daí que se vai cunhar uma distinção geracional entre os *novos* e os *velhos* (WOLFF, 1994), sendo os primeiros responsáveis pela *Nova História* e os segundos pela *História Tradicional*. O que se observou no estudo de Janice Gonçalves é como essa distinção geracional está também envolta em questões políticas, afinal mais do que produzir uma História que supere o encadeamento de fatos, os *velhos historiadores* catarinenses estavam sobretudo costurados à complexas redes políticas de poder, incluso aqui os primeiros profissionais que formaram uma espécie de período de transição. Esse entrelaçamento dos *velhos* com as redes políticas locais nos auxiliam a

compreender em muito a sua produção de história. Questão que também aparece quando analisamos o caso de Blumenau e seu grande historiador neste período: José Ferreira da Silva.

Com uma escrita afiada, José Ferreira da Silva domina a produção de história em Blumenau entre as décadas de 1930 até 1973, quando faleceu em um acidente rodoviário. É um personagem marcado pela atuação política, no que "se dedica a escrita em meio às transições e embates políticos dos anos trinta, no qual o pangernamismo local, o integralismo e a política autoritária e nacionalizadora do governo Vargas disputam os espaços de poder", no que ele "empresta seus serviços de escritor aos grupos políticos em diversos momentos, oscilando entre estas correntes, apresentando uma carreira política bastante dúbia" (DA SILVA, 2008, p.11). E compartilhando essa característica em comum a tantos historiadores catarinenses cuja formação não era em História, sua produção intelectual eclipsou sua vida política. José Ferreira da Silva é recordado por seu trabalho como historiador (no sentido de operar fontes e produzir uma narrativa crível), eis por que o Arquivo de Blumenau oficialmente carrega seu nome. Ele também foi o fundador da Revista Blumenau em Cadernos em 1957.

Entre 1957 e 1973 a Revista Blumenau em Cadernos teve boa parte de seu material produzido por J. Ferreira da Silva, entretanto contou com uma sólida base de colaboradores por todo o estado. Colaboradores como Walter Piazza, Lucas Boiteux e Oswaldo Cabral (DA SILVA, 2008, p.18) escreviam sobre Florianópolis e sua região; à história de Blumenau temos "Christiana Deeke Barreto (que esteve inclusive encarregada do Arquivo de Blumenau, em 1950), Edith Kormann, Frederico Kilian"; à história de Joinville "Adolfo Bernardo Schneider, Carlos Ficker, Elly Herkenhoff e Rosa Herkenhoff"; também "o padre Victor Vincenzi, mais voltado à história de Rio dos Cedros; Atílio Zonta, à história de Ascurra; Ayres Gevaerd, à história de Brusque; Aluisius Carlos Lauth, à história de Azambuja" (GONÇALVES, 2006, p.278). Também havia a preocupação "em divulgar e distribuir a revista em diversas bibliotecas do país e no exterior, bem como fazer com que esse periódico fosse objeto de discussão daqueles que escreviam a história de Santa Catarina no momento" (DA SILVA, 2008, p.18). Conforme a Revista Blumenau em Cadernos foi analisada, não é incomum encontrar entre suas páginas a seção *O que falam de nós*, na qual cartas e comentários de não blumenauenses elogiando a revista são publicados. Geralmente essa seção da revista estava acompanhada da *Estante dos cadernos*, que resenhava livros de História ou romances, principalmente mas não exclusivamente, de autores locais. O que nos permite observar que

não havia em torno de Blumenau e sua produção intelectual qualquer característica de isolamento[29]. É através da figura de José Ferreira da Silva e da Revista Blumenau em Cadernos, que podemos perceber como houve esforços em divulgar uma visão do passado da cidade de Blumenau.

A Revista, ainda existente, apresenta três fases distintas em sua trajetória. A primeira (1957-1973) é diretamente ligada a José Ferreira da Silva e suas articulações, na qual o passado abordado é quase que exclusivamente a colonização germânica de Blumenau. Na segunda (1973-1996) temos Federico Carlos Allende como responsável pela revista até 1977, quando José Gonçalves assume a editoria da revista até 1996. Este segundo momento é marcado por uma diminuição nas contribuições e produções que visem à história, aumentando a presença de crônicas e a tradução e transcrição de documentos. Apesar dessa relativa decadência da revista, assuntos até então pouco abordados aparecem com maior intensidade, a exemplo das colonizações italiana ou "brasileira" na região. E, a terceira fase, é a partir de 1997 quando Sueli Petry assume o cargo de editora, a revista adota um diálogo mais intenso com as produções acadêmicas, sem deixar de publicar suas crônicas, transcrições e traduções de documentos, conforme ocorre em maior ou menor intensidade desde a fundação da revista (DA SILVA, 2008, p.48).

Apesar de a Blumenau em Cadernos surgir como um empreendimento de Ferreira da Silva dentro de um momento oportuno, tanto pelo crescimento editorial brasileiro nesse período, quanto pelo vazio momentâneo de revistas especializadas em História no estado de Santa Catarina, foi através da Blumenau em Cadernos que Ferreira da Silva reabilitou-se dentro da sociedade blumenauense (SCHIMITT, 2011). Ausente de Blumenau desde a sua exoneração do cargo de prefeito-interventor, passando por uma malograda campanha para prefeito durante a experiência democrática do pós-guerra, José Ferreira da Silva residiu em várias cidades brasileiras devido ao seu trabalho como procurador de uma companhia de seguros (DA SILVA, 2008). Foi da capital paranaense que Ferreira da Silva organizou os primeiros tomos da revista, até regressar para Blumenau em 1962, quando a convite do prefeito Hercílio Deeke, ocupa o cargo de diretor da Biblioteca Fritz Müller. Função que ocupou até sua morte em 31 de dezembro de 1973.

29 Esta questão do *isolamento* destes colonos alemães é bastante abordada em: WITT, Marcos Antônio. Em busca de um lugar ao sol: anseios políticos no contexto da imigração e da colonização alemã (Rio Grande do Sul – século XIX). Tese de doutorado em História. Porto Alegre: PUCRS, 2008.

É interessante observar como a revista ganhou já em 1958 seu primeiro subsídio através da Lei municipal nº841, durante o mandato de Frederico Guilherme Busch Jr. Essa subvenção mensal à revista foi elevada em mais três oportunidades até o começo da década de 1970, através das leis municipais nº939 de 1960, da nº1.114 de 1962 e da lei nº1.467 de 1967, isso apesar da mudança de prefeitos e partidos. Mesmo cobrando um custo para a sua aquisição, uma publicação tradicionalmente necessita de outras fontes de sustento. E no caso da Blumenau em Cadernos, para além da subvenção municipal, temos um grande número de anunciantes em suas páginas. Os principais anunciantes no período de 1957 e 1973 levantados por Darlan Schmitt em sua dissertação intitulada *Blumenau em cadernos e José Ferreira da Silva* (2011, p.59-62), são: a Eletro-aço Altona S/A com 27 anúncios, Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A com 25 anúncios, Indústria Têxtil Companhia Hering S/A com 24 anúncios e Empresa Industrial Garcia S/A com 18 anúncios. São empresas que também anunciavam nos programas dos grupos de teatro de língua alemã (ver primeiro capítulo), também faziam parte do rol de anunciantes da Blumenau em Cadernos, a exemplo da Cia. Hemmer Indústria e Comércio S/A ou da Casa Willy Sievert S/A, que mesmo em menor intensidade, também estavam presentes na revista e nos programas teatrais de língua alemã em torno da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes.

O que podemos observar nestes subsídios municipais e no rol de anunciantes da Blumenau em Cadernos é a origem de apoio formal para a revista. Compreendendo que os prefeitos Frederico Guilherme Busch Jr, Hercílio Deeke, Carlos Curt Zadrosny eram empresários e figuras de famílias tradicionais da cidade; pode-se afirmar que havia uma convergência entre a classe empresarial, política e intelectual da cidade em torno da Revista Blumenau em Cadernos e o seu retrato do passado. O Interessante é que Evilásio Vieira, figura ligada ao jornalismo e ao setor radiofônico, rompe esta dominação política da classe empresarial no executivo da cidade, e é justamente a partir de seu governo e seus sucessores do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que o turismo e um retrato estereotipado de Blumenau enquanto alemã, ganham maior intensidade. Apesar das divisões políticas existentes na cidade, são figuras políticas ocupando o executivo que apesar de suas diferenças convergiam em aspectos de um retrato do passado de Blumenau enquanto germânica. Acima de tudo, temos uma certa sincronia entre o meio empresarial, o político e o intelectual perceptível através dos financiamentos. São financiamentos que não se dão de forma *neutra*

ou em busca de benefícios fiscais[30]. De maneira que, “públicos ou privados, eram estes patrocinadores representantes de um poder instituído, sendo os maiores fomentadores do periódico de Ferreira da Silva” (SCHMITT, 2011, p.121). A Revista Blumenau em Cadernos vai ganhando então um papel importante nessa relação da cidade de Blumenau com o seu passado, pois é o veículo que se mantém constante e com ares de oficialidade. O arquivo, afinal, só seria oficializado como *histórico* no ano de 1973. Conforme é posto na própria revista em dezembro de 1961, em maior parte as dificuldades para a continuidade[31] da revista estavam na “constante e exagerada alta do papel e da mão-de-obra”. Contudo, o texto continua em agradecimento, já que foi possível “continuar contando com o auxílio das firmas anunciantes que, desde o princípio, nos deram mão forte e com o apoio e a preferência dos nossos assinantes e leitores”, foi conservada a publicação (BLUMENAU EM CADERNOS, T.IV, nº12, 1961, p.221).

Aqui, vale olhar para as observações realizadas por Gilles Deleuze e Michel Foucault durante entrevista intitulada *Os intelectuais e o poder*, na qual ambos discutem o papel do intelectual na sociedade. Deleuze e Foucault buscam descolar a figura do intelectual do iluminador e guia racional da sociedade, em uma postura crítica à abordagem tradicional e de caráter iluminista, no sentido de que o intelectual *saberia*, enquanto o povo, formado por uma massa de não intelectuais, *não saberia*. Algo perceptível na observação de M. Foucault de que “o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles [os intelectuais] para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem”. Ficando a dúvida: se está superada a figura iluminadora do intelectual, qual seria então o seu papel na sociedade pós-1968? No que, M. Foucault prossegue, afirmando que “existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber” (1979, p.71), no sentido de que o intelectual ocupa um espaço de poder que legitima um discurso e uma prática. Que não se trata de uma censura, no sentido direto da palavra, mas de uma relação de poder que se reproduz de forma capilar nos mais variados estratos sociais.

30 Não se trata, por exemplo, de um “fundo de cultura”, no qual os empresários e o poder público não teriam direto de escolha, mas sim de algo claro e delimitado como uma peça de teatro em alemão ou uma revista de história. Tampouco parece haver qualquer política de incentivo fiscal para o apoio cultural de empresas como acontece atualmente.

31 Desde a sua fundação, a Blumenau em Cadernos tem dificuldade em manter a sua periodicidade, não sendo incomum as publicações ocorrerem com certo atraso. No tomo VI, nº7 em julho de 1963 na página 120 é anunciado que se adotará a publicação trimestral ou a cada quatro meses devido as dificuldades da publicação mensal. O Ano de 1964 também não contou com nenhuma publicação.



Figura 12: Registro do discurso de José Ferreira da Silva durante a inauguração do monumento aos Voluntários da Pátria blumenauenses (1965). *Rodeado por microfones, sua figura de intelectual deu a devida legitimidade ao evento apesar do palanque aparentemente improvisado devido a sua simplicidade. Em outras fotografias do evento era possível perceber a presença de autoridades militares e religiosas (Acervo Fotográfico do Arquivo de Blumenau, 5-8-3-5b).*

Voltando a Blumenau notamos que um dos monumentos inaugurados durante o período estudado foi o dos Voluntários da Pátria em 1965. Localizado na Praça Hercílio Luz, de fronte a então sede da Prefeitura Municipal, o evento teve uma cobertura bem preservada. A construção desse monumento se dava pela oportunidade do centenário da partida de voluntários para a Guerra da Tríplice Aliança, ou Guerra do Paraguai (1864-1870). Em fotografias encontradas no acervo fotográfico do Arquivo de Blumenau, podemos perceber que, como de costume em eventos desta monta em Blumenau desde o período do Estado Novo, além das autoridades de praxe (prefeito, vereadores, empresários, escolares, religiosos etc) o exército sempre está presente. Dentre as fotografias, temos a presença de José Ferreira da Silva em um pequeno e improvisado palanque rodeado de alguns microfones, seja para amplificar ou transmitir via rádio a leitura da carta do Pastor Oswaldo Hesse que fora publicada cem anos antes no *Kolonie-Zeitung* de Joinville. Além da homenagem aos voluntários da pátria de 1864, também “pronunciou belo discurso […] o pracinha Jorge Levy Malty que falou em nome dos seus companheiros de lutas na Itália” (BLUMENAU EM

CADERNOS, T.XII, nº09, 1965, p.179). Ou seja, apesar de termos testemunhos de pessoas que de fato viveram esses episódios, é a figura do historiador, na ocasião praticada por Ferreira da Silva, que dava a devida legitimidade ao evento.

Isto interessa para o trabalho aqui apresentado no sentido de que, apesar de haver uma parte da população blumenauense que se entendesse como ligada a esse passado, não bastava os colonos ou empresários o dizerem, era necessário um *corpus* intelectual para legitimar tal visão, tanto por sua dedicação profissional ao assunto, quanto pelo domínio de técnicas específicas do processo de narrar o passado (como o manuseio de fontes e a escrita fluída), associados ao mais importante: o lugar legítimo que possui para tratar dessa questão. Mesmo surgindo como uma "revista independente", conforme José Ferreira da Silva foi se consolidando enquanto uma figura oficial para falar da história de Blumenau, movimento que se firma a partir de seu regresso como diretor da biblioteca pública municipal e do arquivo histórico ali presente, a Revista Blumenau em Cadernos também vai ganhando seu *status* de oficialidade conforme seu subsídio público e apoio empresarial são mantidos.

Especialmente após o incêndio do arquivo em 1958, quando praticamente a totalidade de documentos são consumidos pelas chamas. A Revista Blumenau em Cadernos tratou do assunto, indicando a sua importância por transcrever e publicar alguns documentos que estavam, então, preservados para a posteridade. E que "centenares de outros, cujas cópias havíamos ajuntado, no propósito mesmo de, um dia, concretizarmos a ideia que há muito estava em nossas cogitações, serão registrados em novos tomos, ficando assim, em parte mínima embora, amenizados os efeitos da verdadeira catástrofe" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.II, nº12, 1958, p.221). Assim, ficou a cargo da revista e seus colaboradores, e não mais das fontes presentes no arquivo, a oficialidade do passado de Blumenau. É através de uma análise do material publicado na Revista Blumenau em Cadernos entre 1957 e 1969, que poderemos compreender a construção de uma visão *oficializada* do passado da cidade.

3.5 Blumenau é hoje uma cidade moderna pois assim o é desde sempre

Os retratos do passado e do presente que aparecem na revista nos indicam alguns aspectos dessa construção da memória da cidade. O centro de Blumenau é um espaço detalhadamente descrito nas páginas da Revista. Ali buscam retratar a Blumenau urbana do passado, observando fatos como a de que "Blumenau foi a primeira do Estado a ter

iluminação elétrica" a partir de "19 de fevereiro de 1908", graças a iniciativa do "industrial Frederico Busch, que também instalou ali o primeiro cinema" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.II, nº08, 1959, p.150). Os retratos da cidade publicados nas páginas da revista ocorrem constantemente, e sem necessariamente alguma relação às publicações da edição. São comuns fotografias ocupando meia página, acompanhadas apenas de uma legenda que nem sempre apresenta dados para algum contexto, especialmente no quesito data (sendo comum o passado ser definido como *antigamente* ou *nos tempos de outrora*). É o caso das inúmeras publicações de fotografias de construções do arquiteto de origem alemã Simão Gramlich, que atuou na região do Vale do Itajaí no começo do século XX. Sob o título de "Monumentos da Bacia do Itajaí", são publicadas as fotografias da Igreja Matriz Católica da cidade vizinha Itajaí[32] (BLUMENAU EM CADERNOS, T.I, nº06, 1958, p.118), da Igreja Matriz Católica da vizinha Gaspar[33] (BLUMENAU EM CADERNOS, T.I, nº07, 1958, p.127) e da Igreja Matriz Católica de Rio do Sul[34] (BLUMENAU EM CADERNOS, T.I, nº10, 1958, p.185), todos grandiosos projetos para seu período. São também cidades que ou fizeram parte do território original da colônia Blumenau, ou sempre apresentaram seu desenvolvimento muito atrelado a antiga colônia, como é o caso da portuária Itajaí, por onde rio acima os colonos acessavam Blumenau até meados do Século XX.

Conforme observou Carla Fernanda da Silva, essas fotografias publicadas eram quase sempre postais do final do século XIX ou começo do XX, que cuidadosamente enquadravam algum pequeno fragmento de urbanidade da cidade, que a despeito de sua estrada de terra, esgoto a céu aberto, da ausência de veículos ou transeuntes, apresentava seus prédios de dois andares ou algum automóvel, presentes em lugares estratégicos do retrato. Conseguiam, assim, enquadrar algum fragmento da urbanidade ausente na totalidade da cidade, mas que indicava seus desejos e pretensões. O que ocorre na construção discursiva dessas fotografias é a construção de uma narrativa na qual "o passado da fotografia só expressa seu sentido no progresso do presente" (SILVA, 2009, p.42). De forma que o desenvolvimento de Blumenau, conforme o padrão de desenvolvimento urbano do Brasil, é muito recente e repentino. E por isso, a cidade não apresentaria essas características enquanto conjunto, mas sim enquanto fragmentos selecionados e visíveis dentro do correto enquadramento e legenda. Para termos uma vaga noção, ainda durante as décadas de 1960 e 1970 temos várias ruas centrais sem

32 Oficialmente, Paróquia Santíssimo Sacramento.
33 Oficialmente, Paróquia São Pedro Apóstolo.
34 Oficialmente, Catedral São João Batista.

calçamento, e durante a década de 1950 era inexistente fora do centro qualquer pavimentação para além do macadame. É justamente nesse período de salto desenvolvimentista que as primeiras calçadas e calçamentos se tornam comuns no centro. A cidade que se apresentava como industrial e desenvolvida, finalmente alcançava minimamente seus objetivos. E, isso podemos observar quando a Revista Blumenau em Cadernos publicou uma homenagem a Henrique Krohberger, arquiteto de origem alemã que projetou no final do século XIX as Igrejas Matriz Luterana[35] e Católica. Na legenda podemos ler que a construção seria uma "testemunha do desenvolvimento da cidade" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.I, nº01, 1957, p.11). Quando novamente uma fotografia da Igreja Luterana é publicada, é observado como a construção "conserva, ainda, as suas características primitivas" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.IV, nº01, 1961, p.14).

O reiterado uso das fotografias antigas para comprovar o desenvolvimento da cidade se torna mais evidente quando observamos a publicação de fotografias da época. Uma das obras urbanas de grande destaque nas décadas de 1950 e 1960 é a canalização do ribeirão Bom Retiro. A obra permitiu um maior uso do espaço central, formando a rua Nereu Ramos. Contrastando uma fotografia da obra em seus primeiros estágios, com uma outra da rua Nereu Ramos após a conclusão da canalização. O texto coloca como antes o local "não era mais que um grotão, de uns sete metros de rampas, cobertas de capoeira e lixo", e que "hoje, a rua Nereu Ramos é o que a fotografia ao lado mostra: uma via pública alegre, atraente, com belas construções e grande movimento", tudo "graças à canalização do Bom Retiro e aterro de seu leito profundo" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.II, nº07, 1959, p.125). Caso semelhante ocorre quando é publicada uma fotografia na qual aparece "o primitivo Hotel Holetz e várias outras construções que, **na época**, podiam ser relacionadas entre as melhores da cidade", mas que, agora "as **exigências do progresso** estão tratando de demolir para dar lugar a edifícios modernos e monumentais como será, incontestavelmente, o Grande Hotel Blumenau que substitui o velho Holetz" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.V, nº03, 1962, p.44, grifos meus). Em outra publicação, a Revista trouxe uma fotografia do recém concluído Grande Hotel, definindo-o como "um notável empreendimento hoteleiro" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.VI, nº02, 1963, p.33), inexistindo qualquer menção ao antigo hotel que ali ficava, ignorando totalmente sua existência passada.

35 Oficialmente, Igreja Luterana do Espírito Santo.

O mesmo padrão permanece quando temos retratos da nova Matriz católica, que com sua “monumental torre [...] empresta ao panorama de Blumenau um aspecto imponente e novo” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.VI, nº06, 1963, p.120). Quando a construção anterior é abordada nas páginas da revista sob o título de “A Velha Matriz”, é observado como as constantes reformas e ampliações fizeram com que “o belo templo blumenauense perde[sse] toda a estética e beleza de linhas do projeto executado por Krohberger”, justificando que por isso, “com a construção da nova matriz e de sua torre monumental, a paisagem, nesse trecho de Blumenau, ficou completamente outra, sem vestígio algum da que foi até bem poucos meses atrás” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.VI, nº02, 1963, p.27). Em um texto intitulado “Reminiscências”, Frederico Killian tratou da transformação urbana pela qual passava Blumenau, dizendo que pessoas ausentes da cidade nos últimos anos, “certamente encontrarão muitas coisas mudadas e diferentes, mas não poderão deixar de constatar que Blumenau continua a ser a cidade catita, asseada, das belas residências, encravadas em floridos jardins”, afirmando que apesar das mudanças, “Blumenau é e continua ser Blumenau”, observando que “muito se mudou em Blumenau, nestes [sic] últimos 50 anos, mas... convenhamos, mudou para orgulho nosso” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.I, nº04, 1958, p.73). Empolgados com essa modernização da cidade, é apresentado o hino “Blumenau Cidade Palácio”, uma composição de Francisco Corrêa e com letra de José Ferreira da Silva, ambos residentes em Curitiba. Segundo a revista, “os estabelecimentos de ensino primário e secundário de Blumenau já o estão ensaiando com a dupla finalidade de, com a sua execução, abrilhantarem as solenidades em que tomarem parte e a de incutirem, em seus alunos, maior intusiasmo [sic] e civismo pelo engrandecimento material e moral de sua comuna”. Os versos foram assim apresentados:

> Blumenau, ó "cidade-palácio",
> Moradia de um povo feliz,
> A cultura que ostentas, pujante,
> Enaltece este grande país.
>
> Estribilho:
> Cantando as tuas belezas Tua gente varonil,
> Na virtude, no trabalho,
> É orgulho do Brasil
>
> Os colonos, que um dia te ergueram,
> Foram sábios, velaram por ti,
> Te cobriram de flores, de glórias,
> Linda pérola do Itajaí!
> (BLUMENAU EM CADERNOS, T.I, nº09, 1958, p.163)

Apresentando, em sua mescla de passado e presente, uma condição virtuosa e contínua para o progresso e desenvolvimento da cidade, que expressa esses valores através de sua gente e sua história. Esse elogio do presente em um espaço consagrado a tratar o passado, também ocorre com a inauguração da nova sede dos correios e telégrafos, transferido então para a rua Curt Hering. A construção foi celebrada “pela beleza de seu estilo arquitetônico, pelo seu equipamento moderno, pela amplitude e comodidade das peças que o integram”, pois dessa forma “o novo prédio dos Correios e Telégrafo de Blumenau está à altura do desenvolvimento extraordinário que vem tendo a nossa cidade” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.X, nº03, 1969, p.56).

Por se tratar de um espaço formal para a discussão qualificada de Blumenau e seus antigos domínios, esses argumentos ganham a devida notoriedade. E é mesclando o passado com o presente, seja na construção e composição dos textos (vide o hino acima), como também na sobreposição de imagens (trazendo lado a lado retratos do passado e do presente), a relação entre essas duas temporalidades se constrói no sentido da continuidade, mesmo quando rupturas são apresentadas. E não podemos deixar de notar que, quando construções antigas são demolidas, em especial no caso do Hotel Holetz, não encontramos nenhuma espécie de contenda ganhando espaço, mas sim uma naturalização elogiosa desse processo. Os interesses que sempre rondam a abordagem e o uso do passado ficam latentes quando a Revista se posiciona contra a demolição da prefeitura incendiada para dar lugar a uma nova e moderna construção.

Foi devido ao incêndio de 1958 que se iniciou o debate em torno da construção de uma nova sede para a prefeitura. A que existia então, que é o atual prédio da Fundação Cultural de Blumenau, foi concluída em 1939 durante o governo de José Ferreira da Silva, então prefeito-interventor do Estado Novo. Por se tratar de um dos seus grandes legados, Ferreira da Silva defendeu a construção afirmando que caso colocassem “um desses horríveis caixões de cimento armado”, todos veriam como Blumenau “perdeu muito do seu pitoresco, da sua atração, da sua poesia, da sua beleza, da sua harmonia”, pois afinal Blumenau seria diferente das outras cidades e muito bela em suas características próprias. Deixando essas observações para os que pensam em “substituir o atual prédio da prefeitura por um desses inexpressivos e grotescos blocos de concreto” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.III, nº10, 1960, p.195). O interessante aqui é que, justamente esses “inexpressivos e grotescos blocos de

concreto” estavam sendo elogiados diante da demolição e substituição de construções mais antigas, em sua maioria ainda ligadas ao período colonial da cidade. Esse discurso de elogio as novas construções iam de encontro aos auspícios empresariais formalizados no centenário, em que desejavam se alinhar à empolgação modernizante dos anos 1950 e, posteriormente, da década de 1960. O período entre 1947 e 1970 é um momento no qual a prefeitura de Blumenau esteve ocupada por políticos oriundos da classe empresarial da cidade. Então, Ferreira da Silva, dependente deste apoio para sua reinserção, ventilou em sua revista o devido elogio às transformações operadas. Esses eram, afinal, seus financiadores, seja como doadores ou, como patrões ao contratá-lo para ocupar o cargo de diretor da biblioteca e seu arquivo. Porém, quando o assunto é o seu legado, marcado pelo prédio incendiado da prefeitura, seu discurso prontamente adapta-se. Demonstrando que, ao mesmo tempo que a destruição de traços físicos do passado seriam movimentos moldados como elogio ao contínuo desenvolvimento e progresso da cidade (presente desde os primeiros colonos que abriram clareiras na mata densa e atualizado através dos traços arquitetônicos mais simbólicos de cada época), outros traços físicos deveriam ser preservados, moldando assim o retrato do passado de acordo com interesses do presente. Nesse processo de rupturas e continuidades, Frederico Kilian estabeleceu essa conexão em seu texto intitulado “Reminiscências”, que os velhos cidadãos que caminham “pelas ruas e bairros da tua velha Blumenau”, perceberão que ela “não ficou velha, mas tornou-se cada vez mais vistosa”, e que “encontrarás ainda muitos recantos que avivarão tua memória e incitarão tua mente para outras reminiscências” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.I, nº04, 1958, p.75).

3.6 A história de Blumenau se explica pelo tipo moral superior de seus colonizadores

É nas pessoas que Blumenau teria suas melhores qualidades para oferecer ao Brasil. Por exemplo, quando a Revista Blumenau em Cadernos abordou a indústria, observou como “o blumenauense **herdou** dos seus ancestrais a singular tendência para as atividades industriais”, de forma que “mal arranje ele um capital razoável, pensa logo em máquinas, em laboratórios, em fabricar qualquer coisa”. E aqueles que não conseguem um capital razoável e se tornam operários na indústria, se destacam pela atenção, ordem e dedicação às tarefas confiadas, sendo “cada bom operário” como “um soldado que aluda a construir a grandeza e o bem-estar da sua pátria” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.II, nº01, 1959, p.13, grifo meu).

Afinal, é através dos “excelentes dotes físicos, intelectuais e morais dos seus colonizadores”, e de seu “trabalho e a sua operosidade”, que a antiga colônia se transformou “num dos mais importantes centros agrícolas e industriais” de Santa Catarina. Mesmo sendo “um desses núcleos esquecidos dos governos”, nunca o foi “divorciado da pátria” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.X, nº04, 1969, p.61). Há uma explicação do desenvolvimento econômico da região pela gente que ali habita, valendo este padrão para Blumenau e seus núcleos coloniais emancipados entre as décadas de 1930 e 1960. Quando Rodeio foi tratada pela revista na seção *A bacia do Itajaí e seus monumentos*, a cidade foi lembrada por “seus vastos arrozais, suas extensas plantações de fumo, seu comércio e suas pequenas indústrias”, sendo um local “composto de gente trabalhadora, ordeira e alegre” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.I, nº09, 1958, p.164). As qualidades existentes na cidade são possíveis graças a seus cidadãos. E, esse tipo moral elevado, encontra no trabalho, na honestidade e no capricho seu principal traço característico. Estas características não foram aprendidas, elas foram herdadas.

A narrativa prevalece quando a vida pessoal de Hermann Blumenau é retratada. Um dos casos descritos era a relação do antigo diretor da colônia com o então “Presidente da Província, João José Coutinho”, indivíduo que “não via com bons olhos a entrada de imigrantes alemães em Santa Catarina, especialmente quando protestantes”. Indivíduo definido como alguém que se deixava “arrastar facilmente pelas suas preferências e simpatias”, e “não gostava muito da obra que o Doutor Blumenau ia realizando no Vale do Itajaí”, de modo que sempre “procurava criar-lhe dificuldades”. Mesmo com todo trato hostil, “Hermann Blumenau tratava-o com o respeito e o acatamento devidos ao seu alto posto, com a deferência que a sua esmerada educação exigia”, mesmo assim o presidente ainda o “tratava com aspereza” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.VIII, nº11, 1967, p.194). Os colonos, e especialmente a figura ideal de Hermann Blumenau lapidada por Ferreira da Silva, são retratados como portadores de um tipo moral superior que seria transmitido de geração a geração. Algo que os diferenciaria dos demais ocupantes do Brasil, em uma sintonia muito grande com o discurso geral em torno do *Deutschbrasilienertum* (teutobrasilidade) das décadas de 1920 e 1930, em que esses imigrantes e descendentes engrandeceriam o Brasil devido à sua raça superior, sendo o trabalho, a língua alemã e a cultura (*Kultur*) os espaços privilegiados para comprovar essa distinção em relação aos brasileiros e outros descendentes de imigrantes (SEYFERTH, 1981).

Temos um discurso de caráter racista, em que apesar da continuidade moral se explicar pela origem e a descendência, ela só se concretiza enquanto representação na oposição a um outro. Na definição de Nicola Mateucci, “com o termo Racismo se entende, não a descrição da diversidade das raças ou dos grupos étnicos humanos”, “mas a referência do comportamento do indivíduo à raça a que pertence e principalmente, o uso político de alguns resultados aparentemente científicos”, com o objetivo fundamental de “levar à crença da superioridade de uma raça sobre as demais” (2008, p.1059). A história narrada por Ferreira da Silva não se explica pela economia, sociologia ou elementos técnicos e teóricos que visam dar conta de um cenário complexo. Ela se explica pelo perfil moral de seus atores, e esse perfil seria algo hereditário. É olhando para o passado e para o tipo moral próprio dos colonos que construíram as cidades do Vale do Itajaí, que o presente teria explicação.

Essa questão se torna mais clara quando observamos o material publicado na revista a respeito da presença indígena no Vale do Itajaí. Em um texto intitulado *Bugres e onças*, é posto como “nos primeiros anos da colonização de Blumenau, os indígenas constituíram-se numa constante ameaça à expansão civilizadora”, apesar de que “não eram, porém, eles, os únicos entraves sérios ao estabelecimento dos imigrantes”, havia também toda sorte de animais peçonhentos e “as onças, principalmente as pintadas e as pretas”, que “causavam danos enormes nas criações”, isso “quando não se atreviam a atacar o homem na sua própria casa, ou na roça” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.III, nº01, 1960, p.04). Criando uma oposição clara entre os colonos e os indígenas (sendo os primeiros civilizados ao contrário dos segundos), associados a onças e à natureza. Situando os indígenas como próximos ao estado *natural* das coisas, quase como mais um dentre os milhares de desafios impostos pela natureza da floresta subtropical. Em uma fotografia dos indígenas, apresentados como “botocudos”, uma extensa legenda afirma como essas pessoas “vagando pelas florestas, constituíam séria ameaça à vida e aos bens dos colonos”, do que apenas na colônia Blumenau, “tem-se notícia de mais de 60 ataques de índios a casas de colonos”, “de que resultaram mortes e avultados prejuízos materiais e morais”, justificando assim “as medidas violentas que [governo e direção da colônia] foram obrigados a tomar” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.II, nº04, 1959, p.62). E o texto segue justificando a violência como necessária, apesar de colocar Hermann Blumenau como “contrário à violência contra os selvagens”. Ainda assim, os *bugreiros*[36] representados em fotografia foram legendados

36 Por ser comum o uso do termo, de viés pejorativo, bugre para se referir aos indígenas nas zonas de colonização europeia não ibérica até recentemente, esses grupos armados que visavam atacar os indígenas

enquanto indivíduos “em todo garbo e disciplina”, sendo aquele grupo em questão “comandado por Pedro Antônio Martins”, indivíduo que Ferreira da Silva teve a oportunidade de conhecer “em 1929 como delegado de polícia de Indaial” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.II, nº04, 1959, p.63).

Como aconteceu várias vezes, a Revista Blumenau em Cadernos tinha por hábito publicar pequenos textos e frases, entre os seus artigos, crônicas e transcrições. Um deles tratava da relação com os indígenas, que em sua integralidade dizia o seguinte:

> Seis caboclos e alguns colonos, a 30 de dezembro de 1852, batem 08 matos em redor da colônia recém fundada de Blumenau, em perseguição dos bugres que, dois dias antes, haviam atacado o rancho em que morava o dr. Blumenau, à margem do Ribeirão da Velha. Não se encontrou senão um ou outro pouso abandonado pelos selvagens. No dia seguinte, o então capitão José Henrique Flôres, grande latifundiário da região (que depois foi vereador e presidente da Câmara de Itajaí) compareceu ao local para providenciar outras medidas tendentes a evitar nova visita dos bugres.
> (BLUMENAU EM CADERNOS, T.IV, nº12, 1961, p.224)

O que podemos perceber no texto são elementos que aparecem constantemente quando o assunto abordado são os indígenas que habitavam a região. Temos eles os indígenas retratados como sujeitos irracionais e até mesmo furiosos e hostis, justificando a violência empregada contra os mesmos enquanto único recurso possível. São postos como “entraves à civilização”. Também não deixa de chamar atenção a oposição feita entre colonos e caboclos. Defendendo que mesmo imigrantes europeus, caboclos e indígenas ocupando o mesmo espaço (os mesmos vales), deveriam ser tratados de forma distinta, ainda que seja na abordagem sobre o passado. Em 1960, por ocasião do final de ano, Ferreira da Silva escreveu uma crônica intitulada *O natal da bugrinha*, onde deixa clara essa oposição, como por exemplo ao afirmar de que “a medida que a civilização avançava, os bugres recuavam” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.III, nº12, 1960, p.233). As crianças sobreviventes aos ataques dos bugreiros eram encaminhadas à Igreja, e nesta crônica era tratado o suposto caso real de uma menina indígena sobrevivente de um ataque. A descrição realizada é a de que “a bugrinha cheirava mal e os seus cabelos, que mais pareciam um emaranhado desses fios de rádio japonês, estavam infestados de lêndeas”, sendo necessário “mais de um banho por dia” (BLUMENAU EM CADERNOS, T.III, nº12, 1960, p.234). A menina, que vivia infeliz e acoada, foi para a igreja assistir à missa do galo, e lá encontrou uma amiga sua separada durante o batismo que lhes foi submetido quando foram entregues ao convento após

ficaram conhecidos como bugreiros. Por ser o termo utilizado nas fontes, o faço neste sentido.

sobreviverem ao ataque a sua aldeia. As duas se abraçaram, e mesmo após insistentes tentativas de separá-las, elas não se desgrudavam. Dessa forma, a freira que criava a menina raptada, foi junto com a amiga e a família adotiva para passarem o natal em volta do pinheiro decorado. Pode parecer estranho, mas tudo indica que esse seria o final feliz da história. Basicamente, é na igreja e em torno do cristianismo (representado pelo natal e pela igreja), que a felicidade retornaria àquela criança submetida a tantos horrores. Também, demonstra um pretenso perfil humano a uma prática aviltante como a caça de pessoas e a destruição de famílias. Afinal, as intenções dos colonos e descendentes eram as melhores ao darem banho, catequizarem, adotarem e criarem as crianças sobreviventes dentro dos valores cristãos. Argumentando que as dificuldades em integrar os indígenas a essa sociedade se dariam por sua resistência e apatia.

A oposição entre os colonos e indígenas aparece no texto *Uma opinião sobre os silvícolas*. Tal texto aborda a catequese dos indígenas, que apesar dos "louvores que merecem uma tal iniciativa de tão elevados intuitos humanitários", é questionada por considerar que ela não foi "feita de maneira a atingir o fim colimado" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.X, nº07, 1969, p.133). A revista se posiciona afirmando que, "o processo de atração empregado pelos catequizadores é em verdade irrisório e não dará nunca resultados produtivos", afinal "com os presentes que se lhes fazem, nada mais conseguem do que despertar a cobiça", que os incitaria "a cometerem assaltos contra os civilizados", enquanto o "colono trabalhador e útil, [...] vê atacada a sua propriedade". De forma que, "não podemos compreender que o governo procure beneficiar o silvícola em prejuízo do civilizado trabalhador, cerceando-lhe o direito de defesa de sua propriedade, obrigando-o a abandonar as terras ocupadas e cultivadas, o seu lar, todo fruto do seu trabalho, para que o selvagem continue a levar a sua vida nômade sem proveito algum para a Nação" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.X, nº07, 1969, p.134). Deixando claro que a catequese não seria uma saída para essa tensa relação, dado que os "nossos selvagens […] não têm intuitos pacíficos", por serem eles "perversos e malfazejos, mostrando-se neles mesmo tendências pronunciadas ao cometimento de atos de banditismo, o que corrobora a opinião corrente de que estejam ou tenham estado em contato íntimo com os bandidos que é notório, perlustram há muito aquelas paragens". Colocando que a única solução estaria "no emprego inteligente da força armada" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.X, nº07, 1969, p.135), justificando ser a catequese fruto de "visionários utopistas"

(BLUMENAU EM CADERNOS, T.X, nº07, 1969, p.136) pois tudo que havia produzido até ali foram resultados nulos.

Apesar de a Revista tratar majoritariamente da presença germânica na região, havia algum espaço para tratar dos indígenas, e em uma única ocasião entre 1957 e 1969, o texto *Valiosa cooperação*, abordou a presença de caboclos no Vale do Itajaí. O texto já os diferencia ao tratar de sua origem e razões para se instalarem no vale, perguntando retoricamente, "como foram parar ali aqueles colonos, sabendo-se que não o tinham sido pela compra, ou por qualquer outra forma de aquizição [sic] de terra da Direção da Colônia?" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.IX, nº04, 1968, p.68). Respondendo em seguida que aqueles "caboclos" instalados na região do Rio Morto (atualmente em Indaial), fugiam dos recrutadores para a Guerra do Paraguai. Dedicados à pesca, à lavoura de mandioca e de cana para a produção de cachaça, "o Dr. Blumenau respeitou-lhes a posse das terras", medindo "as respectivas porções", o diretor da colônia "procurou adaptá-los a uma vida melhor, menos arriscada e mais produtiva". É observado como Hermann Blumenau "muitas vezes, em seus relatórios, xingava-os pela sua indolência em acompanhar os povoados de alemães, no tocante à fundação de comunidades escolares", colocando que "os 'brasileiros' achavam que o governo é que tinha obrigação de dar-lhes escolas aos filhos, para quê, pois, iriam eles tirar dinheiro de seu bolso e perder tempo com sociedades que construíssem prédios e mandassem vir professores de fora?" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.IX, nº04, 1968, p.69).

A diferenciação posta entre os descendentes de imigrantes germânicos, lusos, caboclos e indígenas, dialoga com os debates raciais desenhados na década de 1930, ainda durante a década de 1960. Há uma diferenciação que se apoia em características comportamentais que se explicam pela raça de cada grupo. Os indígenas se aproximavam de um estado natural, normalmente descritos como pessoas que *vagavam em bandos*. Os caboclos, como normalmente são chamados os estratos populacionais de origem mais humilde e mestiça, possuiriam alguma civilidade por estabelecerem morada fixa e lavoura, ainda que de forma limitada e pouco desenvolvida: sem escolas ou de busca por maiores lucros, se contentando com pequena roça complementada pelo extrativismo. Os lusos já seriam invejosos, por desejarem o sucesso alcançado pelos alemães, porém que nunca logravam devido sua incompetência e preguiça coroados por uma irracionalidade emotiva. A inveja aparece como sua característica mais marcante e que justificaria seus esforços em atrapalhar o desenvolvimento dos alemães. São narrativas que apareceram em entrevistas realizadas nas

pesquisas de Giralda Seyferth (1981), Maria Luiza Renaux Hering (1987) ou de Ellen Annuseck (2005), em que o descendente de imigrante de origem germânica sempre se justifica um lugar de primor em relação ao seus outros colegas de origem étnica diversa – incluso italianos.

É uma narrativa ancorada numa divisão entre *eles* e *nós*, semelhante a apresentada por M. Foucault no seu curso *Em defesa da sociedade*, quando se criam narrativas históricas "do enfrentamento das raças" (1999, p.80). Em um plano histórico mais extenso, podemos observar como primeiro esta ameaça à sociedade era posta como externa (uma raça invasora), e paulatinamente passa a ser interna[37]. O que chama atenção aqui é que em plena Ditadura Militar, em uma cidade que produziu amplo apoio para o Golpe de 1964 e ventilou em sua imprensa uma paranoica ameaça comunista (FABRICIO, 2011), sustenta em sua narrativa sobre o passado uma ameaça externa, garantindo um ar de exclusividade e distinção para Blumenau e seus habitantes, ao mesmo tempo que lhes garante uma coesão social sublinhada por seu tipo moral superior herdado ao longo de gerações graças a sua preservação étnica.

Também é neste recorte entre as décadas de 1950 e 1970, que teremos uma consolidação positiva da figura do *teuto-brasileiro* dentro do meio acadêmico e intelectual da época (VOIGT, 2008). Ainda que partilhando uma mesma classe social, como operários numa mesma empresa, algo justificava tratamento distinto para cada grupo étnico. É muito curioso observar como de forma relativamente sofisticada (no sentido de dominar técnicas e recursos), traços desse discurso aparecem sintetizados nas páginas de um periódico preocupado com o passado. Ainda que houvesse uma tônica racista nos debates pangermanistas que ocupavam considerável espaço na imprensa de língua alemã do sul do Brasil entre a Primeira e a Segunda Guerra, essa explicação da identidade pelo recurso da raça não era uma exclusividade dessa esfera. O debate se construiu de forma mais ampla e diversa, a exemplo da forte divisão existente entre nazistas e integralistas no Vale do Itajaí durante a década de 1930 (FALCÃO, 2000). Havia essa mesma discussão ocorrendo, ainda que com outra abordagem, em esfera nacional. A raça e o elogio à branquitude não eram uma exclusividade dos descendentes de imigrantes alemães. Conforme é revisado por John Norvell (2002), tais interpretações do Brasil que aparecem a partir da década de 1930, notadamente *Casa Grande*

37 Algo que no reino das narrativas pode ser observado primeiro nas guerras nacionalistas que moldam a Europa entre o primeiro quartel do século XIX e a Primeira Guerra, vide a oposição entre França e Alemanha. Para mais tarde ser substituído pelo perigo interno, vide a construção do ideário anticomunista de constante perigo e ameaça interna (este por sua vez mais intenso nas Américas, porém não ausente da chamada Europa Ocidental). Que atualmente estaria atualizado na figura do terrorista, e num plano Europeu mais recente ainda, na do imigrante.

& Senzala, de Gilberto Freyre (publicado originalmente em 1933), trazem uma inovação que está no reconhecimento da mestiçagem como uma característica positiva do Brasil. Entretanto, o sangue indígena ou o africano sempre somam ao rol das qualidades. É sempre o sangue de pele mais escura que precisa ser justificado como digno de somar-se com o sangue de pele clara. Mesmo reconhecendo as qualidades raciais de etnias não europeias, o lugar de privilégio continua sendo o branco em sua Casa Grande. Essa narrativa criou uma certa chave-mestra para as interpretações de Brasil que aparecem a partir de então, gerando um processo de vulgarização marcante, ao ponto da caracterização da *raça brasileira* estar na mestiçagem.

Nisso vale observar as tímidas, porém existentes, abordagens históricas não factuais presentes na Revista Blumenau em Cadernos. Um texto com o título de *Intercâmbio Cultural*, de Henrique P. Zimmermann[38], trata da imigração europeia de não ibéricos no século XIX e começo do XX, a partir da contribuição de Gilberto Freyre, "Oliveira Viana, Sérgio Buarque de Holanda e [...] Limeira Tejo", para debater sobre "os motivos da ausência de uma classe média na era colonial brasileira". Colocando que, conforme esses autores apontam, a divisão entre Casa Grande & Senzala impedia a formação de uma classe média conforme havia na Europa ou nos Estados Unidos. Marcada por este abismo social, "uma sociedade assim constituída, não podia ser base sólida para a estrutura de uma nação", por isso, "após a proclamação da independência do Brasil, a preocupação primordial dos novos dirigentes políticos foi a de criar no país uma classe média, economicamente independente". Dando início às políticas de incentivo a migração europeia para o Brasil. Sendo esse, "o advento do desenvolvimento progressivo da economia brasileira através do aumento da produção, do desenvolvimento das atividades comerciais e industriais", alcançando "finalmente, o início de uma nova era social-cultural". A explicação histórica realizada por Henrique Zimmermann estava alinhada com as interpretações que apareciam então, de que ofertada as condições, esses descendentes de imigrantes puderam construir uma dinâmica sensivelmente diferente dessa gênese social brasileira presente na escravidão. Porém, o interessante é que, dentre os argumentos que explicam a produção de uma sociedade mais equilibrada do ponto de vista social, está o fato de que "conseguiram-no finalmente, depois de longo período de

38 Segundo consta no Índice Onomástico do Arquivo de Blumenau, Henrique P. Zimmermann era presidente do Instituto Cultural Brasil-Alemanha de Curitiba, e com uma formação em contabilidade com extensão universitária em História, Sociologia e Germanística, atuava nas áreas da educação e jurídicas enquanto publicava artigos em diversos periódicos sobre "instrução, cultura, formação científica, história, sociologia e política".

isolamento, de uma quase **segregação**, uma vez que a velha camada social via neles uma espécie de elementos inferiores, aos quais não se devia permitir imiscuir-se na vida política e social da nação" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.VII, nº07, 1965, p.130, grifo meu). Colocando o elemento da inveja desses outros habitantes, e da questão do isolamento como traço fundamental do desenvolvimento de Blumenau. Essa questão do isolamento é algo que se repete nas narrativas históricas sobre Blumenau, seja nos trabalhos clássicos que giram em torno da obra de José Ferreira da Silva (seja influenciando-o, ou sofrendo a sua influência), ou até mesmo na vulgarização dessas visões de passado em conversas triviais do cotidiano. Semelhante ao caso descrito por Norbert Elias e John Scotson (2000), há uma diferenciação entre os estabelecidos e os *outsiders*, sendo comum a afirmação de que vários dos problemas atuais existentes na cidade de Blumenau não seriam fruto da urbanização e seus desafios, mas sim por causa de hoje ter *muita gente de fora*.

Essa narrativa de uma Blumenau isolada do resto do Brasil, é um dos elementos constantes na interpretação de seu passado idealizado. O que temos de evidências nos arquivos, indica-nos que ao longo do desenvolvimento de Blumenau manteve contato com o mundo existente para além de seu território, sendo o comércio o que mais satisfatoriamente nos aponta para isso. Para tomar exemplos já tratados, quando observamos os anúncios do primeiro capítulo, percebemos como havia uma quantidade expressiva de mercadorias consumidas na região do vale que não eram de produção local. Também eram comuns anúncios de pessoas dos grandes centros (Rio de Janeiro e São Paulo), em busca de uma *mädchen* (moça) para trabalhos caseiros. Hotéis ou pensões também existiam já havia longa data, a exemplo do próprio Hotel Holetz que datava do início do século XX. Os jornais de língua alemã da região, além de circularem por extensões mais vastas que os limites territoriais do Vale, tratavam de assuntos que transcendiam as questões locais. Apesar de se tratar de um ritmo mais lento, de uma conexão mais difícil quando comparada com o mundo globalizado dos últimos 20 ou 30 anos, isso não implica um *isolamento* da cidade em relação ao resto do país e do mundo. Se assim o fosse, sua indústria não se desenvolveria. Essa narrativa do isolamento busca criar uma gênese própria para a região que a diferenciasse do restante do país. Conforme foi demonstrado por Méri Frotscher (2003, p.14), a delimitação de uma geografia e etnia própria para a cidade, conforme foi tratado pelo geógrafo Siegfried Endress na década de 1930, buscava valorizar "a segregação étnica na ocupação dos espaços no Vale do Itajaí" (FROTSCHER, 2003, p.30). Esse isolamento é sempre étnico, nunca das

relações econômicas ou políticas. Quando se trata do isolamento se defende uma pauta étnica. E, a partir daí, se desenha um contorno moral próprio a esses indivíduos.

Mesmo havendo o financiamento público de *bugreiros*, ou ainda os encontros de Hermann Blumenau com a corte, ou da produção de políticos importantes como Lauro Müller, família Konder, Hercílio Luz; que mesmo não nascidos na região mantinham estreitos laços com o Vale e sua população, aparece também a narrativa do abandono, que, baseada na carência de escolas públicas na região até a Era Vargas, teve importante justificativa. Uma pergunta vital para compreender essa narrativa seria: este *abandono* não foi um padrão nacional em vez de uma exclusividade local? No sentido de que, até a Era Vargas, o comum era uma ausência quase que total de escolas públicas pelo país, independente da região e de seu perfil étnico. O que temos nessa narrativa do isolamento e do abandono é, *de facto*, a criação de uma narrativa de uma história originária, no sentido de "que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição" (FOUCAULT, 1979, p.18), sendo esse pretenso passado colonial de etnicidade homogênea, a gênese interpretativa do que a cidade era no presente e seria no futuro. Temos a substituição de uma narrativa histórica, para outra na qual "a raça é a chave da interpretação da história do mundo e de seu devir" (MATTEUCCI, 2008, p.1061). Por isso a questão identitária acaba arranhando qualquer discussão em torno de Blumenau. Não por acaso, José Ferreira da Silva escreveu um texto intitulado *Rebatendo injúrias*, onde observa como "orgulhar-se-iam", se dirigindo aos que supostamente colocaram obstáculos à consolidação da imigração no Vale, "de terem aberto os braços a estrangeiros tão dignos e tão patriotas que não vieram, apenas, auxiliar-nos a fazer do Brasil um país economicamente forte; que vieram, também, ajudar-nos a defendê-lo na sua honra e na sua dignidade; concorrer com o seu braço e a sua inteligência para um Brasil material e **espiritualmente** grande" (BLUMENAU EM CADERNOS, T.VIII, nº02, 1966, p.32, grifo meu).

3.7 Conclusão

Entendendo Blumenau como um lugar de excelência para compreender o processo e os frutos da imigração europeia no Brasil, podemos, com alguma relatividade e plasticidade, observar semelhanças em lugares marcados pela presença de imigrantes europeus para além do Vale do Itajaí, ou até mesmo do estado de Santa Catarina. Voltando ao texto *A brancura*

desconfortável das camadas médias brasileiras de John Norvell (2002), temos o apontamento de que “embora” os entrevistados de classe média e brancos se descrevessem “como produtos de uma sociedade de raça mista, essas origens tendem a desaparecer no plano concreto”, sendo sempre preferível “fazer referência a parentes imigrantes específicos, e não a parentes negros, mulatos ou indígenas” (p.261). Ao ponto de se colocar como fora dessa cultura nacional, especificamente devido ao traço racial. O samba, o carnaval e a mestiçagem são interpretados pelo viés da raça, e justamente esse viés é o que lhes permite um *status* diferenciado. Sua origem racial europeia ainda estaria preservada, distinguindo-os do padrão racial mestiço do Brasil, e servindo de mote para explicar seus traços culturais próprios (não sambar, estudar, planejar etc.).

Justificar a identidade germânica é justificar uma diferença que permite a devida distinção. E, como analisou Joana Maria Pedro em seu trabalho *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe* (1998), a construção dos “papéis familiares como os únicos próprios para as mulheres, eram referências de distinção apenas para a elite e para a classe média locais”, pois eram as classes que podiam sustentar esse papel social excluído do mercado de trabalho. Contudo, isso não impedia que as mulheres das camadas populares “pudessem sofrer, por parte das autoridades, uma série de repressões que as visavam por serem pobres e mulheres; estas não correspondiam às imagens femininas construídas para a elite” (PEDRO, 1998, p.113) de como seria a *verdadeira mulher*, não bastando ser mãe era necessário ser dona de casa. A raça também entraria nesse elemento de distinção que excluiria automaticamente amplas camadas, borrando possíveis questões de classe, conforme foi tratado anteriormente. O que justificaria esse apego à raça como fator de explicação social é atravessado por uma narrativa de passado construída ao longo de um processo marcado por rupturas; mas que logrou sua continuidade através de traços específicos que apareceriam na Memória. De forma que, dentre as rupturas apresentadas até aqui (com destaque a decadência da língua alemã e a demolição das construções erguidas nesse passado), temos a permanência de uma narrativa que traça um tipo moral específico ao blumenauense justificado por sua origem étnica compartilhada: a origem alemã. Ainda que qualquer traço dessa permanência se demonstre cada vez mais escasso, com a língua alemã cada vez menos utilizada e a presença de construções desse passado continuamente apagado da paisagem urbana, a sensação de superioridade em relação aos demais habitantes do país nunca foi devidamente abandonada. E

é através dessa lente sobre uma visão do passado, que a sobrevivência desse mesmo passado foi reinventada.

É importante notar que quando Maria Luiza Renaux Hering produziu seu estudo sobre o desenvolvimento econômico das zonas de imigração entre Brusque e Blumenau, um dos pontos colocados está na imigração desta classe média atingida pela Revolução Industrial na Europa, que teria na vinda para o Brasil uma possibilidade de sobrevivência de sua condição de classe. Aqui, não só teriam a posse de terra, mas também conseguiriam encontrar maiores oportunidades para o desenvolvimento profissional, ao ponto de esses primeiros industriais serem artesãos em sua origem (HERING, 1987, p.143-144). Caso semelhante é apresentado por Terence Ranger em *The invention of tradition in colonial Africa* (A invenção da tradição na África colonial), quando apresenta como uma série de tradições foram inventadas a fim de criar redes de poder e dominação desses povos tão diversos sob o jugo de europeus. Apesar de criarem vários estratos distintos a fim de absorver lideranças locais, os europeus sempre eram favorecidos por estarem mais próximos dessas tradições inventadas e por terem uma possibilidade de distinção não encontrada na Europa para as classes médias. Ao ponto de que "na África, nenhum agricultor branco vê a si mesmo como um camponês"[39] (RANGER, 2000, p.211), e esportes como o *cricket* e o *rugby* encontrarem grande popularidade entre os brancos emigrados – eram símbolos de sua distinção.

Dentre os elementos de distinção, o mais comum é olhar para o capital cultural e pela posição nas relações de produção de cada classe. Entretanto, somado a esses elementos temos "um conjunto de *características auxiliares* que, a título de exigências tácitas, podem funcionar como princípios reais de seleção ou exclusão sem nunca serem formalmente enunciados", sendo este o caso da "filiação étnica" (BOURDIEU, 2011, p.97, grifo do autor). E, que distinção maior do que a de ter sua condição de origem na posse de uma pequena propriedade e da venda de sua capacidade de trabalho, em um país construído sob o julgo da escravidão? Conforme apresentou Jessé Souza, temos uma classe média que reproduz a sua condição devido a "um verdadeiro exército de mão de obra barata" (SOUZA, 2015, p.156), a qual permite retroalimentar uma condição de classe média. Se essa divisão de classe atravessada pela raça produz consequências em grandes centros como Rio ou São Paulo, quais não seriam as consequências em uma cidade média construída em torno dessa narrativa?

39 No original: "in Africa, no white agriculturalist saw himself as a peasant".

4 O turismo

> *Em compensação, é um triunfo da vida que a memória dos velhos se perca para as coisas que não são essenciais, mas raras vezes falhe para as que de verdade nos interessam. Cícero ilustrou isso de uma penada: Não há ancião que esqueça onde escondeu seu tesouro.*
> (Gabriel García Márquez, 2006, p.14)

Digitando *Blumenau* no *Google*, temos depois do *site* institucional do município e de sua página na *Wikipédia*, recomendações turísticas. Temos a lista dos melhores lugares para visitar de acordo com as indicações do *Tripadvisor.* Temos uma página de domínio *turismoblumenau*, que aparece duas vezes, acompanhada dos seguintes subtítulos: "cidade conhecida por suas origens europeias" e, "o Brasil de alma alemã". Temos também a indicação de uma reportagem de 2017 da Revista Viagem sobre a cidade, de acordo com a matéria, "uma caminhada pelas ruas centrais de Blumenau (SC) denuncia a colonização alemã, nas construções em estilo enxaimel ao lado do Rio Itajaí-Açu", as "cervejarias se espalham pela cidade, e o melhor marreco recheado da região é servido no restaurante Abendbrothaus, no distrito de Vila Itoupava", sem esquecer que "em outubro, sedia a segunda maior Oktoberfest do mundo (atrás da de Munique), e as diárias dos hotéis duplicam". Por fim, é recordado que "roupas, enxovais e cristais rendem boas compras"[1]. Apesar de não aparecer em nenhum resultado dos três motores de busca utilizados (*Google, Duckduckgo* e *Bing*), a reportagem da Revista Viagem aponta como *site* do município o domínio blumenau.com.br, um *site* aparentemente privado e voltado para promover negócios e turismo de forma mais institucionalizada e formal.

No *Duckduckgo* e no *Bing* os resultados são semelhantes, e além de apontarem os tradicionais *sites* governamentais do município e seu respectivo artigo na *Wikipédia*, temos a sugestão de um jornal local intitulado *O Município* e o domínio *Férias Brasil*, que indica como o "charme da arquitetura enxaimel espalha-se pela Rua XV de Novembro"[2].

Tendo a dimensão infinita de possibilidades existentes na *internet*, vamos nos focar no Google, pois esse é seguramente o motor de busca mais utilizado, ocupando o primeiro lugar do tráfego global no *ranking* da Alexa[3], e aparece na primeira e terceira posição do

1 Acessado em 07/08/2019: https://viagemeturismo.abril.com.br/cidades/blumenau-2/
2 Acessado em 07/08/2019: https://www.feriasbrasil.com.br/sc/blumenau/
3 Acessado em 07/08/2019: https://www.alexa.com/topsites

tráfego brasileiro[4]. Sofisticando as palavras-chave utilizadas no motor de busca, conseguimos outros resultados mais detalhados e menos genéricos do que breves fichas sobre a cidade (habitantes, distância, história, como chegar, onde ficar etc.). No geral, as indicações são semelhantes, variando o destaque dado para cada um dos itens, pendendo para o nicho da reportagem e seu público-alvo (turismo, negócios, viagem para casais, cervejas artesanais, etc). Sempre temos referências à Rua XV de Novembro, à *Oktoberfest*, ao Festival da Cerveja, cervejarias e Vila Itoupava. Nestas reportagens e infomerciais, temos destacada a *tradição* e *tipicidade* germânica da cidade. Fotos de desfiles, copos de cerveja, pessoas em trajes tiroleses e casas enxaimel (e suas variações) são o lugar comum dessa narrativa. O mesmo se repete na busca por imagens no *Google*, no que a Rua XV de Novembro e suas construções *enxaimeloides* dominam a cena. Temos aqui os reflexos sólidos do processo já descrito por Maria Bernadete Ramos Flores. Para essa invenção turística da cidade a partir da década de 1970, foi necessário criar o conjunto de elementos espraiados pelo município (1997, p.74), agrupados em fotografias precisas que ilustram a publicidade turística. O que estava espalhado e isolado foi agrupado em folhetos, guias e reportagens dando a aparência de conjunto. Mais tarde, com leis de incentivo fiscal para *construções típicas* na década de 1970 essa cenografia foi construída de maneira mais homogênea.

É através do investimento em turismo que podemos entender melhor a construção desse processo identitário e identificador. Pois, conforme a teoria de Stuart Hall (2006), temos no caso de Blumenau um processo de identificação ligado à germanidade, pois parcela da população ali residente se entende como algo germânica. A hipótese defendida neste capítulo é de que o turismo, em vista da decadência do uso do idioma alemão e por ser mais acessível que a *contação da história* da cidade, foi mais eficiente e abrangente na solidificação desse processo identitário. E sobretudo, é a construção de uma Blumenau turística que possibilitou uma performance[5] do *ser alemão* – ainda que acidentalmente, pois devemos lembrar que o turismo nas sociedades capitalistas é sobretudo uma atividade econômica. Foi o desenvolvimento do turismo o principal catalizador e produtor de um microcosmo que tornou possível a manutenção e transformação de uma memória apegada a um passado alemão.

4 Isto ocorre por aparecer o domínio internacional da *Google* e em terceiro (o segundo lugar é o *Youtube*) o domínio brasileiro (ponto bê erre) do motor de busca. Acessado em 07/082019: https://www.alexa.com/topsites/countries/BR

5 *Performance* no original em inglês, faz referência aos estudos de performance que são fruto do cruzamento do teatro com a antropologia. O termo visa dar conta da *encenação* das coisas e não de algo no sentido de resultado (“a performance desse carro é ótima”). Também foge de uma perspectiva de “atuação”, onde poderia haver um comportamento *verdadeiro*. A questão será melhor apresentada no final deste capítulo.

Ainda que esse passado muitas vezes seja algo nublado, indefinido (pois plural) e sem necessariamente uma datação precisa (“no tempo da guerra” é uma expressão comum para se referir ao passado). Por isso, da mesma forma que foi necessário uma história da língua alemã na cidade de Blumenau após a Campanha de Nacionalização (essa *outra guerra*), é necessário uma história do turismo anterior à criação da *Oktoberfest*, essa festa símbolo de um processo e definidora de um novo marco quando se observam as implicações em torno do vínculo identitário da cidade.

Já temos uma discussão sólida sobre como Blumenau, a exemplo de tantas outras cidades de Santa Catarina e no restante do Brasil, passaram por um processo de invenção das tradições (HOBSBAWN et al, 2000), que resultaram num turismo de ares cenográficos. Não é esse processo que se deseja descrever e analisar, mas sim pensar o seu impacto no campo da História e da memória, bem como suas respectivas implicações políticas, sociais e culturais. Blumenau seria um exemplo por excelência desse processo, mas não se resume ao único. Além de manter uma considerável simetria com cidades turísticas como Campos do Jordão no estado de São Paulo, ou com Gramado no Rio Grande do Sul, vemos por uma reportagem da Revista Viagem de 2016 que mais cidades e pessoas se inserem nessa problemática. Sob o título “As Histórias de três cidades do Brasil que têm origens europeias”[6], percebemos os esforços no estabelecimento de uma continuidade umbilical com o continente europeu, buscando na origem imigrante do final do Século XIX e começo do XX a sustentação narrativa para justificar o que a cidade é atualmente. Frases como “há cantinhos por aí que ainda guardam suas culturas originais com muito carinho”, nos atestam essa conexão e imbricamento entre presente e passado sendo construídas. Sendo assim, o objetivo do capítulo é observar na construção turística de Blumenau o desenvolvimento de uma identidade pautada em um passado imemorial, e como consequância melhor perceber as relações entre história e memória, bem como entre passado e presente. Sendo o elemento mais interessante a sua relação com os indivíduos, com as pessoas. Há em torno da adaptação e apresentação da cidade para o turismo, a criação de um microcosmo que insere as pessoas dentro de uma narrativa encharcada de passado. E o convencimento individual ocorre particularmente devido a performance gerada graças à movimentação turística e suas festividades.

6 Acessado em 07/08/2019: https://viagemeturismo.abril.com.br/blog/viagem-no-tempo/as-historias-de-tres-cidades-do-brasil-que-tem-origens-europeias/

4.1 Primeiros passos para o turismo

A cidade de Blumenau promovia a atividade turística desde a década de 1950. Durante todo o período pesquisado no periódico *A Nação*, era possível acompanhar uma seção em que eram divulgados os viajantes presentes na cidade, em sua maioria representantes em busca de oportunidades de compra e venda em Blumenau. E, conseguimos notar essa preocupação com o turismo a partir do Centenário de Blumenau em 1950. Esse evento foi pensado não somente para a população da cidade, mas também para a recepção de visitantes. Dentre as ações empreendidas para o evento, podemos destacar a remoção da favela farroupilha junto da ponte ferroviária e a construção do Hotel Rex. O momento na história blumenauense não se destacou apenas pelos movimentos de *higienizar* e *embelezar* a cidade para a festa que se anunciava, "mas também pela maneira com que foi organizado e como se transformou num grande acontecimento que atraiu muitos visitantes de outras localidades do Estado e do País" (ERN FILHO, 2006, p.48). E retomando o que foi dito nos capítulos anteriores, Blumenau contava com uma integração e uma comunicação relativamente adequadas para o contexto brasileiro da época[7]. Ao ponto de que durante os próprios festejos do Centenário, "Blumenau dispunha de 19 hotéis" (ERN FILHO, 2006, p.48), indicando uma certa métrica para esse setor econômico na cidade. Em seu livro *História do Turismo em Blumenau*, Adolfo Ern Filho (2006) busca construir uma narrativa que *naturalizaria* a vocação turística da cidade, recorrendo ao barracão de imigrantes desde os primeiros anos da colônia para justificar seu argumento. Porém, trata-se de um exagero analisar qualquer viajante e visitante como turista, ou toda e qualquer atividade de alojamento sob a ótica da hotelaria moderna. Por isso, quando tratar de turismo estarei pensando o termo a partir da definição que coloca o deslocamento "de pessoas para locais fora da área em que trabalham ou vivem, por um período limitado e por motivos que não sejam profissionais" (ASSUNÇÃO, 2012, p.XIII).

Em linhas gerais, o turismo propriamente dito foi uma atividade muito restrita à aristocracia e à alta burguesia durante o primeiro estágio da modernidade, não sendo por acaso que destinos turísticos tradicionais (como seria o caso de Biarritz, na França) possuírem a aura de riqueza e luxo tão distantes para a maioria absoluta da população. É apenas durante

7 Que, reforçando meu argumento, eram muito deficientes em comparações mais atuais, entretanto perfeitamente condizentes com o padrão da época ao ponto de possibilitar afirmar que eram conexões e integrações relativamente boas. Como foi ilustrado no primeiro capítulo, havia ônibus diários saindo para destinos como Florianópolis, Curitiba, Porto Alegre e São Paulo.

a segunda metade do século XIX que “a melhoria dos transportes e o aumento do padrão de vida permitiram que uma pequena e média burguesia também viajasse e utilizasse os serviços oferecidos pelas instituições de viagem” (ASSUNÇÃO, 2012, p.21). Porém, é a partir do período do entre guerras e mais especificamente com o pós-guerra e a consolidação do Estado de Bem-Estar Social, que o turismo passou a ganhar sua característica de massa como conhecemos hoje. O surgimento do turismo de massas e toda a sua economia e mercado é impulsionado graças “a regulamentação do pagamento das férias” (ASSUNÇÃO, 2012, p.22). Foi pensando no descanso dos trabalhadores e no seu consequente aumento de produtividade, que ainda no começo do século XX, lugares como o Império Austro-húngaro e seus estados sucessores passam a investir num turismo popular, elemento que sofreu grande incremento na Iugoslávia socialista[8]. Tomando o caso iugoslavo como exemplo, esse turismo inicialmente pensado para o descanso merecido dos trabalhadores, acabou se revelando uma interessante fonte de renda, afinal turistas de países vizinhos capitalistas e portadores de moeda forte, descobriram, ou melhor, *lembraram* das belezas das praias do leste do adriático. E percebendo os preços atrativos praticados no país socialista, começam a adotar a região como destino turístico. Ocorrendo a retomada de turistas da Europa ocidental, o país socialista percebeu neste movimento uma oportunidade para aquisição de moeda forte, e passa a investir no turismo tanto como política de Bem-Estar, como enquanto um negócio (TAYLOR; GRANDITS, 2010, p.05-30). Em certa medida, o caso iugoslavo ilustra como o turismo de massas ganhou espaço econômico a partir da segunda metade do século XX. Afinal, é o período dos 30 anos gloriosos, ou da *era de ouro* (HOBSBAWM, 1995, p.253-281), momento em que ocorre uma expansão da classe média e consequentemente do poder de consumo – e isso incluiria a possibilidade de realizar turismo. Movimento no qual, a sua maneira, o Brasil se inseria ao garantir direitos trabalhistas, industrialização, expansão da classe média e das camadas urbanas e um acesso cada vez mais facilitado ao consumo.

Reconhecer esse quadro histórico mais geral é fundamental para perceber como Blumenau estava integrada a um contexto mais amplo e não seria portadora de alguma excepcionalidade histórica. Analisando o caso brasileiro em particular, é justamente entre as décadas de 1950 e 1970 que ocorreu a consolidação de uma verdadeira economia interna. Em muito devido a conexão rodoviária, que apesar de afetar drasticamente a navegação de

8 Não deixa de ser interessante perceber como a atividade do turismo atualmente é quase que automaticamente associada ao capitalismo, quando ignoramos que havia uma promoção do turismo bastante intensa nos países do socialismo real, com um destaque interessante para a Iugoslávia dada a sua maior integração com o mundo capitalista, proporcionando um certo caráter “misto” na organização dessa atividade.

cabotagem e as ferrovias, facilitou, barateou e acelerou as vias de comunicação – ao menos no curto e médio prazo. Apesar das flutuações inflacionárias, estabilizadas apenas no final da década de 1960, este período do pós-guerra no Brasil passou pelo incremento do chamado consumo de luxo, em especial o de automóveis. Entretanto, alguém pode questionar esse quadro por causa da política de arrocho salarial praticada pelo regime militar que achatou a renda da população ao ponto de o salário mínimo ter seu valor real reduzido em torno de 75% no acompanhamento da série histórica entre a sua instituição em 1940 e o começo da década de 1990 (SOUZA, 2008, p.207). Porém, concomitante a esse achatamento das classes mais baixas ocorreu um ganho significativo de renda "da classe média para cima" (BRESSER-PEREIRA, 2015, p.223-225). Ou seja, enquanto a maior parcela da população viu seu salário desidratar mesmo durante o *milagre econômico*, uma outra parcela, ainda que menor, foi beneficiada ao ter crescimento de renda superior ao próprio crescimento da produção. Além disso, devido às transformações estruturais em torno do processo de urbanização e industrialização desse período, uma série de novas carreiras relacionadas a esse fenômeno (como caixa, eletricista, manicure, mecânico automotivo, motorista, encanador etc.), possibilitaram alguma sensação de melhoria de vida, ainda que sob forte desigualdade (NOVAIS; DE MELLO, 1998, p.559-658). Isso em muito devido a certas *facilidades* da vida urbana, bem como do acesso mais geral a produtos industrializados, ainda que de qualidade questionável.

Com isso, teremos pessoas visitando Blumenau em busca de lazer e não apenas para realizar negócios. É aí que entra a construção do Hotel Rex, pois aqueles dezenove hotéis que existiam em 1950 aproximavam-se muito mais de pensões, não sendo incomum eles possuírem quartos ou banheiros comuns. Esse era o caso do Hotel Holetz, que seguramente foi uma das melhores (senão a melhor) instalação da cidade até seu declínio justamente na década de 1950. Sua demolição para dar lugar a outro hotel é sintomática desse processo. O Hotel Holetz não foi demolido para a construção de um prédio comercial ou residencial, mas sim de um hotel moderno, muitas vezes anunciado como o *mais moderno de Santa Catarina*, o que, a despeito dos exageros ufanistas cometidos é algo muito aproximado da realidade do período. Temos um momento em que o *turismo de massas* se torna realidade no mundo, e em sua devida escala, também no Brasil. Esse negócio lucrativo não deixou de encher os olhos dos empreendedores e empresários da cidade que tinham um capital acumulado significativo nesse período, já que o crescimento nacional durante o *milagre econômico*, entre 1967 e 1973,

alcançou “uma taxa anual de 11,3%, e a indústria a uma taxa de 12,7% ao ano” (BRESSER-PEREIRA, 2015, p.221). E se algo distinguia economicamente Blumenau do quadro geral da economia brasileira, no período entre 1950 e 1980, é a presença de um parque industrial considerável. Não por acaso, Armen Mamigonian (1966) e Paul Singer (1968) se detiveram em estudar a economia *sui generis* de Blumenau no terceiro quartel do século XX.

O desenvolvimento do turismo em Blumenau ocorreu de forma organizada e bem sintonizada com as questões do seu tempo. Em 1963 através da Lei Municipal nº1.169 é criado o Departamento Municipal de Turismo, que estaria subordinado diretamente ao prefeito, que nesta época era Hercílio Deeke. No artigo 2º são especificadas as competências do Departamento, que incluíam “efetuar o levantamento completo e organizar o cadastro de todas as possibilidades turísticas”, bem como “estudar e propor soluções, organizar planos de ação […] quer públicas, quer particulares”. Também deveria “difundir, através da imprensa, radiodifusão, cinema, etc. dos guias de turismo e outros meios de propaganda, as atrações turísticas de Blumenau, a vida Blumenauense e sua realidade nos setores econômicos culturais, científicos, industriais e administrativos, bem como a sua contribuição ao progresso nacional” (BLUMENAU, LEI Nº1.169/1963). Os membros do departamento não receberiam remuneração, e seriam um representante do Departamento de Obras Públicas e um representante das seguintes instituições: “Associação Comercial e Industrial; Agências locais de Turismo e Viagens; da Associação de Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí; dos Rotary Clubes e do Lyons Clube de Blumenau; da Empresa Auto Viação Catarinense S/A e outras que o Executivo Municipal entender conveniente não devendo o número total de membros do Conselho ultrapassar de 15” (BLUMENAU, LEI Nº1.169/1963), demonstrando uma forte prevalência do setor privado. Alguns meses depois, em setembro de 1963, o município de Blumenau organizou um dos primeiros grandes eventos registrados no seu Arquivo Histórico desde as festividades de comemoração de seu centenário em 1950: a II Agropec (Exposição Agropecuária de Blumenau)[9]. O evento foi realizado na COEB (Comissão Organizadora de Exposições de Blumenau), que montou seus pavilhões no que depois se tornou a FAMOSC, depois a PROEB e é a atual Vila Germânica.

Com sua realização nos dias 12 a 15 de setembro de 1963, o convite oficial do evento nos deixa em dúvida ao convidar para a “IIª Exposição Agro-pecuária [sic] de Santa Catarina”, e apresentar logo abaixo uma *logo* indicando se tratar da IV Agropec (FUNDO

9 Das fontes encontradas no Arquivo Histórico de Blumenau (AHJFS), tudo indica que a Agropec ocorreu em anos anteriores, porém sem dados detalhados sobre quantas edições e onde ocorreram.

P.M.B., GRUPO: COEB). Ou seja, pode se tratar da quarta edição do evento que pela segunda vez foi realizado em Blumenau. De qualquer forma, tudo indica que a Agropec não era um evento novo, e que foi realizado em Blumenau poucos meses após a criação de um Departamento Municipal de Turismo. E que, a partir desse evento, o registro de atividades como feiras e exposições se tornam recorrentes nos registros do Arquivo Histórico de Blumenau. Mas, sendo Blumenau uma cidade industrial, por que sediar uma feira agrária?

Conforme bem ilustra Goularti Filho (2002), a economia catarinense como um todo sempre teve uma forte relação com a produção agrária devido a sua dependência econômica dos grandes centros do sudeste consumidores da produção de alimentos do estado. Blumenau e região não fogem desse contexto, pois apesar de seu parque industrial, é justamente entre as décadas de 1940 e 1970 que paulatinamente a região de Blumenau foi diminuindo sua produção de madeira (devido ao esgotamento dos recursos naturais) e de alimentos (devido ao avanço industrial, urbano e principalmente dos grandes grupos). Se esse pequeno proprietário colono que seria a origem da dinâmica econômica do estado de Santa Catarina, conforme é apresentado por M. L. Renaux-Hering (1987), é justamente no período entre 1945 e 1962, que o capital industrial e mercantil catarinense passa por uma fase de ampliação e consolidação[10]. E, com isso, se torna mais "baseado no capital industrial de médio e grande porte" (GOULARTI FILHO, 2002, p.30) do que no pequeno empreendedor. Uma forma de perceber esta transformação é observar como a agricultura "torna-se neste período um ramo da indústria", e com isso, a "introdução de novos tratores, implementos, fertilizantes e defensivos" são "inovações ligadas à indústria metal-mecânica e química" (GOULARTI FILHO, 2002, p.150). Tornando cada vez mais difícil o processo de acumulação de capital, devido a necessidade cada vez maior de investimento por parte do pequeno produtor[11]. Um exemplo desse recorte agrário da economia blumenauense está na existência da Companhia Jensen, que exerceu suas atividades de beneficiamento de produtos agrícolas (sobretudo leite

10 E conforme fui advertido por Yves Marcel Seraphim que Seyferth coloca como o pequeno colono já era há tempos um colono-operário, tendo que se desdobrar entre agricultura e fábrica para garantir a reprodução social enquanto camponês proprietário.

11 Conforme Yves Marcel Seraphim me explicou, no estado de Santa Catarina três setores agroindustriais estão estruturados em sistemas de integração vertical: fumicultura, suinocultura e avicultura. Nesses casos, os agricultores integrados contratualmente recebem adiantados os insumos necessários para a produção. Pelo menos para o fumo o sistema integrado já existia desde 1918, mas ganha força em Santa Catarina junto com o estabelecimento dos outros a partir da década de 1960. Um componente econômico importante foi a implementação prática do SNCR (Sistema Nacional de Crédito Rural) na mesma década, por meio do qual o Estado brasileiro financiava especialmente transnacionais para a consolidação dos CAIs (Complexo Agrodindustriais).

e carnes) entre 1872 e 1984. Conforme Augusto Reichow, então presidente da Associação Rural de Blumenau, declarou para a Revista do Sul (O Vale do Itajaí) sobre a II Agropec, “hoje, nos orgulhamos do poderoso parque industrial blumenauense […], atestando a capacidade criadora e realizadora e o sacrifício dos colonos-agricultores e criadores […] no desbravar da selva, no arar a terra, no formar os rebanhos” que alimentam “física e economicamente” esse mesmo parque industrial (FUNDO P.M.B., GRUPO: COEB). Augusto Reichow demonstra o entendimento da relação entre o desenvolvimento agrícola e industrial, igualando-os sobretudo.



Figura 13: Propaganda da empresa especializada em micro-tratores Tobatta, equipamento constante na paisagem agrícola catarinense. Propaganda presente no Regulamento da III Agropec (1967). (AHJFS Fundo P.M.B.; Grupo: COEB).

O que há nessas feiras é justamente a busca do pequeno e do médio proprietário em acompanhar o processo de modernização do campo, dado o forte processo de industrialização agrária pelo qual o Brasil passa a partir do pós-guerra. Por isso podemos perceber que das poucas propagandas existentes nos regulamentos e folhetos relacionados a tais eventos agrários encontramos a propaganda dos veículos da Tobatta, que é famosa pela produção dos microtratores tão comuns na paisagem agrícola catarinense. Pois, justamente se apresenta como uma das soluções encontradas por esse produtor rural cada vez mais encurralado pelos gastos crescentes necessários para acompanhar o processo de industrialização rural. Conforme anunciava a propaganda da Tobatta, com revenda autorizada pela Breitkopf[12], "aumente o lucro mecanizando" (FUNDO P.M.B., GRUPO: COEB).

A Agropec teve edições em 1963, 1967, 1969, 1972 e 1974. De acordo com o recorte da Revista do Sul presente no Arquivo Histórico de Blumenau, na edição de 1967 "cerca de 40.000 pessoas visitaram a Exposição e mostraram-se surpresas com o grau de adiantamento no setor agropecuário da região" (FUNDO P.M.B., GRUPO: COEB), número expressivo quando comparamos com os cerca de 66.000 habitantes que Blumenau possuía no período (IBGE, CENSO 1960). Apesar de o evento ser realizado em Blumenau, sua pretensão como uma feira agropecuária estadual são notadas através da presença de prefeito e governador, da "colaboração financeira prestada pelo Banco do Brasil e pelo Banco de Desenvolvimento do Estado, facilitando o financiamento e permitindo a aquisição de bons reprodutores" (FUNDO P.M.B., GRUPO: COEB). E também é interessante observar o agradecimento para a "turma de Lajes [sic] […] que muito facilitou os trabalhos para o controle leiteiro, desfile de animais, etc" (FUNDO P.M.B., GRUPO: COEB).

Podemos perceber os objetivos da Agropec em sua programação da edição de 1967. Além das confraternizações, a premiação e o leilão de animais são as atividades constantes do evento. Trata-se de uma feira mais voltada para o empreendedorismo agrícola, apesar de contar com um caráter mais geral, como a exposição de animais e plantas e eventos como desfile de escolares ou a recepção do governador do estado. Apesar da última Agropec ocorrer em 1974, evidenciando uma decadência mais aguda da agricultura na economia de Blumenau,

12 A Breitkopf é uma casa comercial tradicional de Blumenau especializada no comércio de automotores, mais recentemente se especializou na revenda de automóveis da marca Volkswagen, tornando-se autorizada por esta marca.

em 1979 e 1981 ocorreram a *Expo-feira regional do gado leiteiro*, demonstrando ainda uma importância dessa relação de Blumenau com o meio rural[13].



Figura 14: Logotipo desenvolvido para representar a Feira de Amostras de Santa Catarina, retirado de material de divulgação de sua V edição em 1968. A engrenagem envolvendo o estado de Santa Catarina deixa claro o caráter industrial da feira. Não por acaso sua realização ocorreu nas cidades de Blumenau e Joinville, duas cidades reconhecidas por suas características industriais.

Tudo indica que a Agropec logrou êxito. Ocorreram mais edições, sendo a de 1967 bem documentada, haja vista a presença dois cartazes bem modernos e coloridos guardados no Arquivo Histórico de Blumenau. Em 1964, através da Lei Municipal nº1.274, é criado um imposto de quota única visando "a aquisição de terrenos, construções, prédios próprios e demais gastos e investimentos relacionados com a implantação das instalações permanentes para exposições em Blumenau" (BLUMENAU, LEI Nº1.274/1964). Outro objetivo desta lei era tornar a Comissão Organizadora de Eventos de Blumenau (COEB) permanente, deixando claro que sua principal competência seria "estudar e promover medidas que tenham, por objetivo a realização das exposições industriais, comerciais, rurais e outras" (BLUMENAU, LEI Nº1.274/1964). E consolidando o turismo baseado em feiras, Blumenau passa a sediar e

13 De acordo com reportagem do NSC Total, em 2017 a Agropecuária foi responsável por 0,39% do PIB de Blumenau. Fonte: https://www.nsctotal.com.br/colunistas/pedro-machado/pib-de-blumenau-volta-a-crescer-depois-de-dois-anos-de-queda-e-atinge-r-16 acessado em: 28/01/2021

organizar seu primeiro grande evento turístico periódico, a Feira de Amostras de Santa Catarina (FAMOSC), evento que ainda ganha espaço no imaginário de parcelas da população.

A Feira de Amostras de Santa Catarina se mostrou mais marcada pelas características de seu tempo, não só pelo seu material mais farto presente no Arquivo Histórico de Blumenau, ou por sua persistência mais marcada na memória de blumenauenses mais velhos, ou pelo material de divulgação sempre impresso em material de boa qualidade e sempre muito colorido, mas sobretudo pelo fato de apresentar a indústria do estado de Santa Catarina. Conforme foi anunciado no suplemento sobre a IV FAMOSC pelo jornal diário de língua alemã *Deutsche Nachrichten,* de São Paulo, era o evento onde inúmeros empresários apresentariam o que havia de mais moderno e avançado de sua produção industrial, "wo zahlreiche Unternehmer das Neueste und Fortschritteste industrieproduktion zeigen" (DEUTSCHE NACHRICHTEN, 24. OKTOBER 1965, p.08). Não por acaso a FAMOSC ocorreu em Joinville e em Blumenau, os dois principais centros industriais do estado. De acordo com o relato apresentado no folheto da IV FAMOSC, a primeira edição do evento ocorreu em 1958 na cidade de Joinville. O que se repetiu em 1960 e 1963. Porém, foi "logo após a realização da 2ª Feira de Amostra" que Joinville e Blumenau, "por intermédio de suas Associações Comerciais e Industriais [..], firmaram um convênio […] para realizarem alternativamente e anualmente, nas referidas cidades, as Feiras de Amostras de Santa Catarina" (Fundo P.M.B.; Grupo: COEB). O texto cita nominalmente a importância de figuras como Hercílio Deeke, Ingo Hering, Carlos Curt Zadrosny, Augusto Reichow, Helmuth Fallgatter, Geraldo Wetzel e outros nomes que constantemente apareciam em cargos públicos e privados de destaque em torno das cidades de Blumenau e Joinville. São figuras políticas e também ligadas à indústria. E não é de se estranhar que elas apareçam tão coladas à FAMOSC. Trata-se desta típica e constante relação turva entre classe política e empresarial no estado de Santa Catarina, nessa relação de difícil distinção entre público e privado.

O que notamos na FAMOSC é justamente a apresentação da indústria de Blumenau e de Joinville. As duas cidades não só sediaram o evento, como também dominavam os *stands* com suas indústrias e empresas. O símbolo escolhido não deixa de ser interessante, apesar de não ter a indústria relacionada em seu nome, a roda dentada envolvendo o estado de Santa Catarina dá o recado: é a indústria catarinense que se apresenta aqui. O que percebemos numa análise de longa duração da economia catarinense realizada por Goularti Filho (2002), é de que apesar de tradicionalmente o desenvolvimento econômico de Santa Catarina ser

consideravelmente diverso do padrão brasileiro, analisar o *modelo catarinense de desenvolvimento* (RENAUX-HERING, 1987) como algo descolado do Brasil se demonstra um repetido engano. Ocorre que boa parte do mercado consumidor dessa indústria (têxtil, metalmecânica, celulose, alimentícia, madeireira etc.) são os grandes centros do Brasil, sobretudo do Sudeste. Apesar do notável desenvolvimento industrial e econômico do Sudeste em termos de Brasil, vale recordar que é uma econômica dependente dos países centrais. Permitindo-nos afirmar, com certa jocosidade, que Santa Catarina tem sua economia dependente da dependência. Havia um interesse em buscar vender esses produtos nos grandes centros urbanos que foram se formando naquele período de intensa e rápida urbanização. Não por acaso tivemos publicações divulgando a FAMOSC em periódicos de Curitiba ou São Paulo (caso do suplemento especial do *Deutsche Nachrichten*, já citado). Além de uma publicação na Revista Cruzeiro (que será melhor analisada adiante). Conforme o organizador da IV FAMOSC, Ingo Hering, observou em reportagem do Jornal de Santa Catarina, "o objetivo primordial da IV FAMOSC não é vender os produtos ali expostos, mas promover a pequena e média indústrias catarinenses, com a intenção de conquistar a atenção de novos mercados para o futuro" (RECORTE DE JORNAL SEM DATAÇÃO, FUNDO: P.M.B.; GRUPO: COEB).

Observando as propagandas dos folhetos de divulgação da FAMOSC, podemos entender um pouco do comércio que havia em Blumenau, e sobretudo ao longo da rua XV de novembro, historicamente a via mais significativa e simbólica da cidade. Com endereço comercial na rua XV de novembro durante as décadas de 1960 e 1970, temos as Lojas Hering (vestuário), Rodolfo Kander (vestuário), Casa Flamingo (toalhas)[14], Loja Zadrosny (departamento), Hermes & Macedo (departamento), Casa Peiter (artigos têxteis), Moellmann (cristais e porcelanas), entre outros. É importante ter em conta que as facilidades de consumo que experimentamos a partir da década de 1990 devido à abertura para importações e à proliferação de *Shopping Centers*, destaco que é uma dinâmica de consumo muito recente do ponto de vista histórico. A dinâmica em torno do consumo mudou consideravelmente durante a segunda metade do século XX. Para termos uma dimensão, em 1953 é considerada a primeira inauguração exitosa de um supermercado no Brasil, o Sirva-se em São Paulo. A partir desse momento os supermercados e lojas de departamento foram ganhando cada vez

14 Ainda existente, as Casas Flamingo transformaram seu modelo de negócio ao longo dos anos e atualmente comercializam produtos de luxo para cama, mesa e banho. Neste período entre as décadas de 1960 e 1970 era especializada e toalhas felpudas.

mais espaço e mudaram os hábitos de consumo, “até então, as mercadorias eram escolhidas pelo dono da mercearia ou do açougue e entregues ao freguês no balcão” (VOLPI, 2007, p.83), demonstrando uma relação muito mais pessoal e dificultosa no consumo. Havia uma dependência muito maior do comerciante local e de sua loja especializada para acessar algum produto, especialmente quando tratava-se de produtos mais específicos e menos ordinários, como seria o caso da boa porcelana, bons cristais e boa malha. “As malhas, os cristais, as toalhas de banho e mesa, os bordados, o artesanato da Norma Dalmollin com suas bonequinhas típicas em palha de milho, as manteigas, as salsichas da Jensen e Weege, a mostarda e chucrute da Hemmer, a linguiça Blumenau” (ERN FILHO, 2006, p.118) faziam parte desse rol de produtos quase que exclusivamente encontrados em Blumenau, e com um custo-benefício muito atrativo. Com o surgimento e proliferação de redes de supermercados e lojas de departamento, o comércio se encaminhava para o domínio das grandes redes, favorecidas pelo acúmulo do grande capital e da proliferação de mais e melhores vias de comunicação, ainda que fatalmente pautadas no modelo rodoviário. As décadas de 1950 até 1980 ainda apresentariam aspectos de um processo de transição, de concentração do capital em grupos cada vez maiores. E, a partir da década de 1990, já internacionalizados. Sendo a década de 1990, o momento de transformar o *shopping center* em um referencial de urbanidade (GOMES, 2016)

Não é de se ignorar a pluralidade de pequenas e médias empresas ainda existentes nesse período e que existiam em grande número em Blumenau, no sentido de que “esse modelo de acumulação pulverizada durou até meados dos anos 60” (GOULARTI FILHO, 2002, p.158). Por isso, os hotéis nesse período são espaços importantes ao se voltarem para mais que a simples hospedagem, era comum que eles fossem um espaço de sociabilidade e de formação de redes, daí os bares em recepção de hotel abertos ao público serem algo comum nesse período e atualmente serem mais raros. Era o caso do Grande Hotel e do restaurante Aquarium anexo ao prédio. Nesses espaços representantes e empresários trocavam suas informações e muitas vezes realizavam seus encontros[15]. Com o turismo de feiras, percebemos a FAMOSC preocupada em divulgar os produtos industrializados de forma a aproveitar o fluxo de pessoas voltadas para as compras, sejam representantes ou indivíduos de cidades próximas. Encarnando uma espécie de evento símbolo dessa transição lenta e gradual de um turismo de compras para um turismo identitário. A FAMOSC apresentaria os produtos

15 Algo ligeiramente apresentado no primeiro capítulo.

industrias, muitos deles de indústria leve e para consumo ligeiro e individual, sobretudo os do setor têxtil e alimentício. Não por acaso, os folhetos da FAMOSC destacam bem a rua XV de novembro e os estabelecimentos comerciais ali existentes. Analisando o contexto da época notamos um corredor formidável de estabelecimentos oferecendo produtos como roupas com malha de boa qualidade, porcelanas bem feitas e cristais delicados. Isso sem contar as lojas de departamento como os do comerciante Willy Sievert ou a da rede Hermes & Macedo, que ofertavam uma grande variedade de produtos, que conforme analisado brevemente no primeiro capítulo, podemos afirmar que seria algo bastante satisfatório para o consumo dado o contexto do período estudado. O curioso deste destaque da rua XV de novembro nos folhetos é que o parque de exposições permanentes da FAMOSC ficava em local relativamente distante deste espaço central[16].



Figura 15: Mapa recente com a localização da atual Vila Germânica (tradicional espaço para a realização de eventos desde a Agropec, que mais tarde sediou a FAMOSC e a PROEB), da Prainha (onde ficava o restaurante Moinho do Vale) e o platô do Morro do Aipim (onde ficava o Frohsinn). É possível notar como a avenida Beira rio, a rua XV de novembro e a Rua 7 de setembro produzem o espaço central da cidade entre o ribeirão Garcia e o ribeirão da Velha. (Fonte: OpenStreetMap)

O que vamos perceber na organização da FAMOSC em relação a Agropec, é a busca por um turismo de massas, aproveitando o circuito de visitantes que já ocorria na cidade, notadamente representantes comerciais e famílias em busca de produtos específicos. Foi

16 Apesar de atualmente a região compor o “centro expandido” da cidade, temos um distância considerável.

através desses eventos que uma classe média em ascensão e agora proprietária de seu veículo automotor pôde ir até Blumenau visitar a cidade. Sobretudo, isso se demonstrou uma possibilidade de renda, em especial para o pequeno proprietário encurralado pelos custos crescentes devido a industrialização do campo e concentração da indústria e comércio, o turismo foi uma opção de manutenção da renda familiar para “muitos fazendeiros falidos” (GOULARTI FILHO, 2002, p.259), e podemos adicionar comerciantes e pequenos industriais nesta equação. Não ignoremos o fato de que muito do turismo rodoviário também ocorre de ônibus. Não é raro ver pequenas e médias empresas especializadas em excursões. Também das Agências de Turismo voltadas para a classe média, que devido aos direitos trabalhistas e aumento das possibilidades de consumo, agora poderia viajar – ainda que para lugares relativamente próximos e modestos quando comparados com os hábitos de turismo dos abastados. É o que parece ser o caso da Globetur de São Paulo, que possuía ônibus diários saindo da capital paulista em direção a Blumenau, “tägliche omnibusfahrten” (DEUTSCHE NACHRICHTEN, 24. oktober, 1965, p.09), exclusivamente para atender a demanda temporária produzida pela FAMOSC. Esse movimento de transição para um turismo de massas é notado na programação da FAMOSC, que paulatinamente vai complementando atividades em relação a sua amostra de produtos industrializados. Durante a IV FAMOSC foi mantido no centro de Blumenau, no moderno Edifício Catarinense, “um posto de informações, com pessoal habilitado a fornecer esclarecimentos gerais […], sobre hospedagem, programação, etc., aos expositores, visitantes e interessados”, deixando claro que “no mesmo posto será servido chocolate, uma cooperação da Fábrica de Chocolates Saturno” de Blumenau (FUNDO: P.M.B.; GRUPO: COEB). Elementos que demonstram preocupação com o perfil do turista de massas. Ao ponto de que o folheto da IV FAMOSC deixa claro como a cidade se transformou para realizar o evento organizando “concursos de vitrines; congressos e convenções de atividades profissionais; programas artísticos, clássicos e populares, como teatro, concertos orquestrais e vocais; exposições de arte, filatélicas, artesanais e de antiguidades; festivais cinematográficos; festas sociais e diversões”, tudo isso “para que o turista goze, de uma confortável, atraente e agradável estada em Blumenau” (FUNDO: P.M.B.; GRUPO: COEB).

Outro folheto da FAMOSC apresentava “o que diverte” enumerando os eventos concomitantes à realização da feira. Havia “Baile Inaugural”, “Baile de encerramento” e a exibição da “opereta Viva o Ministro” de Heinz Geyer no Teatro Carlos Gomes, o Clube

Ipiranga sediou o “Baile do chopp”, uma “ginkana [sic] de lambretas” foi realizada na Alameda Rio Branco, a sobreloja do edifício Catarinense recepcionou uma “exposição de flores”, “luta livre e box [sic]” também faziam parte dos eventos prometidos. E junto ao parque de exposições permanente, foi montado temporariamente um parque de diversões, considerado “uma magnífica atração” (FUNDO: P.M.B; GRUPO: COEB). As Forças Armadas, que marcam sua presença em eventos de grande monta na cidade desde o período da Nacionalização, também estariam presentes realizando apresentações. Além disso, durante a IV FAMOSC a esquadrilha da fumaça foi até Blumenau para se apresentar ao público visitante do evento. Também era sugerido aproveitar a estadia em Blumenau para ir até o recém emancipado município de Pomerode e visitar o seu jardim zoológico, “besuchen Sie den Zoologischen Garten in Pomerode” (DEUTSCHE NACHRICHTEN, 24. oktober 1965, p.14). Como é posto na revista *Santa Catarina em páginas*, para a V FAMOSC, o município de Blumenau e o presidente da COEB, “Ingo Hering […] não têm medido esforços no sentido de apresentar as melhores atrações para seus visitantes, vindos de todas as partes do Brasil e mesmo do exterior” (Nº02, OUTUBRO 1968, P.24). A feira ganhou maior corpo na sua edição de 1968, aumentando de 256 *stands* para 577. Os galpões do Parque Agropecuário tiveram “instaladas grandes atrações, como uma estupenda miniatura de um trem elétrico e todo parque ferroviário, dentro de uma cidade, e uma magnífica feira de ciências” (FUNDO: P.M.B.; GRUPO: COEB). E o pavilhão construído para a edição de 1965 se viu associado a um novo pavilhão, ambos conectados “por um Stand-Passagem (200 m²), no qual, em disposição arquitetônica sem prejudicar a circulação nos dois sentidos, a Petrobras fará uma demonstração de grande e belo efeito da sua pujança e do quanto tem feito e realizado pelo Brasil”, especialmente “em relação a Santa Catarina” (FUNDO: P.M.B.; GRUPO: COEB). Também foi montado um posto de informações na rua XV de novembro, “bem no centro da cidade”, com a intenção de “promover, com grande destaque, a V FAMOSC”, com “pessoal habilitado a fornecer esclarecimentos sobre a programação, hospedagem, etc”, sendo também “servidos refrescos”, e “souvenirs que todas as indústrias catarinenses […] produzirão especialmente para a V FAMOSC”. O local em que foi montado o parque de exposições permanente, localizado em região afastada do centro urbano da época é apresentado como com “amplos espaços para estacionamento de mais de dois mil carros, sem atropelos de circulação” (REGULAMENTO GERAL V FAMOSC, 1968; FUNDO: P.M.B.; GRUPO: COEB), justamente pensando nessa classe média proprietária de automóvel. Elementos que

cada vez mais apontam em direção ao turismo de massas. Por exemplo, temos uma correspondência enviada por Benjamin Margarida para José Ferreira da Silva, no qual ele pede por “mais alguns ‘Guias Turísticos da Cidade’, para distribuição aqui no quiosque da FAMOSC […] pois a procura é muito grande e temos distribuído com muita seleção” (FUNDO: P.M.B.; GRUPO: COEB), demonstrando um aumento no fluxo de visitantes durante a VII FAMOSC.

Concomitante às realizações da Agropec e da FAMOSC, ocorreram outros eventos em Blumenau que justamente apontam para a busca em construir um interesse turístico em torno da cidade. Um dos mais curiosos foi a 1ª Exposição-Feira de Pombos, evento promovido pela Associação Blumenauense de Criadores de Pombos. No catálogo dessa primeira exposição é avisado que “são poucos os blumenauenses à saber [*sic*], mas, muitos criadores de outros Estados do Brasil sabem que Blumenau é um centro de Pombos Ornamentais de várias raças”, não sendo incomum os criadores de Blumenau venderem “mensalmente uma média de 10 ou mais casais de pombos para cidades como: Goiânia, Recife, Bahia [sic], Belo Horizonte, São Paulo, Juiz de Fora, Curitiba e Porto Alegre” (CATÁLOGO 1ª EXPOSIÇÃO-FEIRA DE POMBOS, 1967; FUNDO: P.M.B.; GRUPO: COEB). Em 11 de abril de 1973 o Jornal de Santa Catarina publicou pequeno informativo sobre o evento, anunciando a vinda de “criadores de pombos da Alemanha, Argentina, França, Bélgica e Holanda, além de criadores de todos os estados do Brasil”, e que seriam “expostas mais de 150 raças de pombos” que estariam “a disposição de todos aqueles que quiserem comprar, vender ou trocar”. O evento ocorreu no Pavilhão A da PROEB. No catálogo da 1ª edição da Exposição de Pombos, é explicado como funcionam as competições de pombo-correio, e qual tratamento deve ser dado quando se encontrar um – pedindo que não os matem. Além disso, é especificado que “fora dos pombos ornamentais e de vôo [*sic*], existem também os pombos para corte, que são os Romanos, Strasser, King, etc, que proporcionam um delicioso prato”. Deixando também o apelo para que “entusiastas de pombos passem nas suas férias por Blumenau, e levem para algum lugar do Brasil um ou mais casais de pombos maravilhosos, comprados de nossos criadores de Blumenau” (CATÁLOGO 1ª EXPOSIÇÃO-FEIRA DE POMBOS, 1967; FUNDO: P.M.B.; GRUPO: COEB). No cartaz da 3ª edição da Exposição, ficava o apelo para que se “visite Blumenau nas suas férias de julho e conheça este grande centro de criadores de pombos” (FUNDO: P.M.B.; GRUPO: COEB). Em 1969 ocorreu a segunda edição deste evento, que a partir dessa data passou a contar com

realizações anuais até 1972 quando a Exposição de Pombos foi absorvida pela Agropec, integrando-se ao evento.

Outros eventos de menor monta também ocorreram. Em 1970 ocorreu a Exposição Dr. Blumenau, em 1971 a 1ª Festa da Primavera devido a um surto de febre aftosa que impediu a realização da Agropec. A Festa da Primavera ganhou uma segunda edição em 1972. Esses eventos indicam o interesse de construir um circuito turístico em torno da cidade de Blumenau para algo mais que a viagem para realização de compras de produtos específicos – o que é importante observar, não se pretendia anular. O curioso é que não se tratam de eventos com uma fácil associação à germanidade, conforme constatamos nos anos mais recentes da história turística da cidade. Ou seja, se a construção de Blumenau enquanto cidade germânica em suas características atuais é fortemente relacionada com o desenvolvimento de seu turismo, percebemos pela análise de um histórico da construção deste turismo um caminho menos linear, menos direto.



Figura 16: Folheto de divulgação da 5ª Agropec e da 5ª Exposição de Pombos, que passaram a ocorrer conjuntamente a partir desta data. É interessante observar a associação com o sesquicentenário da Independência do Brasil.

Não se pode ignorar que o turismo é sobretudo uma atividade econômica. O turismo vinha ganhando corpo e gerando uma nova atividade econômica conforme a segunda metade

do século XX e o Estado de Bem-Estar Social se desenvolviam. O turismo em Blumenau vinha buscando o seu caminho, e tentava produzir algo de atrativo o suficiente para convencer pessoas a visitarem a cidade. Percebemos ainda em 1967, por meio da preservação de um convite em nome da COEB e da Ouros Promoções, uma *chopada* no Teatro Carlos Gomes às 18:30 do dia 13 de janeiro de 1967 com o objetivo de debater "tudo sobre o 1º Festival da Cerveja de Santa Catarina" (FUNDO: P.M.B.; GRUPO: COEB). Nada mais é encontrado sobre o Festival da Cerveja até aparecer um folheto de divulgação do 4º Festival da Cerveja de Santa Catarina, realizado "pelo quarto ano consecutivo" em 1970. Segundo o folheto, o festival vinha alcançando "retumbante sucesso, atraindo, anualmente, grande número de participantes de diversas partes do país e até mesmo do estrangeiro" (FUNDO: P.M.B.; GRUPO: COEB). A ideia é interessante, aproveitando o verão as pessoas poderiam ir até Blumenau consumir cerveja. Conforme narrado por Adolfo Ern Filho, os festivais da cerveja ocorriam em janeiro e fevereiro, e são interessantes pois "demonstram que Blumenau preocupava-se em oferecer atrações, principalmente em épocas de grande movimentação turística, para exibir atrações exuberantes aos turistas que estavam na cidade" (ERN FILHO, 2006, p.64). Era justamente nos quentes meses de janeiro e fevereiro que Blumenau recebia um grande número de turistas. Como ocupavam o litoral catarinense para aproveitar as praias, era comum se dirigirem até Blumenau para realizarem compras e passear na cidade, pernoitando e regressando para as praias. Os festivais da cerveja ocorriam justamente nesse período como forma a chamar mais turistas e convencê-los a ficarem um pouco mais de tempo na cidade. Junto disso, percebemos uma oferta de turismo com maior vínculo identitário se desenhando, ainda que o interesse principal esteja em aproveitar o maior fluxo de pessoas para o litoral que poderiam ser atraídas pelos produtos vendidos na cidade associados ao consumo de chope.

Quando notamos na programação duas apresentações diárias do Grupo Alpino Germânico, da presença do Cônsul da República Federal Alemã, da premiação para "à mais animada representação dos Clubes de Atiradores e Bolão, presentes no festival" e da apresentação de bandas típicas (FUNDO: P.M.B.; GRUPO: COEB), percebemos um turismo de contorno identitário se apresentando. Segundo um artigo do Jornal de Santa Catarina datado de 25 e 26 de fevereiro de 1973, a "Festa da Cerveja não foi o que se esperava […] mas valeu". Segundo a reportagem, a Festa "apresentou muito chope, algumas confusões e a rifa de um belo calhambeque verde", sendo os problemas apontados no "sistema policial, um

pouco repressivo, e o trabalho do bar, onde os espetinhos de carne e linguicinha demoravam um pouquinho a chegar", e o horário do fechamento dos pavilhões as 2 da manhã, "deixou a maioria dos foliões […] bastante descontente". Ainda que numa trajetória um tanto tortuosa, podemos observar que, "sem dúvida, estes festivais foram os eventos antecedentes da *Oktoberfest* que teve sua primeira edição em 1984" (ERN FILHO, 2006, p.64). Com isto notamos que apesar do planejamento turístico se iniciar *de facto* na década de 1960, é durante a década de 1970 que inicia o declínio do turismo focado exclusivamente na compra dos produtos ofertados pelo comércio blumenauense, para que a *maquiagem identitária possível* (SEVERINO, 1999) ganhasse cada vez mais destaque na construção dessa atividade econômica. Para compreender essa transformação, e sobretudo, a aceitação de parcelas expressivas da população de Blumenau e região dessa representação identitária germânica, é importante observar os caminhos e meios utilizados para criar uma relação entre os indivíduos.

4.2 Construindo a relação com as pessoas

Com o incêndio do Arquivo em 1958, o caminho adotado para a reconstrução de acervo foi por meio das doações. Essa é outra das características particulares do Arquivo de Blumenau em relação ao padrão no Brasil: não se trata do armazenamento quase que exclusivo de documentos oficiais. Devido ao incêndio de 1958, a maior parcela do acervo é constituído de documentos pessoais que foram doados ao longo dos anos. Inclusive pude presenciar tais doações no arquivo algumas vezes, e encontrei pedidos de doações na Revista Blumenau em Cadernos durante o período investigado da revista. Essa relação de construção do arquivo por meio das doações produz uma confirmação de que estes cidadãos fazem parte da escrita da história de sua cidade. De forma semelhante à problemática apresentada por Bejamin Filene para os museus em seu artigo *History museums and identity: finding "them","me" and "us" in the gallery* (Museus históricos e identidade: encontrando "eles", "eu" e "nós" nas galerias) (2017), no qual a grande novidade apresentada pelos museus[17] a partir da década de 1960 é a busca pela superação da grande narrativa nacional a partir da adoção de posturas mais atentas para as minorias (o particular) e elementos cotidianos compartilhados, como o trabalho, as dificuldades familiares e pessoais, etc, que são

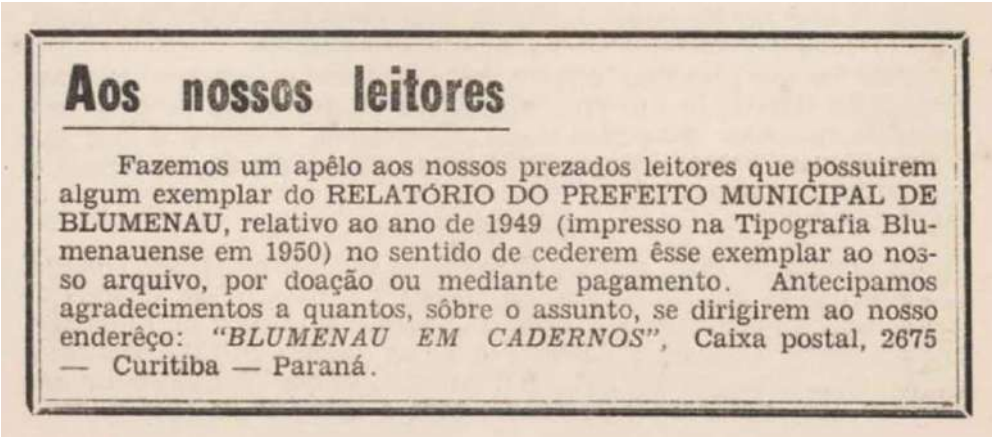
17 Sobretudo os dos EUA, o grande foco de análise deste artigo de Benjamin Filene.

compreendidas como sendo da esfera individual. O apelo a esses elementos entendidos como particulares e não comuns (como a nação), produziram o efeito de individualização do entendimento do passado. No sentido de que “os museus históricos estão focando menos em apresentar uma única narrativa unificada e mais em criar ambientes nos quais o visitante pode sentir as ressonâncias entre o passado e sua vida”[18], o autor prossegue apontando como “nesse modelo, a história deixa de ser externa ao visitantes mas interna, um passado pessoal”[19], de uma maneira em que “a tendência sugere um novo e poderoso papel para os museus – a de lugares facilitadores de uma formação individual e coletiva das identidades”[20] (FILENE, 2017, p.327). Em vários momentos da construção narrativa da história de Blumenau, já tratada no segundo capítulo desta tese, apelos para esta individualização e para a vulgarização desta visão de passado ocorreram. E como foi demonstrado, sempre num esforço de apresentar a história de Blumenau como algo particular, pois esta cidade e seus cidadãos assim o seriam. Esse processo é importante, pois é através desse tipo de procedimento que o passado encontra formas de garantir seu espaço no presente. E, o mais interessante, supera uma narrativa impessoal e formal restrita ao estudo e aos intelectuais, colocando em cena o cidadão mais comum e ordinário se compreendendo como parte desse passado - seja como ator ou como consequência.

Uma das atividades constantes em torno da Revista Blumenau em Cadernos era a de publicar listagens de imigrantes que chegam a Blumenau em algum período, o que permitia a identificação de sobrenomes comuns a várias famílias da cidade. O que não necessariamente significa que as origens brasileiras daquela família estivessem necessariamente ligadas àqueles imigrantes em particular, dada as várias levas de imigrantes, inclusive vindos de outras colônias e regiões do Brasil e da Europa, bem como do fato de que alguns sobrenomes são bastante comuns, como seria o caso de Schmidt e suas variações, não se restringindo a uma única família em particular. Mas, a identificação e o reconhecimento individual continuam ocorrendo independente de sua precisão, e a simples existência dessa possibilidade já seria algo importante de se notar. A ideia central deste subcapítulo em torno da relação com os indivíduos está em lidar com o fato de que “nós alteramos o passado para virar uma parte dele e também para torná-lo nosso”[21] (LOWENTHAL, 2011, p.331), e assim percebemos

18 No original: “History museums are focusing less on presenting a single unified narrative than on creating environments in which visitors can feel resonances between the past and their lives”.
19 No original: “in this model, history becomes not external to visitors but internal, a personal past”.
20 No original: “the trend suggests a powerful new role for museums - as sites for facilitating the formation of individual and collective identities”.
21 No original: “we alter the past to become part of it as well as to make it our own”.

como ocorre o processo de sobrescrita conforme a história do passado germânico de Blumenau é mais uma vez reescrita devido ao crescimento de seu turismo. Por isso, o fato de pedir e de receber doações da população me parece algo importante. Dentre os muitos motivos que levam alguém a doar algo para um Arquivo Histórico, não se pode ignorar o pedido para que a população se engajasse em recuperar esse espaço público, para contar uma história pública, após uma catástrofe pública.



Aos nossos leitores

Fazemos um apêlo aos nossos prezados leitores que possuirem algum exemplar do RELATÓRIO DO PREFEITO MUNICIPAL DE BLUMENAU, relativo ao ano de 1949 (impresso na Tipografia Blumenauense em 1950) no sentido de cederem êsse exemplar ao nosso arquivo, por doação ou mediante pagamento. Antecipamos agradecimentos a quantos, sôbre o assunto, se dirigirem ao nosso enderêço: *"BLUMENAU EM CADERNOS"*, Caixa postal, 2675 — Curitiba — Paraná.

Figura 17: Pedido de doação para os leitores da Revista Blumenau em Cadernos, janeiro de 1962, tomo V, p.03. Neste período José Ferreira da Silva ainda residia em Curitiba, local da caixa postal da revista.

Esse recurso ao engajamento dos blumenauenses para com a sua cidade não se restringia às atividades em torno da Revista Blumenau em Cadernos e do arquivo dirigido por José Ferreira da Silva. Por exemplo, um dos tópicos constantes presentes na ata da Comissão Municipal de Turismo é o embelezamento da cidade através de sua arborização e canteiros, sendo solicitada a cooperação da população com a doação de mudas de azaleias (COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO, LIVRO 1 - 1967 A 1972, fl.05), ou quando decidem monumentalizar o Vapor Blumenau I devido à inauguração do restaurante *Moinho do Vale*, circunstância em que foi organizada uma campanha para arrecadar tinta e material para o restauro da velha embarcação (COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO, LIVRO 1 - 1967 A 1972, fl.93). Ou seja, essas medidas que envolvem ações em torno de uma narrativa da cidade são movidas pelo engajamento de seus cidadãos. O mesmo valeu para a mão de obra empregada na construção da atual igreja matriz católica, composta por fiéis voluntários. Em torno dessas narrativas ocorreu uma convocação e uma participação direta da população, facilitando a compreensão de sua parte no processo. Com a consolidação de Blumenau

enquanto um destino turístico e sua etnização em torno da atividade econômica, esse entendimento e sentimento pôde ser generalizado através das festividades. Porém, antes de adentrarmos no que será a última parte deste capítulo, cabe analisar como a sobrescrita do passado conseguiu se vulgarizar.

Com a criação e formalização da Fundação “Casa Dr. Blumenau” em 1972, vamos perceber maior intensidade na divulgação de Blumenau e seu passado. Um dos elementos investigados foram as obras literárias publicadas em Blumenau ou por blumenauenses que abordassem de alguma maneira o passado da cidade. As obras foram buscadas na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina através de seu motor de busca, e após serem listadas (anexo II), foram verificadas fisicamente. Entre as décadas de 1950 e 1970 foram encontradas apenas três obras, enquanto exatamente a partir de 1972 até 1988 foram listadas trinta e três obras, demonstrando considerável ganho de volume. O que chama a atenção é a presença de narrativas sobre o passado de Blumenau sem pretensão científica, ou seja, que claramente seriam obras memorialísticas ou ficcionais. José Ferreira da Silva publicava muito de seus textos na Revista Blumenau em Cadernos na forma de crônicas, porém ganhou seu reconhecimento através de suas obras de pretensão histórica-científica, que mesmo apresentando um volume magro de fontes e referências, tinha nos arquivos seu ponto de partida, sendo esse o caso de obras suas como *Dr. Blumenau, História de Blumenau* ou *História da Imprensa em Blumenau*.

O que chama a atenção nessa extensa lista é a publicação de dois romances históricos de grande sucesso: *O Guarda Roupa Alemão* de Lausimar Laus e, *Verde Vale* de Urda Alice Klueger. Tanto Urda Klueger quanto Lausimar Laus encontram-se dentro de um movimento literário do Sul bastante centralizado em torno da Editora Lunardelli de Florianópolis. Lausimar Laus era natural de Itajaí, porém durante sua adolescência se muda para o Rio de Janeiro onde conclui seus estudos, passando um período de sua vida em Madri para a realização de seu doutorado, e foi professora universitária na Universidade Federal Fluminense (UFF) até falecer de ataque cardíaco em 1979. Também exercia funções ligadas ao jornalismo, escrevendo para diversos jornais ao longo de sua carreira. Claramente a sua experiência na Espanha serviu de base para seu primeiro romance, *Tempo permitido* de 1970, que já apresentava o debate em torno da imigração alemã para o Sul do Brasil. Porém, foi com *O Guarda Roupa Alemão* que ganhou sua notoriedade ao abordar explicitamente as lembranças da família Ziegel em torno de seu guarda roupa, que silenciosamente presenciaria

essas memórias. A obra já foi selecionada para os vestibulares da UDESC em 2006, da UFSC em 2007 e do sistema ACAFE em 2011. Conforme é apresentado por Marjorie Nunes da Rocha (2004), os seus três romances publicados estão atravessados pelo debate em torno do ideal de *Deutschtum* que teria na uso da língua alemã, "na conservação da cultura, e principalmente na valorização sanguínea como um fator que estabelece a nacionalidade acima do Estado e da cidadania" (2004, p.30). Nisto cabe destacar que dentro destes três romances, *Tempo Permitido* de 1970, *O Guarda Roupa Alemão* de 1975 e *Ofélia dos Navios* de 1983 (publicação póstuma), a sua obra principal que é a de 1975, na qual escolhe justamente Blumenau como local da trama. Isso nos auxilia a perceber a imagem que de alguma forma a cidade continuava a apresentar nesse período, pois é a obra de Lausimar Laus mais focada em retratar os aspectos da imigração alemã para o Brasil, sendo um tema central da trama.

Em sua narrativa n'*O Guarda Roupa Alemão*, percebe-se como "a autora alterna ficção e realidade", privilegiando em algumas passagens "os acontecimentos históricos amplamente conhecidos pela comunidade local, como a enchente de 1911 ou a partida definitiva da esposa do Dr. Blumenau para Alemanha, ou a instalação do nazismo na Alemanha" (GONÇALVES, 2012, p.30). Caso semelhante ocorre através da narrativa de *Verde Vale*, que também apresenta elementos históricos conhecidos, como a chegada no porto de Itajaí, a estadia no barracão de imigrantes, a abertura da mata para a roça e a participação de colonos como combatentes na Guerra do Paraguai. Questão que percebemos quando se retrata o trabalho dos colonos, que "manejavam ferramentas, cavavam a terra, cortavam lenha, criavam animais com o carinho com que se criam filhos, suavam nas horas de calor e pisavam a geada dos dias de inverno" (KLUEGER, 2006, p.74). Estas duas obras, uma de Lausimar Laus e outra de Urda Alice Klueger, abrem o caminho para uma série de romances "histórico-regionais e fazem um recorte imaginário dos imigrantes alemães na região de Blumenau" (DA ROCHA, 2004, p.12). É a partir da década de 1970, que uma série de romances buscam tratar de alguma forma dessa memória imigrante e o mal-estar de seus descendentes, conforme é apresentado por Leopoldo Comitti em *Gatos no forno: memória, identidade cultural e imigração* (1995), proliferando uma série de obras que a partir dessa memória da chegada e instalação no Brasil, produziram um constante mal-estar devido ao sentimento de não pertencimento, sendo demasiado imigrantes para a brasilidade, e brasileiros demais para sua identidade imigrante de origem (seja ela italiana, alemã, libanesa, japonesa e etc.). E sempre rondando essas narrativas está o processo de silenciamento sofrido por estas populações,

notadamente através da Campanha de Nacionalização durante o Estado Novo, especialmente quando se trata dos germânicos.

O que chama atenção, do ponto de vista do historiador, é perceber como tais obras literárias sem pretensões científicas "resguardam a temática imigratória por meio de um diálogo constantemente estabelecido com o texto histórico" (PIRE, 2012, p.98). Durante a entrevista Urda Alice Klueger explicou o processo de pesquisa para a confecção de *Verde Vale*[22], além das visitas à Biblioteca Pública Fritz Mueller nos sábados pela manhã (espaço que faz parte deste complexo histórico pensado desde o centenário mas formalizado apenas em 1972), obras como *História de Blumenau* de José Ferreira da Silva, *Pequena História da Colonização de Blumenau* de Paulo Malta Ferraz, ambas listadas no levantamento realizado, são citadas como referências para sua compreensão desse passado narrado em seu romance. Seu manuscrito foi lido pelo "poeta Marcos Konder Reis, seu José Gonçalves e um outro, o seu José Finardi" autor da obra *Colonização Italiana de Ascurra (1876-1976)*, publicado em Blumenau pela Gráfica 43 S/A em 1976. Esses autores já presentes no meio intelectual da cidade de Blumenau "leram meu original", e conforme nos conta Urda A. Klueger, "gostaram e foram falar dele aos seus editores", gerando a oferta de duas editoras para a publicação de *Verde Vale.* Porém, "por uma questão de proximidade e logística, o livro saiu na Lunardelli, em Florianópolis, pois eu era muito jovem e tinha pouca coragem para ir a um lugar distante como Porto Alegre" (ENTREVISTA, 30/05/2020).

Observar a produção dessas obras literárias sem pretensão científica que buscam retratar o passado é algo fundamental. Afirmo isso, pois não podemos ignorar que seria a literatura um instrumento "capaz de disseminar tal memória e assim contribuir para a formação de uma identidade cultural ou ainda fortalecer a construção de um universo de fundo mítico" (GONÇALVES, 2012, p.107), no sentido de que "cabe ressaltarmos que à literatura não cabe apenas o papel de prazer, mas se constitui em formação social do indíviduo" (DA ROCHA, 2004, p.75). Chama a atenção que, dentre a produção de visões sobre o passado, são justamente essas obras literárias que acabam ganhando maior projeção. Contanto que posterior à publicação de *Verde Vale* e à consolidação da carreira de escritora de Urda Klueger, temos sua colaboração com a Revista Blumenau em Cadernos até os dias de hoje. Dentro de suas respectivas proporções e contexto, seriam as obras *O Guarda Roupa*

22 Devido a pandemia do Sars-Cov2 iniciada em 2020 no Brasil, acabei realizando esta entrevista da forma que eu menos desejava. Enviei um documento de texto com as perguntas e a Urda gentilmente concordou em responder, sempre se demonstrando muito solícita e amigável.

Alemão e *Verde Vale* fundamentais para uma compressão de síntese do entendimento de um período histórico, da mesma forma que seria *O Tambor* de Günter Grass, ou *As Vinhas da Ira* de John Steinbeck. Dentro desse debate tradicional entre a literatura e a história, temos que compreender que devido ao seu caráter científico, ao basear-se nas fontes e de estabelecer um compromisso com a verdade, muitos elementos narrativos escapam às obras de historiadores, e acabam sendo melhor apresentados e trabalhados na literatura - ainda que uma *fidelidade* a esse passado seja muitas vezes algo secundário ou questionado quando comparado com trabalhos históricos. A liberdade para imaginar o passado em seus detalhes e especificidades é muito maior quando se escreve literatura. E por isso, conforme Cristiane Roveda Gonçalves apresenta em sua dissertação, a consequência é de que "o historiador não consegue dar conta de todas as pequenas nuanças de um fato histórico", não havendo também "como narrar a memória pessoal ou alheia sem algum envolvimento emocional; os fatos são narrados a partir de uma escolha que está no tempo presente", sendo justamente "nesse espaço que o autor ficcional e a literatura encontram um modo de legitimar suas experiências ou, ainda, é nesse espaço que literatura e história se encontram" (2012, p.83-84). Por isso, não é de se estranhar, que obras como *A História Romanceada de Blumenau e seu Fundador* de Nemésio Heusi de 1981, ou *O cidadão de Três Pátrias* de José Gonçalves em 1982, fossem publicadas. São obras que apesar de sua imprecisão científica devido ao foco na memória, estavam a tratar de algo importante para aquele momento: o passado alemão de Blumenau. E é sobretudo através dessas obras, de leitura prazerosa, que visões do passado se solidificam e são divulgadas. Por isso, a atenção dada para esses dois romances publicados na segunda metade da década de 1970, trata-se de obras que apresentam uma Blumenau antiga, de passado alemão, imaginada e retratada de forma íntima para uma população que via sua cidade crescer numa velocidade considerável e passava por fortes mudanças em seu cotidiano (algo que, diga-se de passagem, é compartilhado pela absoluta maioria dos que viveram a segunda metade do século XX). Essa questão pode ser percebida numa passagem do romance de Lausimar Laus:

> A cidade mudou. Os jardins também. Blumenau, o "Campo de Flores" do velho Ziegel virou fumaça das fábricas. As casas da velha Colônia foram destruídas. Nova arquitetura. Novas visões do rio. Onde os chorões? Onde as barcaças? Onde as canções dos velhos canoeiros? O violino do barbudo Sperber? Tu te lembras de tudo. Eu sei. (LAUS, 2009, p.07)

Não é de se estranhar que a família Ziegel, apresentada na obra de Lausimar Laus, termine por não deixar descendentes, retratando o fim de uma época imaginada. Tão

imaginada que mescla os elementos envolvidos nessa narrativa, igualando a importância do rio como via de transporte (citando os canoeiros) com os chorões plantados nas margens do rio durante a década de 1970 para dar a Blumenau um aspecto mais europeu. Por isso, é importante olhar para os trabalhos acadêmicos publicados nesse momento, com os quais certamente Lausimar Laus e Urda Klueger mantinham contato. No caso de Urda Klueger podemos perceber seu interesse considerável pela História, pois graduou-se nesta área e exerceu a docência como professora de História. E mais tarde, chegou também a pesquisar sobre os sambaquianos.

Em 1974 são publicadas duas obras fruto de pesquisa acadêmica que abordam a temática dos imigrantes europeus e seus descendentes instalados no Sul do Brasil. Notamos o sentimento de perda no título do trabalho de Mario Bonatti, *Aculturação linguística numa colônia de imigrantes italianos de Santa Catarina 1874-1974*, publicado com apoio do Instituto de Estudos Históricos do Vale do Itajaí e da Faculdade Salesiana de Filosofia Ciências e Letras de Lorena, SP. Como o autor deixa claro em sua introdução, a ideia base de sua tese era a de "comparar o dialeto trentino que se fala em Trento com a forma do mesmo dialeto em uso em Santa Catarina", afinal "após quase 100 anos de vida independente as duas comunidades falavam a mesma língua" (BONATTI, 1974, p.07). E como um típico trabalho ligado às Humanidades durante este período, o caminho tentado para a compreensão desse processo de aculturação linguística seria através da análise das "múltiplas influências" da "cultura e do ambiente" (BONATTI, 1974, p.08). Nesse rol, não se pode ignorar a publicação da dissertação de Giralda Seyferth *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim* em 1974 pela Editora Movimento, de Porto Alegre. Graduada em História pela UFSC em 1965, Giralda Seyferth foi para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para realizar seu mestrado em Antropologia concluído em 1973, e depois concluiu seu doutorado em Antropologia pela USP em 1976, sob a orientação de Ruth Cardoso[23]. Faleceu em 2017 após anos lecionando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional, instituição vinculada a UFRJ e um dos espaços acadêmicos mais tradicionais da Antropologia no Brasil. Basicamente, ao longo de toda a sua vida, Seyferth esteve preocupada com questões envolvendo os descendentes de imigrantes alemães, ainda que por temas correlatos como através de seus trabalhos analisando o rural. Parece-me que a trajetória de Giralda Seyferth, indica bem o caminho de consolidação de estudos profissionais envolvendo a imigração

23 Dados retirados de: http://www.ppgasmn-ufrj.com/giralda-seyferth.html em 10/03/2021.

alemã para o Brasil. Não só sua obra continua sendo uma referência para estudos que tratem da imigração alemã, como afirma em sua tese que há sim um tipo teuto-brasileiro, pois assim esse grupo é identificado e se identifica, deixando claro que “os teuto-brasileiros em questão formam, sem dúvida, um grupo étnico e podem ser assim definidos” (SEYFERTH, 1981, p.12). Mais do que produzir sua tese, Seyferth ocupou espaço acadêmico no mais tradicional programa de Antropologia do Brasil. E percebemos que é justamente durante a década de 1970 que uma nova geração começa a ocupar esses espaços da *inteligentsia* como profissionais das Ciências Humanas, enquanto até então o que tínhamos seria muito mais um grupo de notáveis intelectuais, que muitas vezes não eram especialistas ou profissionais das Humanidades. E também da universidade se consolidando como o espaço de excelência desses intelectuais.

Nesse sentido temos a dissertação de Sueli Petry, *Os Clubes de Caça e Tiro na Região de Blumenau: 1859-1981*, publicado em 1982 pela Fundação “Casa Dr. Blumenau”. A obra é fruto dos trabalhos produzidos pela primeira turma de mestrado em História do estado de Santa Catarina através da UFSC, momento que inaugurou uma nova etapa na historiografia catarinense. Consegui entrevistar Sueli Petry em 29 de janeiro de 2020, antes dos protocolos de segurança devido à pandemia do Covid-19 serem algo minimamente cogitado no horizonte de expectativas. Quando lhe perguntei de onde havia vindo a ideia para a sua dissertação, a ideia surgiu enquanto presenciava o desfile do aniversário de Blumenau em 02 de setembro de 1972, “eu havia assistido o desfile dos Clubes de Caça e Tiro” com todas as suas delegações, e isso “chamava a atenção porque eram senhores e senhoras de uma fisionomia assim tão dura, colonos, mãos calejadas, com aquelas calças uniformes, todas de preto, camisas brancas, numa postura parece militar, ninguém ria, uma seriedade” (ENTREVISTA, 29/01/2020), e perguntado para pessoas ali presentes sobre o que se assistia, todas as respostas eram insatisfatórias e pouco esclareciam, demonstrando um verdadeiro desconhecimento. Foi então que decidiu tratar dos Clubes de Caça e Tiro em sua dissertação, o que obrigatoriamente esbarrava em abordar a Nacionalização, afinal era nítido que muitos clubes mudaram de nome a partir da década de 1930, desaparecendo os nomes alemães em prol de nomes em português. Uma das grandes novidades apresentadas a partir do mestrado em História na UFSC foi a História Oral, o que levou Sueli Petry a realizar entrevistas com membros destes clubes. Porém, sempre que o período ou o assunto da Nacionalização era abordado o comum era que “as pessoas não queriam falar, havia um medo muito grande”, “principalmente as pessoas de

mais idade", e, "eu nem diria principalmente: os mais jovens também induzidos pelos pais" (ENTREVISTA 29/01/2020). Nos demonstrando uma memória muito viva em torno do passado. Um dos aspectos colocados por Sueli Petry durante a entrevista, era a diferenciação e a particularidade deste seu grupo de primeiros historiadores profissionais atuantes em Santa Catarina em relação a geração anterior quando ela afirma, "nós íamos as fontes, nós citávamos as fontes" (ENTREVISTA, 29/01/2020). Deixando claro o caráter mais profissional a partir dali em relação aos produtores de história até então atuantes. Apesar de encontrarmos fontes e bibliografia nas produções históricas feitas até aquele momento, a partir desta profissionalização ela deve ser exaustiva em sua intensidade e volume. Era necessário confrontar autores e fontes. Isso levou Sueli Petry a visitar o Arquivo Histórico de Blumenau constantemente para a sua pesquisa num momento em que ele era apenas um anexo da Biblioteca Municipal. No que, segundo me foi dito em entrevista, observando a criticando a falta de método e profissionalismo ali empregados, lhe foi dado, numa espécie de *castigo* e *provação*, a responsabilidade de cuidar do Arquivo Histórico de Blumenau e todo o patrimônio histórico da cidade, função que exerce até hoje. Porém, o arquivo possuía poucos documentos "porque nós perdemos naquele incêndio de 1958", no que foi feito um "apelo aos blumenauenses [...] pedindo que a cidade deveria estar sensibilizada com a memória da cidade, que muitas pessoas guardam em suas gavetas, no sótão, cartas, fotografias e uma série de documentos que poderiam ser doados ao arquivo" (ENTREVISTA 29/01/2020). E, desde então, boa parte do acervo é composto destas doações de blumenauenses. No que é interessante colocar, foi observado na entrevista que muitas vezes sua administração e organização do acervo seja demasiado voltado para as famílias e grupos alemães, no que ela observa que "foram eles que sensibilizaram-se com a proposta" (ENTREVISTA 29/01/2020), demonstrando esta relação bem construída de se sentir e entender como parte da história da cidade. E aqui é importante deixar claro, apesar de apontar para essa dinâmica de envolver os blumenauenses com seu passado através da doação de material para o arquivo, esse movimento ganha uma intensidade e amplitude (pois passa a desejar mais do que os documentos oficiais) que não havia até então. A absoluta maior parte do acervo do Arquivo Histórico de Blumenau é fruto deste trabalho de Sueli Petry, e que sua visão mais ampla de quais materiais seriam fontes dignas de sua armazenagem em um Arquivo Histórico, como algo relacionado a sua formação profissional.

O que temos com estas obras, e tantas outras que não foram citadas e analisadas com maior atenção e demora, é a formalização de que existe sim um passado alemão envolvendo Blumenau. Se no segundo capítulo através da análise da Revista Blumenau em Cadernos percebe-se a criação de uma narrativa sobre o passado de Blumenau, a partir da década de 1970 essa narrativa ganha uma perspectiva mais profissional, científica e acadêmica. Temos pessoas de comunidades formadas por descendentes de imigrantes produzindo seus trabalhos acadêmicos sobre este tópico, e alcançando lugares de prestígio devido ao seu trabalho. Esta narrativa está produzindo um certo caldo que é sintetizado nestas obras literárias publicadas pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" e pela Lunardelli em Florianópolis. Mais do que processos complementares, são processos concomitantes. Fazendo o processo de vulgarização e confirmação de visões sobre este passado. Não é de se estranhar ele ocorrer na década de 1970, e isso não só pelo começo de uma profissionalização de historiadores. É um momento relativamente distante da década de 1940 em termos de tempo de vida humana, ao ponto de ser já uma geração diferente da que sofreu os efeitos mais duros da Nacionalização, mas que ao mesmo tempo convivia com a geração mais velha. São os filhos e netos desses descendentes de imigrantes que certamente de alguma forma conviveram com pessoas falando outras línguas que não o português, e em alguma medida tomaram contato com os traumas envolvendo esse passado. Não havendo mais uma prática tão comum do alemão, era necessário buscar outros elementos para justificar uma identidade própria. Isso produz relação distinta com a memória, pois há uma curiosidade em saber sobre esse passado tão próximo devido a possuir pessoas que o viveram, e por não ter sofrido os traumas produzidos por esses eventos, eles poderiam ser revisitados. Não é um movimento muito distinto do que temos com a discussão sobre o massacre de pessoas em campos de concentração durante a Segunda Guerra, em que a partir da década de 1970 passa a se tornar um tema tão discutido que chega a ocupar uma posição única dentro dos temas históricos, chegando a se tornar um fenômeno de massas. Além disso, é a partir da década de 1970 que Blumenau cresceu com grande velocidade, e elementos mais próprios de sua identidade passam a ser apagados pelo ritmo acelerado do crescimento urbano e da especulação imobiliária. Compreendendo a transformação que ocorria, a observação de Urda Alice Klueger nos ajuda muito a compreender tal movimento ao afirmar que "quando você nasce e vive num lugar, você acaba fazendo parte dele" (ENTREVISTA, 31/05/2020).

O que vemos em torno dessa movimentação intelectual através da publicação de obras, literárias ou acadêmicas, é uma conclusão de um processo de reabilitação do *teuto-brasileiro.* Algo já muito bem demonstrado na tese de André Voigt, *A Invenção do Teuto-brasileiro* (2008). No entanto, o que chama a atenção numa análise de maior duração desse processo está em perceber a transformação na forma como essa germanidade é entendida, interpretada e exercida. Sendo interessante pensar como pessoas que não são necessariamente ligadas aos estudos do passado abraçaram esse tipo de identidade tanto tempo depois e, para mim o mais intrigante, sendo que na maioria das vezes o alemão não é mais uma língua dominada - e esse era o ponto central até a Nacionalização, conforme foi demonstrado no primeiro capítulo, buscam-se meios para que a língua alemã continue a ocupar um espaço mais formal e público, sem porém lograr êxito e com algumas dificuldades e entraves nesta empreitada. É justamente a partir da década de 1970 que essa germanidade passa a ser muito mais pensada a partir do cenográfico do que do da *Kultur*. É nesse período que temos o turismo se consolidando enquanto uma atividade na cidade de Blumenau e também um estudo mais sério sobre esse passado começa a aparecer, bem como a sua popularização através de obras de grande sucesso como *Verde Vale* ou *O Guarda Roupa Alemão.*

3.3 A performance da festa

A reabilitação do teuto-brasileiro parece ocorrer de forma geral nos estados do Sul do Brasil durante a década de 1970. Conforme explica René Gertz (2013) sobre esse período, não podemos ignorar que é o momento em que a Alemanha Ocidental formaliza seu espaço entre os países desenvolvidos e que conseguem alcançar sucesso dentro do capitalismo, que a indústria brasileira viveu seu período de consolidação e muitas delas eram ligadas originalmente a imigrantes alemães. E, talvez o mais importante, a presença de Ernesto Geisel como presidente do Brasil entre 1974 e 1979, que era filho de imigrantes alemães e luterano (sendo o primeiro líder máximo da nação que não era de fé católica). Somando a tudo isso, temos as comemorações em torno do sesquicentenário da imigração alemã (1974), e do centenário da imigração italiana (1975) impulsionando uma memória positiva sobre o passado dessas populações. O que nos indica um quadro bastante favorável para um realinhamento identitário de Blumenau com um caráter germânico mais explícito e declarado. Ainda mais quando somamos nessa equação a formalização de uma Fundação Cultural em 1972,

facilitando a publicação de obras que tratam desse passado. E, da consolidação da atividade turística, que passa a buscar na etnização da cidade um elemento diferenciado e complementar de atração de público, dependendo assim cada vez menos das levas de turistas que vinham do litoral para realizar compras.

Em 1968 a Revista *Manchete* lançou uma edição especial intitulada *Retrato do Brasil*, na qual apresentava as regiões brasileiras, incluso Santa Catarina. Sob o título *A expansão de Santa Catarina*, o estado é apresentado principalmente por seus aspectos econômicos, como sendo "produtora de arroz, milho, feijão, mandioca e trigo, e gado bovino e suíno", também se destacando na indústria extrativa, "com o carvão, a madeira, a erva-mate e a pesca", e concentrando a indústria de transformação em Joinville e no Vale do Itajaí, onde "salientam-se a têxtil, alimentos, cristais, porcelana e indústria pesada". Porém, a reportagem não deixa de destacar que "os louros imigrantes trouxeram experiência, técnica e trabalho", sendo um estado composto por habitantes "em boa parte de pele bem clara e olhos azuis, fruto da colonização alemã" (MACHETE, 1968, sem paginação). Apesar do destaque para a indústria, ao longo da reportagem percebemos o intuito de divulgação turística conforme locais como São Joaquim e Balneário Camboriú são citados. A fotografia que abre a reportagem é um retrato panorâmico da região central de Blumenau a partir do desemboque do ribeirão Garcia nas águas do rio Itajaí-Açu, destacando-se o Grande Hotel, ainda sem a avenida Beira-Rio. E, fugindo da centralização e ponto de fuga propostos na fotografia, é possível perceber que com exceção da rua XV de novembro o restante das ruas centrais ainda carece de pavimentação. Ao longo da paisagem central retratada, vemos alguns prédios modernos e altos, bem como a Igreja Matriz Católica dominando a paisagem de fundo. Temos o retrato de uma cidade bastante espraiada, mas ainda sem densidade, elemento que se formaliza somente a partir da década de 1970, mas que já estava iniciado e encaminhado neste período da década de 1960.

No mesmo ano de 1968, durante o mês de novembro, ocorreu em Blumenau a V FAMOSC. Por conta desse evento, uma reportagem ilustrada foi publicada na Revista *O Cruzeiro* em 26 de outubro de 1968. A fotografia de abertura da reportagem é uma panorâmica retratando os dois "modernos pavilhões especialmente montados para a mostra", deixando claro que através do evento "Blumenau vai abrir suas portas ao Brasil para mostrar Santa Catarina", mas "não através do cartão-de-visitas tradicional, das praias e das montanhas, das serras e das planícies", será através das "indústrias e pela imagem de suas

chaminés" (O CRUZEIRO, 26 de outubro de 1968, p.74). Com fotografias mais atualizadas do que as apresentadas na reportagem da Revista *Manchete* do mesmo ano, já notamos algumas ruas adicionais do centro com algum tipo de pavimentação e o início das obras da avenida Beira-Rio, porém notamos pela cor avermelhada característica da terra nesta região, que a maior parte das ruas carece de qualquer tipo de pavimentação, mesmo nos arredores dos pavilhões da FAMOSC. Na reportagem de 22 páginas o destaque fica por conta das fotografias coloridas que retratam a indústria blumenauense, com forte destaque para o setor têxtil. Entretanto, passagens que expõem o passado da cidade não deixam de ocorrer, havendo um indicativo do movimento pelo qual a paisagem urbana da cidade passava naquele momento ao esclarecer que "a arquitetura, de tradições germânicas, contrasta com a catedral, em estilo do futuro" (O CRUZEIRO, 26 de setembro de 1968, p.76), ilustrando esse texto com uma fotografia do interior da Igreja Matriz Católica. Dando o caráter que se buscava retratar da urbanidade de Blumenau durante a década de 1960, uma cidade que abraça o moderno sem abrir mão de seu passado, conforme já vimos no segundo capítulo.

Aqui notamos algo que nos ajuda a compreender muito do dilema urbano de Blumenau até os dias atuais. Há uma dúvida da cidade sobre o que pretende ser e se tornar. Ao mesmo tempo que ocorre um crescimento bastante rápido neste período, muito impulsionado pelo seu desenvolvimento industrial, há uma reação contra este movimento. Um exemplo que podemos perceber nisso é através das variadas leis favorecendo a "construção de casas típicas", que produziram os enxaimelóides encontrados na cidade, especialmente em torno da rua XV de novembro (a via mais tradicional e expressiva de Blumenau). A Primeira Lei foi a nº1.909/72, durante o mandato de Evelásio Vieira. Essa primeira lei que favorecia *construções típicas* a partir da isenção fiscal, foi muito criticada pois, apesar de o reconhecimento depender do parecer da Comissão Municipal de Turismo, não havia nenhum apontamento do que seriam estas *casas típicas.* Algo que só foi corrigido em 1977 através da Lei nº2.262/77 durante o mandato de Renato Vianna, apontando o estilo enxaimel e *casa dos alpes*, como o que seria esse *típico*. O que ocorre de fato a partir da criação desta lei de 1972 e sua maior especificidade em 1977, é que a paisagem central de Blumenau começa a ganhar uma certa homogeneidade até então apenas encontrada nos panfletos de divulgação turística. Como é bem observado por Bernardo Beilschowosky, é uma busca por divulgar "uma imagem que fosse cada vez mais diferente do restante do país, além das tradições e demais atividades culturais, o poder público resolve fomentar a "materialização" desses elementos

“imateriais” através das fachadas do seu conjunto urbano, construindo uma imagem cada vez mais estereotipada” (BIELSCHOWOSKY, 2017, p.156).



Figura 18: A presença de elementos rurais (gramado, cavalo solto, rio, mata verdejante, etc) contrastam com os elementos urbanos (estradas, concreto, prédios altos, muro de arimo, etc). Esta imagem parece sintetizar a indecisão do que se busca retratar, sendo uma mescla dos elementos encontrados no material produzido neste período circa 1975. (AHJFS, Acervo Fotográfico 5-5-31)

Um dos efeitos imediatos dessa política pública é que, devido ao crescimento da cidade e de sua economia, uma série de agências bancárias se instalam em Blumenau durante a década de 1970, e praticamente todas as agências bancárias até hoje (com exceção da agência do Banco do Brasil, que se instalou na época em um prédio modernista) adotam o exaimel ou enxaimeloide em suas fachadas. Para formalizar essa política pública, foi criada a lei municipal nº2.384 de 11 de julho de 1978. Percebemos nisso um certo freio, uma certa cautela frente ao movimento de verticalização do centro através de prédios de características modernas (ed. Brasília, ed. Catarinense, ed. Visconde de Mauá, Agência do Banco do Brasil, Grande Hotel, Lojas Hering etc.). Temos ao mesmo tempo uma movimentação em mostrar Blumenau como uma cidade moderna e desenvolvida a partir dos parâmetros da época, e a manutenção de suas características de pequena colônia, ambas buscando o mesmo espaço ao

mesmo tempo. Em grande medida essa dúvida sobre qual caminho a cidade deve seguir ficou muito bem sintetizado num dos postais existentes no Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico de Blumenau, no qual conseguimos observar um cavalo que esta pastando solto nas margens do rio onde ficava o antigo porto, com a avenida Beira-Rio e seus altos e modernos prédios ao fundo, contrastando dois tipos distintos de cidade convivendo. Parece haver uma dúvida sobre qual caminho tomar, e uma dificuldade em aceitar que Blumenau é pura e simplesmente uma cidade média, já desenvolvida demais para ter características de vila, e de crescimento limitado devido a sua geografia, na qual os morros limitam a expansão da malha urbana, impossibilitando-a de se tornar uma metrópole. Entre a metrópole e a vila, Blumenau já não seria nenhum dos dois.

É em 1968 que se tem o início da etnização da cidade através de seu turismo. Com a inauguração do *Restaurante Frohsinn* esse processo só ganhou intensidade. Quando a colônia deixou de ser um empreendimento privado de Herrman Blumenau e passou para as mãos do governo imperial, as terras na região do Morro do Aipim continuaram como propriedade particular de Herrman Blumenau e sua família, até serem definitivamente doadas para a municipalidade em 1911. Tudo indica que desde 1967 se vinha planejando a construção de um restaurante panorâmico no alto do Morro do Aipim, sendo apresentado um projeto nessa época. É interessante observar que um dos integrantes da Comissão Municipal de Turismo, Heinz Hartmann não gostou do projeto apresentado e preferia uma construção moderna (ATA COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO, 1967-1972, fl.05). Meses mais tarde, em 18 de setembro de 1967, uma das pautas levantadas na reunião da comissão é a construção de um restaurante típico nos pavilhões da COEB (ATA COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO, 1967-1972, fl.06), o que aparentemente não ocorreu, dadas as dificuldades de estruturar um restaurante naquele espaço. Em reunião realizada em 15 de outubro de 1968 o nome *Frohsinn* é escolhido após a realização de um concurso. A escolha do nome não é trivial, além de ser uma palavra alemã que indique alegria e satisfação, este era o nome do Clube de Caça e Tiro mais tradicional da cidade, que durante o período de nacionalização mudou seu nome e adotou o tênis como principal atividade, sendo o atual Tabajara Tênis Clube. Espaço que, conforme vimos no primeiro capítulo, é um espaço tradicional das elites da cidade.

A inauguração do *Restaurante Frohsinn* ocorre em 1969 e adota claros elementos estéticos de referência germânica, algo austríaca, bávara ou suíça, graças a sua construção no platô do Morro do Aipim, permitindo uma vista impressionante da região central da cidade e

simulando alguma espécie de chalé instalado no alto de algum dos milhares de alpes existentes na Suíça, Baviera ou Áustria. Dentre os empecilhos envolvendo o *Frohsinn*, temos a sua difícil entrada pela rua Itajaí (estreita e mal sinalizada) e a ocupação de casas em situação irregular sendo debates constantes nas reuniões da Comissão Municipal de Turismo. Uma das questões decididas, para favorecer as características *alpinas* da construção, foi plantar pinheiros no Morro do Aipim (ATA COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO, 1967-1972, fl.56), algo semelhante aos pinheiros plantados na rua Itajaí, então principal via de acesso para quem vinha do litoral (ATA COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO, 1967-1972, fl.09) e da arborização ao longo do rio Itajaí-Açu com chorões (ATA COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO, 1967-1972, fl.01). São arborizações que não só pensam no embelezamento da cidade, mas também em lhe garantir uma atmosfera mais germânica.

Além de sua vista e arquitetura imitando as casas alpinas de territórios de língua alemã, o *Frohsinn* era especializado em pratos alemães, seja em suas variações mais regionais ou europeias, fazendo dele um restaurante *típico*. Também ocorriam apresentações artísticas, em especial a do Grupo Alpino Germânico. O grupo teria sido fundado em 1968, após Francisco Zmazek ser convidado para recepcionar um grupo folclórico bávaro (dialeto dominado por Zmazek) que se apresentou no 1º Festival da Cerveja de Blumenau em 1968. Francisco Zmazek nasceu no Império Austro-húngaro em 1911, em uma região da Estíria que atualmente integra a Eslovênia. Imigrou para o Brasil em 1925, inicialmente residindo na cidade de São Paulo, mudando-se para a região que hoje é Pomerode em 1949 (Pomerode foi emancipada de Blumenau em 1959). Sempre fora um membro atuante em várias associações culturais alemãs, como grupos de canto e clubes de caça e tiro, desde que morava em São Paulo, e após mudar-se para Blumenau/Pomerode continuou participando desse gênero de clubes e associações. Diante do impacto positivo da apresentação do grupo bávaro no Festival da Cerveja, Zmazek é incentivado por Guenther Steinbach e Augustinho Schramm[24] a fundar um grupo semelhante. O Grupo Alpino Germânico realizou a sua primeira apresentação no Centro Cultural 25 de Julho de Blumenau em 1969. Ainda naquele ano iniciaram uma rotina de apresentações semanais no *Restaurante Frohsinn*, que se estendeu até 1976. Segundo o histórico do Grupo Alpino Germânico, esse seria o primeiro grupo folclórico de tradição

24 Guenther Steinbach ocupava o cargo de gerente das Lojas Hering localizada na rua XV de novembro, e Augustinho Schramm era responsável pelas Lojas Flamingo. Os dois estabelecimentos eram uma espécie de visita obrigatória para os turistas que visitavam Blumenau nesta época.

alemã do estado de Santa Catarina, e que causou bastante impacto por utilizar-se dos trajes tradicionais bávaros, algo até então desconhecido do público[25].

O elemento que vemos se desenhar na construção do turismo em Blumenau, e sua crescente adoção dos elementos étnicos enquanto um diferencial dentro desse mercado, é a possibilidade de uma performance do sentimento de germanidade, que apesar de ter sido deixado de lado e até mesmo visto com desconfiança, nunca foi inteiramente abandonado. É pensando a partir do artigo de John Dawsey *o teatro dos "boias-frias"* (2005) que podemos compreender o convencimento e adoção desse discurso germânico construído a partir do turismo por parcelas significativas da população blumenauense. A grande charada da questão identitária que existe em Blumenau (e que, a sua maneira e com suas especificidades locais, é uma questão do estado de Santa Catarina), é perceber que essa etnização foge a dois aspectos que comumente podemos concluir na análise dessas *invenções de tradições*: 1) a questão tratada não se resolve em uma busca do que seria então a verdadeira essência destes descendentes de imigrantes e; 2) compreender que aqueles que vivem essa tradição inventada não estarem vivendo uma grande mentira, na qual os estudos históricos seriam uma espécie de pílula de acesso a realidade. Trata-se de processos um pouco mais complexos do que os colocados por analogias fáceis com o *mito da caverna*. E em grande medida, ainda que não seja a intenção dos pesquisadores conforme produzem seus trabalhos críticos a essa invenção da tradição, no fim dificilmente se supera o paradigma entre a verdade e a mentira. A charada está em compreender como o sentimento de pertencimento à germanidade permanece diante de tantas rupturas, sobretudo quando ocorre uma decadência do uso público da língua alemã e pessoas que não dominam esse idioma manifestarem o mesmo sentimento de pertencimento.

Quando falamos de teatro e performance, temos por hábito subentender um certo caráter de falsidade, de exagero e distorção da realidade. Os estudos de performance, produzidos na intersecção da antropologia com os estudos de teatro, permitem olhar para a questão muito além da dicotomia entre falso e verdadeiro. Uma das críticas e análises comuns é como o que atualmente se entende por trajes típicos na cidade de Blumenau estar muito ligado a trajes bávaros ou tiroleses, sendo uma indumentária ligada às terras de língua alemã mais ao sul. E como tais não seriam utilizados pelos imigrantes alemães que se instalaram em Blumenau, dado que em sua grande maioria eram das terras de língua alemã ao norte[26].

25 Informações consultadas em 25 de março de 2021 no sítio eletrônico: http://www.alpinogermanico.com.br/informacoes.asp

26 Apesar de nunca ter pesquisado a fundo o período anterior a Segunda Guerra, o que pude encontrar de fotografias nas quais blumenauenses utilizavam este traje tirolês era durante festas de carnaval, ou seja,

Contudo, com a visita de um grupo folclórico alemão, recepcionado por um alemão nato[27], posteriormente fundador do primeiro grupo folclórico alemão e que intencionalmente buscava imitar o que viu no grupo bávaro (especialmente as roupas, que tiveram de ser confeccionadas a mão devido a inexistência de seu comércio na região), uma proliferação desse traje enquanto *típico* ocorreu, formalizado a tal nível, que garante a isenção na entrada da *Oktoberfest*. Semelhante aos boias-frias descritos por J. Dawsey, a performance não é uma simples forma de suportar o real, mas sim de construí-lo. E nisso, esses habitantes de Blumenau e região, quando vestem roupas compreendidas enquanto a representação do que é ser alemão, cantando músicas, dançando, bebendo chope e manifestando-se enquanto aquilo que se reconhece e se espera de um alemão, tem no meio de sua performance uma forma de preservar o sentimento de excepcionalidade e a manutenção de um traço identitário. Afinal, "trata-se não apenas de pensar a performance enquanto expressão, mas também de pensar a expressão enquanto momento de um processo, ou melhor, de uma experiência" (DAWSEY, 2005, p.26). E é na experiência que construímos nossas expectativas.

O movimento de etnizar a cidade, tanto por sua paisagem urbana que é incentivada a adotar um simulacro de cidade germânica com seus enxaimeloides, quanto pela proliferação de festas e grupos folclóricos, permitem aos blumenauenses viverem uma performance da festa. Graças a essa performance, permite que as pessoas ajam como se espera que alemães ajam, que vivam em casas que se espera alemães vivam. Nada mais cômodo para pessoas que esperam serem reconhecidas enquanto alemãs. E assim, podem publicizar como reconhecem sua identidade, bem como serem facilmente assim reconhecidos. Não é por acaso a observação de um dos turistas entrevistados no trabalho de Maria Bernadete Ramos Flores: Blumenau ao contrário do *Playcenter* é diferente e atrativa pelo fato de que em Blumenau o que se performa é de *verdade*. Pois, apesar de serem eventos montados para o turismo e o turista, a população também participa, constituindo um cenário no qual "os atores e espectadores, bem como os vendedores e consumidores, muitas vezes, se confundem" (FLORES, 1997, p.23). A população também visita os restaurantes típicos, também vai às festas beber chope, participa dos desfiles, são pessoas locais que montam bandinhas para tocar músicas alemãs, que integram grupos de dança e canto, pouco importando a fidelidade histórica com o passado ao qual se afirma ter uma conexão. Evita-se, assim, cair na busca por

enquanto uma fantasia.

27 É comum esta diferenciação em Blumenau e região entre alemães (pessoas nascidas na região que se encaixam no esteriótipo esperado) e alemães da Alemanha (pessoas nascidas na Alemanha).

uma *história verdadeira*, que deseja encontrar o *Ursprung*[28] do passado, conforme nos adverte Michel Foucault (1979). É mais produtivo compreender o processo e suas consequências, do que buscar as reais ou irreais origens desta memória em constante processo de sobrescrita, que constantemente adiciona elementos até então nunca vistos, tratando-os como tão imemoriais quanto a memória que se defende e acredita. É importante salientar que o termo esquecimento aponta na direção contrária da sobrescrita, desejando a recuperação de algo perdido num processo de amnésia, deixando de lado a análise de um processo histórico. É através da performance que se procura "impedir a naturalização do cotidiano" (DAWSEY, 2005, p.22), tornando-o suportável e real, pois isto só é possível graças aos momentos em que ele é excepcional. E, esse movimento consiste tanto de um processo em construção, que ainda buscando orientação e definição, a primeira lei favorecendo *construções típicas* em 1972 não conseguir apresentar uma especificidade do que seria o *típico*, questão resolvida minimamente apenas em 1977 - e corrigida em leis posteriores. Mas, desde 1972 ele já era formalmente desejado.

É apenas dois anos depois da inauguração do *Restaurante Frohsinn*, que em 1971 o então prefeito Evilásio Vieira solicita por meio de ofício a Comissão Municipal de Turismo, considerar o projeto de um restaurante *típico* na prainha (ATA COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO, 1967-1972, fl.78). A prainha, como seu nome sugere, é uma tradicional localidade de Blumenau formada pela areia do rio depositada em sua curva defronte ao antigo porto (atual praça Hercílio Luz), formando uma pequena praia. Com a construção da ponte Governador Adolfo Konder em 1957, o centro da cidade ganha uma fácil conexão com o bairro da Ponta Aguda, na margem esquerda do rio. A partir de então essa região passa por um desenvolvimento urbano que tornou a região um privilegiado espaço de moradia. A prainha é um dos espaços visíveis do alto do Morro do Aipim, e por isso um dos projetos cogitados pela Comissão Municipal de Turismo é a da construção de um teleférico conectando o *Frohsinn* e a prainha (ATA COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO, 1967-1972, fl.55), o que nunca se concretizou. E ainda em 1971 é inaugurado o *Restaurante Moinho do Vale*, de fronte a praça Juscelino Kubitschek de Oliveira após o preparo do terreno pela prefeitura, no qual foi instalado o vapor Blumenau I (presente até hoje no local). Junto do restaurante, foi colocado

28 De acordo com a análise apresentada por M. Foucault, este termo da língua alemã (*Ursprung*) indicaria a busca por uma origem histórica verdadeira, única e imutável, dando um tom mais ligado a uma história tradicional, focada em origens da pureza e perfeição. Dando um certo sentido de *origem verdadeira*, descartando as transformações que ocorrem ao longo do tempo como transformações, mas sim como degenerações.

uma réplica de moinho de vento, justificando o nome do restaurante. E igual ocorreu com o *Frohsinn*, o *Moinho do Vale* seria entregue a iniciativa privada através de concessão pública, dado que os dois restaurantes ocupavam terrenos públicos (Morro do Aipim e Prainha com a sua praça nas margens do rio).



Figura 19: Apresentação do Grupo Alpino Germânico no interior do Restaurante Frohsinn. É interessante observar como estes grupos adotam o caráter amador em sua constituição, sendo composto por pessoas da região que abraçam esse tipo de atividade cultural sem necessariamente compreendê-lo como um meio de sustento, apesar de toda dedicação e empenho empregados. É possível observar o gracejo expresso pelos espectadores em contraste com a seriedade dos membros do Grupo. Circa 1970 (Acervo Fotográfico do AHJFS, 5-5-66a)

Com a inauguração do *Moinho do Vale* temos a possibilidade de uma análise sintética do que marca essa construção etnizada do turismo em Blumenau e a sua performance acidentalmente permitida e realizada. Impossibilitado de ser restaurado para navegação, o Vapor Blumenau I é monumentalizado na praça que forma a prainha, ou seja, bem de fronte ao Restaurante *Moinho do Vale*. Temos assim uma mescla de elementos de incontestável fidelidade com o passado, sendo o vapor Blumenau I a embarcação que realizava a conexão de Blumenau com Itajaí, até o advento rodoviário aposentar o porto da cidade, junto de um

moinho construído para referenciar aquele passado alemão da região. Essa referência forçada a partir do moinho fica mais perceptível quando compreendemos que o mais comum foi o uso de rodas da água, dado o imenso potencial hídrico da região, que até por carecer de vento, nunca foi espaço privilegiado de moinhos (algo muito mais comum no continente europeu). Essa mescla de elementos vai produzir um processo confuso de sobrescrita pelo qual passa Blumenau. Nisso é de se observar a inauguração do Mausoléu de Herman Blumenau em 1974, aproveitando o sesquicentenário da imigração alemã e os 124 anos da fundação de Blumenau.

A ideia original da construção do Mausoléu era a de que ele fosse uma espécie de porta de entrada para o complexo histórico em torno da Praça Hercílio Luz (antigo porto) e a Rua das Palmeiras (Alameda Duque de Caxias). Contanto que, além das suas portas frontais voltadas para a rua XV de novembro, há portas de igual proporção nos fundos do Mausoléu, que permitiriam o acesso ao horto de Edith Gaertner, onde após possíveis vistas do ribeirão Garcia e do cemitério de gatos, seria possível acessar as casas que hoje compõem o Museu Colonial. Porém, esse projeto nunca se solidificou, e os espaços de entrada para o Mausoléu e o Museu são, respectivamente, pela rua XV de novembro e Alameda Duque de Caxias, mantendo o horto como um espaço um pouco mais reservado, e que curiosamente se constituiu como tradicional espaço para o encontro de casais. O que podemos observar no processo de inauguração do Mausoléu, conforme dados levantados por Ricardo Machado (2011b), é que o processo foi marcado por forte debate nas páginas do Jornal de Santa Catarina. Havendo pessoas contrárias a essa obra, e pessoas favoráveis. De maneira geral, a obra foi encampada pela prefeitura municipal, pelo Lions, pelo Rotary e pela maçonaria. Porém, ocorreram manifestações contrárias, sendo os motivos levantados para isso os mais diversos. A argumentação geral estava em torno do gasto de dinheiro público com tal obra, dado que problemas estruturais da cidade seriam considerados mais urgentes, como a devida pavimentação e manutenção das ruas, o maior acesso à água potável, a continuidade das obras da Beira-Rio. De forma que resolvidos estes problemas, a cidade de fato se tornaria mais atrativa para turistas, não havendo a necessidade de investimento num espaço fúnebre e desinteressante como um mausoléu. Outro argumento interessante apresentado foi o de que o passado seria melhor preservado caso o arquivo e a biblioteca públicas tivessem espaços condizentes com a sua importância.

Ainda outro posicionamento discutido partir do fato de que Hermann Blumenau retornou para sua cidade natal na Alemanha, local em que estava sepultado, e que não se deveria dar tanta atenção para alguém que decidiu abandonar o Brasil. São discursos contrários aos que normalmente aparecem, especialmente quando contrastados com a imagem idealizada de H. Blumenau em muito construída através da obra de José Ferreira da Silva. O que chama a atenção em torno desse caso, é que as visões sobre o passado de Blumenau (sua memória) não são de todo homogêneas e estão em disputa. Conforme aponta Enzo Traverso, a escrita da história ocorre no presente e no encontro entre passado e futuro, de forma que "a escrita da história participa, portanto, de um uso político do passado"[29] (TRAVERSO, 2012, p.318). Demonstrando que esse processo de sobrescrita da memória, narrado ao longo desta tese, sempre ocorreu sob tensão e disputa. E nisso não podemos ignorar que a partir da década de 1970, curiosamente quando a cidade passa a investir de forma mais intensa e declarada em seu perfil étnico diferenciado, como o momento em que o executivo da cidade passa a ser dominado por grupos políticos desligados de tradicionais famílias alemãs ligadas à indústria, conforme ocorreu durante a década de 1960. Tratam-se de políticos ligados ao MDB e que eram pessoas relacionadas ao jornalismo (caso de Evelásio Vieira) ou a advocacia (caso de seu sucessor, Renato de Mello Vianna) (SIMÃO, 2007), justamente personalidades que não podem ser facilmente associadas a um germanismo latente. É algo curioso de ser observado.

Ainda nesse sentido, temos a existência da embarcação Blumenau II. Inaugurado em 1972, o objetivo da embarcação era a de simular um vapor no qual funcionaria um restaurante que atenderia seus clientes, notadamente turistas, enquanto realizava passeios pelo rio Itajaí-Açu. E novamente, vemos uma clara indicação no sentido de produzir um entendimento de continuidade, ainda que seja algo diferente. Ao contrário do que ocorria com o Blumenau I e com o Progresso (os dois vapores que realizavam a navegação pelo rio), o Blumenau II não seria para o transporte, mas única e exclusivamente pensado para o turismo, porém seu nome indicava uma continuidade em referência à embarcação anterior, e por isso referenciava *os tempos de outrora*.

Por fim, o que fica evidente a partir desse período entre a idealização do *Frohsinn* em 1967 e a construção do Mausoléu de Hermann Blumenau em 1974 é a abertura e consolidação de uma memória que se constrói mesclando elementos do passado que são associados a elementos desconexos da história de Blumenau, mas que permitem a continuidade de sua

29 No original: "la escritura de la historia participa, por lo tanto, de un uso político del pasado".

identificação enquanto uma cidade alemã. Seja colocando blumenauenses em trajes bávaros e que não eram utilizados até aquele momento, ou monumentalizando um importante elemento desse passado (que é o Vapor Blumenau I) ao lado de um moinho especialmente construído para aquele espaço. Percebemos isso no translado dos restos mortais de Hermann Blumenau e sua família, para serem devidamente monumentalizados em construção própria no centro histórico (o que produz uma confusão sobre a trajetória de vida do antigo diretor da colônia, pois está enterrado na cidade que leva seu nome, porém trata-se de algo recente, sendo outro o local de sua morte). Tudo isso associado à participação e ao engajamento dessa população nas festas e eventos em torno desta mescla de atração turística e narrativa do passado, uma performance que confirmaria uma vinculação identitária e social dessa população não só para os turistas, mas também para os próprios habitantes da cidade. É um claro processo de sobrescrita, pois elementos permanecem conforme algo totalmente novo constrói seu espaço no real, levando a produção de um novo texto, um novo discurso.

Essa transformação de Blumenau e de seu enfoque turístico que se inicia com um foco nas compras, e que passa a focar nas características étnicas particulares da cidade, podem ser observadas a partir dos Guias Turísticos produzidos. Um dos guias turísticos mais antigos encontrados no Arquivo Histórico de Blumenau é o distribuído como cortesia da Casa Flamingo e é datado de 1968. Sendo basicamente um mapa com indicações de lugares na região central de Blumenau (leia-se, rua XV de novembro e arredores), o brasão do município e o indicativo de que fora “elaborado e editado pela comissão municipal de turismo” apontam para a sincronia entre setor público e privado nessa construção da atividade turística da cidade. O mapa aponta os locais de destaque da cidade, desde a localização da agência de correios e telégrafos, as estações rodoviária e ferroviária, a igreja matriz católica e a igreja matriz protestante, bem como os hospitais da cidade. Vários restaurantes são listados, sendo o *Frohsinn*, Gruta Azul, Aquarium (anexo ao Grande Hotel), Palmital, Adolfo e a Confeitaria Tönjes locais que aparecem constantemente nos guias analisados. Chama a atenção o apontamento para as revendedoras de automóveis (DKW, Chevrolet, Ford, Volkswagen, Willys, Chrysler e Mercedez). E o anúncio de que a Casa Flamingo aceitava “cheques de viagem” (FUNDO MEMÓRIA DA CIDADE, SECRETARIA DE TURISMO) indica o caráter de compras no qual a atividade turística está ligada nesse momento. Em 1969 a Casa Moellmann, focada em porcelanas Schmitt e Cristais Hering, produziu um mapa semelhante ao da Casa Flamingo, indicando-nos que era muito provável as principais casas comerciais da

cidade elaborarem pequenos mapas da região central que servia de orientação para os visitantes. O primeiro Guia Turístico propriamente dito, editado e distribuído pela prefeitura municipal é o de 1971/1972. Organizado por José Ferreira da Silva, o guia apresenta informações de Blumenau de forma muito semelhante a enciclopédias, apresentado um histórico básico da cidade e dados estatísticos e geográficos. Segundo consta no guia, essa era a quarta elaboração de material semelhante. É curioso observar como há uma dinâmica bastante diferente da que observamos hoje em guias turísticos, pois há até mesmo uma carta de apresentação aos turistas, desejando a eles enquanto estiverem em Blumenau "a mais quente e cordial acolhida e que levem, no regresso aos seus lares, a lembrança e a saudade do que aqui viram" (FUNDO MEMÓRIA DA CIDADE, SECRETARIA DE TURISMO). O destaque para a Agência de Correios e Telégrafos em construção modernista na rua Curt Hering, ainda nos indica um desejo em apresentar Blumenau enquanto uma cidade moderna, e que o *slogan* impresso na contra capa com os dizeres "produtos de Blumenau, a procedência garante a qualidade", apontam para um turismo pensado e organizado de forma diversa da atual. O guia de 1975/1976 é semelhante ao de 1971/1972, focado em dados enciclopédicos da cidade, com destaque para sua indústria e comércio. As fotografias anexas no guia, buscando retratar uma cidade que se verticaliza e abre uma nova via através da avenida Beira-rio, indicam certa atmosfera de canteiro de obras devido a uma paisagem salpicada do barro vermelho típico da região.

Um *flyer* intitulado "terra de luminosa paz", que indica ser de 1975, já aponta para uma Blumenau que mescla seus elementos, apresentando seu comércio e suas características étnicas como grandes atrativos. Buscando criar a imagem de um idílico vale no qual "a luz do sol atravessa o ar cristalino, espalhando-se na exuberante vegetação e nas águas preguiçosas do rio que lembra o Reno" (FUNDO MEMÓRIA DA CIDADE, SECRETARIA DE TURISMO), o que chega a ser uma comparação curiosa, dado a cor avermelhada pela terra do rio Itajaí-Açu e em vez dos vinhedos existentes na extensão do rio Reno, a região é notável pela sua cultivo de arroz. Destacando tanto "as modernas lojas", os restaurantes que "servem a saborosa comida típica" e "a natureza privilegiada" como grandes atrativos. O *flyer* apresenta fotografias da avenida Beira-rio com suas luzes de decoração do natal, casas enxaimel e rodas da água de sua zona rural, os "telhados alpinos" do restaurante *Frohsinn* e a torre da matriz católica. Uma das fotografias ilustra o vapor Blumenau II navegando pelo rio Itajaí Açu, com o vapor Blumenau I em primeiro plano, criando uma associação de

continuidade. Também vemos pessoas figurando e trajes *alpinos* ilustrando algumas fotografias, explicando ao leitor que se trata de “um folclore europeu aclimatado” (FUNDO MEMÓRIA DA CIDADE, SECRETARIA DE TURISMO).

O último guia encontrado e analisado é datado como de junho de 1981. Conforme é apresentado no início desse guia visual da cidade, teve 30.000 exemplares impressos e foi distribuído e financiado através dos empreendimentos anunciados e suas páginas. O guia aponta que Blumenau não é uma cidade grande, mas que oferece opções diversas. É explicado que se trata de uma cidade industrial, e que “por isso, se você não encontrar o povo nas ruas durante a semana como gostaria que fosse, é porque eles estão produzindo para que Blumenau lhe ofereça tudo o que dispõe”, e que a partir de sexta-feira, não se encontram ruas ou lugares vazios (FUNDO MEMÓRIA DA CIDADE, SECRETARIA DE TURISMO). O interessante é que o guia traz um roteiro de final de semana, apontando espaços como o Bar Travessia, o Varandão, Madrugadão Lanches Drive-in e Lanchonete Mau-Mau, avisando que “estes lugares estão sempre lotados até tarde da noite”, e que conforme a noite avança, as pessoas se dirigem para “locais mais sofisticados como a discoteca Eagles […], o Cabaret Cervejaria, o Restaurante Moinho do Vale […], e Restaurante Ein Prosit”, todos com música ao vivo, sendo o Restaurante *Ein Prosit* “o único de Blumenau que funciona a noite inteira com música paraguaia ao vivo” (FUNDO MEMÓRIA DA CIDADE, SECRETARIA DE TURISMO). São apontados os bailes, comuns na região, e que através da leitura do Jornal de Santa Catarina ou telefonando diretamente para as rádios seria possível se informar sobre os bailes do final de semana. São citados os cinemas Blumenau, Busch, Mogk e Carlitos como opções para os “apreciadores da sétima arte”. E deixando claro que “as casas para encontros privados de início e final de noite, estão concentradas em sua maioria na BR-470, saída de Blumenau para Rio do Sul” (FUNDO MEMÓRIA DA CIDADE, SECRETARIA DE TURISMO), na região conhecida informalmente como *Vale das Bonecas* devido à grande quantidade de casas de prostituição na região. O Guia aponta que sábado pelas manhãs a movimentação é no comércio da rua XV de novembro, recomendado-se aproveitar para fazer compras, visitar os bares e lanchonetes e encerrar o dia almoçando em algum dos restaurantes existentes ao longo desta via. No sábado à tarde, “as sorveterias da cidade e o Café Colonial anexo ao Hotel Glória se constituem numa boa opção para casais” (FUNDO MEMÓRIA DA CIDADE, SECRETARIA DE TURISMO). Outra opção é se dirigir para os locais mais afastados da cidade, onde vários locais são adequados para pique niques e campismo, sendo a Vila

Itoupava o grande destaque, especialmente por possuir “locais incríveis e casas típicas do início da colonização alemã”, destacando que o cineasta Sylvio Back “utilizou este local em um de seus recentes filmes” (FUNDO MEMÓRIA DA CIDADE, SECRETARIA DE TURISMO). Quando chega sábado à noite, “a coisa pega fogo”, sendo indicado “os mesmos locais de sexta-feira a noite [*sic*], só que com frequência dobrada”, ficando clara a recomendação para se ter “cuidado no asfalto”, pois “o trânsito é intenso” (FUNDO MEMÓRIA DA CIDADE, SECRETARIA DE TURISMO). No domingo a juventude se encontrava pela tarde na Alameda Rio Branco, e os restaurantes e cinemas acabavam sendo a preferência, apesar das casas noturnas continuarem a funcionar noite adentro com um movimento bem mais modesto.

Resumidamente, o efeito produzido pelo turismo na cidade de Blumenau é algo acidental, mas que vai dar condições para que o sentimento de germanidade não desapareça. Ainda que seja um sentimento constituído e manifestado sob bases distintas das encontradas na década de 1930. Com a adoção de contornos cada vez mais étnicos na divulgação da cidade, justificada por sua história particular, podemos observar uma performance da festa, na qual os cidadãos podem reforçar seus sentimentos e construir a sua realidade. Não temos esses indícios de forma tão latente nas décadas de 1960 e 1970 da mesma forma que temos atualmente (conforme ilustrado nas primeiras páginas deste capítulo). É com a criação da *Oktoberfest* em 1984, que esse discurso se firma e não abandona mais as narrativas envolvendo Blumenau. Curiosamente, a *Oktoberfest* de Blumenau foi criada justamente para atrair turistas na época menos movimentada de Blumenau. A *Oktoberfest* de Munique tem este nome pois acaba em outubro, e justamente pensando em contratar algumas das bandas que tocam nesta edição original da festa, decidiu-se que a festa poderia ajudar a impulsionar o turismo justamente neste mês de baixa no turismo. Muito próximo das férias de meio e final de ano, e sendo tradicionalmente um mês chuvoso, os turistas compreendiam que valia mais adiantar ou adiar sua visita a Blumenau. Entretanto a festa ganhou bastante impulso, também pelas enchentes de 1983 e 1984 que a cidade havia sofrido e que foi divulgada em cadeia nacional. Desde então, o mito fundador da festa coloca que ela foi pensada para reerguer a cidade após duas catastróficas enchentes seguidas, quando ela já vinha sendo planejada e ensaiada desde eventos como o Festival da Cerveja[30]. E da mesma forma que acidentalmente o turismo permitiu uma performance da germanidade, a *Oktoberfest* logrou tanto êxito que

30 Que não tem uma relação direta com a edição atual do evento de mesmo nome em Blumenau.

colocou o turismo de Blumenau em crise durante toda a década de 1990, pois agora os turistas deixavam de vir no resto do ano para aproveitar outubro para visitar a cidade e conferir a festa tão grandiosa, cenográfica e regada a muito chope (CARESIA, 2012).

É algo que podemos perceber em outros casos semelhantes. Na análise realizada por Fagerlande sobre a cidade de Penedo (RJ), localidade fundada por imigrantes finlandeses que desejavam um estilo de vida mais próximo da natureza, sendo muitos deles vegetarianos. Ocorre que a ideia original de viver da terra, começou a se esgotar a partir do pós-guerra, e o turismo ecológico associado a prática da sauna (algo então exótico e tradicional da cultura finlandesa) mostravam os grandes atrativos turísticos da cidade. No entanto, é justamente durante a década de 1980 que a localidade passa a abraçar outros elementos para favorecer seu turismo. Saunas passam a ser comuns e o turismo ecológico encontra maior oferta a partir desse momento. Por isso, a partir da década de 1990 se consolida um turismo cenográfico de Penedo como uma pequena vila finlandesa, adotando elementos reconhecidos desta cultura, ainda que eles estivessem ausentes até então. Criam uma vila do papai noel e buscam adaptar as construções da região central, dando o devido ar cenográfico para o discurso propagado, sendo “a ideia dos comerciantes locais” em “criar algo que representasse a Finlândia na antiga colônia” (FAGERLANDE, 2015, p.286). E na falta de elementos altamente reconhecíveis da cultura do país (como é o caso do papai noel), buscou-se suprir tal falta e conquistar sua fatia de mercado a partir desse ponto. Grupos folclóricos ligados a essa tradição inventada, passam a aparecer e se apresentar nos cenários montados. E tal qual no caso de Blumenau, o convencimento é muito mais prático. Ou também, na cidade catarinense de Criciúma, que diante de sua crise identitária a partir do declínio do carvão, não deixou de investir em festas que pudessem criar alguma espécie de identidade renovada para uma cidade em constante crise econômica e marcada pela emigração de seus habitantes (CAMPOS, 2003).

E, assim, podemos perceber como, da mesma forma que múltiplas temporalidades podem conviver no mesmo espaço, a memória se constrói a partir de diferentes estratos. Por isso, é através de um processo de sobrescrita que uma visão sobre o passado se atualiza e constrói novos retratos. Da mesma forma que as temporalidades, as memórias são múltiplas, o que não significa que elas não se sobreponham e, por meio de seus conflitos e decantações, conseguem construir novas dimensões de realidade.

4.4 Conclusão

O turismo se desenvolveu em Blumenau durante o século XX sobretudo como uma atividade econômica, e deve ser sempre compreendido assim de início. Notamos que havia uma atividade turística se desenvolvendo na cidade de Blumenau antes mesmo de sua etnização cenográfica, tão marcante a partir da década de 1970 e que atinge seu ponto de maturidade a partir da *Oktoberfest.* O curioso é que tal cenografia foi muito bem aceita, tanto pelos visitantes, quanto pelos habitantes da cidade. Apresentando mais do que uma dicotomia entre verdade e mentira, temos a construção de uma visão de passado que aparece constantemente no presente. É com esta questão que devemos lidar. Não há uma história verdadeira a ser contada, há um processo histórico a ser compreendido.

A proposta do capítulo está em compreender como a identidade germânica persistiu associada a Blumenau e defendida por blumenauenses, mesmo quando ocorre um declínio do uso da língua alemã, elemento central para a justificativa dessa identidade. Acidentalmente, a atividade turística que desejava fixar seus visitantes mais tempo na cidade (e gastassem mais) incrementa seus atrativos abraçando um germanismo que nunca deixou de marcar a cidade. Um exemplo que ilustra esse reconhecimento pode ser observado no receio da cantora Elizeth Cardoso em se apresentar em Blumenau devido a cidade ser racista, situação que a Comissão Municipal de Turismo buscou demonstrar que não seria o caso enviando um buquê de flores para a cantora (ATA COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO, 1967-1972, fl.80). Conforme se investiu no caráter étnico do turismo em Blumenau, ocorreu uma performance do que seria o *alemão de Blumenau*. Com as restrições sofridas durante a Nacionalização, com a continuidade de leis que impediam escolas alemãs ou bilíngues, com as mudanças nos referenciais de modernidade (prevalecendo o tênis sob a prática do tiro, por exemplo, da musculação em vez da ginástica, do futebol em vez do remo), esses elementos culturais que deveriam auxiliar a população a se justificar e apresentar como distinta, passam a ocorrer por outras ações, que ainda que recentes, puderam ser tratadas como pertencentes a um passado imemorial. E assim, acidentalmente, o turismo e seus contornos étnicos cada vez mais fortes permitiam que uma população que se acreditasse algo alemã, pudesse agir e se apresentar assim como se espera que alemães o façam. Não bastasse, toda essa relação é construída mesclando elementos que seriam incontestes, sendo a língua alemã um exemplo. Pois, ainda que o idioma não seja mais amplamente dominado pela população, sabe-se que ele continua

sendo praticado de forma orgânica. Ainda que o Vapor Blumenau II não fosse um vapor e nem tivesse navegado as águas do Itajaí-Açu junto com seu antecessor, a monumentalização da embarcação dava a devida legitimidade para que o barco-restaurante requisitasse para si uma certa continuidade. Se o enxaimel já não segue mais as técnicas construtivas específicas desse estilo arquitetônico, o *enxaimeloide* do Castelinho da Moellmann (finalizado em 1978, hoje de propriedade da Havan) e da sede da prefeitura (finalizada em 1982) apontam para esse passado estabelecendo uma continuidade mesmo diante de tantas rupturas.

5 Conclusão

> *Memória nos dois sentidos da palavra: como um catalisador das recordações de sua própria vida e como uma estrutura artificial para ordenar o passado histórico.*
> (Paul Auster, 1999, p.131)

Talvez, a História e suas relações ganhem um espaço cada vez maior nas discussões públicas pelo fato de que "a história é a humanidade tornando-se um ser consciente de si mesmo" (DROYSEN, 2009, p.75), e por isso ela é uma ciência fundamental para produzir esse tipo de compreensão. De maneira que, "esses acontecimentos, que marcaram a história do século XX e já a do nascente século XXI, modificaram profundamente o ofício do historiador, obrigando-o a se engajar de modo permanente no espaço público" (ROUSSO, 2016, p.07). Com base nessa problemática, temos a consolidação da História do Tempo Presente, que em princípio pode parecer não apresentar nenhuma novidade, já que a "preocupação em historiar o presente abrangeu boa parte da Idade Média, do Renascimento e sobreviveu até a entrada da Era Moderna"[1] (FAZIO VENGOA, 2010, p.130). E por isso, ainda de acordo com Hugo Antonio Fazio Vengoa, a colaboração da História do Tempo Presente para a historiografia está em sua atenção mais detida e central para a questão fundamental da História em relação às outras Ciências Humanas: o tempo (p.144). No sentido de que, se o tempo é a categoria específica da História em relação as outras Ciências Humanas, na História do Tempo Presente essa questão é ainda um pouco mais central. De forma que, quando tratamos de História do Tempo Presente "o tempo deixa de ser um pano de fundo para tornar-se a própria trama social construída em distintas dimensões e tensões" (CAMPOS; LOHN, 2017, p.99).

Por isso, não seria produtivo delimitar a História do Tempo Presente através de marcadores temporais delimitados e definidos pelo calendário. A discussão a respeito de onde começa a História do Tempo Presente não está em marcos temporais como: ela começa a partir da Segunda Guerra Mundial, ou; a História do Tempo Presente é possível enquanto houver alguém vivo daquele período, e, a mais francesa de todas; é a História que ocorreu a partir da Revolução Francesa em 1789. Ainda que sejam marcadores temporais coerentes, eles são insuficientes para uma definição mais universal. Isso seria ignorar que o tempo na História é distinto do tempo linear, quantificável e mensurável. Sendo o tempo uma categoria

1 No original: "preocupacíon por historiar el presente franqueó buena parte de la Edad Media, del Renacimiento y sobrevivió hasta bien entrada la Época Moderna".

fundamental da vivência humana, “nossa experiência direta do tempo é sempre do presente, e nossa ideia dele surge da reflexão sobre essa experiência” (WHITROW, 1993, p.17). Ainda que “a exatidão cronológica na classificação de todos os elementos que constituem os eventos pertence por isso ao postulado metodológico da narrativa histórica” (KOSELLECK, 2006, p.134), a problemática do tempo para o ser humano, especialmente do ponto de vista da História, não se explica através de uma mensuração. A cronologia é uma ferramenta útil e importante, mas sozinha ela não produz entendimento na História. É necessário abordar o tempo a partir da imersão que os seres humanos fazem nessa categoria, onde o presente é o grande pivô.

O que definiria essa relação temporal? O que temos em comum nos debates decoloniais, nos estudos sobre racismo, nas transformações culturais e na consolidação da democracia; eventos tão dispersos, diversos e distantes? O que podemos observar no Holocausto e na descolonização, ou na Era Vargas e na abolição da escravatura, na industrialização do Brasil e na grande imigração do século XIX que ainda os fazem atuais? Não são delimitações que se explicariam através da datação. O que temos em comum entre todos esses tópicos é que a História do Tempo Presente tem sua categoria temporal definida pelo seu impacto. É assim que podemos traduzir melhor a problemática do *passado que não passa* (como é o jargão da área).

Cada sociedade apresenta sua construção dentro de um processo histórico próprio, e nesse sentido eventos e acontecimentos acabam sendo mais ou menos centrais para compreender uma situação presente, sendo mais diretamente ou menos diretamente relacionados. A Revolução Francesa certamente tem um impacto considerável para os franceses e por isso se justifica como parte da História do Tempo Presente lá. Da mesma forma que o racismo e a sua origem na escravidão está para o caso brasileiro. Por isso é possível afirmar, “se toda história é contemporânea, a história do tempo presente é um pouco mais que as outras” (ROUSSO, 2016, p.238). Havendo acontecimentos que são mais marcantes para certas sociedades, o impacto das estruturas e reviravoltas borra a distinção temporal entre passado-presente-futuro de forma particular em cada uma delas. Mesmo sendo a História do Tempo Presente uma área marcada desde o princípio pelo tempo recente, não é a data o que define sua particularidade, é o seu impacto o que nos permite abordar a presença de um passado. Em alguma medida isso já era reconhecido desde algum tempo na historiografia, e cabe citar a obra *Formação do Brasil Contemporâneo* de Caio Prado Júnior (publicado pela

primeira vez em 1943) como exemplo que justifica seu título por estar na extensa fase colonial a gênese que nos define enquanto sociedade, sendo assim esse passado algo ainda presente no contemporâneo. É, esse tipo de abordagem que nos permite pensar como eventos passados continuam se fazendo presentes, independentemente de sua distância temporal. Apesar de o recente ser o delimitador base da História do Tempo Presente, a busca por uma data-limite acaba sendo o marcador mais errôneo para pensá-la. Afinal, ela se apresenta como algo mais do que uma História do recente.

É pensando o seu impacto que, na História do Tempo Presente, podemos analisar e perceber essas questões que afloram de relações com o passado, muitas vezes não vivido por aquelas pessoas, mas que mesmo assim são produtores de, por exemplo, ressentimento. De maneira que, “esse retorno de uma ferida do passado torna-o mais presente que o presente” (FERRO, 2009, p.191), e marcado por um ressentimento ancorado no passado, seja ele mais remoto ou mais próximo, questões políticas vêm se articulando em locais tão díspares quanto o leste europeu ou o próprio Brasil, à esquerda ou à direita. Cada passado produz alguma espécie de impacto, os mais intensos permitem borrar o entendimento de linearidade, sucessibilidade e separação temporal tão caros para a formalização da História enquanto disciplina. É esta a problemática da História do Tempo Presente: o impacto do passado no presente, não sua estrita recenticidade cronológica. Como dito anteriormente, a recenticidade de que trata a História do Tempo Presente não é uma data, evento ou acontecimento *per se*, mas sim o seu impacto no presente, mesmo sendo um evento passado. Se os *Annales* inovam ao tratar a História em múltiplas linearidades temporais, elemento que mais tarde foi aperfeiçoado por F. Braudel e a estrutura de longa duração; a História do Tempo Presente trata da relação temporal dessa camada cinza existente entre o presente e o passado, borrada em sua definição pois é entendida como presente nas duas margens. Partindo do desafio historiográfico de produzir trabalhos que pensem a partir de uma “dimensão de pluralidade e simultaneidade — como fizeram Einstein e Planck, com a teoria da relatividade e todo o escopo da física quântica” (CAMPOS; LOHN, 2017, p.109) a área se define.

Por isso, esta tese cabe dentro de um programa de História do Tempo Presente. Pois analisa o impacto do passado alemão em Blumenau através de dois marcadores temporais significativos: a Campanha de Nacionalização e a *Oktoberfest*. É estudando o período entre estes dois momentos, que podemos compreender melhor as dinâmicas do impacto desse passado no presente, e como essa relação foi sendo construída. Conforme vimos, foi um

processo marcado por suas rupturas e continuidades, por suas disputas de narrativa e visões sobre o passado, e que tais conflitos muitas vezes silenciosos (outras vezes silenciados), ocorreram num espaço no qual múltiplas temporalidades e interesses se decantaram na formalização de uma cidade que se entende como algo alemã, proprietária de uma continuidade umbilical com o seu passado. Percebemos que não se trata de um puro processo de *invenção* (no sentido mais coloquial de sinônimo para *mentira*), mas que buscou se justificar abraçando elementos já presentes bem como adicionando novidades. Por isso, compreender a dinâmica blumenauense entre 1946 e 1984 como a de uma cidade que *esqueceu* e depois *lembrou* que era alemã, não dá conta de explicar este processo.

A questão da memória se colocou como um dos principais desafios no campo historiográfico desde a década de 1980. Em grande medida, por sua capacidade de sintetizar várias questões do campo da História. É discutindo memória que discutimos narrativas, poder, visões de passado e a relação de nossa produção acadêmica e científica com o grande público. A memória na História passa por um debate distinto, apesar de repleto de paralelos, da discussão psicanalítica ou psicológica em torno do mesmo termo. Os historiadores não pretendem recuperar dados perdidos, não se deseja curar casos severos de amnésia. O que desejamos, superada a História metódica, muito ligada ao campo da diplomacia e da área militar e praticada até a consolidação dos *Annales*, é a análise desses processos marcados por rupturas e continuidades em seus variados estratos do tempo. Por isso o termo sobrescrita, ainda que bem menos poético que o termo esquecimento (invalidando uma série de possíveis metáforas e lirismos), apresenta-se como mais apropriado para as relações descritas e analisadas pelos historiadores na relação com a memória. Afinal, como coloca D. Lowenthal, "tal ressurreição demanda não apenas um renascimento mas o reposicionamento do passado"[2] (LOWENTHAL, 2011, p.85).

É o caso que foi analisado aqui – a construção da memória através de um processo de sobrescrita. Diante de uma série de transformações, no qual boa parte dos elementos que serviam em alguma medida para justificar uma identidade alemã são *apagados* ou *subtraídos*, como se explica esse traço identitário não desaparecer? O que observamos é que são abraçados os elementos possíveis, e ainda que repleto de mudanças, esse entendimento de si persiste. E essa relação se explica não pela dinâmica *lembrar-esquecer*, mas sim pela *sobrescrita*, pois conforme elementos que serviam para balizar tal identidade entram em

2 No original: "such resurrection demanded not simply the rebirth but the replacement of the past".

declínio (a língua alemã sobretudo, mas também os clubes de caça e tiro, os corais, as sociedades de ginástica, o teatro, as construções antigas, etc.), novos elementos são abraçados como a referência ao passado (devidamente monumentalizado e mesclado com elementos completamente novos) e a performance provocada pelas festas permite continuar a justificar para si um caráter de excepcional população dentro do Brasil.

Não é de se estranhar ter sido justamente a região Sul a mais marcada pela imigração europeia, o local de produção de um estranho movimento separatista. É sobretudo por uma vontade de distinguir-se do resto do país, mais do que de desejar uma secessão de fato. Se já temos trabalhos interessantes analisando as questões de *raça* e racismo nos grandes centros do Sudeste, cabe avaliarmos seus impactos em regiões inteiras constituídas por descendentes de imigrantes enquanto maioria. É justamente esta narrativa de um pedaço do Brasil que não é Brasil, que se reforça na apresentação turística desses lugares (conforme é apontado no início do terceiro capítulo) que esse discurso encontra terreno fértil para se propagar. E essa população, que conforme vimos nunca teve seu processo identitário devidamente integrado ao local em que viveu, prontamente aceitou tal narrativa.

Com isso, vimos que apesar do declínio do uso do alemão e de narrativas em torno da *raça*, outra narrativa, em torno da excepcionalidade, não deixou de ocorrer. Na verdade com a formalização de narrativas sobre o passado, o sentimento de excepcionalidade continuou, ainda que abraçando prioritariamente outros elementos (a fábrica em vez do ato de falar alemão, o capricho em vez da *raça*). E quando a atividade turística busca se complexificar, seu investimento e uma certa *caricatura* do que seria esta etnia foi convincente o suficiente para satisfazer tanto os visitantes quanto os habitantes. E acidentalmente (ou não) as festas permitiram uma performance, ainda que cenográfica, do que seria o ser alemão. Algo que ocorreu associado à transformação da cidade em um grande *parque cenográfico*, especialmente através de suas leis de incentivo ao enxaimeloide e das intensas decorações durante a *Oktoberfest*.

Tributário dos trabalhos de Maria Bernadete Ramos Flores (1997) e André Voigt (2008), pude pensar essa questão de uma outra forma, buscando outros objetivos. Nesse sentido, cabe a minha lembrança de quando durante uma orientação com Luiz Felipe Falcão, contando sobre toda a criação deste cenário de uma Blumenau germânica, ele ter me advertido sobre aonde eu queria chegar. Afinal, que estas narrativas e tradições são inventadas já está muito claro para nós historiadores, e o que acabamos conseguindo é, de certa forma, uma

rápida e tendenciosa atenção da mídia local onde desvelamos aparentemente alguma mentira contada sobre o passado da cidade e seus mitos fundadores, e tão logo a polêmica ganha atenção ela também é fruto de desinteresse. E é justamente observando parte de minha família, onde os mais velhos ainda falam o alemão como primeira língua, que ficou evidente como abordar toda essa questão da memória em torno da germanidade em Blumenau, notei que cabia delicadeza e atenção o suficientes para fugir da simples dicotomia entre verdade e mentira, esse binarismo tão sedutor. Há, sobretudo, um sentimento verdadeiro diante dessas memórias, independente de sua fidelidade histórica. Esse é o grande nó para o historiador quando se aborda a questão da memória e das visões sobre o passado. Demonstrei, assim, como as pessoas acreditam no que acreditam, e como elas entendem o que elas são. Foi justamente Luiz Felipe Falcão, que havia resumido uma grande questão em torno dessa problemática, sintetizando a dicotomia em que facilmente se cai, ou se adota um tom de denúncia ou facilmente se cai numa nostalgia do passado. Constantemente busquei evitar tais seduções, espero ter conseguido.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. **Profanaciones**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. MIRA, Catariana (trad.). Lisboa, Portugal: edições 70, 1991.

ANNUSECK, Ellen. **Nos bastidores da festa: outras histórias, memórias e sociabilidades em um bairro operário de Blumenau (1940-1950).** Dissertação em História, UFSC: Florianópolis, 2005.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE BLUMENAU. **ACIB 90 anos de memória.** Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **História do Turismo no Brasil entre os séculos XVI e XX: viagens, espaço e cultura.** Barueri, SP: Manole, 2012.

AUSTER, Paul. **A invenção da solidão.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura Moderna**. 3ª ed. São Paulo: ed. Perspectiva, 2001.

BERGSON, Henri. **O riso**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** ÁVILA, Myriam; REIS, Eliana Lourenço de Lima; GONÇALVES, Gláucia Renate (trad.). Belo Horizonte: ed. UFMG, 1998.

BIELSCHWOSKY, Bernardo Brasil. **Paisagens urbanas em áreas centrais: políticas municipais, preservação patrimonial e espaços públicos em Blumenau-SC.** Tese Programa de Pós-graduação em Geografia da UFSC: Florianópolis, 2017.

BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais: a longa duração.** In: Escritos sobre a história. São Paulo: perspectiva, 2009.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **A construção política do Brasil: sociedade, economia e Estado desde a Independência.** 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BOSI, Alfredo. **Arqueologia do Estado providência.** In: Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luiz. **História da política exterior do Brasil.** 5ª edição revista e ampliada. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

CAMPOS, Emerson César de. **Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002).** Florianópolis: UFSC, Tese de História, 2003.

CAMPOS, Emerson Cesar de; LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Tempo Presente: entre operações e tramas.** In: Hist. Historiogr. Ouro Preto, n. 24, agosto 2017, p.97-113.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** CINTRÃO, Heloísa Pezza; LESSA, Ana Regina (trad.). São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2003.

CASEMIR, Kirstin; FISCHER, Christian. **Deutsch: die Geschichte unserer Sprache.** Darmstadt, DE: Primus Verlag, 2013.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores.** Tradução Ingrid Müller. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CARESIA, Roberto Marcelo. **Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960).** in: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (org). Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000.

CARESIA, Roberto Marcelo. **Os discursos comemorativos, as representações do turismo e os contrastes socioculturais em Blumenau (1990-2000).** in: MACHADO, Ricardo; VOIGT, André (org). Desterritorializações do Vale. Blumenau: Liquidificador produtos culturais, 2012, p.109-152)

CHAMBERS, W. Walker; WILKIE, John R.. **A short history of the german language**. Routledge:Suffolk Great Britain, 2014.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise:** entre ciência e ficção. Belo Horizonte: autêntica editora, 2011.

CRAICE, Carla; PREZZO, Thiago. **A dinâmica demográfica de Santa Catarina no período pós-1991.** In: Revista NECAT, ano 4, nº7, jan-jun de 2015, p.38-54.

COMITTI, Leopoldo. **Gatos no forno: memória, identidade cultural e imigração.** in: Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v.03, out. 1995, p.65-72.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DA ROCHA, Marjorie Nunes. **Três narrativas, o mesmo tema: a imigração alemã nos romances de Lausimar Laus.** Dissertação de literatura PPGL, UFSC: Florianópolis, 2004.

DA SILVA, Carla Fernanda. **Grafias da luz: a narrativa visual sobre a cidade na Revista Blumenau em Cadernos.** UFSC: Florianópolis (dissertação em História), 2008.

DA SILVA, Carla Fernanda. **Narrativa visual da cidade: representação e esquecimento na Revista Blumenau em Cadernos.** In: Revista Blumenau em Cadernos. Tomo 50, nº07, 2009, p.28-

52.

DA SILVA, José Ferreira. **Imprensa em Blumenau**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1977.

DA SILVA, José Ferreira. **Blumenau em cadernos.** Blumenau. Tomo I, nº1, novembro de 1957.

DA SILVA JÚNIOR, Adhemar Lourenço. **O povo X der Pöbel.** In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (org). Os alemães no sul do brasil. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela.** Tradução Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.

DAUFENBACH, Karine. **A modernidade em Hans Broos.** São Paulo: USP, Tese de Arquitetura e Urbanismo, 2011.

DAUFENBACH, Karine; KÓS, José Ripper. **O edifício como narrativa.** In: 11º Seminário Nacional do DOCOMOMO Brasil. Anais do 11º Seminário Nacional do DOCOMOMO Brasil. Recife: DOCOMOMO_BR, 2016, sem paginação.

DAWSEY, John. **O teatro dos "boias-frias": repensando a antropologia da performance.** In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p.15-34, jul./dez. 2005.

DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de teoria da história.** Tradução Sara Baldus e Julio Bentivoglio; apresentação e notas Julio Bentivoglio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix.** MOREL, Constancia (trad.). São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. RIBEIRO, Vera (trad.); SÜSSEKIND, Pedro (trad. Posfácio à edicação alemã); NEIBURG, Nei (apresentação e revisão técnica). Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2000.

ERN FILHO, Adolfo. **História do turismo em Blumenau.** Blumenau: Edifurb, 2006.

FABRICIO, Edson Lucas. **A produção do espectro comunista: imprensa, políticas e catolicismo (Blumenau 1960-1964)**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da UFSC. Florianópolis, 2011.

FAGERLANDE, S.M.R. **Penedo: a construção da imagem de uma cidade turística.** Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 15 n. 3., p.276-289, dez. 2015.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX.** Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina.** Itajaí: Editora da UNIVALI; Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

FAZIO VENGOA, Hugo Antonio. **La historia del tiempo presente**: historiografia, problemas y métodos. Bogotá: Universidad de los Andes, Ediciones Uniandes, 2010.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de almeida Neves (org.). **O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964, Terceira República (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

FERRO, Marc. **O ressentimento na história - ensaio**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

FILENE, Benjamin. **History museums and identity: finding "them", "me" and "us" in the gallery.** in: GARDNER, James B.; HAMILTON, Paula (editors). The Oxford Handbook of Public History. New York, NY (USA): Oxford University Press, 2017, p.327-348.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp**. Letras contemporâneas: Florianópolis, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no *Collége de France* (1975-1976).** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** MACHADO, Roberto (org e trad). Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:nascimento da prisão.** 36ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 49ª ed. São Paulo: Global, 2004.

FRIDLUND, Alan; GLEITMAN, Henry; REISBERG, Daniel. **Psicologia.** 6ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

FRITZEN, Maristela Pereira. **"Ich kann meine name mit letra junta und letra solta schreiben": bilinguismo e letramento em uma escola rural localizada em zona de imigração alemã no Sul do Brasil**. Tese em linguística aplicada. UNICAMP: Campinas, SP: 2008.

FRITZEN, Maristela. **Ich spreche anders, aber das ist auch deutsch: línguas em conflito em uma escola rural localizada em zona de imigração no sul do Brasil**. In: Trabalhos em linguística aplicada, jul./dez., vol. 47, Campinas, 2008i. p.341-356.

FROTSCHER, Méri. **Almanaques e revistas publicados em alemão em Blumenau entre 1900 e 1965.** in: Blumenau em Cadernos. T. XLV. Nº07/08, julho/agosto, 2004.

FROTSCHER, Méri. **Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade**: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950). Tese de Doutorado em História. Florianópolis: UFSC, 2003.

FROTSCHER, Méri. **Identidades Móveis: práticas e discursos das elites de Blumenau (1929-1950)**. Blumenau: Edifurb, 2007.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Memórias de minhas putas tristes**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GAY, Peter. **O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macauly, Burckhardt.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GERTZ, René Ernani. **A guerra que ainda não terminou: a população de origem alemã no Rio Grande do Sul após a Segunda Guerra Mundial.** Anais eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional, 2013.

GOMES, André Procópio. **A cidade e o shopping: do mundo da via expressa aos processos de gentrificação em Blumenau-SC (1990-2000).** Dissertação de História. Florianópolis: UDESC-PPGH, 2016.

GOMES, André Procópio. **Modernização na Blumenau de 1960**. in: Blumenau em Cadernos, v. 53, p. 26-43, 2012.

GONÇALVES, Cristiane Roveda. **Memórias da colonização: ficção e realidade em *O Guarda-roupa Alemão,* de Lausimar Laus**. Dissertação de Literatura, UFSC: Florianópolis, 2012.

GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural.** In: Historiae, 3 (3), 2012, p.27-46.

GONÇALVES, Janice. **Sombrios umbrais a transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no Século XX.** Tese de doutoramento em história. São Paulo: USP, 2006

GRANDITS, Hannes; TAYLOR, Karin (editors). **Yugoslavia's sunny side: a History of tourism in socialism (1950s-1980s)**. Central European University Press: Budapest, Hungary, Akaprint Kft., 2010.

GROPIUS, Walter. **Bauhaus: novarquitetura**. São Paulo: ed. Perspectiva, 1997

GOULARTI, Juliano Giassi. **Migrações, desruralização, urbanização e violência em Santa Catarina.** In: Revista NECAT, Ano 4, nº 7, jan-jun de 2015 p.55-74.

GOULARTI FILHO,Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina.** Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

HACKENHAAR, Clayton. **O Estado Novo em Santa Catarina (1937-1945): disputas políticas e conflitos culturais.** XXVIII Simpósio nacional de História: lugares dos historiadores, velhos e novos desafios. Florianópolis SC, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. SIDOU, Beatriz (trad.). São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Silva, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guaracira Lopes (trad.). Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMMS, Jair Francisco. **O detetive de Florianópolis: crônicas.** Florianópolis: Editora da UFSC; O Estado, 1983.

HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento.** Blumenau: editora da FURB, 1987.

HERRMANN, Ulrich. **Introdução: o que se entende por "história alemã"?** In: DIRLMEIER, Ulf; GESTRICH, Andreas [et al]. Edições 70: Lisboa, Portugal, 2015, p.11-18.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).** São Paulo: Companhia das letras, 1995.

HOUAISS, Antônio et al. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva: Instituto Houaiss, 2001.

HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph 2009.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** MORETTO, Fulvia M. L. (trad.). São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999.

JUNG, Carl Gustav [et al.]. **O homem e seus símbolos.** Tradução de Maria Lúcia Pinho. 2ª ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KAFKA, Franz. **Contemplação/Foguista**. Tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

KOHLHEPP, Gerd; RENAUX, Maria Luiza. **Desenvolvimento industrial e identidade regional nos tempos da globalização: Blumenau e o Nordeste de Santa Catarina.** p.159-186. In: Blumenau em cadernos: edição especial 50 anos. Tomo XLVIII, nov/dez 2007, nº11/12.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KLUEGER, Urda Alice. **Verde Vale.** 11ª edição. Blumenau: Hemisfério Sul, 2006.

KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro – Florianópolis**. Florianópolis: Papa-livro, 1994.

LABES, Marcelo. **Paraízo-Paraguay**. Florianópolis: Caiaponte edições, 2019.

LANGE, Nicola. **Ein deutschsprachiges Tournee-Ensemble in Lateinamerika: Die Deutschen Kammerspiele.** München: Grin Verlag, 2006.

LAUS, Lausimar. **O guarda roupa alemão.** 6ª ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**: História, 1º vol. Lisboa: Edições 70, 2000.

LOWENTHAL, David. **The Past is a Foreign Country.** New York: Cambridge University Press, 2011.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; BACELLAR, Carlos (org.). Fontes Históricas. 2ªed. São Paulo: contexto, 2006.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Plurilinguismo no Brasil.** UNESCO/Instituto de investigação e desenvolvimento em política linguística: Brasília, 2008.

MACHADO Ricardo. **A invenção da cidade etnizada: História e Memória na Blumenau contemporânea (1974-2002).** in: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho de 2011a.

MACHADO, Ricardo. **Cidade e Memória: investimentos e celebrações do sesquicentenário da imigração alemã em Blumenua 1974.** in: Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC; PPGH, 2011b, p.490-505.

MACHADO, Ricardo. **Entre o público e o privado: gestão do espaço e dos indivíduos em Blumenau (1850-1920).** Blumenau: Edifurb, 2008.

MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MAILER, Valéria Contrucci de Oliveira. **O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania**. Dissertação de mestrado em linguística. Florianópolis: UFSC, 2003.

MAMIGONIAN, Armen. **Estudo Geográfico das Indústrias e Blumenau**. Separata da "revista brasileira de geografia" nº3, ano XXVII, julho/setembro de 1965. Rio de Janeiro Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conselho Nacional de Geografia, 1966.

MARLETTI, Carlo, **Intelectuais.** In: BOBBIO, Norberto (org.) Dicionário de Política, volume 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 13ªed., 2008.

MATEUCCI, Nicola. **Racismo.** In: BOBBIO, Norberto (org.) Dicionário de Política, volume 2. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 13ªed., 2008.

MUNHOZ, Dercio Garcia. **Inflação Brasileira: os ensinamentos desde a crise dos anos 30.** in: Economia Contemporânea, nº 1, jan-jun de 1997. Rio de Janeiro: UFRJ, p.59-87.

NEVES, Anne Caroline Peixer Abreu. **Memórias ressentidas: escola pública de Itoupava Norte substituída pelo Grupo Escolar Professor João Widemann (Blumenau, 1930-1950).** Dissertação de mestrado em História PPGH-UDESC: Florianópolis, 2019.

NOLL, João Francisco; ODEBRECHT, Silvia. Gottfried e sua obra no Brasil. **Entrevista Gottfried Böhm** In: Revista Vitruvius. Ano 15, nº057.02, janeiro de 2014.
Disponível: https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/15.057/5013?page=2

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP, n. 10, dezembro de 1993.

NORVELL, John M. **A brancura desconfortável das camadas médias brasileiras.** In: REZENDE, Claudia Barcellos; MAGGIE, Yvonne (org). Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.245-267.

NOVAIS, Fernando A.; DE MELLO, João Manuel Cardoso. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna.** In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

PALMER, Alan Warwick. **Bismarck**. Brasília, DF: UnB, 1982.

PEREIRA, Moacir. **Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli: FCC Edições, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto.** In: Revista Esboços, v.11, nº11. Florianópolis: PPGH-UFSC, 2004, p.25-30.

PETRY, Suely Maria Vanzuita. **Os clubes de caça e tiro em Blumenau.** Dissertação do Programa de pós-graduação em História da UFSC. Florianópolis, 1979.

PIRE, Maria Isabel Edom. **O imigrante alemão no romance brasileiro da segunda metade do século XX.** in: Iberic@l, França, número 02, 2012, p.97-105.
(link: https://iberical.sorbonne-universite.fr/numeros/numero-2-automne-2012/)

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia.** 13ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1973.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 02, n.03, 1989, p.3-15.

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944)**: mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs). *Usos & Abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.103-130.

RANGER, Terence. **The invention of tradition in colonial Africa.** In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (ed). The Invention of tradition. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000, p.211-262

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RISCHBIETER, Iara L. Klug. **A trajetória do turismo em Blumenau: uma análise.** In: Blumenau em cadernos: edição especial 50 anos. Tomo XLVIII, nov/dez 2007, nº11/12, p.187-208.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

RYAN, Mary. **American parade: representations of the nineteenth-century social order**. p.131-153. In: HUNT, Lynn (ed.). The new cultural history. Berkeley and Los Angeles, USA: The Regents of University of California, 1989.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: editora Cultrix ltda, 1975.

SCHMITT, Darlan Jevaer. **Blumenau em cadernos e José Ferreira da Silva: passado e presente para o Vale do Itajaí – Santa Catarina (1957-1973).** Florianópolis: dissertação do programa de pós-graduação em História da UDESC, 2011.

SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível.**Itajaí: editora da Univali, 1999.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito**. In: FAUSTO, Boris (org). Fazer a América. São Paulo: Edusp, 1999. p 273-314.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação catarinense de cultura, 1981.

SEYFERTH, Giralda. **O vale do Itajaí e a política imigratória do Império**. In: Blumenau em cadernos: edição especial 50 anos. Tomo XLVIII, nov/dez 2007, nº11/12, p.57-82.

SIEBERT, Cláudia Freitas. **Rede Urbana do Vale do Itajaí.** Editora da FURB: Blumenau, 1997.

SILVEIRA, Fernanda Baukat. **Teatro amador em língua alemã: o grupo teatral independente de Curitiba (1948-1968).** Dissertação de mestrado em letras pela UFPR: Curitiba, 2012.

SIMÃO, Vilma Margarete. **Blumenau no período da Ditadura: um partido organizado com apoio dos trabalhadores e uma ação governamental voltada aos interesses econômicos.** p.257-286. In: Blumenau em cadernos: edição especial 50 anos. Tomo XLVIII, nov/dez 2007, nº11/12.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife.** São Paulo: Companhia editora nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco.** 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: editora civilização brasileira, 1966.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed., 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STEINBERG, Jonathan. **O historiador e *a questione della lingua*.** In: BURKE, Peter; PORTER, Roy (org). História social da linguagem. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1997. p.235-248.

STICKEL, Erico J. Siriuba. **Uma pequena biblioteca particular: subsídios para o estudo da iconografia no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: LeYa, 2015.

SOUZA, Nilson Araújo de. **Economia brasileira contemporânea: de Getúlio a Lula**. São Paulo:

Atlas, 2008.

TRAVERSO, Enzo. **La historia como campo de batalla: interpretar las violencias del siglo XX.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

TOTA, Antonio Pedro. **Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: Companhia das letras, 2000.

VOIGT, André fabiano. **A invenção do teuto-brasileiro.** Tese de doutorado em História. Florianópolis: UFSC, 2008.

VOLPI, Alexandre. **A história do consumo no Brasil: do mercantilismo à era do foco no cliente.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

WHITROW, G. J. **O tempo na história: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol: anseios políticos no contexto da imigração e da colonização alemã (Rio Grande do Sul – século XIX)**. Tese de doutorado em História. Porto Alegre: PUCRS, 2008.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate.** Revista Catarinense de História. Florianópolis, v. 2, 1994, p.05-15.

FONTES

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (Blumenau)

Acervo Fotográfico: Hotel Holetz, Catedral São Paulo Apóstolo, Desfile Centenário de Blumenau, Monumentos

Fichas Onomásticas (online)
DA SILVA, José Ferreira
WILLE, Otto.
ZIMMERMANN, Henrique P.
http://arquivodeblumenau.com.br/indice-onomastico/

Fundo Memória da Cidade: Dossiê “Sociedade Amigos de Blumenau”.

Fundo Memória da Cidade: Dossiê “Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes” (9.11.2)

Fundo Memória da Cidade: Dossiê “Sociedade 25 de julho” (9.12)

Fundo Memória da Cidade: Dossiê “Turismo”

Fundo P.M.B.: Grupo COEB

Fundo P.M.B.: Grupo PROEB

Inquérito Policial Incêndio da Prefeitura, 1958 (V.981.REG.REG).

Levantamento Fotográfico e Descritivo – Praças da Cidade de Blumenau-SC (julho de 2005)

Periódico A NAÇÃO, de agosto de 1961 até dezembro de 1962.

Periódico COMBATE, 21 de janeiro de 1962.

Periódico DEUTSCHE NACHRICTEN: BRASILIEANISCHE TAGESZEITUNG IN DEUTSCHER SPRACHE, 24. oktober 1965, beilage zur IV. FAMOSC, localizado no Fundo P.M.B.; Grupo: COEB; Séries: eventos; FAMOSC.

Periódico RONDA, 18 de fevereiro de 1961.

Revista O CRUZEIRO. 22 de julho de 1950. Acervo do arquivo Histórico de Blumenau. Municípios catarinenses – Blumenau – eventos – centenário – imprensa – revistas. (10.B.5.2.5.1.1.3 doc 01).

Revista MACHETE. Edição especial, 1968, “Retratos do Brasil”. Acervo do arquivo Histórico de Blumenau, Fundo Memória da Cidade, “Dossiê Turismo”.

Revista SANTA CATARINA EM PÁGINAS, nº02, outubro de 1968, localizado no Fundo P.M.B.; Grupo: COEB; Séries: eventos; FAMOSC.

OLIVEIRA, Praça Pereira de. Revista de Propaganda do Estado e dos Municípios. Ano II, nº2. Florianópolis: julho de 1941.

Biblioteca Central da Universidade do Estado de Santa Catarina (Florianópolis)

ENTRES, Gottfried (org). **Gedenkbuch zur jahrhundert-feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina.** Florianópolis: Livraria Central, 1929.

Der Spiegel, 23 dezember 1953, p.30-37 (online)

Disponível: https://magazin.spiegel.de/EpubDelivery/spiegel/pdf/25658204

Entrevistas concedidas

Helga (pseudônimo) – 26/07/2018

Roberto (pseudônimo) - 16/05/2018

Sissi (pseudônimo) - 26/07/2018

Sueli Maria Vanzuita Petry - 29/01/2020

Urda Alice Klueger - 30/05/2020

Hemeroteca Digital Catarinense (online)
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br

Revista Blumenau em Cadernos
de 1957 até 1969.
Disponível: http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/blumenauemcadernos.html

Jornais de casamento
Amoristisch-satirische Festzeitung (Helga Ebert mit Luiz Rischbieter) 1912
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/amorisch/AMOR1912001.pdf

Fest-Zeitung (Igor Hertwig mit Inge Schelling) 1956
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/Fest%20Zeitung/FESZEI1956.pdf

Die Fröhliche Stunde (Erna Karsten mit Bernhard Schaidemantel) 1920
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/diefrohlichestunde/DIEF1920.pdf

Die Fröhliche Stunde (Gert Hofmann mit Christa Scheidemantel) 1956
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/diefrohlichestunde/DIEF1956.pdf

Die Grüne Hochzeits-post (Cilly Weege mit Kurt Lischke) 1929
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/diegrunehoshzeits/DIEG1929001.pdf

Die Grüne Hochzeits-post (Arno Weege mit Walln Hofmann) 1934
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/diegrunehoshzeits/DIEG1934002.pdf

Die Grüne Hochzeits-post (Dr. Armando Odebrecht mit Edeltraut Karsten) 1940
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/diegrunehoshzeits/DIEG1940.pdf

Hochzeits-Klatsch (Harald Vollmer und Ellen Weege) 1951
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeits/HOCHKLA1951.pdf

Hochzeits-Gedenkblatt (Gertrud Kegel mit Rudolf Kleine) 1914
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitsgen/HODK1914.pdf

Hochzeits-Kladderadatsch (Otto Rohkohl mit Edith Schwarzer) 1909
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitzkladder/HOCH1909.pdf

Hochzeits-Kladderadatsch (Hartwig Phillip Rischbieter mit Ilka Isolde Stein) 1949
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitzkladder/HOCH1949.pdf

Hochzeits-Kladderadatsch (Arno Aristides Missner mit Christa Schindler) 1957
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitzkladder/HOCH1957.pdf

Hochzeits-Zeitung (Zilly Lüders mit Karl Riebau) 1915
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH191501.pdf

Hochzeits-Zeitung (Paul Wintler mit Hulda Räfemodel) 1919
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOC1919001.pdf

Hochzeits-Zeitung (Franz Blohm mit Clara Liefe) 1924
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1924.pdf

Hochzeits-Zeitung (Walter Schelling mit Lili Hering) 1925
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1925.pdf

Hochzeits-Zeitung (Hermann Diftel mit Lotth Hering) 1926
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1926.pdf

Hochzeits-Zeitung (Herta Lorenz mit Urel Deeke) 1927
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH192702.pdf
Hochzeits-Zeitung (Walther Werner mit Käthe Müller-Hering) 1927
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1927.pdf

Hochzeiets-Zeitung (Gerhard Hildebrand mit Herta Koehler) 1927
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1927b.pdf

Hochzeits-Zeitung (Erich Steinback mit Elvira Weege) 1929
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1929.pdf

Hochzeits-Zeitung (Horst Ditter mit Ilke Steinbach) 1929
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1929b.pdf

Hochzeits-Zeitung (Kurt Prayon mit Aenne Hering) 1931
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1931.pdf

Hochzeits-Zeitung (Max Schelling mit Eva Groß) 1931
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1931b.pdf

Hochzeitszeitung (Ingo Hering mit lilly Weege) 1934
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1934.pdf

Hochzeits-Zeitung (Victor Hering mit Eulalia Müller) 1934
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1934b.pdf

Hochzeitszeitung (Karl Schäfer mit Hertha Gettendorf) 1935
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1935.pdf

Hochzeits-Zeitung (Gerhard Wezel mit Margit Bauer und Hellmut Lindgens mit Hildegard Bückmann) 1936
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1936.pdf

Hochzeitszeitung (Wolfgang Weege mit Elli Pekny-Cavalcanti) 1940
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1940.pdf

Hochzeits-Zeitung (Willy Sievert mit Victoria Ackermann) 1941
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1941.pdf

Hochzeits-Zeitung (Egon Freitag mit Liselotte Schindler) 1947
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1947.pdf

Hochzeits-Zeitung (Carlos C. Zadrozny mit Asta Schindler) 1948
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1948.pdf

Hochzeits-Zeitung (Renate Werner mit Alfred Freshel) 1949
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1949.pdf

Hochzeits-Zeitung (Hedda Deeke und Victor Bona) 1950
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1950.pdf

Hochzeits-Zeitung (Horst Scheidemantel mit Esther Jacobsen) 1952
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1952.pdf

Hochzeits-Zeitung (Edmud Hosch mit Helma Axtheim) 1954
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1954.pdf

Hochzeits-Zeitung (Rolf Brandt mit Ursula Fouquet) 1955
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1955.pdf

Hochzeitszeitung (Carla Gaertner mit Rolf Schindler) 1955
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1955b.pdf

Hochzeits-Zeitung (Sigrid Träger mit Ralf Krieger) 1956
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1956.pdf

Hochzeits-Zeitung (Lothar Sander mit Gertrud Meyer) 1956
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1956b.pdf

Hochzeits-Zeitung (Huguete und Reynaldo) 1957
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1957b.pdf

Hochzeits-Zeitung – Gazeta Nupcial (Renate (Otte) mit Jorge Luiz (Buechler) / Marlies (Buechler) mit Ivo (Koffke)) 1957
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1957-Gazeta%20Nupcial.pdf

Hochzeits-Zeitung (Romeu Willeche mit Elsbeth Meyer) 1961
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1961.pdf

Hochzeits-Zeitung (Flávio de Carvalho Leme e Traute Schindler) 1969
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1969.pdf

Nosso Jornal (Jullio e Hilda Germer (25 anos de casados) 1960
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/nossojornal/NOSJO196001.pdf

Nosso Jornal – Goldene Hochzeit (Julio e Hilda Germer) 1985
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/nossojornal/NOSJO198502.pdf

Der Urwaldsbote – Sonderausgabe (Max und Clara Hering (Diamanten)) 1958
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/derurwaldsbote/DERH1958.pdf

Der Urwaldsbote – Sonderausgabe (Lieselotte Prayon mit Bertold Bahner) 1962
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/derurwaldsbote/DERH1962.pdf

Die Wahrheit (Karl Riscbieter mit Freya Nebelung) 1956
http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/diewahrheit/DIEWAH1956.pdf

IBGE (online)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento Geral do Brasil 1940: série regional, parte XIX, Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_p19_sc.pdf

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento Geral do Brasil: série nacional, volume 2, censo demográfico, população e habitação**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940%20VII_Brasil.pdf

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **VII Recenseamento Geral do Brasil: Série Regional, volume 1, tomo XV, 2ª Parte.**
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t15_p2_sc.pdf

Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas - IDCH (Florianópolis)

CENTENÁRIO DE BLUMENAU. Blumenau, 195?.
981.642. C397

NOGUEIRA, Rui Alencar. Nacionalização do Vale do Itajaí. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1947.
981.642 N778n

VIANNA, Emílio de Alcântara. “Mensagem”: o pequeno guia blumenauense de turismo. Blumenau: tipografia centenário, 1962.
981.642 M548

Instituto Martius-Staden (online)

RIBEIRO DE SOUSA, Celeste. *Gertrud Gross-Hering (1879-1968): vida e obra*. São Paulo, Instituto Martius-Staden, 2016.
http://www.martiusstaden.org.br/conteudo/detalhe/203/gertrud-gross-hering-1879-1968 – acessado em 13/01/2021

Instituto Moreira Salles (online)

Coleção Pedro Corrêa Lago, fotografia da Igreja Matriz
http://acervos.ims.com.br/#/detailpage/17421

Leis municipais de Blumenau (online)

Lei do Município de Blumenau nº173 de 8 de novembro de 1950.
Disponível: https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1950/18/173/lei-ordinaria-n-173-1950-autoriza-a-aquisicao-de-um-imovel-por-doacao

Lei do Município de Blumenau nº 223 de 30 de agosto de 1951.
Disponível: https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1951/22/223/lei-ordinaria-n-223-1951-autoriza-a-aquisicao-de-um-imovel-por-doacao-condicional

Lei do Município de Blumenau nº226 de 12 de junho de 1951.
Disponível: https://leismunicipais.com.br/a2/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1951/22/226/lei-ordinaria-n-226-1951-autoriza-a-aquisicao-de-um-imovel-por-compra

Lei do Município de Blumenau nº841 de 19 de setembro de 1958.
https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1958/85/841/lei-ordinaria-n-841-1958-concede-subvencao-mensal-a-publicacao-blumenau-em-cadernos-mensario-dedicado-a-historia-e-aos-interesses-do-vale-do-itajai?q=841

Lei do Município de Blumenau nº939 de 12 de março de 1960.
https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1960/94/939/lei-ordinaria-n-939-1960-eleva-a-subvencao-mensal-concedida-a-publicacao-blumenau-em-cadernos?q=939

Lei do Município de Blumenau nº1.114 de 03 de dezembro de 1962.
https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1962/112/1114/lei-ordinaria-n-1114-1962-eleva-a-subvencao-mensal-concedida-a-publicacao-blumenau-em-cadernos?q=1114

Lei do Município de Blumenau nº1.169 de 27 de junho de 1963.
Disponível: https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1963/117/1169/lei-ordinaria-n-1169-1963-cria-o-departamento-municipal-de-turismo

Lei do Município de Blumenau nº 1.274 de 17 de setembro de 1964.
https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1964/128/1274/lei-ordinaria-n-1274-1964-cria-quota-unica-sobre-o-movimento-economico-e-a-comissao-organizadora-de-exposicoes-de-blumenau-e-da-outras-providencias-1964-09-17-versao-original

Lei do município de Blumenau nº1.467 de 27 de dezembro de 1967.
https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1967/147/1467/lei-ordinaria-n-1467-1967-eleva-subvencao-concedida-a-publicacao-blumenau-em-cadernos?q=1467

Lei do Município de Blumenau nº1.835 de 07 de abril de 1972
https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1972/184/1835/lei-ordinaria-n-1835-1972-cria-a-fundacao-casa-dr-blumenau?q=1835

Lei do Município de Blumenau nº1.909 de 22 de dezembro de 1972.
https://leismunicipais.com.br/a1/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1972/190/1909/lei-ordinaria-n-1909-1972-concede-favores-fiscais-as-casas-tipicas-blumenauenses-para-residencias-que-forem-construidas-dentro-do-perimetro-urbano-de-blumenau

Lei do Município de Blumenau nº2.262 de 30 de junho de 1977.
https://leismunicipais.com.br/a1/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1977/226/2262/lei-ordinaria-n-2262-1977-concede-favores-fiscais-a-casas-tipicas-que-forem-construidas-na-area-urbana-de-blumenau-revoga-a-lei-n-1909-72-e-da-outras-providencias

Lei do Município de Blumenau nº2.384 de 11 de julho de 1978.
https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1978/239/2384/lei-ordinaria-n-2384-1978-proibe-a-instalacao-de-estabelecimentos-de-credito-e-empresas-de-investimentos-e-similares-na-rua-15-de-novembro-e-avenida-castelo-branco-e-da-outras-providencias?q=2384

Setor de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (Florianópolis)

Periódico A NAÇÃO de janeiro 1946 até julho de 1961.

Sítios eletrônicos

Biografia Bernardo Wolfgang Werner (reportagem obituário)
https://www.nsctotal.com.br/noticias/morre-bernardo-wolfgang-werner-ex-presidente-da-fiesc – acessado em 02/06/2021

Biografia Giralda Seyferth
http://www.ppgasmn-ufrj.com/giralda-seyferth.html - acessado em 12/03/2021

Férias Brasil
https://www.feriasbrasil.com.br/sc/blumenau/ - acessado em 07/08/2019

Grupo Folclórico Alpino Germânico
http://www.alpinogermanico.com.br/informacoes.asp - acessado em 25/03/2021

Histórico 23º Batalhão de Infantaria em Blumenau
http://www.23bi.eb.mil.br/index.php/historico – acessado em 24/04/2018.

Histórico do Grupo Malwee
http://www.grupomalwee.com.br/sobre-o-grupo/#historia – acessado em 24/04/2018.

Histórico do Teatro Carlos Gomes
http://www.teatrocarlosgomes.com.br/o-teatro/historico – acessado em 06/03/2019.

Índice Alexa
https://www.alexa.com/topsites - acessado em 07/08/2019.
https://www.alexa.com/topsites/countries/BR – acessado 07/08/2019.

Portal alemão sobre casamento e a confecção de jornais de casamento atual
http://www.verlobung-hochzeit.de/hochzeits-brauch-tradition/brauch40-hochzeitszeitung.php – acessado em 23/04/2018.

Relatório da Prefeitura Municipal de Blumenau sobre o censo de 2010
http://www.blumenau.sc.gov.br/downloads/seplan/relatorio_pmb_censo_2010.pdf – acessado em 23/04/2019.

Revista Viagem – Reportagem sobre Blumenau
https://viagemeturismo.abril.com.br/cidades/blumenau-2/ - acessado em 07/08/2019.

Revista Viagem – Reportagem sobre cidades de origem europeia no Brasil
https://viagemeturismo.abril.com.br/blog/viagem-no-tempo/as-historias-de-tres-cidades-do-brasil-que-tem-origens-europeias/ - acessado em 07/08/2019.

Tabela Hochzeitszeitungen

Data	Nome	Localidade	Casal	Nº Páginas	Tipografia	Idioma	Década
27. november 1909	Hochzeits-Kladderadtsch		Otto Rohkohl mit Edith Schwarzer	7	gótico e outro	alemão	1900
19. oktober 1912	Amoristisch-satirische Festzeitung		Helga Ebert mit Luiz Rischbieter	6	gótico e outro	alemão	1910
25. april 1914	Hochzeits-Gedenkblatt		Gertrud Kegel mit Rudolf Kleine	8	gótico	alemão	1910
01/05/15	Hochzeits-Zeitung	Indayal	Zilly Lüders mit Karl Riebau	4	gótico	alemão	1910
1. september 1919	Hochzeits-Zeitung		Paul Wintler mit Hulda Räfemodel	4	gótico	alemão	1910
10. april 1920	Die Fröhliche Stunde	Rio do Testo	Erna Karsten mit Bernhard Schaidemantel	8	gótico e outro	alemão	1920
12. juli 1924	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Franz Blohm mit Clara Liefe	4	gótico	alemão	1920
15. august 1925	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Walter Schelling mit Lili Hering	6	outro	alemão	1920
13. märz 1926	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Hermann Diftel mit Lotth Hering	4	gótico	alemão	1920
12. märz 1927	Hochzeits-Zeitung		Herta Lorenz mit Urel Deeke	4	gótico e outro	alemão e port	1920
16. juli 1927	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Walther Werner mit Käthe Müller-Hering	4	outro	alemão	1920
17. september 1927	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Gerhard Hildebrand mit Herta Koehler	6	gótico	alemão	1920
11/05/29	Hochzeitszeitung	Blumenau	Erich Steinback mit Elvira Weege	4	gótico	alemão	1920
15. juni 1929	Die Grüne Hochzeits-post	Blumenau	Cilly Weege mit Kurt Lischke	8	outro	alemão e port	1920
24. august 1929	Hochzeits-Zeitung		Horst Ditter mit Ilke Steinbach	8	gótico	alemão	1920
25. april 1931	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Kurt Prayon mit Aenne Hering	8	gótico	alemão	1930
6. juni 1931	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Max Schelling mit Eva Groß	4	gótico	alemão	1930
05/05/34	Hochzeitszeitung	Blumenau	Ingo Hering mit lilly Weege	8	gótico	alemão	1930
29. september 1934	Die Grüne Hochzeits-post	Blumenau	Arno Weege mit Walln Hofmann	6	gótico	alemão	1930
20. oktober 1934	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Victor Hering mit Eulalia Müller	8	gótico	alemão	1930
5. september 1935	Hochzeitszeitung		Karl Schäfer mit Hertha Gettendorf	4	gótico	alemão	1930
30/05/36	Hochzeits-Zeitung		Gerhard Wezel mit Margit Bauer und Hellmut Lindgens mit Hi	8	gótico	alemão	1930
5. oktober 1940	Die Grüne Hochzeitspost	Rio do Testo*	Dr. Armando Odebrecht mit Edeltraut Karsten	8	gótico e outro	alemão e port	1940
11/05/40	Hochzeitszeitung	Jaraguá	Wolfgang Weege mit Elli Pekny-Cavalcanti	5	gótico	alemão	1940
17/05/41	Der Urwaldsbote	Blumenau	Max Tavares D'Amaral mit Isolde Hering	14	gótico e outro	alemão e port	1940
9. august 1941	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Willy Sievert mit Victoria Ackermann	4	outro	alemão	1940
31/05/47	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Egon Freitag mit Liselotte Schindler	8	outro	alemão	1940
16. oktober 1948	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Carlos C. Zadrozny mit Asta Schindler	10	outro	alemão e port	1940
5. märz 1949	Hochzeits-Kladderadatsch	Blumenau	Hartwig Phillip Rischbieter mit Ilka Isolde Stein	6	outro	alemão	1940
16. juli 1949	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Renate Werner mit Alfred Freshel	8	outro	alemão e port	1940
30. september 1950	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Hedda Deeke und Victor Bona	8	outro	alemão e port	1950
28. april 1951	Hochzeitskuchen	Blumenau	Lothar Schmidt mit Siegrid Schrader	4	outro	alemão	1950
1. dezember 1951	Hochzeits-Klatsch	Blumenau	Harald Vollmer und Ellen Weege	12	outro	alemão e port	1950
26. juli 1952	Hochzeits-Zeitung	Blumenau – Rio do Testo*	Horst Scheidemantel mit Esther Jacobsen	6	outro	alemão e port	1950
26. juni 1954	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Edmud Hosch mit Helma Axtheim	8	datilografado	alemão	1950
26. märz 1955	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Rolf Brandt mit Ursula Fouquet	9	outro	alemão e port	1950
26. november 1955	Hochzeitszeitung	Blumenau	Carla Gaertner mit Rolf Schindler	8	outro	alemão e port	1950
26. januar 1956	Die Wahrheit	Blumenau	Karl Riscbieter mit Freya Nebelung	8	outro	alemão	1950
25. februar 1956	Fest-Zeitung	Blumenau	Igor Hertwig mit Inge Schelling	4	outro	alemão e port	1950
7. april 1956	Die Fröhliche Stunde	Blumenau – Tabajara-Tennis Club	Gert Hofmann mit Christa Scheidemantel	6	outro	alemão e port	1950
4. august 1956	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Sigrid Träger mit Ralf Krieger	8	outro	alemão	1950
29. dezember 1956	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Lothar Sander mit Gertrud Meyer	4	outro	alemão	1950
9. märz 1957	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Huguete und Reynaldo	4	outro	alemão e port	1950
6. juli 1957	Hochzeits-Kladderadatsch		Arno Aristides Missner mit Christa Schindler	8	outro	alemão e port	1950
5 de outubro de 1957 (157º)	Gazeta Nupcial – Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Renate (Otte) mit Jorge Luiz (Buechler) / Marlies (Buechler) m	10	outro	alemão e port	1950
3. august 1958	Der Urwaldsbote	Blumenau	Max und Clara Hering (Diamanten)	20	outro	alemão e port	1950
14 de maio de 1960	Nosso Jornal	Blumenau	Jullio e Hilda Germer (25 anos de casados)	4	outro	alemão e port	1960

Tabela Hochzeitszeitungen

20/05/60	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Romeu Willeche mit Elsbeth Meyer	8	outro	alemão e port	1960
4. august 1962	Der Urwaldsbote	Blumenau	Lieselotte Prayon mit Bertold Bahner (nr. 2)	12	outro	alemão	1960
4 de julho de 1969	Hochzeits-Zeitung	Blumenau	Flávio de Carvalho Leme e Traute Schindler	4	outro	português e a	1960
11 de maio de 1985	Nosso Jornal – Goldene Hochzeit	Blumenau – SRE Ipiranga	Julio e Hilda Germer (nr. 2)	4	outro	português e a	1980

*Rio do Testo é Pomerode, emancipou-se de Blumenau em 21 de janeiro de1959

ano	Título	autoria	editora
1959	Nomes germânicos de pessoas	Henrique Fontes	Imp. Oficial. Estado
1963	Matriz de São Paulo Apóstolo: Blumenau – Santa Catarina – Brasil	Sem Autor indicado	Tipografia e Livraria Blume
1969	Centenário de Timbó: a pérola do Vale	Gelindo S. Buzzi	Gráfica 43
1972	Charles van Lede e a colonização Belga: subsídios para a história da colonizaçã	Carlos Ficker	Blumenau em cadernos
1972	Blumenau: pequeno guia turístico 1972/1973	José Ferreira da Silva	Comissão municipal de tur
1973	Octaviano Ramos	José Ferreira da Silva	
1973	Sentido catarinense e brasileiro de Fritz Müller	Evaldo Pauli	
1974	Aculturação linguística numa colônia de imigrantes italianos de Santa Catarina:	Mario Bonatti	Faculdade Salesiana de Fi
1975	As enchentes no Vale do Itajaí	José Ferreira da Silva	
1975	História de Rio dos Cedros	Victor Vicenzi	
1976	Colonização italiana de Ascurra: subsídios para a história do município, 1876-1	José Escalabieno Finardi	
1975	O Guarda roupa alemão	Lausimar Laus	Pallas do Rio de Janeiro
1976	Pequena história da colonização de Blumenau	Paulo Malta Ferraz	
1976	Ele sobreviveu!…: um soldado alemão com espírito brasileiro	José Gonçalves	Ed. do autor
1979	Contistas de Blumenau	VA	Lunardelli
1979	Verde Vale	Urda Alice Klueger	Lunardelli
1980	Memórias, aventuras, anotações	Paul Hering	
1980	A Hering de Blumenau: um século 1880-1980	Archibaldo Figueira	Sem editora
1980	Blumenau: sua história	Marita Deeke Sasse	Lunardelli
1981	História romanceada de Blumenau e seu fundador	Nemésio Heusi	
1982	Brusque: essas ruas que eu amo – Vol. I	Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart	
1982	O cidadão de três pátrias	José Gonçalves	
1982	Os clubes de caça e tiro na região de Blumenau: 1859 – 1981	Sueli Maria Vanzuita Petry	
1982	Poetas de Blumenau	VA	
1983	A fundação de Itajaí: sua história e seu romance	Nemésio Heusi	
1983	Povoamento-imigração colonização: a fundação de Blumenau (no Vale do Rio It	Adolfo Bernardo Schneider	Im. Alvorada de Joinville
1984	A imigração polonesa nas colônias de Itajhay e Princípe Dom Pedro: uma contri	Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart	
1984	Meus Amores canto sulino	Lourival Goedert	
1985	História e imigração italiana de Rio dos Cedros	Victor Vicenzi	
1985	Um banco de imigrantes em Santa Catarina	Beatriz Pellizzetti	
1986	A sociedade colonizadora hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joi	Klaus Richter	EdiFURB
1986	Destinos: contos	Edith Kormann	
1987	Museu da família colonial: edição comemorativo 20 anos de instalação (1967/19	Sem Autor indicado	Litografia Continental

1988	Blumenau: a loira cidade no sul	Juergen Konig	EKO
SD	A bandeira do Brasil	José Ferreira da Silva	Lions Clube
SD	Cia. Hering	Sem Autor indicado	
SD	Contistas de Blumenau vol. 2	VA	
SD	Doktor Blumenau	José Ferreira da Silva	Tipografia e Livraria Blume
SD	História de Blumenau	José Ferreira da Silva	EDEME deFlorianópolis
SD	A presença cultural da Alemanha no Brasil	Lausimar Laus	Lunardelli

CONVITE DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO EM HISTÓRIA

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA: IDENTIDADE E NARRATIVA NA BLUMENAU PÓS-CAMPANHA DE NACIONALIZAÇÃO (1946-1980)

Doutorando: André Procópio Gomes

Orientador: Prof. Dr. Emerson César de Campos
Prof. Dr. Luiz felipe Falcão (*in memoriam*)



31 de maio de 2021
link para acesso (*Teams*)
https://cutt.ly/3b3sv9H
13:30h

Banca Examinadora

Profª Drª Maria Teresa Santos Cunha (UDESC)
Profª Drª Méri Frotscher (Unioeste)
Prof Dr Marcos Antônio Witt (Unisinos)
Prof Dr Reinaldo Lindolfo Lohn (UDESC)

UDESC UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA | FAED Centro de Ciências Humanas e da Educação

PPGH Programa de Pós-Graduação em História

Esta tese foi finalizada com a utilização do LibreOffice 7.0.6.2
em tipografia Liberation Serif
em um sistema operacional Fedora 33
As imagens foram editadas (quando necessário) utilizando o
Gimp 2.10 ou
Inkscape 1.1